



JULIANA GIACOBELLI

E SE UM
TOQUE MUDASSE
SEU DESTINO?

Tocada

Lexia

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Tocada

Juliana Giacobelli

Início

Prólogo

Era dia, mas mesmo que fosse noite seria impossível de se distinguir naquele lugar que não escurecia nunca.

Ele caminhava sozinho ali, observando-a de longe. De muito longe, como sempre.

Às vezes ele ficava ao seu lado, mas não era o suficiente. Ele desejava mais. Desejava vê-la como nunca pudera antes. Desejava ouvir o som de sua voz dirigindo-se a ele. Desejava poder tocá-la.

A chama ardeu em seu peito, reprimida por tanto tempo. E de repente ele não desejou mais. Ele quis. Ele quis com uma vontade tão angustiante que aquilo rasgava seu peito como uma lâmina afiada. Doía, mas ele queria.

A cabeça pulsava com força, prestes a explodir para acabar com a dor de uma vez por todas. O corpo ficou pesado, denso demais para a leveza com que estava acostumado.

Um grito cortou o ar quando suas costas arderam em brasa, talvez ele quisesse voltar atrás.

Não!

E com a certeza, tudo cessou.

Um relâmpago cortou o ar.

Um anjo caiu.

Um

Trazido pela Tempestade

Acordei naquela manhã com a sensação de que estava atrasada. Abri os olhos tão rápido a ponto de ainda conseguir ver um rastro do meu sonho embaçar os números no visor do celular e dificultar ainda mais a missão do meu cérebro de desembaralhá-los.

Apertei as pálpebras algumas vezes até conseguir tornar os números compreensíveis. Eram 8h15.

Isso significava três coisas:

Um – eu devia estar de pé há pelo menos uma hora;

Dois – eu ia me atrasar para a aula de cálculo;

Três – o infeliz do meu irmão devia ter desconfigurado o despertador do meu celular.

Fantástico.

Rolei na cama e fiquei olhando para o teto. Já que eu ia me atrasar, não precisava ter pressa para levantar. Respirei fundo, me preparando para gritar.

– APOLLO!

Não houve resposta. Ou não a que eu esperava, pelo menos. Em vez de ouvir meu irmão se esgoelar perguntando o que é que ele tinha feito daquela vez, o som que ouvi foi um baque surdo na porta do meu quarto. E baques surdos na porta só significavam uma coisa: Sócrates.

E a combinação Sócrates mais baque surdo na porta queria dizer que ele havia batido a cabeça com tudo contra a madeira. De novo. E ia continuar batendo até que eu abrisse a porta e o deixasse entrar.

Sem muitas opções, foi o que fiz. Descoordenado, ele entrou abanando o rabo se lambendo todo, tudo ao mesmo tempo, sem nem conseguir andar direito em linha reta para chegar até mim. Às vezes, me perguntava se todo chihuahua era daquele jeito mesmo ou se era só o Sócrates. E, pelo bem da espécie, eu realmente esperava que fosse só ele.

Peguei o bichinho de apertar dele e joguei para a outra extremidade do quarto. Sem nem olhar direito para onde estava indo, ele saiu a toda velocidade atrás do negócio. Bom, pelo menos aquilo o deixaria entretido por um tempo considerável.

Saí do quarto e fui até o banheiro, decidida a exigir uma explicação minuciosa do meu querido irmão depois. Dei uma espiada no corredor só para ter certeza de que minha mãe já tinha saído de casa. Ela não costumava gostar muito dos meus atrasos, mesmo depois de eu explicar que na maioria esmagadora das vezes a culpa não era exatamente minha.

Apollo estava deitado no sofá, assistindo a um desenho animado. Eu parei na frente de tevê com as mãos na cintura, até que ele olhasse para mim.

– Quê? – ele perguntou bravo – Sai da frente, Alex, você não é invisível.

– Eu quero saber por que você mexeu no meu celular.

– Eu não mexi. – ele respondeu dando de ombros, se sentando para tentar enxergar a tela trás de mim.

– Ah, não? – perguntei, desligando a televisão. Apollo quase teve um AVC. – Então me explica por que é que me atrasei hoje.

Ele respirou fundo.

– Porque você é lesada, Alexandra! Agora quer fazer o favor de ligar a tevê e sair daí da frente?

Abri a boca para retrucar, mas não vali a pena. Ainda não tinha chegado ao estado de discutir com crianças de oito anos. Não ainda. Decidida a não me preocupar mais com Apollo, saí da sala e voltei para o quarto. Se eu me apressasse um pouquinho, talvez ainda conseguisse pegar a aula de fisiologia.

Quando abri a porta, Sócrates ainda estava brigando com o bichinho de apertar e começou a abanar o rabo ao me ver. Com um movimento rápido, me aproximei dele e peguei o bichinho, carinhosamente apelidado pelo Apollo de Alex, e saí do meu quarto com ele. Sócrates parecia ter sido ligado em duzentos e vinte volts. Começou a pular e latir freneticamente, querendo inutilmente alcançar o Alex nas minhas mãos. Tomando cuidado para ele não mordesse minha roupa, o guiei até Esparta e joguei o bicho na cama do meu irmão.

Ah, é... Deixa eu explicar. Minha mãe parecia ter desenvolvido uma espécie de pequena obsessão compulsiva pela Grécia desde que havia se casado com papai. Eles se conheceram em Atenas, quando ela tinha vinte anos e tinha ido para lá por causa do curso de história que fazia na faculdade. Segundo ela, foi amor à primeira vista.

– Você precisava ver, Alexandra, ele era tão lindo! Grande e forte, o cabelo cheio de cachos loiros, os olhos azuis... – ela dizia sempre.

Aham, claro. Aliás, olhos azuis e cachos que tinham ido parar só no Apollo. Acabei ficando com a parte brasileira da coisa toda, o que queria dizer cabelo castanho-escuro no meio do caminho e olhos castanhos-claros. Realmente queria saber qual é a implicância da genética com os primogênitos.

Mas, enfim, eles acabaram se apaixonando e depois de um ano, se casaram lá na Grécia mesmo. E aí, a minha mãe, sabe-se lá Deus como, conseguiu convencer o papai de que o Brasil era um país legal e de que ele ia adorar São Paulo. E foi assim que nós viemos parar aqui.

Só que – claro – minha mãe decidiu que ia fazer de tudo para que o papai não sentisse saudades da Grécia. Então, ela começou por mim. Alexandra. Tudo bem, não vou reclamar. Só acho que usar os próprios filhos como lembrança eterna de algum lugar não é uma coisa que eles aprovariam, se pudessem explicitar sua opinião na época. Bom, pelo menos eu não aprovaria.

Depois veio o meu irmão, Apollo. O filho da mãe, sim, tinha decidido puxar toda a parte grega do papai. Ele sim tinha o cabelo cheio de cachos loiros, os olhos azuis e fazia questão de se gabar disso sempre que tinha uma oportunidade.

Só que a obsessão da minha mãe não parou por aí. Ela também decidiu que nossos nomes deveriam começar com “A” porque o dela e o do papai – Alice e Ares – começavam, e isso tornaria nossa família especial. Para mim, isso tem outro nome, mas...

E claro, a casa não escapou das garras da dona Alice. Ela deu o nome de uma cidade grega para cada cômodo da casa. A sala, ponto de encontro da família, era Delphos. O quarto dela e do papai era Athenas. O quarto do meu irmão era Esparta – o que, claro, o fez ficar gritando por uma semana This is Sparta! Depois de assistir 300 – e o meu, era Creta. Não gostava muito do nome, mas enquanto Apollo era pequeno eu dizia que meu quarto tinha esse nome porque um minotauro vivia dentro do meu armário e isso o mantinha afastado das minhas coisas. Até que ele cresceu e a coisa toda não adiantou mais.

Bom, eu tinha jogado o Alex na cama do Apollo. Deixei Sócrates – e a essa altura acho que já da pra entender porque o cachorro tem esse nome – se matar com o bichinho e voltei para o meu quarto, para me trocar. Era outubro, então o calor já estava começando a passar do nível agradável. Puxei um shorts e uma camisetinha da gaveta, enfiei meus tênis, preendi meu cabelo com um rabo de cavalo e fui me olhar no espelho.

Não estava exatamente bom, mas eu não era uma coisa melhorável naquele momento. Dei uma olhada rápida dentro da mochila para ver se tudo estava lá, soquei o celular no bolso e saí do quarto. Apollo nem se mexeu enquanto eu passava por ele para ir até a cozinha enfiar um lanche na mochila,

então tive que parar na frente da televisão outra vez.

– Já falei que não mexi no seu celular! – ele falou bravo, ameaçando jogar uma almofada em mim.

– É só pra você avisar a mamãe que não sei se volto para o almoço, seu retardado.

Ele mostrou a língua e saí da frente da tevê antes que ele tivesse um colapso nervoso. Pelo menos mostrar a língua significava que ele tinha ouvido – sim, o Apollo tinha um jeito todo peculiar de se comunicar comigo. Jeito que no meu mundo, significava hostilidade. Já no panteão perfeito da minha mãe, era amor. Aham.

Saí de casa e fui em direção ao ponto de ônibus. Estava praticamente vazio. Claro, eu era a única pessoa que se atrasava para a faculdade com uma frequência um pouco maior que a aceitável. A sorte foi que pelo menos o ônibus não demorou muito para passar.

Quando cheguei na faculdade, os corredores estavam desertos, o que significava que a aula de fisiologia também já tinha começado. Perfeito.

Abri a porta da sala com o cuidado de não fazer muito barulho e sentei na carteira mais perto da porta. Do outro lado da sala, minha amiga acenou para mim com sua discrição característica e as poucas pessoas que ainda não tinham percebido a minha entrada quase perfeita se viraram para mim. Isso incluiu o professor.

– Ah, Alexandra... – ele falou com aquele ar de “só podia ser” e depois voltou a atenção para o retroprojeter.

Sabe, esse é um dos problemas de se ter um nome fora dos padrões nacionais. As pessoas têm o péssimo hábito de decorá-los com uma eficiência assombrosamente maior do que um João ou Maria, por exemplo. E isso só piora quando você tem um sobrenome grego de brinde.

– Por que você se atrasou de novo? – o menino ao meu lado perguntou me dando um soquinho no ombro.

Virei o rosto só por reflexo, já sabia quem estava ali.

– Culpa do Apollo. – respondi abrindo a mochila para puxar o caderno e fingir que estava copiando alguma coisa. – Ele mexeu no meu celular.

– A prova é semana que vem, você devia tomar mais cuidado.

Eu ri.

– Cuidado por quê? Eu tenho você, Dan. Meu professor particular.

Ele cruzou os braços e fez cara de difícil.

– E se de repente eu decidir que não vou te ensinar a matéria dessa vez?

– Aí vou ter de te sequestrar e te fazer de escravo. – falei sem emoção – Vai ser compulsório, muito pior. Sem contar que escravos não ganham bolinho de chuva da dona Alice e nem jogam Rock Band no videogame do Apollo. – encolhi os ombros – Que pena.

Daniel estreitou os olhos e voltou a se concentrar no professor.

– Isso foi golpe baixo, Alex. Muito baixo. Você sabe que adoro os bolinhos da sua mãe.

– E não se esqueça do videogame do Apollo. – eu o lembrei e ele mostrou o dedo do meio para mim, rindo.

No fim das contas, consegui pegar mais de uma hora de aula. Não que isso fizesse muita diferença, na verdade, já que eu passava a maior parte do tempo com o caderno aberto escrevendo as minhas coisas. Coisas que nunca tinham nada a ver com a matéria. O que importa é que o professor parou de falar e pude sair daquela tortura que algumas pessoas – incluindo o Dan – chamavam de aula. Não deu nem dez segundos e Laura – a dona do aceno inconveniente – já estava ao meu lado.

– Já sei. – ela falou quando se aproximou de nós – Foi o Apollo de novo.

– Foi.

– Você podia inventar uma desculpa melhor, Alex. – disse séria – Não acho que seu irmão seja tão psicótico assim.

Eu ri.

– Ele não é psicótico na frente de vocês. Eu é que sei do que aquele moleque é capaz.

– Ah, ele é tão fofinho... – Laura o defendeu – Tão cheio de cachinhos, de olhinho azul... – revirei os olhos, mas ela não parou – Bem que ele podia ser uns doze anos mais velho... Ou você podia ser um menino, que tal, Alexandre? Mas só se tivesse os cachinhos que nem o do Apollo...

Dan reprimiu a risada, mas eu não estava achando a menor graça naquilo. A Laura era o tipo de menina compulsiva por qualquer coisa do sexo masculino que conseguisse andar sobre duas pernas e falar ao mesmo tempo – e não necessariamente nessa ordem. Nem o Dan escapava dela. Ela não perdia uma oportunidade de dizer como a afro descendência do menino era perfeita, com a cor de chocolate ao leite dele – e ela fazia questão de enfatizar o ao leite – a fazia perder a concentração em momentos inapropriados.

Tudo bem, eu tinha que concordar com ela de vez em quando, o Dan era realmente um pedaço de mau caminho, ainda mais depois que ele tinha decidido que estava magrinho demais e que precisava malhar. O que aconteceu com ele depois disso? É.

Era só ele aparecer correndo sem camisa pela faculdade que a população feminina do lugar precisava tomar cuidado para não cair no chão.

Era sorte eu ser amiga dele – ou não. Mas isso não vem ao caso.

19

– Não, obrigada. – respondi para Laura e ela deu de ombros – Acho que sou feliz do jeito que eu sou. Mas se você quiser, posso negociar a venda do Apollo sem a minha mãe saber. – ela riu – Só que não aceito devoluções e não tem garantia. É por sua conta e risco.

Foi aí que o Dan me cutucou e, quando me virei, ele estava apontando para o final do corredor. Que ótimo, talvez eu realmente nem devesse ter saído da cama naquela manhã, afinal. Andando como se fossem os donos do lugar, vinha o grupinho que nós chamávamos de Troianos. Brincadeira idiota, mas que tinha pegado.

Eles eram em quatro, dois meninos e duas meninas. O mais baixinho se chamava Samuel e parecia um pigmeu bombado. Desculpa, mas ele parecia mesmo. O outro menino era o mais alto dos quatro e era o capitão de futebol do time do instituto. Ele se chamava Thomas e ninguém gostava dele. Das meninas, a morena se achava a pessoa mais popular da faculdade e adorava ficar se esfregando nos veteranos mais velhos. Coitada. Ah, é, o nome dela era Jéssica.

Por fim, mas não menos insuportável, vinha a loira. Eu não sabia qual era o meu problema com loiras, mas elas sempre estavam no meu caminho por algum motivo inexplicável ou brincadeira sem graça do destino. Coincidência ela se chamar Helena? Acho que não.

Eles passaram por nós com aquele olhar de superioridade e foram na direção da cantina. Contanto que eles ficassem bem longe de mim, eles podiam fazer o que quisessem.

Laura cruzou os braços, parecendo pensativa.

– Bem que o Thomas podia olhar para mim, né...

Dan e eu nos entreolhamos.

– Laura, ninguém gosta dele. Ninguém. – enfatizei. – Algum motivo tem.

Ela deu de ombros.

– Não ligo. Ele é tão lindo...

– Quer, por favor, controlar esses hormônios? – Dan falou dando risada e a puxou pelo braço – Vamos, estou com fome.

Concordei com ele e nós fomos para a cantina do Instituto de Física – ninguém ali estava no clima de travar uma guerra com Troia naquele momento.

Os trovões estavam castigando o céu quando o professor nos liberou no final da tarde e, assim que coloquei o pé para fora da sala, me arrependi de não ter levado nenhuma blusa. Era incrível como o

clima naquela cidade gostava de mudar bruscamente durante o dia, para a minha total felicidade. E, claro, também não tinha nenhum guarda-chuva na mochila. Talvez eu e Murphy¹ tivéssemos uma relação mais íntima do que eu mesma suponha.

Dan se despediu de nós e foi correndo para o treino de basquete que, para a sorte dele, era nas quadras fechadas.

Você tem guarda-chuva? – perguntei para Laura.

– Aham. – ela respondeu abrindo a mochila para tirá-lo de lá – Se você quiser, posso te levar até o ponto.

Olhei para o ponto de ônibus, a dois quarteirões de distância. Aparentemente, não fazia a menor diferença estar debaixo dele ou dançando entre os carros do estacionamento com a força da chuva que estava caindo.

– Não, tudo bem. – respondi engolindo em seco – Acho que vou esperar a chuva passar.

– Por que você não dorme lá em casa hoje? – Laura sugeriu – Eu estou sozinha, as meninas estão em viagem de campo. Odeio ficar sozinha naquela casa enorme.

Tudo bem, a proposta era tentadora. Eu ganharia uma carona, ficaria longe do Apollo e nós ainda poderíamos ficar acordadas assistindo os zilhões de filmes que a Laura fazia questão de colocar toda a vez que eu ia lá. Abri a boca para falar que tudo bem quando um barulho monstruoso cortou o ar. Parecia alguma coisa batendo violentamente contra a outra. Mas não era batida de carro nem nada... Não era metálico. Era mais alguma coisa caindo...

– Alex, tá tudo bem?

Eu me virei para Laura. Ela não parecia nem um pouco impressionada com o barulho, estava mais confusa com a minha reação repentina. Olhei para os lados. As poucas pessoas que ainda estavam no instituto também pareciam não ter percebido ou não ter achado nada de anormal naquele barulho. Não era possível, eu ainda não estava ficando maluca. Eu tinha ouvido alguma coisa, e tinha certeza absoluta daquilo.

– Você não ouviu nada? – perguntei para Laura, que ainda me olhava como se eu estivesse infectada com alguma doença degenerativa altamente contagiosa.

– Não... – ela respondeu como quem não tem certeza do que diz, me olhando desconfiada.

– Tem certeza? – insisti – Quer dizer, alguma coisa caindo... Foi alto pra caramba, não é possível que você não tenha ouvido!

– Alex, acho que a chuva está afetando você. Vamos pra casa, lá você descansa.

– Acho que eu não quero. – menti. Na verdade, não foi exatamente uma mentira. Eu queria mais ir, havia alguma coisa naquele barulho que me fazia querer ir atrás dele – Acho que a minha mãe vai implicar se eu ficar. Principalmente se o animal do Apollo abrir a boca e disser pra ela que me atrasei hoje. Prefiro não arriscar.

Laura encolheu os ombros.

– Tudo bem. – ela respondeu abrindo o guarda chuva – Mas se você mudar de ideia é só aparecer lá em casa. Eu provavelmente vou estar me entupindo de brigadeiro.

Eu ri. Era típico dela fazer esse tipo de coisa.

– Tá. Mas acho que não vou mudar de ideia

E não ia mesmo. Não enquanto não descobrisse o que é que tinha caído sabia-se lá Deus de onde e para onde.

Me despedi de Laura com um aceno e encarei a paisagem lá fora. Era apocalíptica, para dizer o mínimo. O vento soprava as folhas das árvores com tanta força que muitas tinham os galhos envergados e varria a chuva com uma intensidade que chegava a machucar. Se eu ousasse ficar um segundo que fosse debaixo daquela tempestade, ia parecer que tinha caído em uma piscina. Mas havia alguma coisa no barulho que gritava na minha cabeça dizendo que eu devia ir atrás dele.

Ridículo, eu sei. Mas é o tipo de impulso que a gente não questiona e nem controla, por mais irracional que seja. Simplesmente vai atrás.

Você vai se arrepender, Alexandra, vai se arrepender...

Mas quem disse que eu escuto a minha consciência?

Me sentindo a pessoa mais idiota do planeta, deixei a parte coberta e segura do instituto e saí correndo pelo estacionamento. Aposto que quem me via correndo ali que nem uma louca devia achar que eu realmente era uma, fugida do hospital universitário.

Não importava.

Àquela altura o céu já estava totalmente preto, dificultando a já agradável tarefa de achar o que quer que fosse naquela chuva dos infernos. Ainda mais quando você nem sabe ao certo o que está procurando, exatamente.

Saí meio às cegas, ensopada, driblando os carros do estacionamento. Onde é que eu estava com a cabeça, não devia ter nada ali. Devia ter imaginado tudo, só podia ser. Meu cérebro tinha esse hábito meio desagradável de inventar coisas fora de contexto, e eu simplesmente não conseguia fazer nada a respeito. Mas aquilo já estava passando dos limites.

Já nem sentia meus pés por causa da umidade, minhas roupas estavam encharcadas, minha mochila não ia aguentar mais cinco minutos daquela tempestade. Só estava rezando para que meu celular e meu mp3 ainda estivessem secos.

Comecei a me xingar de idiota há quase três quarteirões do instituto, em um estacionamento praticamente deserto e decidida a voltar para pegar uma blusa no meu armário, quando ouvi alguma que parecia uma respiração ofegante.

Virei para os lados, de repente meu coração estava batendo contra as minhas costelas com tanta força que chegava a doer. Eu devia estar sozinha ali, era difícil enxergar qualquer coisa. O cabelo molhado começava a grudar no meu pescoço, o frio incomodava por causa da água gelada e do vento.

A respiração ofegante voltou. Olhei para o chão, assustada. Conforme andava, sem nenhuma direção específica, o sussurro parecia ficar mais forte. Uma parte de mim estava me obrigando a voltar, a outra, implorava para que continuasse. Mandei a parte que me obrigava a voltar ir para o inferno e continuei andando. Tinha chegado até ali, mais molhada e com mais frio não dava pra ficar.

É ridículo, não tem nada aí, volte para a casa de uma vez.

Não.

E foi quando estava mudando de direção que vi alguma coisa se mexer no canto mais escuro do estacionamento. Por um segundo, fiquei com medo. Eu era o tipo de pessoa que atraía problemas por natureza, e a chance daquilo ser um gatinho ou cachorrinho perdido era mais perto de zero que um dividido pela velocidade da luz. Era muito mais fácil que fosse um maníaco da machadinha ou um crocodilo albino faminto.

Ainda assim, não conseguia sair dali. Existia alguma coisa lá... alguma coisa que me puxava, que me atraía para o que quer que fosse que estava se mexendo. Era quase como se a coisa quisesse que eu me aproximasse. Se eu morresse, pelo menos teria a desculpa de que não estava indo até o meu assassino exatamente por vontade própria.

Você está doente, meu cérebro ficava repetindo enquanto caminhava a passos encharcados até a coisa. Você vai se arrepender, vai se arrepender...

Eu estava perto o suficiente para ver a coisa amontoada no canto, tremendo e tendo o corpo – ou o que quer que aquilo fosse – castigado pela chuva. Foi quando ele levantou o rosto.

O vento aumentou de um jeito assombroso, fazendo com que eu tivesse que cobrir os olhos para não machucá-los. E foram justamente olhos que eu vi naquele montinho.

Era um par de olhos azuis tão hipnotizantes que a ventania já não me incomodava mais. Eu estava parada, petrificada com aquilo quando o dono do par de olhos soltou um gemido de dor. Foi como se

alguém tivesse me tirado do transe e eu só consegui andar na direção dele.

Era um homem. Foi o que percebi quando cheguei mais perto e notei que ele estava encolhido, tremendo de frio. Ele não falou nada quando encostei a ponta dos dedos em sua pele, apenas apertou os olhos com força, como se o toque fosse algo imensamente doloroso.

Engoli seco quando percebi que ele usava apenas uma calça de algodão branca. O peito nu era forte e definido, do tipo que fazem a gente parar de raciocinar por alguns segundos. Não sabia quem ele era, muito menos o que estava fazendo ali só de calças, brancas ainda por cima, no meio daquela chuva.

– Qual é o seu nome? – perguntei com a voz aflita, sem me dar conta de que ela saía daquele jeito.

Ele levantou o rosto e a luz do poste de iluminação da rua ao lado alcançou seus traços. Não pude deixar de sorrir. Apesar da dor e da confusão que estava evidente ali, ele era simplesmente lindo. Os olhos azuis elétricos, o cabelo loiro todo encharcado por causa da chuva, as covinhas que apareciam em suas bochechas geladas por causa do frio. Se Laura o visse, com certeza ia ter um ataque. Ele era a personificação viva do que, na minha imaginação perturbada, um deus grego deveria ser.

Em vez de dizer alguma coisa, ele simplesmente balançou a cabeça negativamente. Ou ele não conseguia falar, ou não sabia o próprio nome.

Eu não podia deixá-lo ali. Simplesmente não podia, era desumano. Quem quer que ele fosse, era alguém que precisava de ajuda.

Foi quando ele estendeu a mão e tocou a minha. Uma corrente elétrica percorreu toda a extensão do meu braço quando seus dedos alcançaram minha pele, com um calor tão forte que me fez retrair o corpo para longe dele.

Ele levantou os olhos para mim, suplicante, e suas palavras saíram em um sussurro rouco.

– Por favor...

Puxei a mochila para frente e enfiei a mão no bolso, procurando freneticamente meu celular e torcendo para que ele ainda estivesse inteiro. Senti as páginas do meu caderno se dissolverem enquanto corria os dedos aflitos pelo conteúdo da mochila, mas eu não ligava. Nada mais importava naquele momento.

Depois de xingar a mim mesma de palavrões que meu pai me socaria se ouvisse, tirei o aparelhinho da mochila e apertei um botão na tela. Ela acendeu.

Respirei aliviada e procurei o número da Laura nos contatos, apertando o dial com as mãos trêmulas.

– Alex? O que foi?

Olhei para o homem caído no chão que ainda me observava antes de responder.

– Laura, mudei de ideia Vou para a sua casa. – ela ficou quieta por um instante – E prepare uma cama extra porque vou levar alguém comigo.

Dois

Faíscas Entre Nós

Não esperei Laura responder do outro lado. Não importava se ela estava ou não disposta a abrigar mais alguém naquela noite, ela simplesmente ia.

Essa nem era uma preocupação tão grande, principalmente porque eu sabia que ela diria que sim no mesmo instante em que colocasse os olhos naquele homem. Na verdade, qualquer mulher sensata diria.

O problema ali era outro. Eu realmente queria saber como nós iríamos chegar à casa dela, sendo que o ser jogado na minha frente mal tinha forças para falar.

– Moço? – chamei e ele levantou o rosto – Você acha que consegue andar?

Não devia ser uma pergunta. Qualquer coisa diferente de um sim ou de, pelo menos, um talvez, não era uma resposta válida naquela situação. Olhei para ele esperando que entendesse.

– Acho que sim... – ele respondeu com a voz fraca e tentou se colocar de joelhos.

Faça alguma coisa, sua imprestável, faça alguma coisa...

Normalmente eu não obedeceria a mim mesma, mas aquela situação já era maluca e sem sentido por si só. Dei alguns passos na direção dele e me forcei a encostar em seus braços outra vez. Péssima ideia, consciência estúpida. Ele gemeu de dor e recolhi as mãos em reflexo.

– Não, tudo bem... – ele falou respirando fundo, mas eu sabia que não estava tudo bem. Só queria entender porque o meu toque machucava tanto... talvez ele estivesse ferido, queimado, alguma coisa assim.

– Você está machucado? – perguntei quando ele se colocou de pé, meio cambaleante.

Jesus, ele era enorme. Tudo bem, qualquer coisa pareceria enorme perto dos meus um metro e sessenta e um de altura, mas ele extrapolava o bom senso. Não consegui falar mais nada.

– Eu... – ele parecia extremamente confuso – Eu não sei.

Tive vontade de rir. Era tão bonitinho – Quer dizer, bonitinho se eu não estivesse encharcada no meio de um estacionamento deserto com um estranho – lindo e enorme, mas ainda assim estranho – mentalmente perdido e com algum problema bem sério. Apesar da vontade, eu não ri. É só que era engraçado um homem daquele tamanho parecer tão incrivelmente... inocente. Era como se não fosse para ser daquele jeito, sei lá. O tipo de coisa que você olha e diz: Deve estar violando alguma lei da física, não é possível.

– Tudo bem, vou te levar para a casa de uma amiga. Não se preocupe, tá? – disse olhando para ele.

Ainda meio perdido, ele fez que sim com a cabeça e sorriu timidamente. Efeito instantâneo: Me esqueci de respirar. Aquela era uma das coisas que ia para a lista de “Não faça perto de mim a menos que você queira que eu tenha um ataque cardíaco ou me sufoque involuntariamente”, bem depois de “Não saia seminu de calça branca na chuva” e, até então o meu preferido para o Dan, “Não corra na minha frente sem camisa”.

Nós começamos a andar debaixo da chuva e eu tentava encontrar desesperadamente algum sentido naquela loucura toda. Sem sucesso. Tudo bem, não fazia questão de entender aquilo naquele momento, exatamente.

Levantei os olhos para ele.

– Foi você que caiu?

Ele levou a mão grande – claro, tinha que ser proporcional ao resto do corpo – até os cabelos escorridos por causa da chuva e coçou a cabeça.

– Eu não sei.

Mas será que tinha alguma coisa ali que ele sabia?

– Seu nome?

Ele balançou a cabeça negativamente. Ótimo, ele também não lembrava o próprio nome.

– Bom, eu sou Alexandra. – me apresentei e esperei a já habitual reação de quem ouvia meu nome pela primeira vez. Não aconteceu.

– Bonito. – foi a única coisa que ele respondeu.

Estava prestes a começar a explicação que eu sempre entoava depois de me apresentar e tive que fechar a boca ao processar a informação.

– Como é?

– Como é... o quê?

Tive que rir. Aquela só podia ser uma pegadinha, não era possível. Ou era uma pegadinha, ou aquele homem tinha batido a cabeça com muita força. Mas não ia questionar, gostava daquele jeito de perdido que ele tinha. Era... não sei. Cativante, ou alguma coisa assim.

Perigosamente cativante, diga-se de passagem.

– Não é nada. – respondi balançando a cabeça e tentando não olhar para ele outra vez ou provavelmente tropeçaria nos meus próprios pés e daria com a cara no chão – É que as pessoas sempre fazem careta quando falo o meu nome.

– Por quê?

Tudo bem, daquela vez eu não me segurei. A vontade de encará-lo estava quase saindo com a faca na mão de dentro de mim. Então levantei o rosto e, como esperava, tive que parar para um segundo inteiro de concentração canalizada.

Foco, Alexandra... cordas vocais, lembra?

Sim.

Respirei fundo e tentei fazer uma cara inexpressiva, torcendo para que ele não tivesse muita experiência com esse tipo de coisa. Mentir era só mais um dos dons que tinham vindo com defeito de fábrica.

– É que... é estranho, sabe... bom, pelo menos aqui no Brasil. – dei de ombros – Mas tudo bem, já me acostumei com ele.

Ele sorriu outra vez e senti o ar falhar. Era bom que eu descobrisse uma maneira de parar com aquilo bem rápido ou ia entrar em acidose caso ele resolvesse dar uma gargalhada qualquer dia desses.

– Bom, pelo menos você tem um nome. – ele respondeu terminando com um sorriso murcho nos lábios que me fez engolir a seco.

– Mas calma... – me adiantei para tranquilizá-lo, abstraindo a visão de paraíso que estava tendo. – Você vai se lembrar... Quer dizer, você deve ter batido a cabeça, por isso está tão confuso. – ele ergueu as sobrancelhas, triste – Ou, na pior das hipóteses, a gente arruma um nome provisório pra você.

Ele arfou.

– Acho que eu não tenho muitas opções, não é?

Eu devia estar parecendo uma cereja gigante. Ou pior que isso, mas pensar definitivamente só pioraria as coisas. Então assenti e voltei a encarar o chão.

Eu devia estar maluca, só podia ser. Nós dois, conversando calmamente, andando devagar debaixo daquela chuva apocalíptica. E o pior, mesmo tremendo de frio, ele não reclamava.

Tudo bem, eu também não. Mas eu tinha um motivo inquestionável bem ali do meu lado.

Ainda olhando para o chão, decidi fazer uma pergunta que já estava me corroendo.

– O que você sente quando toco em você? – ele levantou o rosto, surpreso – Dói?

Ele fez aquela cara de deslocação mental outra vez.

– É mais como... um choque. – fiz cara de dor involuntariamente e ele sorriu. Ar Alexandra, ar... –

Mas é suportável, não se preocupe.

– Me desculpa. – respondi com a voz baixa – Eu não sabia... Mas devia ter adivinhado, porque você se encolheu todo e gemeu e... Sou idiota, pode falar.

Ele me olhava com uma expressão indecifrável.

– Como é? – foi a declaração.

Droga, eu e meus histerismos.

– Nada, é só que... Por quê?

Levantei os olhos para ele outra vez e ele simplesmente deu de ombros daquele jeito inocente que não devia estar ali.

– Não faço a menor ideia

– Quer dizer que nunca mais vou poder encostar em você?

Arrependimento instantâneo. Onde, onde eu estava com a cabeça para fazer aquele tipo de pergunta?

Eu merecia levar um soco dele e outro da Laura quando nós chegássemos lá. Pensando bem, deveria levar uma voadora de cada um. Ou deveria ter os olhos arrancados e... Não consegui terminar minha sessão de tortura psicológica reprimida. Não consegui porque senti uma mão grande segurar meu pulso e eu quase dei um pulo com o susto. Não só pela mão, mas pela onda elétrica que percorreu meu corpo com o toque. Foi então que a mão se afastou.

Olhei para o infeliz, – que estava fazendo careta de dor – incrédula. Mas será que ele era retardado além de tudo?

– Por que você fez isso? – perguntei meio histérica – Se machuca você... não faz sentido. Não seja masoquista, pelo amor de Deus.

– Mas o... quê?

Deus, aquilo ia ser mais difícil do que eu tinha imaginado.

– Não importa... Sabe, você definitivamente precisa de um nome. Mas eu nem queria falar isso em primeiro lugar. – briguei comigo mesma, balançando minhas mãos na frente do rosto – O que importa é que você não pode ficar encostando em mim desse jeito. Olha pra você agora, sua mão deve estar doendo.

– Eu já falei que é suportável.

– Mas machuca. – retruquei – Uma das primeiras leis da vida é evitar a fadiga.

Tenho certeza de que ele não tinha entendido o que quis dizer, mas daquela vez ele não questionou.

– Você também sente? – foi a pergunta.

Abri a boca para responder, mas preferi fechá-la em seguida. Sim, eu sentia. Mas não era dor. Era uma eletricidade diferente, mas não dá pra explicar. Era uma eletricidade... boa.

– Sinto uma coisa. – comecei, com cautela. Qualquer informação a mais poderia ser potencialmente comprometedor – Não é dor... é um choque também, mas... não sei, é diferente.

Daquela vez foi ele quem riu.

– Bom, pelo menos não sou o único que não sabe das coisas por aqui.

A minha reação habitual – com o Dan, por exemplo – seria dar um tapa no braço dele. Mas aquela não era uma ideia exatamente boa no momento, considerando que a coisa toda ia doer bem mais do que deveria.

– Folgado. – murmurei.

– O quê?

Meu Deus, aquela inocência errada estava passando dos limites. Eu ri e olhei para ele. Estava

escuro, mas dava para ver os cabelos colados no rosto, a água lhe descer pelo pescoço até o peito e... eu precisei me lembrar de parar para respirar outra vez.

– Olha, é ali. – apontei para a casa na esquina, torcendo para que ele não tivesse percebido o meu ataque interno repentino.

Ele seguiu meu dedo com os olhos até pará-los na casa em que eu havia apontado, depois assentiu. Ele não tinha muitas escolhas, afinal.

– Vem, vamos. – continuei – A Laura vai ter um treco a hora que vir a gente nesse estado.

Na verdade, ela provavelmente nem ia notar a minha presença ali quando colocasse os olhos naquele homem, eu tinha certeza. Mas isso não mudava o fato de que ela ia ter um treco.

Nós atravessamos a rua e toquei o interfone.

– Alô? – a voz do outro lado perguntou.

– Sou eu, Laura, quem mais. – respondi impaciente – Abre a porta de uma vez, vou entrar em hipotermia aqui fora.

Ouvi um clique do interfone sendo desligado e depois a porta sendo destrancada. Quando ela enfiou a cabeça para fora para abrir o portão com o controle, seu queixo caiu.

Que previsível.

Assim que uma brecha o suficiente se abriu, me esgueirei para dentro e fiz sinal para que o ser em questão me acompanhasse. Laura não se mexeu. Ela parecia ter virado uma estátua de cera, e só conseguia olhar para o homem completamente molhado e aquilo não me agradava, exatamente. Quando nós nos aproximamos, ela ameaçou balbuciar alguma coisa, mas fiz sinal de silêncio e apontei para a sala.

– Lá dentro.

Ela assentiu debilmente com a cabeça e engoliu seco. Com um movimento mecânico, ela entrou logo atrás de nós e fechou a porta.

Eu revirei os olhos.

– Quer parar de parecer maníaca? – pedi.

– Mas... ele... quem... como... –

– Laura, menos. Vou explicar tudo... dentro do possível. Posso tomar um banho agora?

– Não... – ela respondeu ainda olhando para os cabelos, que sem estar debaixo da tempestade começava a formar cachinhos – Não! – ela se virou para mim, finalmente – Você está maluca? Você vai me explicar tudo agora, pode começar.

O cachinhos riu e ela desmontou. Recuperei o fôlego e apontei para a cozinha.

– Tudo bem, eu conto. Mas será que você pode arranjar uma toalha pra gente? Estamos congelando.

Ela saiu do modo standby2.

– Dois segundos.

Olhei pro cachinhos e ele estava com aquela expressão de quem não entende nada outra vez.

– Liga não, ela é sempre assim. – eu disse e ele sorriu – Sabe, podia te chamar de Cachinhos. Mas acho que não seria assim, muito masculino... E não poderia te chamar assim na frente das pessoas, essa uma é consideração importante...

Ele apenas ergueu as sobrancelhas.

– Vou pensar em um melhor, não se preocupe.

Foi então que Laura voltou com as toalhas e as estendeu para nós. Peguei as duas das mãos dela e estendi uma para o Cachinhos, tomando o cuidado de não encostar nele.

Ela olhou para mim.

– Vai, Alex, desembucha. Quem é esse homem, pelo amor de Deus... Me diz onde você achou que eu vou correndo buscar um pra mim agora.

– Será que dá pra você parar com a perversão por cinco segundos? – sibilei entre os dentes – Eu o

achei lá no estacionamento da faculdade.

– Aham. – ela respondeu, cética – Pode falar, só estava brincando.

Revirei os olhos. As pessoas e a mania que elas tinham de desconfiar da minha pessoa.

– É sério. – olhei para ele – Não é?

Ele revezou os olhares entre mim e Laura, sem se decidir em nenhuma de nós, exatamente. Se eu ainda não estivesse em choque, teria começado a rir. A situação toda era surreal demais. Imagina se ele realmente fosse o maníaco da machadinha?

É, exatamente.

– Eu acredito na Alexandra. – ele respondeu.

Eu parei. Era como se o meu nome, dito no timbre da voz dele, soasse diferente. Era como se mexesse comigo de alguma forma que não conseguia explicar. Era quase aquela mesma sensação da eletricidade, mas era mais... acolhedora.

– Você está bem? – Laura perguntou e precisei piscar algumas vezes para voltar minha concentração a ela.

– Aham, estou sim. – respondi tentando parecer normal, dentro do meu limite possível, outra vez.

– Então continua.

Forcei-me a não olhar para o Cachinhos daquela vez e respirei fundo. Sabia que estava completamente ensopada e gelada, podia sentir a água da chuva ainda escorrendo dos meus cabelos para as minhas roupas. O que significava que eu deveria estar tremendo, pra dizer o mínimo. Mas não.

Eu estava confortável. Incrivelmente confortável. Molhada, mas sem incômodo nenhum. Levantei o rosto para o Cachinhos. Não sabia explicar porquê, mas alguma coisa em mim me dizia que aquela sensação era dele. Por causa dele.

Laura pigarreou e movi a cabeça mecanicamente para ela.

– Ah, é. Desculpa. – ela fez que tudo bem com as mãos e continuei – Bom, eu estava no estacionamento... quando ouvi alguma coisa, sabe. Parecia uma respiração ofegante, pesada. E daí eu o encontrei.

Laura ainda continuava com a expressão cética.

– Qual é o nome dele?

– Não sei. – eu e uma voz grossa respondemos como uma só.

Sorri e ele sorriu de volta.

– Tá... – Laura começou, descrente – Vamos supor que eu acredite nisso que você está me contando. Quem é ele, como veio parar aqui? Ninguém surge assim do nada, Alex. Muito menos alguém como ele, Jesus...

– Eu não sei e ele também não sabe. – respondi – Acho que ele bateu a cabeça e perdeu a memória, alguma coisa assim... Ele não lembra de nada.

Os olhos de Laura começaram a brilhar perigosamente.

– Isso significa que nós podemos contar qualquer coisa pra ele e ele vai acreditar?

Revirei os olhos. Não podia acreditar que ela tinha coragem de pensar em uma coisa daquelas.

– Laura, menos. Bem menos, tá? Nós não vamos fazer nada. Coitado, ele nem sabe o que aconteceu e você quer tirar proveito da...

Eu me virei e peguei o Cachinhos fazendo uma careta de dor. Foi quase um movimento involuntário, não tinha controle sobre ele.

– Que foi? – perguntei assustada, reprimindo o impulso de encostar nele para ajudá-lo.

– As minhas costas... – ele grunhiu comprimindo as pálpebras com força – Parece... queimando...

Eu me coloquei de pé em um salto e dei a volta em seu corpo, tentando entender o que havia de errado ali. Quando ele soltou a toalha, deixando as costas nuas à mostra, entendi o porquê da dor.

A pele estava irritada. Um vermelho intenso, que chegava a brilhar com a luz da cozinha, cobria a

maior parte das costas em duas faixas verticais imensas. Era como se ele tivesse esfolado o lugar, mas não parecia machucado. Era só vermelho. Muito vermelho.

Passei a mão por cima das marcas, mantendo uma certa distância da pele. Não queria machucá-lo outra vez. Estava quente, bem quente.

– Suas costas estão queimando. – falei tentando não parecer desesperada demais – Estão vermelhas... O que foi que você fez?

Ele cobriu as costas com a toalha outra vez e balançou a cabeça.

– Não sei... Não estava doendo antes. Mas tudo bem, já está melhor. – ele acrescentou rápido ao ver a cara de horror que eu devia estar fazendo.

– Você precisa de um banho e de umas roupas decentes. – Laura se intrometeu – O namorado da Lilian deixou umas coisas aqui, talvez sirva em você.

Ele olhou para mim. Alguma coisa ali me dizia que ele não sabia o que a palavra namorado significava, exatamente. Não que eu me importasse em explicar aquilo para ele, mas ainda assim era desconfortável.

– Banho, lembra? – Laura falou impaciente, andando rápido na nossa direção e esticando o braço para puxar o Cachinhos pelo pulso.

– Laura, não, ele...

Mas não adiantou. No segundo seguinte ela já estava grudada no braço dele e esperei a já habitual cara de dor que ele fazia quando era tocado.

Não aconteceu.

Olhei incrédula para ele e para Laura, a boca semiaberta.

– Não... doeu? – perguntei perdida.

Ele parecia estar em choque também. Seus olhos azuis pipocavam de mim para Laura como se procurassem por alguma resposta que nós sabíamos que não estava ali. Ele balançou a cabeça negativamente.

– Por que doeria? – Laura quis saber.

– Pode ir tomar banho. – disse para ele – Eu explico.

– Segunda porta à direita. – Laura acrescentou apontando para o corredor e ele deu as costas para nós, seguindo para onde ela havia apontado.

– O que você sentiu quando encostou nele? – perguntei assim que ouvi a porta do banheiro ser aberta e depois fechada.

Laura me olhou com aquela cara de horror da doença degenerativa altamente contagiosa.

– Como assim, o que senti? – ela repetiu – Nada, ué. Também não é assim, Alexandra...

– Não, sua retardada. – eu a cortei e ela soltou um gritinho de indignação – Estou falando de sentir alguma coisa de verdade. Tipo... uma eletricidade...

Ela colocou a mão na minha testa.

– Tem certeza de que você não está com febre?

Cerrei os dentes e puxei a mão dela da minha cabeça.

– Quer parar? A doida aqui é você. Isso é sério. Eu sinto... não sei, é esquisito... E ele também. Parece que quando encosto nele... dói.

Laura continuava com os olhos arregalados. Ouvi o barulho da água começar a cair no banheiro e aquilo me distraiu por alguns segundos. Relutante, foquei Laura em minhas retinas outra vez.

– Tem alguma coisa estranha nele, Laura. Ou em mim. – acrescentei. A probabilidade da aberração da coisa toda ser eu era bem considerável – Só não sei o que é.

– Relaxa. Ele só deve estar machucado, todo dolorido, sei lá. Vai passar.

Fiz sinal de sim com a cabeça. Bem que queria que aquilo fosse verdade, mas uma parte de mim parecia saber que não. Então me lembrei de um detalhe.

– Ele pode dormir aqui essa noite?

Laura ergueu as sobrancelhas e depois um sorriso patético se formou em seu rosto.

– Claro que pode. – ela respondeu – Mas é só porque as meninas não estão aqui. Sabe, um estranho assim... não sei se elas iam gostar da ideia

– Não, tudo bem. Vou dar um jeito nisso.

Sim, eu ia. Nem que precisasse enfiá-lo escondido no meu guarda-roupa vestido de ursinho de pelúcia. Simplesmente não podia deixá-lo assim sem ninguém. Por algum motivo... eu não podia.

O barulho do chuveiro parou e virei meu rosto involuntariamente na direção da porta. Pouco tempo depois o clique da fechadura e a fumaça começou a sair do banheiro. Engoli seco.

Sabe aquelas cenas em câmera lenta? Foi pior que isso. Mil vezes mais patético – para mim, claro.

Ele saiu com a toalha metade nos cabelos cacheados, metade envolta no pescoço, com aquele olhar inocente e perdido que eu tinha certeza de que era algum tipo de crime contra a humanidade. Ele estava descalço, com uma calça jeans meio surrada e uma camiseta branca emprestadas do tal namorado da Lilian.

Fiquei tensa e a sequência dos eventos foi exatamente essa:

Sorriso. Covinhas. Falta de ar. Cérebro prejudicado. Pensamentos difusos. Chacoalhão da Laura. Volta a este plano – ou quase.

– Onde ponho a toalha? – ele perguntou com aquele jeito inocente que já estava me irritando.

Foi Laura quem respondeu por mim:

– Pode jogar aqui, ponho pra lavar depois.

Tudo o que vi foi um borrão azul voando por cima de mim e depois Laura já estava me empurrando para o banheiro.

– Sua vez, Alex. Não se preocupe, cuido dele enquanto isso.

Olhei para ela com os olhos estreitos.

– É exatamente esse o problema.

Ela riu. Não tinha nada de engraçado ali, aquilo era muito sério.

– Eu já volto. – avisei para o Cachinhos e fui para o banheiro o mais depressa que conseguia. Como eu dormia lá às vezes, tinha algumas roupas no armário do banheiro, o que era bom, porque deixaria a coisa toda mais rápida. Qualquer segundo com ele longe de mim e perto da Laura poderia ser fatal.

Tomei o banho com uma velocidade que nem eu mesma achei que fosse capaz. Me enxuguei bem mais ou menos e fui enfiando a

roupa. Quando saí do banheiro meu cabelo ainda estava pingando por todo o chão, ensopando o piso da casa. Mas não me importava, poderia passar um pano ali depois. Tudo o que eu queria era chegar na sala e ver o Cachinhos outra vez. E quando cheguei lá, meu queixo caiu.

Débil, apontei para o sofá.

– Ele...

– Dormiu. – Laura completou por mim – Não deu três minutos. Ele encostou e capotou. Devia estar morrendo de cansaço.

Eu me aproximei, devagar. Ele estava encolhido no sofá, com a cabeça apoiada em uma almofada e as mãos debaixo dela. A expressão no rosto dele era tão calma que eu era capaz de sentir paz só por olhá-lo daquele jeito. Fui obrigada a sorrir.

– Parece um anjinho. – sussurrei ainda com o sorriso bobo no rosto, sentando no sofá ao lado do que ele estava.

– Meio grande demais pra ser um anjinho, você não acha não?

Mostrei a língua para Laura.

– Vou dormir aqui. – avisei apontando para o sofá.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Tem um colchão sobrando no meu quarto, sabia?

– Mas preciso ficar perto dele. Quer dizer... – tentei pensar em alguma coisa para corrigir a minha boca grande – Bom, a gente nunca sabe o que pode acontecer. Vai que a dor nas costas acaba voltando...

– Aham, sei. – ela respondeu, desconfiada – Bom, pode fazer o que você achar melhor. Vou tomar banho agora.

Assenti e Laura me deixou sozinha na sala com ele. Permaneci parada, olhando para o jeito com que ele dormia. Era diferente... Nem o Apollo dormia daquele jeito quando era criança, muito menos um adulto. Eu queria tocá-lo. Meus dedos pareciam

querer aquela descarga elétrica outra vez, pareciam implorar para que minha pele encontrasse a dele novamente. Meu corpo parecia precisar daquela faísca e eu precisava loucamente obedecer.

Levantei a mão engolindo a seco e vi meu braço se direcionar lentamente para o rosto tão inocente daquele homem. Faltava pouco, só alguns centímetros. Mais alguns segundos. Eu estava perto, muito perto... Até que ele respirou fundo e eu parei.

Péssima ideia Não devia fazer aquilo, ele poderia se ferir. Já não bastava o machucado inexplicável nas costas, ele não precisava sofrer ainda mais com o meu toque.

Só queria entender o porquê. Só queria encontrar um motivo. Uma razão simples que me explicasse por que não podia encostar nele. Uma razão que me dissesse o que havia de errado comigo, o que havia de errado com ele. Talvez o que havia de errado com a gente. Uma razão que simplesmente me fizesse entender porque nossas faíscas eram tão diferentes.

Três

Algumas Ideias Interessantes

Eu não sonhei. Ou se sonhei, meu cérebro fez o favor de apagar a lembrança imediatamente. Esse costuma ser um mecanismo bastante eficiente quando se tratam de experiências dolorosas, mas meu cérebro parece achar a brincadeira divertida e faz isso com uma frequência ligeiramente irritante.

Antes de abrir os olhos, tentei me lembrar de onde estava e do que havia acontecido no dia anterior. Consequência: Quase caí do sofá embolada na coberta ao tentar ficar de pé.

Depois de conseguir manter um equilíbrio considerável, lancei meu olhar ao sofá imediatamente ao lado do meu. Estava vazio.

A coberta caída no chão e mais nada. Nenhum homem misterioso, nenhum Cachinhos cheio de covinhas. Senti meu coração disparar, entrando em desespero. Ainda meio aos tropeços, corri para a janela da sala, tentando ver se havia algum sinal dele por ali. Nada.

Senti meu coração protestar, querendo bater nas costelas. Ele não podia simplesmente ir embora. Até porque ele nem sabia para onde ir. Ele não fazia a menor ideia de onde estava. E, além disso... eu não queria que ele fosse.

Levei as mãos aos cabelos e comecei a andar em círculos. Pense, Alexandra, pense...

Foi um clique.

Sem entender o porquê, mas sem vontade ou tempo de pensar naquilo, exatamente, comecei a andar na direção do jardim dos fundos da casa e quase caí mole no chão com o alívio.

– Cachinhos!

Ele virou aquele rosto tão inocentemente errado para mim e realmente senti as pernas bambearem. Marshmallows. Era isso que elas tinham virado, marshmallows.

– Você está bem? – ele perguntou vindo na minha direção e obriguei meu corpo a permanecer ereto, dentro de certos limites, evitando olhar para ele.

– Sim, estou bem. – respondi tentando manter a calma – O senhor é que não bate bem da cabeça, como assim você some desse jeito?

– Desculpa. – foi a resposta dele.

Eu, que já estava com a boca aberta, preparada para a sessão de discussão, tive que disfarçar e fechá-la em seguida. Ele era tão diferente das outras pessoas... normais, se é que posso chamar assim.

Contra a vontade e focando toda a coordenação que eu era capaz nos movimentos de inspiração e expiração, me forcei a encará-lo.

Os cabelos pela primeira vez estavam secos, formando cachos dourados perfeitos que caíam até a testa. Os olhos azuis eram ainda mais intensos do que conseguia me lembrar e, mesmo

com ele fazendo uma carinha séria, eu podia sentir meu cérebro dando soquinhos para tentar funcionar.

– Você dormiu bem? – foi o que consegui perguntar depois de concentrar todos os meus neurônios no controle das minhas cordas vocais.

– Dormi sim, e você?

Juro que tinha vontade de socá-lo. Tinha vontade de virar para ele dizer que ele deveria ser rude pelo menos um pouquinho, que não havia nada de errado em ser mal-educado de vez em quando. Queria que ele me xingasse e perguntasse quem eu pensava que era para falar com ele daquele jeito e...

– Alexandra?

Meu cérebro travou daquele jeito esquisito outra vez. Eu realmente queria entender porquê a coisa toda ganhava um efeito tão diferente quando era ele quem me chamava.

– Dormi, dormi. – foi só que consegui responder.

Percebi a expressão dele ficar mais preocupada e engoli a seco.

– Tem certeza que você está bem? – ele insistiu, franzindo as sobrancelhas.

Não consegui responder. Simplesmente não consegui e eu podia ouvir minha consciência intrometida – ou o que quer que fosse aquilo – me xingando loucamente dentro da minha cabeça.

Tive uma vaga noção de quando ele deu um passo a frente, e vi quando sua mão se aproximou do meu rosto. Com um movimento brusco, eu me afastei.

– Não faz isso, tá? – pedi voltando a ter noção do mundo à minha volta – Você vai se machucar e eu não quero. – ele recolheu a mão – Desculpa...

– Mas... –

– Sem mais. – eu o cortei, forçando uma risada – Isso é sério. Eu te proíbo de encostar em mim.

Droga, como eu não queria dizer aquilo. Como eu desejava que pudesse tocá-lo sem que aquilo causasse algum tipo de dor. Como queria entender por quê aquela maluquice toda e sem sentido nenhum acontecia.

– Ah, aí estão vocês. – ouvi a voz de Laura da porta da cozinha e me virei – Já achei que vocês estivessem aprontando alguma.

Lancei um olhar assassino a ela.

– Cala a boca, Laura.

Ouvi o Cachinhos rir e minha cabeça se voltou para ele imediatamente. Imagine o sorriso mais encantador que alguém é capaz de ter: Era criminosamente pior que isso.

Os dentes branquinhos perfeitos, as covinhas sulcadas nas bochechas, todo aquele ar de inocência que parecia não ter mais por onde sair... estavam lá. Me fazendo perder o fôlego outra vez.

– Entrem, vou fazer o café

Sacudi a cabeça algumas vezes e consegui voltar a um estado consciente que me permitia andar sem cambalear, o que já era alguma coisa.

– Você gosta de torradas... moço? – Laura perguntou e eu ri.

– Moço, Laura?

– Você quer que eu chame ele do quê, Alex? Senhor? Nem em um milhão de anos. – ela parou por um segundo – Tudo bem, talvez em um milhão de anos, mas isso não vem ao caso agora. A questão é que ele precisa de um nome.

Sim, algumas vezes eu era obrigada a concordar com a Laura e essa foi uma delas. O Cachinhos realmente precisava de um nome, e o mais rápido possível.

Eu me virei para ele.

– Como você quer chamar?

Ele ergueu as sobrancelhas, revezando o olhar perdido entre mim e Laura.

– Eu... eu não sei.

Fui obrigada a sorrir. Típica resposta.

– Alex, não force o cérebro dele. – Laura pediu colocando as torradas na mesa e abrindo a geladeira para pegar a geleia – Pode começar a sangrar, sei lá. Não queremos nenhum dano permanente.

– Assim você assusta o menino. – falei com os olhos estreitos, puxando uma torrada para mim e me virando para ele – Pode sentar aqui, ela não morde. – completei apontando para a cadeira imediatamente

ao meu lado.

Ainda meio deslocado, ele se sentou.

Foi como se tivessem ligado o aquecedor bem ali. Eu podia sentir o calor que emanava dele e, mesmo assim, não era incômodo. Era uma temperatura agradável, aconchegante. Era quase... protetora.

– Alex?

Foi só quando tive de abrir os olhos que percebi que eles estavam fechados.

– Oi.

Laura riu.

– Acho que é com o seu cérebro que nós precisamos tomar cuidado.

Estreitei os olhos.

– HAHA, muito engraçadinha. – me virei para ele – Pega alguma coisa, você deve estar com fome.

Ele assentiu meio mecanicamente com a cabeça e puxou uma torrada para si, enfiando-a na boca.

– Você não vai passar nada nela? – ele parou, parecendo uma estátua de cera. Eu balancei a cabeça

– Tudo bem, esquece.

Laura pigarreou, sentando-se à nossa frente.

– O que foi? – perguntei dando uma mordida na torrada.

– O nome dele, Alex. – ela falou cruzando os braços – Estou esperando.

– Mas ele disse que não sabe...

– Você pode inventar um, oras. Podia ser um nome grego pra você não se sentir tão solitária e excluída.

Parei, pronta para xingar Laura da primeira coisa que viesse na minha cabeça. Mas então meu cérebro pareceu processar a informação e aquilo começou a fazer sentido. Podia facilmente pensar em um nome mitológico para ele. Era óbvio, estava ali. E isso ainda ajudaria a inventar uma história para ele caso eu precisasse apresentá-lo à dona Alice qualquer dia desses.

– Eros.

– Quê?

– Eros. – eu repeti – O nome dele. Sabe, cupido...

– Não tinha nada mais original, não? – Laura rebateu, sarcástica. Como sempre – Ou menos pervertido, quem sabe?

Parei com a torrada a meio caminho da boca.

– Ele não precisa saber o que significa. – me virei para o Cachinhos – Você gosta de Eros? Quer dizer, pra ser o seu nome...

Ele parou de mastigar, parecendo pensativo.

– Gosto.

Sorri e ele sorriu de volta.

– Então de agora em diante você é o Eros.

– Viu, foi fácil, rápido e indolor. – Laura brincou, começando a recolher as coisas da mesa – Agora andem logo ou nós vamos nos atrasar.

Quase engasguei com o resto da torrada. Por algum motivo misterioso – ou nem tanto assim – havia me esquecido de que devia ir para a aula e de que aquilo implicava em levar o Eros comigo.

– O que a gente vai fazer com ele? – arrisquei, na esperança de que Laura pensasse em alguma coisa ligeiramente mais sensata.

Não aconteceu.

– Levamos com a gente.

– Mas não dá! – eu grunhi, um pouco histérica demais – Quer dizer... eu não sei, eu...

– Está com ciúmes dele. – ela completou a frase de forma correta, embora não estivesse com vontade de admitir aquilo naquele momento.

Porque era verdade. Ele ia chamar a atenção de todos e aquela não era uma ideia que me deixasse exatamente confortável.

– Não estou nada. – retruquei cruzando os braços e, conseqüentemente, me entregando – É só que estou preocupada com ele, oras.

Laura jogou a louça na pia.

– Aham, dona mentira. Olha, não se preocupe... vai dar tudo certo.

Claro, para a Laura, tudo sempre dava certo. Só que no mundo assombrado da Alexandra, as coisas não eram bem assim. A questão é que, aparentemente, eu não tinha muitas opções.

– Cachinhos – parei, fechando os olhos – Eros – corrigi – Você vai com a gente pra faculdade, tudo bem?

Ele assentiu prontamente. Ele sempre concordava com tudo que eu dizia e aquilo era ligeiramente perturbador.

– Vou buscar um tênis pra ele. – Laura falou saindo da cozinha – Quanto você acha que ele calça?

Tentei reprimir uma risada ao me lembrar de uma certa associação.

– Com esse tamanhão todo, uns quarenta e quatro...

Laura estava parada com o olhar distante e tive a certeza absoluta de que ela tinha se lembrado da mesma associação que eu. Claro.

– Laura! – grunhi.

– Oi. Já volto.

Ri e balancei a cabeça. Ela conseguia ser a perversão em pessoa.

– Por que você está rindo? – o cachinhos perguntou sorrindo junto comigo.

Eu o encarei, pensativa. Só queria entender como ele conseguia fazer aquilo comigo, por quê ele conseguia fazer aquilo. Por que o simples olhar dele era como uma injeção de anestésico, por que o sorriso parecia me fazer esquecer dos problemas e me sentir tão protegida?

– Não é nada. – respondi quando consegui voltar a mim outra vez – Coisa da Laura.

– Alexandra... – ele começou e meu coração ficou daquele jeito estranho outra vez – Tem certeza que vocês querem que eu vá com vocês? Não quero atrapalhar e –

– NEM – eu o interrompi – pense em ficar longe de mim.

– Quê?

Parei tentando avaliar o quão psicótica aquela declaração poderia ter parecido. Você e sua boca grande, Alexandra, você e sua boca grande.

– Eros, você não tem pra onde ir. Você não tem ninguém... quer dizer, além de mim ou da Laura. Eu te achei, não posso te abandonar desse jeito. Não é certo. Não comece – falei quando ele ameaçou voltar a falar – com esse mimimi. Você não vai ficar longe de mim. Decidi. Além do mais... tem as suas costas. Vai que acontece alguma coisa, não sei. Não quero que você se machuque, por favor.

– Isso foi tão lindo, Alex.

Me virei para a porta da cozinha, lá estava a Laura de novo. Com a sua inconveniência típica.

– Obrigada, Laura. – falei sem emoção.

– Olha, trouxe o tênis dele. – ela falou levantando um par de All Stars pretos – o Rodrigo esqueceu aqui no feriado.

Rodrigo era o irmão da Laura.

Ela estendeu os tênis para Eros e ele os calçou com um pouco de dificuldade na hora de amarrar os cadarços.

– Ficou bom. – ele falou ficando de pé, olhando para os sapatos – Obrigado, Laura. – ele terminou com um sorriso.

– De nada. – ela respondeu com cara de idiota. Era hora de partir.

– Vamos, vamos, estamos atrasados, lembra? – falei entre os dentes, empurrando Laura para fora da

cozinha.

– Nossa, quanta pressa... – ela falou puxando as chaves de cima da estante da tevê e se esquivando de mim – Mas eu sei andar sozinha, obrigada.

Recolhi os braços mecanicamente, percebendo que ainda estava a empurrando. Essa era uma outra mania irritante do meu cérebro: Fazer coisas repetitivas quando eu estava nervosa, sem me deixar me dar conta de que as estava fazendo, efetivamente.

Olhei para Eros para ter certeza de que ele continuava ali e de que não ia fugir ou qualquer coisa assim.

– Eu não vou fugir ou qualquer coisa assim.

Abri a boca na intenção de explicitar que ele havia acabado de verbalizar o meu último pensamento, mas mudei de ideia ao perceber que aquilo poderia soar ligeiramente perturbador.

– Tudo bem, vamos. – preferi dizer no lugar e decidi que havia sido a escolha certa.

Por algum milagre divino, não chovia mais. Ao que parecia, a chuva da semana toda havia decidido que a noite anterior era um bom momento para desabar sobre nossas cabeças e assim ela tinha o feito. Tive que concordar com ela daquela vez.

– Eu gosto do sol. – Eros falou olhando para o céu, assim que pisamos na rua – Gosto... do céu.

Sorri. Finalmente ele tinha decidido que gostava de alguma coisa por livre e espontânea vontade.

– É bonito... – concordei – Mas você não precisa parar no meio da rua pra olhar pra ele. Sabe, costuma ser meio fatalmente perigoso.

Ele ergueu as sobrancelhas e revirei os olhos. Se eu não soubesse que tocá-lo me faria ter espasmos involuntários e provavelmente fazê-lo gritar de dor, eu já o teria arrastado para a calçada com um puxão nada delicado.

– Ah, claro. – ele concordou e terminou de atravessar a rua, olhando tão maravilhado para cima e para os lados que quase me convenci de que aquela era a primeira vez que ele via o mundo exterior – Desculpa.

– Não precisa ficar se desculpando por tudo, tudo bem? – eu o corriji – Quer dizer, as pessoas não vão ser tão legais com você o tempo todo. Na verdade, elas não vão ser tão legais assim.

– Por quê?

Jesus, como ele era complicado. Encantadoramente complicado, mas ainda assim era um problema.

– Porque... não vão. – me limitei a responder.

Poderia filosofar ali sobre a natureza humana e tudo mais, mas não estava com vontade de fritar meus neurônios, já que o sol já estava fazendo isso por mim com uma eficiência invejável.

Pelo menos ele pareceu ficar satisfeito com a resposta e ficou quietinho. Por mim, eu andaria o mais lentamente possível, disposta a adiar ao máximo o momento em que ele teria que ser exposto ao bando de meninas depravadas daquele instituto.

Sim, porque elas eram depravadas. Especialmente a Helena. E, claro, ela era a minha maior preocupação naquele momento. Com razão.

Foi só nós pisarmos no instituto que todos os olhares se voltaram para o Eros. Todos. Até os dos meninos, que pareciam estar encarando uma espécie ameaça em potencial e, sinceramente, eu tinha que concordar com eles.

Mas, de longe, os piores olhares eram os dos troianos. O da Helena, para ser mais precisa. Eles brilhavam com uma intensidade medonha, como se ela tivesse acabado de olhar para um pedaço de filet mignon depois de duas semanas sem comer.

Respirei fundo. Eu era uma pessoa sensata e não ia fazer nada. Até porque nem podia fazer. Se pudesse, já teria agarrado o braço do Eros e ficado ali abraçada nele, eternamente se fosse possível.

Impotente, fiquei apenas encarando a referida pessoa, que de vez em quando sorria maliciosamente e ficava de fofquinhas com a Jéssica – espero que se lembrem dela.

– Oi, Alex!

Foi só quando consegui juntar a imagem desfocada na minha frente que eu percebi quem era.

– Oi, Dan. – respondi sem emoção e ele franziu as sobrancelhas, confuso.

– Você está bem? – ele virou o rosto para onde eu estava olhando – Ah, entendi. Respira, ok?

– Ela está com ciúmes do Eros, só isso.

– Laura! – grunhi e ela deu de ombros.

– É verdade, ué.

– Eros? – Dan perguntou olhando para ele, que parecia mais perdido que todo mundo ali.

– É. – confirmei e apontei para o Cachinhos – Esse é o Eros. Ele é um... amigo grego da família.

Torci para a desculpa parecer o mínimo aceitável.

– Legal. – Dan finalmente falou sorrindo e respirei fundo, aliviada – Prazer, meu nome é Daniel.

Mas pode me chamar de Dan. – ele completou estendendo a mão e eu engoli a seco quando Eros estendeu a mão também para cumprimentá-lo.

Nada aconteceu.

– Prazer.

Aquilo era perturbador. Por um lado, eu não queria que ele sentisse dor ao tocar as pessoas, mas, se isso acontecesse, pelo menos eu ia me sentir um pouco menos maluca. Tinha alguma coisa estranha ali e era só comigo.

– Ahn... vamos para a sala... – falei tentando abstrair todas as informações dos últimos minutos e fiz sinal para que eles me acompanhassem.

Com a graça do senhor bom Deus, a sala estava relativamente vazia. Algumas poucas pessoas se amontoavam nas primeiras carteiras, mas as do fundo estavam livres. Escolhi as do canto, bem perto da porta caso Eros precisasse de alguma coisa, ou se nós e repente decidíssemos matar aula – nós que, obviamente, não incluía o Dan, porque ele consideraria aquilo um crime ou coisa pior.

Fiz questão de que Eros ficasse com o lugar do lado da parede e eu do lado dele. Sabe, só por medida de segurança.

– E então, quando foi que vocês se conheceram? – Dan perguntou e foi aí que percebi que ele estava do meu lado também.

Mentir era algo fora de cogitação. Além de provavelmente começar a suar feito uma porca no sol, eu ia me embolar na história e o Dan não era o tipo de pessoa exatamente enrolável.

– Foi ontem. – falei, tentando fazer aquilo não parecer estranho – Depois da faculdade... cheguei em casa e ele estava lá.

– Hum... Mas ele não avisou antes que vinha nem nada?

Respirei fundo. Dan e a mania científica que ele tinha de querer encontrar explicações lógicas e racionais para tudo.

– Não, foi meio que...

– Eu vim do céu.

Senti meu estômago revirar e quando me virei para o outro lado, Eros estava sorrindo com aquele sorriso inocente cheio de covinhas que me desnorteou por alguns segundos e me deixou com cara de idiota.

– Céu?

Dan me puxou de volta para a Terra.

– Avião. – expliquei, sem encarar Dan ou ele ia perceber o problema todo – Ele quis dizer que veio de avião, foi isso.

– Mas isso não é meio... óbvio? Quer dizer, não sei como alguém pode vir da Grécia para o Brasil de ônibus, por exemplo.

– Podia ser de navio. – Laura se intrometeu.

– Não acredito que nós estamos discutindo isso.

– Ei, chega. – cortei – Ele não sabe falar português direito, por isso se expressou mal. Ele confundiu essa coisa toda de avião, voar, com céu. – lancei um olhar fulminante a Laura e me concentrei para fazer a frase seguinte soar o mais ameaçadora possível – Entendido?

Ela acenou que sim e voltou a encarar o professor que havia acabado de entrar.

Dan apontou para mim.

– Essa história está muito estranha.

– Mas...

– Mas agora a aula vai começar, então não vou discutir.

A aula estava um porre. Nunca tinha gostado de bioquímica, exatamente, mas o tempo parecia ter encontrado uma forma extremamente eficiente e irritante de passar o mais lenta e dolorosamente possível. Olhei para a esquerda, Dan rabiscava cada vírgula que o professor falava no papel como se a vida dele dependesse daquilo.

Estiquei o pescoço mais um pouco para Laura. Ela estava fazendo qualquer coisa com o celular, provavelmente vendo o vídeo do último episódio de uma série de vampiros pela qual ela tinha se apaixonado instantaneamente.

Respirei fundo e olhei para o relógio. 8h45 e ainda faltava mais uma hora e meia de tortura. Apoiei a cabeça no braço e virei o rosto para a direita. Eros estava tão compenetrado no que o professor falava que quase achei que a aula estava boa e só eu estava sem paciência.

Infelizmente não era verdade.

– No que você presta tanta atenção? – sussurrei para ele sem levantar a cabeça – Duvido que você esteja entendendo alguma coisa.

Ele virou para mim.

– Eu não sei, é... fascinante.

Fascinante? A única coisa fascinante naquela sala era ele, se ele quisesse saber a minha opinião, mas obviamente ele não queria. Nem eu.

– Algum problema, Stavros?

Eu me endireitei na carteira. Maldita mania que os professores tinham de decorar meu sobrenome.

– Não. Desculpa.

O professor não pareceu exatamente satisfeito, mas deu meia-volta e voltou a rabiscar fórmulas na lousa.

– Não sabia que seu sobrenome era Stavros. – Eros falou erguendo as sobrancelhas, como se aquilo o lembrasse de alguma coisa mas ele não tivesse certeza do quê.

– É porque eu não te contei. – respondi sem emoção.

– Você está bem?

Não, não estava bem. Mas também não queria discutir com ele naquele momento.

– Estou.

– Não é o que...

Levantei o rosto assim que ele interrompeu a frase com um gemido de dor baixinho. Senti meu coração pular com força, ele sabia que tinha alguma coisa errada ali.

– O que foi? As suas... – levei minha mão até a parte de trás da camisa dele, sem tocá-lo. Estava ardendo em calor – Costas.

Laura largou o celular imediatamente e me olhou com cara de terror. Eu fiz sinal que sim com a cabeça.

– Assina a lista pra mim, Laura, preciso levar o Eros pra fora.

Discutir não era uma opção, então ela apenas balançou a cabeça positivamente e me levantei, sem nem me dar ao trabalho de ver se o professor ia me pegar saindo da classe ou não. Eu ia sair de qualquer

jeito.

– Vem, Eros! – grunhi baixinho e ele se colocou de pé, com alguma dificuldade.

Queria tanto poder ajudá-lo, era tão frustrante! Eu só queria entender... Balancei a cabeça para afastar o pensamento, não era hora de pensar naquilo. Precisava tirá-lo dali antes.

Devagar, ele conseguiu se arrastar até a porta da sala. Não fazia sentido eu ficar ali parada sem fazer nada, não fazia! Talvez se eu pudesse encostar nele sem ser diretamente na pele... talvez... podia dar certo.

– Eros, vou tentar fazer uma coisa, se doer, você me avisa, por favor. – ele fez que sim com a cabeça – Sem masoquismo, prometa.

– Alex, nada vai doer mais do que já está doendo, acredite...

– Ok, vou encarar isso como um “eu prometo”.

Respirei fundo e fechei os olhos por alguns segundos. Devagar, eu levantei a mão e fui aproximando-a do braço dele. Se desse errado e ele gritasse eu ia me odiar pelo resto da vida ou um pouco mais, mas era um risco que precisava ser corrido.

Senti meus dedos tremerem quando a ponta deles tocou o tecido da camiseta. Meus pelos se arrepiaram. Ouvi Eros suspender a respiração através da minha própria que já estava suspensa. Faltava só um pouco, um centímetro ou dois.

Fechei os olhos e avancei, esperando ouvi-lo gritar.

Não aconteceu.

Apesar disso, eu conseguia sentir as faíscas que saíam da pele dele e passavam para a minha mão, exatamente como das outras vezes. A camiseta não fazia diferença nenhuma. A não ser pelo fato de que...

– Não doeu. – ele concluiu meu próprio pensamento.

Soltei o ar aliviada.

– Graças a Deus, funcionou! – passei a outra mão pela cintura dele, única e exclusivamente para ampará-lo, que isso fique bem claro.

– Agora você pode encostar em mim

Desejei que ele não tivesse dito aquilo. E desejei porque meu cérebro perturbado fez o favor de criar inúmeras situações que envolviam tocá-lo – e que não merecem ser descritas – em questão de milésimos de segundo, o que não ajudava muito naquele momento.

Respirei fundo, sacudi a cabeça e o ajudei a sentar em um banco ao ar livre, na sombra. A ideia que meu cérebro deu em seguida parecia tentadora demais para ser guardada no meu subconsciente – ou nem tão sub assim.

– Tive uma ideia – falei parando na frente dele, com as mãos na cintura. Engoli a seco – Tire a camisa.

– Como é?

– Tire a camisa, Eros. Eu vou lá ao banheiro, molho ela na pia e você coloca nas costas. Pode ajudar a baixar a temperatura, sei lá.

Claro que a parte de vê-lo sem camisa simplesmente por ver podia ser ocultada sem problema nenhum.

– Tudo bem.

Concentrei toda a minha atenção em permanecer inexpressiva, apesar do meu corpo não estar com vontade de concordar comigo. Foi rápido, mas fiz questão de gravar cada movimento dos braços dele com precisão no meu cérebro para eventuais consultas posteriores.

Com os cachinhos mais bagunçados do que o normal por causa da camiseta, ele a estendeu para mim.

– Eu já volto, um minuto. Não saia daí e não converse com... com ninguém, na verdade.

Ele fez que sim com a cabeça e ficou lá, sentado com os braços apoiados nos joelhos e a cabeça

para baixo.

A camisa, Alexandra, a camisa.

Isso, a camisa.

Fui na direção do banheiro andando o mais rápido que conseguia sem parecer uma louca desvairada. Por sorte, estava vazio, ou ia ficar imaginando o que as pessoas sem desvio comportamental pensariam que eu estava fazendo encharcando uma camisa masculina na pia.

Enfie-i-a debaixo d'água e fiquei vigiando a porta enquanto a camisa molhava. Quando achei que já estava bom – o que não demorou muito porque queria sair correndo dali – fechei a torneira e saí com o negócio pingando corredor afora.

Quase caí dura quando olhei para o banco onde tinha deixado o Eros.

Helena.

– EROS! – gritei correndo na direção dele – O que falei sobre não conversar com ninguém?

– Mas ela...

– Eu estava só conversando com seu novo amiguinho, Alexandra.

– Ótimo, agora você pode ir embora. – falei me aproximando dele – Eu já voltei, estou cuidando dele.

Ela se levantou com um sorriso desdenhoso nos lábios.

– Eu vou voltar.

Eu vou voltar, ela que PENSASSE em voltar e ia se arrepender de ter entrado na minha vida. Calma, Alexandra, respire... Era eu quem estava com o Eros naquele momento, e era eu quem ia continuar com ele.

Ainda quieta, me aproximei das costas dele. Estavam vermelhas, como da primeira vez. O calor era tanto que nem era preciso chegar muito perto pra sentir.

– Vou colocar a camiseta molhada, pode arder um pouco.

Com o maior cuidado possível, pousei a camisa sobre as marcas nas costas branquinhas dele e senti que ele tremeu com o toque.

– Tudo bem, já foi a pior parte. – falei me sentando do lado dele – Agora vai aliviar, você vai ver só.

– Obrigado.

– Eros, eu preciso te falar uma coisa. – coloquei minha mão sobre a perna dele, sabendo que não ia machucá-lo – Me prometa, por favor, que você não vai falar com a Helena de novo. – o olhar dele era indecifrável, mas eu não podia arriscar – Por favor.

– Por quê?

– Olha, é difícil de explicar, mas você precisa confiar em mim. Pode ser?

Ele respirou fundo e sorriu com as covinhas.

– Pode.

Sorri de volta, aliviada.

– Eu queria poder te abraçar... – e daquela vez eu não me arrependi de ter dito aquilo. Era quase como se eu tivesse permissão de dizer aquele tipo de coisa por algum motivo misterioso, mas não ia questionar.

– Bom, se eu não estivesse sem camisa agora, você poderia.

Não vou explicitar o que aquilo me lembrou, mas me fez pensar que pelo menos aquilo significava que ele queria me abraçar também. Ou que não se importaria se eu o abraçasse.

– Como estão as costas? – mudei de assunto.

– Bem melhor. – ele respondeu puxando a camisa e se endireitando – Acho que eu já consigo... ficar normal.

Eu sorri.

– Mas o que é isso que acontece do nada com você?

– Não faço a menor ideia. E desculpa fazer você passar por isso. Sabe, não quero dar trabalho.

– Você não é trabalho nenhum, Eros. Agora vem, vamos embora.

– Pra onde?

– Pra casa, não tenho aula hoje à tarde. – respondi dando de ombros – Além disso, minha mãe deve estar ligeiramente preocupada.

As pessoas no ônibus não pareciam exatamente confortáveis com um homem vestindo uma camisa branca encharcada, mas não havia nada que elas pudessem fazer a respeito. Por sorte, as ruas estavam bem tranquilas, então não precisei ficar aguentando os olhares caindo sobre mim por muito tempo.

Eros ficava olhando para os lados dentro do ônibus, parecendo maravilhado com cada coisa que ele conseguia enxergar. Era estranho. Era quase como se ele nunca tivesse visto alguma coisa parecida na vida – o que, convenhamos, seria impossível.

– Quer puxar a cordinha? – perguntei quando ele tirou a cabeça da janela e tive que rir.

Os cachos estavam todos bagunçados, parecia que ele tinha ficado umas duas semanas sem dar um jeito no cabelo. Parecia, pra falar a verdade, que ele tinha enfiado um poodle amarelo na cabeça.

– Posso?

Eu ri.

– Pode. Vai, pode puxar, é o próximo ponto.

Eros sorriu e balancei a cabeça. Às vezes ele parecia uma criança que tinha crescido demais, com toda aquela inocência deslocada que eu não sabia de onde vinha.

Todo feliz, ele puxou a referida cordinha e o ônibus parou um pouco depois.

– Foi divertido. – ele falou pulando os degraus quando desceu na calçada, sorridente.

– Você nunca andou de ônibus antes?

A expressão dele ficou daquele jeito confuso.

– Eu... não sei.

Ergui as sobancelhas. Devia saber que ele ia responder aquilo, era quase uma marca registrada àquela altura do campeonato.

Fui caminhando com ele em silêncio pela rua, até que minha casa ficou visível. Era melhor avisar o Eros de algumas coisas antes que fosse tarde demais.

– Eros, preciso te falar umas coisas antes da gente entrar em casa. – ele fez que tudo bem com a cabeça – Bom, em primeiro lugar, tenho um cachorro psicopata, te explico o que é isso depois. Então ele vai latir e pode tentar te morder, mas ele é pequenininho e enjoa fácil das coisas, então não vai machucar e vai te deixar em paz bem rápido. Tem o meu irmão, que só vai pra escola de tarde então ainda deve estar em casa. Ele é insuportável, então não se espante. E tem a minha mãe, que provavelmente se empolgar quando te vir... – olhei para o Eros e ele estava com a expressão mais confusa que alguém é capaz de colocar no rosto – Ok, vamos entrar, você vai ver por si só.

Assim que enfiei a chave na fechadura do portão, Sócrates apareceu na janela e começou a latir e abanar o rabo alucinadamente, pulando em círculos até cair de cima do sofá depois de pisar em falso no encosto do sofá em questão.

– Aquele é o Sócrates. – anunciei fechando o portão atrás de Eros.

– Ele é engraçado.

– Ele é problemático, isso sim. – respondi rindo, depois coloquei a mão na maçaneta da porta – Bem-vindo à minha casa.

Fui abrindo a porta devagar, esperando um ataque fulminante do Sócrates. Mas não aconteceu e fiquei chocada.

Em vez de sair destrambelhado pela casa, o cachorro veio andando quietinho na nossa direção, abanando o rabo, até parar sentado na frente do Eros com as orelhinhas para trás.

– Não estou entendendo nada. – disse em choque – Ele deveria estar latindo e pulando loucamente nas suas pernas nesse momento.

Até o Apollo – que até aquele momento estava jogando videogame na sala – se espantou.

– O que foi que você fez com o Sócrates? – ele perguntou vindo na nossa direção com as sobranceiras cerradas.

Sinceramente, mal conseguia me lembrar das vezes que ele vinha falar comigo de bom humor.

– Não fiz nada, seu retardado.

Foi quando ele parou na nossa frente e olhou para Eros, desconfiado.

– Quem é esse?

– Esse é o Eros. – respondi com calma – Ele é um amigo meu... Ele é brasileiro, mas viveu na Grécia muito tempo por causa da mãe... e voltou agora.

Por algum motivo, eu sabia que inventar uma história diferente para cada pessoa que me perguntasse quem era o Eros não era exatamente uma boa ideia. Mas não tinha tempo para pensar, então ia ter que ficar daquele jeito mesmo e torcer para que as pessoas em questão não se encontrassem e começassem a discutir o assunto.

– Prazer. – Eros estendeu a mão para Apollo, sorrindo.

Meu irmão simplesmente ergueu as sobranceiras com cara de desdém e cruzou os braços, lançando um olhar de desprezo à mão estendida. Tive vontade de socá-lo.

– Oi. – ele falou sem emoção e deu meia volta, voltando para o videogame.

– Apollo!

– Não enche, Alex.

– Você não fale assim com o Eros! – grunhi.

– Deixa ele. – Eros me interrompeu com sua calma característica – É só uma criança. Não quero que você brigue com seu irmão por minha causa.

Eu ri, de nervoso, claro.

– Sempre brigo com ele, não se preocupe. Com ou sem você aqui. Não sei qual é o problema desse menino.

– Alexandra? – ouvi minha mãe me chamar da cozinha.

– Oi, mãe, cheguei.

Dona Alice saiu da cozinha com as mãos enroladas num pano de prato, o cabelo preso em um coque e um sorriso no rosto. Assim que colocou os olhos em Eros, o sorriso dobrou de tamanho e ela me lançou aquele olhar de quem diz “hum, parabéns...”

– Quem é o moço? – ela perguntou, toda interessada.

Não sei por que tanto interesse, a essa altura do campeonato ela já devia saber que o meu potencial para, algum dia, conseguir um namorado daquele naipe era menor que zero.

Lá íamos nós com a história outra vez.

– Ele é aluno de intercâmbio, mãe. É grego, mas fala português. – os olhinhos da dona Alice brilharam com a nacionalidade que eu tinha inventado. Ponto – Daí eu estava pensando se ele pode ficar aqui em casa alguns dias, até encontrar um lugar pra ficar.

Respirei fundo, aquela desculpa era ridícula. Mas tinha esperanças de que a minha mãe não soubesse que alunos de intercâmbio não saem pedindo moradia aleatoriamente por aí.

– Eu acho que... preciso falar com o seu pai.

– Ele não vai ficar aqui, mãe. – Apollo se intrometeu sem desgrudar os olhos da tevê. Ai como eu tinha vontade de socar aquele menino contra a parede – A gente não o conhece.

Respirei bem fundo.

– Mãe, é só por uns dias. O Eros é quietinho, não vai dar trabalho nenhum.

– Eros? – ela perguntou com um sorriso bobo no rosto.

Lógico que ela sabia o que aquilo significava.

Ele estendeu a mão.

– Prazer.

O sorriso nos lábios dele era tão gentil que minha mãe não conseguiria ficar séria nem se precisasse daquilo para sobreviver. Na verdade, eu desconfiava seriamente de que Apollo também não conseguiria manter a cara fechada diante do sorriso do Eros se se desse ao trabalho de desviar os olhos da tevê.

– Prazer, Alice. – ela respondeu toda boba, apertando a mão de Eros.

Embora eu soubesse que nada ia acontecer com ele ou com ela, ainda era desconfortável ver alguém o tocando daquele jeito.

– E então? – insisti, movendo as mãos em círculos – Pode ficar aqui? Até o papai chegar, pelo menos.

– Claro, claro. – vitória – Até o seu pai chegar não tem problema nenhum, depois vejo com ele o que nós podemos fazer.

Precisei esticar o pescoço para lançar um olhar provocativo a Apollo. Ele apenas balançou a cabeça e bufou alto, mas aquilo já era o suficiente para mim.

Sorri satisfeita e abracei minha mãe

– Obrigada, mãe. Mesmo.

– Obrigado. – Eros repetiu, ainda sorrindo.

Eu estava quase convencida de que o sorriso dele devia ser alguma coisa proibida por lei.

– O almoço já está quase pronto, você podia ir arrumando seu quarto enquanto isso.

– Mãe! – eu a reprimi entre os dentes.

Não era hora de arrumar o quarto, francamente.

– Aproveite e peça ajuda ao seu amigo, oras. – ela respondeu dando de ombros com naturalidade, voltando para a cozinha – Ele parece ser bem fortinho.

Meu queixo caiu. Em primeiro lugar, por ela ter me mandado ir limpar o quarto na frente do Eros. Em segundo, por ter me mandado ir para o quarto com o Eros. Realmente, dona Alice não batia bem.

– Vem, vou te mostrar meu quarto, já que a minha me abrigou a virar faxineira.

Fazendo sinal para que Eros me seguisse, subi as escadas e parei na última porta à direita.

– Não repare na bagunça, apesar de ser uma coisa impossível.

Girei a maçaneta e quis me enfiar no primeiro buraco que eu visse na minha frente. Ser uma pessoa desorganizada não era algo que eu quisesse ser naquele momento, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Sendo assim, entrei tentando parecer que não estava morrendo de vergonha da situação lastimável do meu quarto e comecei a recolher as roupas jogadas que eu conseguia alcançar.

– Gostei daqui. – Eros falou com aquele ar de maravilhado e tive que parar.

– Não precisa mentir, isso aqui está um chiqueiro. Bom, depois que eu der um jeito vai ficar um pouco mais apresentável, acredite.

Ele sorriu.

– Mas é verdade, eu gosto. Posso te ajudar?

Parei por um segundo, avaliando se deveria ou não fazer aquilo, até que decidi que sim.

– Pode. – respondi e joguei todas as roupas que estavam nos meus braços na direção dele.

Eros ficou parecendo uma arara de roupas, imóvel. Eu estava quase explodindo para rir, mas achei que talvez pudesse ter alguma coisa errada ali.

– Eros? – falei baixinho, me aproximando devagar – Tudo bem aí?

Erro fatal. Mil vezes mais rápido e mais forte que eu, ele jogou as roupas de volta em mim, me pegando de surpresa e me fazendo perder o equilíbrio e cair sentada no meio da bagunça.

Eu estava prestes a ficar com raiva, mas comecei a rir.

– Seu retardado! – falei rindo, tirando as roupas de cima de mim – Quer fazer guerra, é?

Ainda sentada, puxei uma camiseta do chão e atirei na direção dele, que abaixou e fez a camiseta ir parar no criado-mudo.

– Você começou! – ele retrucou rindo sem parar, se esquivando de todas as roupas que eu conseguia alcançar e atirar contra ele, até que ele pegou meu travesseiro para usar de escudo.

– Escudo não vale!

Eu me coloquei de pé e procurei por alguma coisa da qual Eros não conseguisse se esquivar ou defender.

Meias, não. Camisetas de novo, não. Calças, talvez... mas não. Lençol... perfeito.

– Olha, isso é injusto... – ele falou apontando para mim, colocando o travesseiro na frente do rosto.

– Escudo também é injusto. – retruquei fazendo uma bola com o lençol, chegando perto dele para ter certeza que eu não ia errar.

Ele começou a se encolher conforme fui me aproximando, rindo e fechando os olhos, como se esperasse por uma bolada.

– Alexandra, não...

– Eros, sim... – eu o imitei, fazendo-o ficar sem ter para onde ir, encostado na cama – Não vai doer, só preciso me vingar.

Foi quando ele se encolheu tanto que acabou caindo deitado de costas no colchão e eu não tive dúvidas: Era hora de atacar.

Sabendo que nunca seria forte o suficiente, puxei o travesseiro das mãos dele e joguei a bola de lençol malfeita em um Eros todo encolhido na cama, fazendo o lençol se abrir no meio do caminho e cobri-lo da cintura pra cima.

Eu, muito esperta, fui tentar chegar mais perto para embolá-lo de vez no lençol e acabei tropeçando nas roupas que eu mesma tinha jogado ali. Resultado: fui parar em cima do Eros, toda desajeitada.

Primeiro, pensei em xingar a mim mesma pela burrice de ter tropeçado nas roupas, mas depois percebi o que aquilo significava. Eu estava encostada nele.

Claro, havia um lençol entre nós, mas ainda assim, era o mais perto que já tinha conseguido ficar de Eros e, quando meu cérebro processou a informação comecei a esquentar, ter sensações estranhas e tinha certeza que poderia ser confundida com um tomate a qualquer momento.

– Foi divertido. – ele falou sorrindo, imóvel, mas eu não estava prestando muita atenção.

73

Estava mais preocupada em analisar cada detalhe do rosto dele. Cada cachinho loiro bagunçado que caía pela testa, o azul tão brilhante dos olhos, as covinhas fundas, o ar de inocência de quem não tem a menor noção do que está acontecendo... Estava tão distraída que não ouvi os passos apressados que subiam as escadas, e só me dei conta de que alguém se aproximava quando a voz insuportável do Apollo ficou mais alta do que o necessário.

– Vocês estão me atrapalhando no jo... – ele parou na porta, olhando boquiaberto para a cena na cama – MAMÃE!

Quatro

Os mesmos olhos em rostos diferentes

O problema daquele dia não foi a minha mãe, como Apollo esperava. Em vez de se descabelar com a declaração do meu irmão sobre como ele tinha me visto agarrar o Eros na cama, ela simplesmente me olhou com aquela cara de “finalmente”.

– Nós fizemos alguma coisa errada? – Eros perguntou quando o arrastei para fora de casa para dar uma volta.

A última coisa que eu queria naquele dia era ter de dividir o mesmo cômodo – ou habitação – com o Apollo.

– Não. – respondi tentando criar uma expressão inabalável que, eu sabia, não ia funcionar – Meu irmão que exagera nas coisas, não ligue pra ele.

– Mas eu ligo pra você. – eu precisei parar para absorver a frase – E você não está bem. Consigo... sentir.

Claro, aquilo era fácil de dizer com a minha capacidade nula de esconder sentimentos do mundo a minha volta. E ele estava certo, no fim das contas. Estava certo porque, embora eu não quisesse admitir, talvez estivesse começando a... não.

– Não é nada. – insisti, tentando fingir um sorriso que sabia que não enganaria ninguém – Eu só preciso dar uma volta.

Eros sorriu do mesmo jeito.

– Tudo bem.

Preferi ficar quieta a maior parte do tempo enquanto nós andávamos pela vizinhança. Parecia que só a presença dele já era o suficiente para aliviar as coisas, mesmo quando ele era a minha maior preocupação.

– Acho que meu pai chegou. – anunciei quando percebi que já estava escurecendo – É melhor nós entrarmos antes que o Apollo distorça toda a história para ele também.

Dito e feito. Assim que pisamos em casa, meu pai se virou no sofá e me olhou daquele jeito sério. Apollo, sentado do lado dele, parecendo uma cópia em escala reduzida do senhor Ares, estava sorrindo satisfeito. A vontade de socá-lo só crescia a cada dia.

A única coisa boa ali foi a cara de espanto do meu pai quando colocou os olhos em Eros. Acho que ele nunca tinha trombado com um homem daquele tamanho – tanto em altura quanto em força – antes. E o fato de eu estar do lado dele parecia só intensificar o espanto. Teria sido hilário, se eu não soubesse o que viria a seguir.

– Nós precisamos conversar, Alexandra.

Problemas. Sempre que meu pai me chamava pelo nome inteiro – porque convenhamos é um nome enorme – era porque eu tinha feito alguma coisa errada. Só que a questão é que naquele dia eu não tinha.

– Pai, o Apollo inventou tudo. Eu juro.

– Não inventei! – Apollo se intrometeu se ajoelhando no sofá – Pai, eu vi!

– Vou te matar, Apollo! – grunhi entre os dentes e senti uma mão pousar sobre o meu ombro.

– Tudo bem, ele é uma criança. – era Eros.

Embora não quisesse que ele fizesse aquele tipo de coisa naquele momento, foi como se eu tivesse tomado um vidro de calmante – mas sem o efeito do sono. Eu estava tranquila. Incrivelmente calma, como se o Apolônio não fizesse diferença na minha vida. Eu podia me acostumar com aquilo.

– Tá, vamos conversar. – falei com calma e senti quando Eros afastou a mão de mim outra vez.

Meu pai se levantou e apontou para a cozinha. Claro, era sempre onde nós conversávamos quando tinha alguma coisa errada – embora não tivesse absolutamente nada de errado daquela vez.

Para meu alívio, minha mãe também estava lá.

– Olha, pai, não sei o que o Apolônio te contou, mas é mentira. – me adiantei, antes que ele pudesse lançar qualquer acusação infundada contra mim – O Eros é meu amigo e precisa de um lugar para ficar por uns tempos. Só isso.

– Alexandra, sei que você não é mais criança. – que bom que ele sabia, mas eu não queria discutir aquilo naquele momento. Muito menos com ele – E entendo que você esteja começando a se envolver com garotos, mas é preciso haver limites.

Respirei fundo. Eu não ia gritar que nem uma louca dizendo que o Eros era só meu amigo, porque tinha certeza que dona Alice tinha feito questão de distorcer a coisa toda pro papai também.

– Pai... – e eu me virei para minha mãe pra deixar a coisa bem clara – e mãe. O Eros é meu amigo, nós estávamos só brincando no quarto, ok? Foi um acidente.

Minha mãe parecia estar achando aquilo tudo muito engraçado, mas eu não.

– Você sabe o que acidentes podem gerar, não sabe?

Fechei os olhos e respirei bem fundo. Não estava tendo aquela conversa, na cozinha, com o meu pai, com o Eros na sala. Aliás, eu não queria ter aquela conversa nunca, se possível.

– Sim, eu sei, e vocês não precisam se preocupar. – respondi, tentando encurtar ao máximo a tortura pela qual eu estava passando – Mas e então, o Eros pode ficar aqui? Por uns tempos?

Tentei não soar aflita, mas minhas habilidades de atuação eram zero. Mordi o lábio inferior e cruzei os braços, esperando pela resposta.

– Por favor. – insisti.

– Tudo bem. – meu pai respondeu depois de um segundo que pareceu imenso e tive de me segurar para não dar um pulinho de felicidade, mas a expressão no rosto dele não amoleceu, era quase como se ele soubesse que havia alguma coisa errada. – Mas há condições.

Claro, eu devia ter adivinhado. Nada vem tão fácil assim, ainda mais no mundo assombrado da Alexandra.

– Que condições?

Meu pai pigarreou e se ajeitou no lugar.

– Bom, em primeiro lugar ele só está aqui porque você parece gostar dele e porque sua mãe insistiu que ele é um bom garoto. – senti vontade de esmagar minha mãe naquele momento, apesar de eu ter certeza de que o “bom garoto” dela se referia a toda a ascendência grega inventado do menino, mas era a intenção que importava – E em segundo, ele dorme na sala.

– Pai! – grunhi.

Eu não ia deixar o Eros dormir sozinho na sala nem que ele mesmo me pedisse para tanto.

– Alexandra, é a condição.

Respirei bem fundo outra vez.

– Senhor Ares, deixa eu explicar o que acontece. O Eros... bom, ele tem um certo problema nas costas, sabe. – não sabia como explicar, mas precisava inventar alguma coisa – E ela dói meio que do nada. Então acho que seria muito mais prudente se ele pudesse dormir mais perto de mim. Assim, se alguma coisa acontecer, posso ajudar.

– Problema nas costas? – ele repetiu, interessado demais na coisa toda. – Não sei, mas ele parece

bem saudável pra mim.

E como. Mas eu não ia discutir aquilo com meu pai.

– É, pai. Sério.

Eu já estava a ponto de pedir para que a minha mãe interferisse para me ajudar quando ela fez isso por vontade própria.

– Acho que não tem problema, bem. O menino é bonzinho. Eles ficam com a porta destrancada, não vai acontecer nada.

Meu pai deu o suspiro de quem ia ceder. Eu conhecia.

– Tudo bem, Alexandra. – ele finalmente falou, não parecendo exatamente satisfeito, mas eu não ia reclamar. O Eros ia dormir do meu lado e eu precisava me concentrar para não parecer uma louca empolgada demais – Mas quero as chaves do seu quarto na minha mão antes de vocês irem deitar.

– Você vai ficar vigiando? – arrisquei.

– Algum problema se eu ficar?

– Não, não. – respondi de imediato e saí da cozinha sorrindo, trombando com um Apollo bravo espremido na extremidade oposta a que Eros estava sentado – Você vai ficar, Eros.

Nem a cara de indignação estampada no rosto do Apollo fez o sorriso nos lábios cheios de Eros ficar menos perfeito. Era, de longe, talvez o mais perto que eu pudesse chegar do paraíso algum dia – se é que ele existia.

– Mesmo? – Eros insistiu, com aquele ar deslocado – Eu não vou atrapalhar?

– Pergunte isso mais uma vez e te coloco pra fora. – brinquei e ele pareceu não entender a brincadeira – Estou brincando. Vem. – fiz sinal com a mão para que ele me seguisse – Precisamos arrumar as coisas lá no quarto, seu colchão e tudo mais. Sei que é cedo, mas a gente pode ficar vendo tevê lá em cima. Longe do Apollo. – fiz questão de enfatizar em alto e bom som.

Assim que Eros se levantou para me seguir mais uma vez, Apollo saiu do sofá todo destrambelhado, vermelho de raiva na direção da cozinha. Sinceramente, ele era um caso a ser estudado.

Preferi ignorá-lo como de costume, e me saí excepcionalmente bem nisso. O Eros era uma distração e tanto em momentos como aquele.

Quando cheguei no quarto, lembrei que não tinha conseguido arrumar as coisas por causa do ataque do meu irmão. Eu me virei para Eros.

– Olha, dessa vez a gente precisa arrumar de verdade. Sem guerra de lençóis, ou meu pai pode mudar de ideia a qualquer momento.

Ele assentiu prontamente, sério, e começou a recolher as peças do chão enquanto eu tentava colocar o cesto de roupas em um lugar do quarto em que nós dois pudéssemos alcançar.

Foi em silêncio e foi rápido. Mais em silêncio e mais rápido do que eu gostaria, pra falar a verdade, mas, levando-se em consideração que nós vivíamos no mundo assombrado da Alexandra, eu não estava em posição de reclamar.

– O cesto você pode deixar aí, minha mãe pega de manhã.

– Posso levar lá embaixo se você quiser.

– Não, não precisa. – trombar com Apollo e com meu pai era uma coisa que ele, definitivamente, não precisava fazer.

Assim que Eros concordou comigo, fiz sinal para que ele me ajudasse a puxar o colchão que ficava debaixo da minha cama. Normalmente era Laura quem o usava, então ele ficava no meu quarto para facilitar o processo. No fim das contas, acabei não fazendo esforço nenhum, já que Eros puxou o negócio como se estivesse abrindo uma gaveta ou algo assim.

Colchão a postos, puxei um travesseiro e uma coberta da parte de cima do armário e joguei na cama improvisada.

– Acho que você pode tomar banho se quiser. – falei me jogando na minha própria cama.

– É que... eu não tenho roupas.

Droga, tinha me esquecido daquilo. Obviamente, as roupas do Apollo não serviam nele e, mesmo se servissem, tinha certeza que ia ser impossível roubar qualquer coisa. As roupas do papai também ficariam um pouco justas, e eu não estava com vontade de abusar da boa vontade do senhor Ares. Mas talvez...

– Olha, você pode colocar a mesma calça... Enquanto você toma banho, procuro uma camiseta. Devo ter alguma coisa grande que costumo usar como camisola, deve servir em você.

– Por mim tudo bem. – ele concordou sorrindo e aponte para a porta do banheiro, logo de frente para a do meu quarto.

– É ali. Tem toalhas limpas no armário, pode pegar.

Ele assentiu e desapareceu atrás porta. Eu me coloquei de pé e fui na direção das gavetas, tentando não fazer muita bagunça na tentativa de resgatar alguma camiseta que pudesse servir nele.

Foi quando achei alguma coisa perdida na gaveta que me chamou a atenção. Foi como se eu tivesse tido um clique. Peguei o bolinho de luvas de lã e fiquei olhando para ele, como se esperasse que ele me dissesse o que eu já sabia. Se a história das roupas e do lençol tinha funcionado... então com a luva... Peguei o bolinho e o coloquei sobre o criado-mudo. Definitivamente, era algo que ia tentar naquele dia. Voltei para a gaveta e procurei mais fundo, até que encontrei uma camisa enorme – e velha – que eu nem lembrava mais porque estava ali. Mas estava, e era ela que ia servir no Eros.

Peguei a camisa e deitei na cama, esperando que ele saísse do banheiro. Não demorou muito. Assim que Eros chamou meu nome e me virei para a porta, precisei – outra vez – tomar cuidado para não parar de respirar involuntariamente.

– Entra! – consegui dizer depois de depositar toda a minha força de vontade naquilo e ele me olhou assustado, ainda com a toalha nos cabelos.

– Que foi?

– Não acho que é uma boa ideia você ficar desfilando pela casa sem camisa. – não que me importasse, mas meu pai e o Apollo já era uma história bem diferente – Toma, achei essa aqui pra você. É velha, mas amanhã a sua já estará seca.

Joguei a camisa na direção dele, e ele a pegou com facilidade.

Serviu bem. Não que tivesse ficado incrível ou coisa assim, mas para dormir não dava pra reclamar.

– Bom, então agora eu vou. – falei me levantando da cama – Se você quiser ir lá pra sala ver tevê, ou pegar alguma coisa pra comer na cozinha, fique à vontade.

– Acho que vou ficar aqui.

Ótimo, era melhor mesmo. Mas queria que ele se sentisse em casa, não um prisioneiro do meu quarto – embora a ideia não soasse de toda ruim.

– Tudo bem. – respondi tentando parecer amigável e não empolgada.

Peguei meu pijama na primeira gaveta do guarda-roupa, depois fui para o banheiro. O cheiro dele estava lá. Lógico, misturado com o do shampoo e o do sabonete, mas estava lá e precisei me perguntar como tinha conseguido diferenciar uma coisa da outra. Eu estava começando a ficar preocupada.

De qualquer forma, me enfiei debaixo da água morna porque era exatamente do que precisava para me acalmar depois daquela maluquice toda. Fechei os olhos e fiquei ali parada por alguns instantes.

Meu cérebro queria entender o que tinha acontecido, por mais que eu me esforçasse para impedi-lo.

O dia na chuva no estacionamento, o barulho... o deslocamento todo que o Eros parecia ter com o mundo, a inocência irritante, a perfeição, o jeito com que ele olhava para as coisas como se fosse a primeira vez, a marca nas costas, o fato dele ter falado que tinha vindo do... céu.

Eu ri de mim mesma. Maluca, era isso que eu estava ficando.

Deixei a água escorrer pelo meu rosto mais um pouco. Estava confortável ali, podia ficar daquele jeito uma meia hora que nem ia perceber. Ou podia voltar para o quarto e ficar com o Eros.

Dois segundos depois de pensar nisso, já estava com a toalha nos meus cabelos, me secando e querendo enfiar o pijama o mais rápido possível. Por sorte, graças aos meus atrasos constantes, eu era relativamente boa naquilo.

Dei uma penteada no cabelo, pendurei a toalha no box e decidi que estava bom o suficiente. Saí do banheiro e meu quarto estava em silêncio. Quando estiquei a cabeça para dentro do cômodo, procurando por Eros, percebi que ele estava deitado de bruços no colchão, dormindo.

Eu realmente queria entender qual era essa mania que ele tinha de dormir enquanto eu tomava banho, e como ele conseguia fazer isso tão rápido.

Eu sorri. Balançando a cabeça, ainda sem acreditar naquilo, eu caminhei até ele e ajoelhei ao seu lado. Era incrível como Eros dormia tão tranquilamente, do exato mesmo jeito que uma criança faz. Com cuidado para não encostar na pele dele, eu puxei a coberta e o cobri, depois fiquei com as mãos sobre as costas dele por alguns instantes. Estavam quentes, mas nada perto do que tinha ficado mais cedo.

Respirei fundo e me coloquei de pé. Precisava entregar as chaves do quarto para o meu pai ou ele ia dar outro escândalo civilizado como o da cozinha.

Desci as escadas com as chaves nas mãos e apenas acenei com a cabeça quando ele murmurou um “obrigado” não muito convincente. No meio do caminho de volta para o quarto, parei na cozinha para tomar um copo de leite.

Claro que o Sócrates tinha esperança de que eu fosse uma boa pessoa que fosse alimentá-lo, e por isso ele decidiu me seguir e abanar o rabo freneticamente o tempo todo em que fiquei ali.

Aquela era outra coisa que me intrigava. O Sócrates nunca – nunca – deixava de ser um lunático destrambelhado e, ainda assim, ele se comportava como um cachorro treinado na frente do Eros. Era quase como se ele sentisse alguma coisa ali. Quase como se ele soubesse que o Eros era... diferente.

Precisei sacudir a cabeça mais uma vez para parar com aqueles pensamentos e acabei pegando um pedaço de pizza da mesa e jogando para o Sócrates antes de subir.

Assim que cheguei no quarto, fechei a porta atrás de mim – sem as chaves – e deitei na minha cama com cuidado, tentando não fazer barulho. Liguei a televisão no mudo e apaguei a luz. Aquela era uma mania estranha que eu tinha, precisar ter algo com o qual dividir a minha atenção. No meu quarto ou na sala, essa coisa era a tevê.

Estiquei o braço até conseguir alcançar as luvas embotadas no criado-mudo e as vesti. Devagar, deitei de volta, com a cabeça pendendo para fora da cama, para o lado onde estava o colchão do Eros. Ele dormia com o rosto voltado para mim. Era chance perfeita. E ele nem ia saber daquilo.

Com cautela, fui levando a mão na direção dele, medindo mentalmente a força do meu toque que não deveria acordá-lo e preendi a respiração quando meus dedos, protegidos pelas luvas, conseguiram tocar os primeiros cachos de cabelo dele.

Ainda estavam molhados, caídos sobre o rosto. Com delicadeza, afastei os cabelos de sua testa e bochecha, revelando a pele branquinha e levemente rosada, onde eu conseguia sentir um comecinho de barba enroscar nos fios de lã da luva. Controlando o fluxo de ar que entrava e saía dos meus pulmões – tudo para não fazer barulho – deixei minha mão ali nos cabelos enrolados, subindo e descendo o polegar pela maçã do rosto dele. Contornei as sobrancelhas, descí para a linha da mandíbula, cheguei nos lábios. Engoli a seco. Me reprimi mentalmente meio segundo depois, porque aquilo era ridículo.

– Alex!

Quase caí em cima do menino de tanto susto. Se eu pudesse voar no pescoço do meu pai, eu teria feito aquilo naquele instante.

– Pai, assim você acorda ele! – disse entre os dentes, voltando para a posição normal na cama, encarando o senhor Ares que estava parado na porta.

Eu devia ter imaginado que a história de vigiar não era brincadeira dele.

– O que a senhora estava fazendo?

– Vendo se ele estava bem, dando boa noite. – respondi fingindo naturalidade.

Minha mãe com certeza não ia cair nessa, mas meu pai talvez não percebesse a diferença.

– Eu venho ver vocês de novo. – ele falou em tom de desconfiança e fechou a porta.

Estiquei os braços na cama e fiquei olhando para o teto. Meu pai tinha o dom de me irritar quando queria, como tinha.

– Algum problema? – Eros perguntou se virando na cama, os olhinhos pequenos de quem estava dormindo.

– Não, foi só meu pai. Pode voltar a dormir.

– Por que você está usando luvas?

Por que é que ele tinha que reparar naquilo?

– Ahn... nada. – desconversei puxando as luvas das mãos e jogando-as sobre o criado-mudo outra vez – Vamos dormir.

E desliguei a tevê.

• • •

Não sei quanto tempo levei para dormir, mas foi bem mais do que eu gostaria. Pelo barulho – ou falta dele, mais precisamente – podia dizer que Eros tinha desmaiado em menos de dez segundos depois que eu desliguei a tevê. Típico. Qualquer dia eu ia encontrar onde estava escondido o botão liga/desliga dele.

Mas, em algum momento da noite, ouvi alguma coisa. E teria certeza que ainda estava acordada se não tivesse precisado abrir os olhos quando um barulho ensurdecedor rasgou o céu.

Um barulho familiar.

Um barulho que, por algum motivo, sabia que só eu tinha escutado.

Senti meu coração acelerar contra as minhas costelas e peguei o celular para ter alguma luz à mão. Apontei a telinha iluminada para o colchão de Eros e meu estômago deu um looping de alívio assim que percebi que ele ainda estava deitado ali.

Me joguei de costas na cama, respirando forte. Não era nada. Eu estava ficando maluca.

Fechei os olhos – embora não fizesse diferença estar com eles abertos ou fechados àquela hora da noite – e tentei me acalmar. E teria funcionado muito bem se uma mão não tivesse agarrado a minha blusa, me fazendo soltar um grito que nem eu mesma sabia que era capaz de soltar.

– EROS! – grunhi entre os dentes, querendo socá-lo com todas as minhas forças. Era só uma questão de tempo para o senhor Ares aparecer na porta do quarto, eu tinha certeza – Você quer me matar? E morrer junto?

Ele estava sentado no colchão. Acendi o celular outra vez.

– Desculpa. – ele falou tirando a mão da minha blusa e uma parte de mim realmente desejou que ele não tivesse feito aquilo – Senti uma coisa.

– Coisa?

Eu não estava no clima de adivinhação, nem mistério. Meu coração ainda parecia desesperado para sair do meu peito embora, obviamente, quisesse mantê-lo bem ali.

– Foram suas costas? – arrisquei.

Não queria, mas parecia impossível não se importar com ele. Maldito.

– Não... – ele levou a mão ao peito, amassando a camiseta – Foi alguma coisa... dentro de mim.

– Você ouviu alguma coisa?

Bom, não custava perguntar.

– Não sei... Eu senti, Alex.

Apertei o botão no celular quando a luzinha apagou e mirei na direção no rosto dele. Meu queixo caiu.

– O que foi? – ele perguntou assustado, apalpando o próprio rosto, procurando por alguma coisa errada. Mas ele não ia achar nada daquele jeito.

– Seus... olhos.

Eles estavam claros. Claros demais. Quase acesos, eu arriscaria dizer. O azul brilhava de um jeito que nunca tinha visto nos olhos de nenhuma outra pessoa.

– O que tem meus olhos?

– Eles estão... nada.

Não queria assustá-lo. Ele já estava perdido, não tinha ninguém e nem para onde ir. A última coisa que queria era que ele tivesse algo a mais com o se preocupar.

– Tem certeza?

– Tenho – menti.

Com um impulso, levei minha mão ao ombro de Eros, coberto pela camiseta. As faíscas, agora mais familiares, subiram pelo meu braço e se espalharam pelo meu corpo. Eu podia sentir o calor. Podia sentir meu coração voltando ao ritmo normal.

– Vai ficar tudo bem. – continuei, forçando um sorriso que era quase autêntico – Dorme, vai.

– Obrigado. – ele respondeu sorrindo em resposta e assim que piscou os olhos por um tempo maior que uma pessoa normalmente levaria, eles estavam normais outra vez.

E do jeito repentino que Eros sempre fazia, ele voltou a dormir.

Eu não consegui me desligar. Toda vez que arriscava fechar os olhos, era como se o barulho gritasse nos meus ouvidos, era como se alguém estivesse me observando, me seguindo.

Só consegui me sentir segura outra vez quando Eros começou a se mexer no colchão e eu não dei chance de que ele voltasse a dormir.

– Eros?

Ele rolou no cobertor e a camiseta levantou, revelando a barriga despida dele. Provavelmente aquilo era o mais perto de uma tortura que eu já tinha chegado na vida e não era nada agradável, se vocês querem saber a minha opinião.

– Bom dia. – ele falou sorrindo, levando as mãos para trás da nuca sobre o travesseiro – Dormiu bem?

– Aham. – menti, me concentrando ao máximo para olhá-lo nos olhos. Talvez eu estivesse começando a ficar boa naquilo, afinal – E você?

– Bem também. – ele respondeu olhando para mim – Você... parece assustada.

Ele já estava sentado, me encarando com as sobrancelhas franzidas.

– Não é nada, estou bem. – insisti – Vai, vai pro banheiro se trocar pra gente descer e tomar café.

Assim que ele levantou, comecei a rir.

– O que foi?

– Seu cabelo. – respondi rápido, antes que as risadas me impedissem de balbuciar qualquer coisa.

Eros colocou a mão na cintura e estreitou os olhos.

– Não vejo a menor graça. – ele falou forçando seriedade.

– Eu vejo.

Ele simplesmente apontou para mim e foi para o banheiro, me deixando rindo sozinha no quarto. Nesse tempo, aproveitei para me trocar. Embora eu soubesse que ainda era cedo, a ideia de permanecer parada não me agradava desde o barulho que tinha ouvido durante a madrugada.

Enquanto Eros estava no banheiro terminei de ajeitar as coisas no quarto, coloquei o colchão de volta debaixo da cama, e enfiei as cobertas no armário.

– A minha camiseta já secou? – ele perguntou entrando no quarto sem camisa outra vez. Embora eu não reclamasse daquilo, era uma coisa com a qual não queria me acostumar, exatamente.

– Acho que sim. – me limitei a responder e me concentrei em não olhar para nenhuma parte do ser em questão – Vou ver lá embaixo e já volto. Fique à vontade.

Sentindo o coração pulsando forte e o sangue subir para o meu rosto, desci as escadas com uma velocidade tão incrível que me surpreendi por não ter tropeçado e me estabacado no chão. Aparentemente, Apollo ainda estava dormindo – graças a Deus. Minha mãe estava na cozinha, preparando o café, e supus que meu pai estivesse terminando de tomar banho.

– De pé essa hora, Alex? – dona Alice perguntou surpresa quando precisei passar por ela para ir até a lavanderia.

– É, acabei acordando cedo.

A parte do porquê tinha acordado cedo podia ficar para outra hora.

– Como é que está o seu amigo?

– Bem. – respondi procurando a camiseta dele pelo varal. Sem sucesso – Mãe, você viu a camisa dele?

Senti o cheiro do café subir pelo ar e os passos do meu pai descendo as escadas.

– Acho que ela não secou.

– O que é que ele vai vestir agora? – perguntei parando na porta da cozinha com os braços cruzados – Ele não pode ficar andando sem camisa por aí.

Não que eu me importasse, mas essa não era a questão.

– Pegue uma camisa do seu pai no cesto. Ele nem vai dar falta.

E era bom que não desse, porque a ideia nem tinha sido minha. Infelizmente, não estava com vontade de procurar roupa no cesto então peguei a primeira coisa masculina e grande o suficiente ali e, para minha felicidade, era uma camisa social azul.

Respirei fundo, eu podia lidar com aquilo. O Eros não precisava saber da minha fraqueza por homens de camisa social.

– Ficou ótima. – foi tudo que consegui dizer quando Eros terminou de abotoar a camisa e dobrar as mangas – Agora vamos.

Por algum motivo, não me sentia confortável de olhar para ele na minha própria casa. Era como se estivesse escrito na minha testa que eu sentia alguma coisa por ele e meus pais pareciam, inexplicavelmente, sempre ser capazes perceber essas coisas a meu respeito.

O café da manhã foi rápido. Não estava com fome e, graças a Deus, minha mãe estava certa quanto ao senhor Ares: Apesar de dividir a mesa com Eros vestindo uma camiseta que pertencia a ele, meu pai parecia totalmente alheio ao fato.

– Vocês acordaram cedo. – ele observou passando manteiga no pão com a velocidade limitada característica que fazia minha mãe respirar fundo e contar até dez.

– É. – respondi ocupando minha boca com o leite, assim não precisaria prosseguir com a conversa. Eu não queria falar sobre a noite anterior, mas Eros parecia não concordar comigo.

– Ela teve pesadelos. – ele informou com aquela inocência perturbadora. Pela primeira vez quis socá-lo sem me importar se aquilo doeria mais que o necessário ou não.

– Pesadelo? – meu pai prosseguiu interessado.

Bom, pelo menos eles estavam conversando.

– Não foi nada demais. – cortei.

– Você estava assustada.

– Estava porque era um pesadelo, Eros. É isso que pesadelos fazem. Eles assustam.

– E eu senti uma coisa estranha também... – ele continuou e fui obrigada a parar aquilo ali mesmo.

– OK, chega. – falei engolindo um último pedaço de pão e me levantando da mesa – Acho que está na hora da gente ir.

– Mas é tão cedo, filha...

– Combinei de encontrar com a Laura mais cedo hoje, mãe. – inventei na hora, desejando que meu cérebro fosse um pouco mais eficiente no processo todo – Trabalho. Eros?

Ele se levantou meio perdido e ajeitou a roupa ao ficar de pé.

– Leve um pacote de bolacha, você quase não comeu. – minha mãe pediu estendendo o pacote para ele – Olha o seu tamanho, precisa se sustentar.

Eu respirei fundo e Eros pegou a bolacha.

– Podemos ir? – perguntei tentando não parecer tão impaciente quanto eu estava.

Ele apenas acenou que sim com a cabeça e me seguiu.

O ar do lado de fora nunca me pareceu tão agradável, mesmo com o calor insuportável de São Paulo.

– Eu falei alguma coisa errada? – Eros perguntou enquanto nós seguíamos para o ponto de ônibus.

– Falou.

– Desculpa...

Tentei não olhar para a cara de desculpa dele quando Eros disse aquilo, mas era impossível. Nocaute.

– Tudo bem. – me rendi – Só tente não falar essas coisas, sabe... Não foi um pesadelo comum e, aliás, nem foi um pesadelo. Foi de verdade e você sabe disso. Só que não acho uma boa ideia sair por aí contando isso pras pessoas.

– Você tem razão.

Foi uma viagem silenciosa até a faculdade.

• • •

O campus estava deserto. Faltava pelo menos uma hora até o início das aulas e ninguém em sua consciência chegaria antes das 7 da manhã para ficar esperando. Muito menos eu, em um dia normal.

Apesar da hora, fazia mais calor do que eu gostaria, mas achei que aquilo não precisava ser compartilhado com mais ninguém.

– Por que nós chegamos tão cedo? – Eros perguntou quebrando o silêncio, olhando para os lados – Não tem ninguém aqui.

– Só precisava sair de casa logo. – falei, omitindo o real motivo daquilo tudo – Você está sentindo alguma coisa?

Eros me olhou confuso. Eu não sabia o que era, mas eu estava sentindo alguma coisa. Um impulso, talvez. Um impulso ligeiramente familiar com o que havia sentido no dia em que ele havia aparecido, mas em uma escala menor.

Bem menor.

– Agora que você mencionou...

Eros estava com a mão no peito novamente, amassando a camisa do exato mesmo jeito que ele fez no quarto de madrugada. Como se faltasse alguma coisa ali.

Os olhos estavam daquele jeito de novo. Brilhantes. Azuis elétricos. Acesos.

– Eu tenho medo quando você faz isso.

Ele piscou e desviou o olhar para mim, fazendo os olhos se apagarem e voltarem ao tom azul normal – para ele.

– Medo do quê?

Eu ponderei se deveria contar aquilo a ele ou não. Sabia que talvez fosse demais para a cabeça dele, mas, cedo ou tarde Eros ia acabar descobrindo.

– Eu não sei exatamente o que é. – comecei, com cuidado – Mas sempre que você coloca a mão no peito desse jeito, ou... não sei o que é... mas seus olhos meio que brilham.

Tentei fazer aquilo parecer uma observação normal, equivalente a algo do tipo “seus cabelos ficam ainda mais bagunçados quando começa a ventar.”

Aparentemente não deu certo.

– Brilham como?

– Eles... acendem, Eros. Não sei explicar de um jeito melhor. – ficamos em silêncio por alguns segundos, enquanto ele parecia absorver a informação – Dói?

Ele fez que não com a cabeça.

– Mas é engraçado que aconteça junto com... com a sensação no meu peito.

Concordei mentalmente e acenei com a cabeça.

– É quase como... – ele continuou, olhando para o chão – se eu soubesse que tem alguma coisa errada. Que você está em perigo.

Daquela vez precisei tomar cuidado para não deixar meu queixo cair. Eram informações demais em dois dias.

– Como você sabe? – arrisquei, já prevendo a resposta.

– Não faço a menor ideia

Nós continuamos a andar e deixei que ele ficasse calado. Pelo visto, ele tinha tantas informações para absorver quanto eu e parecia retê-las com uma eficiência tão grande quanto a minha: zero.

Em silêncio, nós passamos devagar pelas ruas até que meus olhos se detiveram no estacionamento abandonado. O estacionamento em que eu tinha ido há alguns dias atrás. O estacionamento em que eu tinha encontrado Eros.

Eu parei. Eros parou em seguida.

– O que foi?

Não sabia responder. A sensação de impulso tinha voltado. Eu precisava caminhar até lá. O barulho de noite que só eu havia escutado, a sensação gritante, os olhos do Eros que indicavam perigo. De repente aquilo fez sentido.

Um sentido absurdo, tinha de admitir, mas ainda assim era um sentido.

– Espera! – Eros falou vindo na minha direção quando comecei a caminhar para o estacionamento – Aonde você vai?

– Não sei. – falei sem parar de correr. Tudo o que eu sabia era que precisava ir até ali, por algum motivo misterioso que não conseguia entender.

Eu andava rápido, sem nem me dar ao trabalho de pisar nos caminhos demarcados na grama. Eu já conseguia ver a parte mais afastada do estacionamento, mais alguns passos e seria capaz de visualizar o local exato em que tinha encontrado Eros.

– Alexandra!

Eu parei.

Não porque Eros tinha me chamado, mas porque finalmente vi o que estava procurando – ou não.

Ali, no exato local onde Eros estava caído naquele dia, não havia nada.

– Devia ter alguma coisa aqui, Eros. Ou alguém.

– O que? – ele parecia ainda mais confuso – Como assim, por quê?

– Eu não sei, mas devia. Eu sei que devia, só que...

– Alex, para. Você está ficando histérica. – me surpreendi que ele soubesse o significado daquela palavra e foi por isso que parei – Não tem nada, tudo bem. Podemos voltar?

– É que eu não entendo...

Minha voz era fraca e sentia que podia desabar ali a qualquer momento, sem nem entender o porquê de tanto drama – ou histeria.

– Vem, vamos voltar. Você vai ficar bem.

Eros estendeu a mão e sorriu. Ele não podia me tocar e eu tinha plena certeza de que ele sabia daquilo.

– Eu não posso encostar em você. – falei só para reforçar o fato.

– Pode.

– Te machuca, Eros. Se lembra da parte do não ser masoquista?

Ele sorriu.

– A dor é suportável, vem. Você vai se sentir melhor.

– Como você sabe?

– Não sei. Mas eu sei.

Essa história de saber sem saber já estava ficando estranha. No entanto, era algo que não queria discutir naquele momento e, embora minha parte sensata dissesse para não fazer aquilo, fui andando na direção dele. Por algum motivo, eu sabia que aquilo me faria sentir melhor.

Estendi a mão, mas não toquei na dele.

– Tem certeza? – ele acenou que sim – É sua última chance, eu não sei o quanto isso vai...

Mas era tarde demais. Antes que pudesse terminar minha frase, Eros havia pegado minha mão e senti a corrente elétrica percorrer meu corpo. Em menos de um segundo já não me preocupava com nada. Era uma sensação de paz sem igual, de um conforto desconcertante.

Abri os olhos ao perceber que eles estavam fechados e o rosto de Eros era sereno. Ele também estava com os olhos fechados e eu podia sentir que aquilo o machucava, mas ele não demonstrava dor alguma.

Olhei para nossas mãos e sorri. Era a primeira vez que elas estavam juntas e desejei com uma força imensurável e inconsciente que elas pudessem permanecer daquele jeito.

Levantei os olhos para dizer que ele já podia me soltar quando meu coração deu um pulso e retraí a mão com um tranco.

Os olhos.

Brilhando mais fortes e mais azuis do que nunca, a expressão de transe estampada no rosto dele. Ele não estava mais ali. Havia alguma coisa errada. Olhei para os lados, nada. Minha respiração estava começando a acelerar, já nem me preocupava com o coração batendo descompassado.

– Eros?

Não houve resposta.

Eu precisava de ajuda, mas não podia pedir. O que alguém diria se visse o que estava acontecendo com ele? Era capaz de pensarem que era alguma droga nova ou coisa assim.

Não, decididamente não.

– Eros!

Eu já estava gritando. Senti as lágrimas chegando e não as impedi de cair quando elas pediram passagem.

– Eros, por favor...

Ele não se mexia. Parecia uma estátua fincada no asfalto rachado, os olhos brilhando. Ele estava inerte. Uma casca oca.

Caí sentada no chão e joguei minha mochila ao meu lado. Minhas mãos estavam enterradas no meu rosto, sem saber o que fazer.

Levantei os olhos uma outra vez, a visão embaçada por causa das lágrimas. Tinha alguma coisa vindo na nossa direção.

Alguém.

Me coloquei de pé com um pulo, sem saber se deveria pedir ajuda, se devia proteger Eros, se devia jogá-lo no meu ombro e sair correndo – embora a última opção não fosse tão inteligente assim.

A pessoa continuou a andar em um ritmo fixo, calmo. Como se não tivesse pressa e tivesse plena de certeza de onde estava indo.

E ela estava vindo na nossa direção.

Limpei os olhos com as mãos para tentar enxergar melhor e percebi que era um homem. Ou um garoto, não conseguia ter certeza.

A expressão no rosto dele não era feliz, eu podia dizer, e ele revezava o olhar entre mim e Eros com reprovação. Problemas. Ele parecia nos conhecer e estar prestes a nos dar uma bronca.

Quando se aproximou mais, pude ver que ele era moreno. A pele era clara, mas os cabelos curtos eram absurdamente escuros. O tipo de tom que as pessoas normais só conseguem usando tintura, e ele não parecia ser o tipo de pessoa que pintava os cabelos.

Não aparentava ser muito mais velho que eu ou Eros e estava vestindo calça jeans e camiseta. Não carregava nada consigo.

– Moço, eu...

– Silêncio.

A voz dele era grossa e no tom exato para que você obedecesse. Eu estava em pânico, mas não ousei me mexer ou dizer mais nada. Até então, ele não tinha me olhado diretamente nos olhos. O homem parecia interessado demais em Eros, examinando-o de cima a baixo, de um lado para o outro.

– Você deve ser Alexandra. – ele falou ainda sem olhar para mim, terminando de dar a volta em Eros – Patético.

Minha boca se abriu para defender a mim e a Eros, mas preferi fechá-la. O homem me encarou e eu senti meu coração parar.

Azuis. Azuis elétricos. Exatamente o mesmo tom de azul dos olhos de Eros em condições normais estava ali, estampado no rosto daquele estranho. E não foi só isso que me chamou a atenção.

O homem moreno tinha um colar no pescoço. A corrente era dourada e o pingente era um círculo grande, azul. O mesmo azul dos olhos, em o que talvez fosse uma pedra que eu não conseguia identificar, mas que ainda assim era desconcertante.

– Tenho certeza que ele vai te explicar muita coisa depois, Alexandra. – ele falou e levantou a mão para tocar Eros no ombro, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa para impedi-lo.

No segundo seguinte, o brilho dos olhos de Eros sumiu e ele desmontou no chão.

Cinco

Meu novo Pesadelo

Eu não sabia o que fazer. Não sabia se xingava o menino moreno, se abaixava para ajudar Eros, se chamava a polícia ou coisa assim.

– O que foi que você fez?! – gritei em um misto das duas primeiras opções – Eros!

– Não adianta gritar, menina. – o homem falou cruzando os braços com calma. Eu queria socá-lo – Ele vai acordar daqui a pouco. Eros... nome interessante.

Ignorei o que ele havia acabado de falar e me ajoelhei no chão, sacudindo Eros com força. Nem sinal de que ele ia acordar. Tremendo, aproximei meu ouvido do peito dele para ter certeza de que o coração estava batendo, de que ele estava respirando.

– Ele está vivo, não se preocupe.

Levantei o rosto para o ser humano de pé ali do lado. A cara dele era de quem estava fazendo alguma coisa extremamente entediante.

– Quem é você, em primeiro lugar? – perguntei com os olhos estreitos.

– Eu preciso me apresentar mesmo?

Mas é lógico que precisava. Ele havia aparecido do nada e havia desacordado meu amigo com um simples toque. O mínimo que ele podia fazer depois daquilo era se apresentar.

– Por favor. – me limitei a dizer.

Ele respirou fundo e cruzou os braços – sem olhar para mim. Aquilo era uma coisa que estava começando a me incomodar, eu tinha uma certa necessidade de olhar nos olhos das pessoas quando conversava com elas.

– Meu nome é Gael. Eu conheço seu amiguinho aí, mas isso não importa. Ele vai te contar tudo depois.

Ótimo. Superelucidativo.

– Tudo o quê, exatamente?

Aquela conversa estava demorando mais do que eu e ele gostaríamos.

– Então quer dizer que ele se esqueceu de tudo, mesmo... – o tal Gael balançou a cabeça, como se lamentasse por aquilo – Gabriel tinha razão.

Tive o impulso de perguntar quem era Gabriel, mas preferi ficar quieta. O ser em questão parecia falar apenas coisas evasivas, era o mesmo que conversar com uma parede.

– Eros?

Ele começou a se mexer lentamente, tentando abrir os olhos.

Eu queria poder tocar nos cabelos dele, queria poder dar um beijo em sua testa e dizer que ia ficar tudo bem.

– Vai ficar tudo bem. – falei mesmo assim, tentando transmitir o desejo de tocá-lo no rosto por um toque em seu peito sobre a camisa.

– Alex, o que foi que... – seus olhos se levantaram e pararam em Gael – Você...

Gael se abaixou ao lado de Eros, um sorriso fino em seus lábios.

– Surpreso em me ver?

Eros olhou assustado de Gael para mim, engolindo a seco.

– Você se lembra dele? – perguntei confusa.

Era estranho que ele não se lembrasse de absolutamente nada, mas parecesse reconhecer aquele ser estranho que tinha aparecido do nada.

– Talvez...

A resposta dele não foi firme. Tinha alguma coisa errada ali.

– Não precisa mentir... Eros. – Gael falou ainda sorrindo. Cinco minutos com ele e eu já o achava o ser mais insuportável do planeta – É esse seu novo nome, não, é? – ele olhou para mim – Muito criativo, parabéns.

Eu senti a ironia na voz dele, mas preferi ignorá-la. Alguma coisa me dizia que aquela seria a melhor forma de lidar com ele, embora eu não tivesse planos de chegar tão longe assim.

– Você o conhece? – insisti.

– Eu acho que sim. – Eros respondeu se colocando de pé.

Ele era pouca coisa maior que Gael e ver os dois juntos lado a lado, com os olhos exatamente iguais era algo perturbador.

– Agora sim! – Gael falou dando um tapa nos ombros de Eros – Sabe, tenho uma coisa sua aqui comigo. – ele respirou fundo, depois encolheu os ombros – Mas infelizmente não posso te devolver agora porque vem vindo alguém aí. – ele foi se afastando de costas, e apontou para Eros – Nós vamos conversar. Só eu e você. Gabriel vai adorar saber que te achei.

Nós o observamos se afastar e olhei para a figura que vinha caminhando na nossa direção. Reconheci instantaneamente.

– Laura! – gritei aliviada.

– Quem era aquele? – ela perguntou esticando os olhos para Gael, que continuava andando sem olhar para trás uma única vez.

– Eu não sei.

– Como não sabe? Ele estava conversando com vocês. É seu amigo, Eros?

Ele respirou fundo, depois olhou para mim, apreensivo.

– É.

O sorriso de Laura dobrou de tamanho e revirei os olhos. Não era hora de esquentar os hormônios, francamente. Não que o tal Gael fosse feio. Aliás, bem longe disso. Absolutamente longe. Mas simplesmente aquela não era a melhor hora para explicitar esse tipo de informação.

– Você pode me apresentar? – ela perguntou juntando as mãos na frente do rosto e eu a puxei pelo braço.

Laura me olhou como quem não está entendendo nada, mas não ofereceu resistência, embora eu sentisse que seria capaz de arrastar um boi naquele momento por causa da adrenalina.

– Aconteceu uma coisa muito estranha aqui. – falei entre os dentes e senti minha mão tremer contra o braço dela – Mas... não posso falar agora, exatamente.

– Como assim?

– Eu acho que seria melhor se a gente levasse o Eros pra sua casa. Tenho a impressão de que aquele cara pode fazer alguma coisa com ele, não sei.

– Alguma coisa?

– É, Laura! – afirmei – Por favor. Ele precisa ficar em um lugar seguro.

– Em casa não dá. – ela respondeu e mordeu o lábio. Problemas – As meninas voltaram ontem à noite, não posso colocar um estranho lá dentro assim, ainda mais sem mim.

Eu levei as mãos aos cabelos. Precisava pensar em alguma coisa.

Na verdade, uma segunda ideia surgiu bem rápido na minha cabeça, mas sinceramente não queria colocá-la em prática. Não sem antes esgotar todas as minhas possibilidades.

– Por que você não leva o Eros pra sua casa?

E era exatamente essa a ideia que estava tentando ignorar, mas Laura fez o favor de verbalizá-la.

– Porque o Apollo vai estar lá. Ele não tem aula hoje porque é conselho de classe ou alguma coisa assim. E ele implicou ontem o tempo todo com o Eros, imagina se ele aparecer em casa sem mim.

– Mas a sua mãe vai estar lá, não vai? – sim aquilo era um ponto. Minha mãe gostava do Eros, pelo menos – Liga pra ela e diz que o Eros precisa ficar lá, acho que ela entende.

Bom, talvez não fosse uma ideia tão má assim. Talvez com a minha mãe lá o Apollo não pudesse xingar o Eros ou coisa parecida.

– É, vou fazer isso. – falei puxando o telefone do bolso de fora da mochila e discando o número de casa – Alô?

– Fala, Alex. – e a voz do meu irmão respondeu do outro lado.

– Quero falar com a mamãe, chama pra mim.

– Ela saiu, foi levar o papai pra pegar o ônibus. Fala logo que eu estou jogando videogame!

Jogando videogame às sete da manhã, que ótimo.

Eu respirei fundo. Aquilo não ia ser legal, não ia ser legal.

– Bom, então avisa pra ela que o Eros vai chegar aí em casa daqui a pouco. Ele precisa ficar aí e... – afastei o telefone da orelha quando o celular apitou – Ele desligou!

– Calma, respira.

– Meu irmão é um animal. – falei enfiando o celular de volta na mochila, com raiva. Sinceramente, desconfiava seriamente de que eu era adotada, não era possível – Mas o Eros vai mesmo assim.

Eu fui na direção dele, que ainda estava de pé no exato mesmo lugar, com cara de perdido.

– Eros, posso te pedir uma coisa? – ele fez que sim com a cabeça – Você precisa ir pra minha casa. Mas eu não posso ir junto, tenho que ficar na aula... Você lembra o caminho de ônibus?

– Lembro... – ótimo, pelo menos a memória pós acidente, ou o que quer que aquilo fosse, parecia estar intacta – Mas eu quero ficar com você.

Senti um looping no estômago. Senti vontade de dizer um “awn” e abraçá-lo, mas as coisas tinham o péssimo hábito de acontecer em momentos errados na minha vida, e aquele era um exemplo perfeito disso.

Eu tentei sorrir.

– Também quero ficar com você, mas... você precisa. Não gostei daquele cara que apareceu, nem do que ele te fez... acho melhor você ir pra um lugar seguro, minha mãe vai estar lá.

Ele balançou a cabeça.

– Mas você não entende, eu... eu preciso ficar do seu lado.

Eu sentia meu coração acelerando e o cérebro travando na tentativa de entender alguma coisa.

– Vou ficar bem, eu prometo. É com você que eu estou preocupada. – apoiei minha mão em seu peito, levantando os olhos para poder encontrar os dele – Por favor.

Tentei fazer aquilo soar mais desesperado do que de fato era. Ele não podia dizer que não. Senti quando o peito de Eros subiu com a respiração pesada, e ele me olhou com aquela cara de quem vai ceder. Não havia um sorriso ali, mas as covinhas se formaram quando ele contorceu os lábios em uma expressão de reprovação.

– Tudo bem.

Eu sorri aliviada.

– Obrigada. Eu prometo que assim que a aula acabar, volto pra casa. No almoço.

Ele fez que sim com a cabeça. Depois, levantou os braços e apoiou as mãos nos meus ombros. Se eu

soubesse o que ele estava para fazer a seguir, teria o impedido no mesmo instante, mas, como premonição não é um dom que foi dado a mim, tive que assistir a Eros abaixando o rosto para beijar meus cabelos.

Foi como se o mundo tivesse desaparecido, e eu sei que pode parecer exagero, mas foi exatamente isso. A energia que desceu dos lábios dele era muito mais forte do que a energia – ou a eletricidade – que sentia quando nossas peles se tocavam. Era imensuravelmente maior, incrivelmente mais acolhedora.

Quando precisei abrir os olhos, percebi que Eros apertava os lábios com as costas das mãos.

– Te machucou, não foi? – fiz a perguntava óbvia e me questionei se tanto masoquismo valia a pena.

– Só um pouco. – ele respondeu disfarçando a dor, mas eu sabia que ele estava mentindo.

– Um dia você jura que me explica o porquê de tudo isso? – ele fez que sim – Aliás, o tal do Gael me disse que você tinha muita coisa para me explicar.

– Disse?

– Uhum.

Eros respirou fundo, pressionando um lábio contra o outro na tentativa de fazer a dor passar.

– Eu acho que tenho, mesmo. Mas não consigo me lembrar, eu... preciso falar com ele antes. Só nós dois.

– Engraçado, ele disse isso também.

– E então prometo que te conto tudo... Seja lá o que tudo for.

– Promete?

Ele levou a mão ao peito, sobre o coração.

– Dou a minha palavra.

Eu acreditava nele. Por algum motivo, mesmo que ele não tivesse prometido, eu confiava em Eros com uma força que não sabia explicar.

– Então vamos, fico com você no ponto.

– Eu posso ir com vocês? – Laura perguntou e me lembrei que ela ainda estava ali. Incrivelmente, ela tinha ficado quieta o tempo todo, o que era uma coisa quase impossível.

– Lógico, preciso falar com você depois. – respondi e fiz sinal para que Eros me seguisse.

Nós caminhamos em silêncio até o ponto mais próximo, que não ficava muito longe dali. Eu peguei o troco das passagens do ônibus que nós havíamos pegado mais cedo e dei para Eros.

– Você tem certeza que lembra? – perguntei quando vi o ônibus fazendo a curva e despontando no início da rua.

– Tenho.

– Ótimo... Então a hora que você chegar, avisa pra minha mãe que tentei ligar, mas ela não estava em casa. Que você só vai ficar até o almoço e que volto assim que a aula acabar. Tudo bem?

Ele fez que sim com a cabeça e o ônibus parou. Dei uma última olhada naqueles olhos azuis e engoli a seco. Quando Eros subiu naquele ônibus, foi como se uma parte de mim estivesse me deixando também.

• • •

– Como assim, brilharam?

Aquela era a terceira vez que eu estava tentando explicar para Laura e para o Dan o que tinha acontecido naquela manhã e na noite anterior, e eles simplesmente pareciam não acreditar em mim.

Não que aquele fosse o tipo fácil de coisa na qual acreditar, já que as pessoas normais não saem por aí com os olhos brilhando, mas era exatamente o que tinha acontecido.

Os olhos tinham brilhado.

– Você sabe que isso é impossível, não sabe?

– Eu sei, Dan, mas eu vi. Duas vezes. Não estou inventando, não estou ficando maluca. Eles brilharam.

– Olha, Alex, eu acho o Eros lindo e tudo mais... – Laura começou – Mas tem alguma coisa muito estranha com ele.

É, como se ser bonito eliminasse os defeitos das pessoas.

– Eu sei, você acha que também não percebi que ele é diferente? – falei entre os dentes. O professor já estava começando a nos olhar atravessado e aquilo não era um bom sinal – Vamos conversar lá fora, vai.

Dan me olhou como se eu tivesse dito que ele ia para a cadeira elétrica.

– Você pode ficar se quiser, daqui a pouco é intervalo, mesmo. – eu o acalmei e saí da sala com Laura.

Nós começamos a andar, eu não queria ficar parada.

– E daí aquele homem de cabelo preto apareceu?

– Exatamente. – respondi – Ele apareceu enquanto o Eros estava com os olhos brilhando, parecendo uma estátua, tocou nele e o Eros desabou.

– E você disse que ele tinha a mesma cor dos olhos do Eros? – confirmei – Será que eles são parentes?

Claro, porque eles nem eram completamente diferentes, com exceção da cor dos olhos.

– Não. Mas acho que eles se conhecem bem, e acho que o Eros não ficou muito feliz em vê-lo.

– Mas isso é bom, não é? Quer dizer, pelo menos ele se lembrou de alguma coisa.

– Depois que o Gael tocou nele.

– O que é muito estranho.

– Olá, meninas.

Quase caí dura no chão. A voz grossa que eu reconheci imediatamente veio logo de trás de nós, e precisei me segurar para não soltar um berro.

– Eu posso te matar agora ou depois? – perguntei sentindo meu coração martelar contra o peito.

Ele riu.

– Mas quanta pretensão... Você não conseguiria me matar nem se quisesse muito, Alexandra.

– acredite, eu quero.

Ele sorria. O tipo de sorriso malicioso que faz você ficar com raiva, apesar de – como o de Eros – ser um sorriso perfeito.

– Sua amiguinha? – ele perguntou apontando para Laura com a cabeça.

– Por acaso isso te interessa?

Ele cruzou os braços.

– Talvez.

– Eu sou a Laura. – ela falou quando percebeu que eu não ia os apresentar – Você deve ser o Gael.

– É. – ele respondeu sem olhá-la – Onde é que está o... Eros?

Eu tinha trocado cinco frases com ele e já o odiava. Odiava o jeito como ele sorria, odiava como falava do Eros, odiava como não olhava para as pessoas quando falava com elas. E odiava mais ainda ver a cor dos olhos do Eros nos olhos dele, era como estar presa em um pesadelo irritante do qual eu não conseguia acordar por mais que me esforçasse para tanto.

– Ele não está comigo.

Foi quando ele me olhou. As expressões de choque e de incredulidade se misturavam alucinadamente em seu semblante.

– Como assim não está com você? – ele agarrou meu braço. Senti alguma coisa, mas nada, nem de longe, parecido com o que eu sentia com Eros. Ele também não parecia estar sentindo dor alguma – Ele precisa estar com você.

Bom, por acaso o Eros também tinha dito aquilo.

– Mas não está. O que você quer com ele, hein?

Ele soltou meu braço, parecendo realmente aborrecido. Aborrecido no sentido de que poderia me socar ali mesmo, sem problema nenhum.

– Eu preciso conversar com seu amiguinho, Alexandra. Logo. – ele respirou fundo – Ele tem algumas coisas para acertar, e você também.

Eu?

– Mas eu não fiz nada. Nem ele.

– Não vou discutir com você. Só preciso que você me diga onde ele está.

– Ué, por que você mesmo não procura? – perguntei em tom de desafio – Você o encontrou hoje mais cedo, sozinho.

Ele riu e balançou a cabeça.

– Não, Alexandra... Quem eu encontrei foi você.

Ótimo, aquilo era novidade. Quer dizer então que ele tinha encontrado a mim e não o Eros. Fazia sentido pelo fato dele estar atrás de mim até agora, mas eu simplesmente não conseguia entender o porquê.

– Como assim? Por que eu? O que eu fiz?

Ele respirou fundo e cruzou os braços, visivelmente entediado.

– Isso seria muito mais fácil se você já soubesse das coisas... Não que eu acredite que seja verdade, mas... bom, não dá pra duvidar já que eu estou aqui assim e...

– Eu não estou entendendo nada.

Ele balançou a cabeça, em sinal de reprovação.

– Sinceramente, esperava que você fosse mais esperta.

Ok, aquilo me pegou de surpresa. Insulto sobre a minha inteligência já era passar dos limites. Não que eu fosse exatamente brilhante, mas era esperta o suficiente para fazer qualquer coisa que quisesse – ou precisasse fazer.

Na maior parte do tempo.

Ou quase.

– Você já devia ter percebido alguma coisa. – ele continuou impaciente – Bom qualquer pessoa normal já teria percebido a essa altura, francamente.

Ele estava me irritando.

– Percebido o quê, Gael?

Ele abaixou e aproximou o rosto do meu, olhando fixamente nos meus olhos. Era perturbador aquele azul vindo diretamente na minha direção, era o tipo de olhar do qual você tende a desviar o seu.

– Não vou te contar. Isso é tarefa sua e do seu amiguinho, assim que eu tiver a minha conversinha com ele. – ele se endireitou outra vez – Então quanto antes você me levar até ele, antes vocês vão conversar e tudo vai se resolver.

– Alex, Laura?

Graças a Deus, o Daniel. Me virei com tanta rapidez que quase caí quando vi ele vindo na nossa direção.

Gael respirou fundo e lançou um olhar de desprezo ao Daniel, depois sorriu maliciosamente para mim outra vez.

– Vou ficar de olho em você, Alexandra.

Idiota.

Deixei que ele se afastasse, queria a maior distância possível daquele homem por tempo indeterminado. Não importava que ele fosse lindo, não importava que ele tivesse os olhos do Eros, não importava que ele tivesse um sorriso perfeito. Ele ia ser sempre um idiota e tudo que queria era ele longe

de mim.

– Quem era esse? – Dan perguntou quando nos alcançou.

– Lembra do tal do Gael? – perguntei, tentando manter o controle. Ele fez que sim com a cabeça – O próprio. E ele está atrás do Eros.

– Por quê?

– Eu não sei... Aparentemente eles precisam conversar e então me contar “tudo”. – dei ênfase na última palavra, embora não soubesse o que aquilo significava.

– E você está escondendo o Eros?

Bom, não era exatamente aquilo, mas sim, estava.

– É...

– Não acho que isso seja inteligente. – Ótimo, mais alguém colocando minha inteligência em questionamento – Quer dizer, se esse Gael precisa falar com Eros, e depois o Eros precisa te contar alguma coisa, não acho que vá acontecer nada demais. É melhor você contar de uma vez onde ele está.

Eu odiava admitir aquilo, mas o Dan estava certo. Aliás, irritantemente certo, como sempre. Se Gael precisava de Eros, então ele estaria a salvo – por enquanto.

– Eu não preciso contar. – respondi, respirando fundo.

– Não?

Eu balancei a cabeça negativamente.

– É só eu ir pra casa. O Gael vai me encontrar.

• • •

Achei que Dan fosse me chamar de maluca e me mandar ir procurar um psiquiatra, mas, para minha total surpresa, ele simplesmente assentiu com a cabeça, sem emitir uma única palavra. Até onde eu sabia aquele não era exatamente um bom sinal. Normalmente o Dan era a parte racional do trio e quando ele ficava quieto e simplesmente aceitava um fato não cientificamente comprovado, Houston, we had a problem.

– Você vai com a gente? – arrisquei perguntar quando estávamos no ponto depois que a aula acabou, o ônibus despontando no fim da rua.

– Vou. – ele respondeu sério, tirando os óculos e guardando-os na mochila – Eu não sei, tem alguma coisa errada com o Eros. Quero ver mais de perto.

Tentei ignorar o fato daquilo ter soado como um cientista falando de uma cobaia em potencial e fiz sinal para que o ônibus parasse.

A viagem foi quente e o ônibus estava cheio de crianças barulhentas indo para a escola, o que contribuiu para que até Laura ficasse em silêncio – o que era ótimo, já que eu não estava no clima de conversar. Eu estava preocupada com Eros em casa e com a tal conversa que Gael queria ter com ele.

Eu estava cansada, exausta mentalmente. Parecia que tudo de interessante que não tinha acontecido na minha vida até então havia decidido tirar o atraso nos últimos dois dias, do jeito mais maluco possível. Deitei minha cabeça no ombro do Dan e ele não protestou. Muito pelo contrário, ele apoiou a dele contra a minha e pousou a mão direita sobre a minha coxa.

Não que fosse algo exatamente confortável, mas eu não queria pensar naquele momento. Deixando pra lá o que o gesto poderia significar para mim ou para ele mais tarde, coloquei minha mão sobre a dele. Imediatamente, senti os dedos sob os meus se fecharem, entrelaçados.

Ok, eu tinha decidido não pensar, mas tive de sorrir. Três anos com o Dan e eu não havia chegado a uma conclusão de como me sentia a respeito dele. E, no entanto, era engraçado que logo agora, com o

aparecimento de Eros e tudo mais, ele estivesse agindo daquela forma.

Mas, eu não ia discutir.

Nem pensar.

E no meio de todo aquele calor e gritaria, nós permanecemos mudos e imóveis até a hora de descer.

E foi um alívio poder respirar um ar diferente que não fosse dividido com uma velhinha, dois bebês chorando, o cobrador, umas quinze crianças barulhentas e mais cinco territórios a sua escolha. Não que eu não gostasse de pessoas, mas na maior parte do tempo sinceramente preferia que elas mantivessem uma distância segura de mim.

Sim, também me considero um pouco antissocial e não, não tenho problemas em admitir isso.

Enfim, nós andamos devagar pela rua – bem mais devagar do que gostaria, diga-se de passagem. Quando finalmente alcançamos a rua da minha casa, achei que não fosse conseguir me manter de pé.

Tudo aconteceu muito rápido e ver Apollo ofegante e assustado nos braços de Eros me fez tentar processar os dois segundos que quase me fizeram cair no chão.

Apollo havia saído de casa bravo, correndo, indo atravessar a rua sem nem se dar ao trabalho de olhar para os lados quando um carro a poucos metros dele buzinou e... o carro não ia conseguir parar.

Como se estivesse em câmera lenta, vi Apollo parado e o carro indo ao encontro dele. Eu já podia ver o choque, o grito moldado no nome dele já estava saindo da minha garganta, brigando com as lágrimas quando percebi que não havia nada que ninguém pudesse fazer a respeito.

Nada.

Ninguém.

A não ser Eros.

Não sei como ele fez, não sei como soube que devia fazer, mas ele simplesmente... fez. Com uma velocidade inumana, ele irrompeu da porta de casa e correu, pegando Apollo em seus braços antes que o carro o encontrasse. Antes que...

Sacudi a cabeça, eu não queria pensar naquilo.

Senti as lágrimas quentes cortando meu rosto e as pernas sumirem sob o meu quadril. Tentei dar um passo e só percebi que era impossível quando Dan me amparou.

Tentei uma segunda vez.

– Alex, você não consegue andar.

Não era uma pergunta, era uma constatação óbvia.

Mas eu precisava andar, era essa a questão. O sol forte do meio-dia ofuscava um pouco a visão, já dificultada pelas lágrimas, mas o passo foi firme. Meio bambo, mas eu estava de pé. O carro que quase havia atingido Apollo ainda estava parado no meio da rua, a motorista do lado do fora, tão perdida e desesperada quanto eu.

Quando senti que conseguia andar sem cair, comecei a correr. Tudo que queria era saber se Apollo estava bem, Eros era um detalhe naquele momento. Eu queria meu irmão.

– Apollo! – gritei e ele virou o rosto na minha direção.

Ele não tinha me visto até então.

– Alex! – ele respondeu pedindo para descer do colo de Eros e correu na minha direção.

Foi provavelmente o melhor abraço que eu já havia dado no meu irmão e por um segundo desejei que ele tivesse outras experiências extremas de quase morte para se tornar uma pessoa amigável de vez em quando.

– Você está bem? – perguntei segurando-o pelos ombros, esticando os olhos para ver se encontrava algum ferimento. Nada, ele estava perfeito.

– Estou. – ele respondeu parecendo um pouco envergonhado.

– O que foi que você FEZ!? – eu gritei. A parte da irmã preocupada havia passado, e agora que eu sabia que ele estava bem eu só queria as explicações – Você podia ter morrido, sabia?

– Eu sei, não precisa falar!

– Se não fosse pelo Eros, Apollo... – as lágrimas estavam de volta, mas dessa vez eu sabia que eram de raiva – E você ainda tem coragem de não gostar dele... O senhor vai agora agradecer a ele, ouviu?

– Ahn, Alex... – era Eros. Senti a mão dele no meu ombro e o alívio que veio em seguida me fez esquecer completamente do quão irresponsável o Apollo tinha sido – Tudo bem, ele não precisa.

– Mas...

– Shhh... não precisa. Ele precisa descansar, ir pra casa.

A motorista se aproximou de nós, o rosto redondo vermelho com a maquiagem borrada por causa do choro. Ela estava em choque.

– Vocês que-querem que eu ch-chame uma ambulância? Ele está b-bem?

Foi Eros quem a acalmou.

– Ele está ótimo. Foi só um susto, a senhora pode ir em paz.

– Eu peço desculpas, ele... ele apareceu na frente do carro, eu estava distraída... Eu tenho um filho da idade dele, não sei como conseguiria viver se...

– Está tudo bem, ele está perfeito. – Eros a acalmou de novo – Pode ir.

Ele sorriu e o efeito foi imediato. A mulher sorriu em resposta e ela parecia ter se dado conta repentinamente de que sim, tudo estava efetivamente bem. Ainda sorrindo ela nos acenou com a cabeça e foi para o carro, nos deixando para trás.

– O que você fez com ela? – perguntei me endireitando, Apollo agarrado na minha cintura – Hipnotizou ou alguma coisa assim?

Eros riu.

– Não! Eu nem sei como se faz isso... Eu só... não sei.

– Você é um vampiro?

As sobrancelhas dele se levantaram, em choque. Um segundo depois, até Apollo estava rindo.

– Ué, vampiros hipnotizam as pessoas. – falei em minha defesa – E são rápidos.

– Mas eles torram no sol, Alex. – Apollo me repreendeu em tom de obviedade.

– Nem todos. Vai saber. Hoje em dia com tanta tecnologia... Mas não mudemos de assunto. – olhei para ele com cara de brava – Peça desculpas ao Eros e agradeça só pela sua vida.

Apollo não estava exatamente confortável, mas eu sabia que ele ia fazer. Querendo ou não, ele não tinha escolhas.

– Desculpa Eros, fui idiota. – ele levantou o rosto – Obrigado por salvar a minha vida.

Eros sorriu.

– É o meu trabalho.

Preferi não assimilar a informação. Não é trabalho de ninguém salvar vidas – pelo menos não desse jeito – e talvez aquela fosse só uma força de expressão – apesar do meu coração ter uma opinião ligeiramente diferente.

– Vamos entrar. – falei estendendo o convite para Dan e Laura também – Tomar uma água, descansar. Cadê a mamãe?

– Mercado. – Apollo respondeu – Ela já deve estar voltando. Alex, não conta nada, por favor.

Eu respirei fundo. Meu primeiro impulso foi de falar que aquilo era um absurdo, que ela precisava saber do que tinha acontecido com o próprio filho, mas depois tive uma ideia melhor.

– Vai ser o nosso segredo. Qualquer deslize, qualquer – eu enfatizei – e eu conto. Combinado?

Ele cruzou os braços, os olhos estreitos.

– Você não vale nada, Alex.

Eu ri. Uma criança de oito anos normalmente não fala esse tipo de coisa, mas temos que levar em consideração que o Apollo não é uma criança normal.

– É pegar ou largar.

– Eu pego. Mas você continua não valendo nada.

Bom, nós não iríamos chegar a um acordo, então preferi ficar naquela mesmo.

– Vamos? – insisti, e eles fizeram que sim com a cabeça.

Mas alguém nos interrompeu. Alguém com uma voz grossa e irritante, com um sorriso mais irritante ainda com os olhos que não deveriam estar ali.

– Então é aqui que o senhor está?

Ótimo. Realmente fantástico. Gael era exatamente o que eu e Eros precisávamos naquele momento.

Eu me virei para ele.

– Quer fazer o favor de ir embora?

– Como você é abusada, menina. – ele retrucou com desprezo. Idiota – Não, não vou embora.

– Meu irmão acabou de quase ser morto, ele precisa descansar. E o Eros também.

– Eu sei, eu vi. – ele respondeu cruzando os braços, respirando fundo, depois se voltou para Eros –

Aliás, você e a Caliel formam um ótimo time, não sei porque você não fica por aqui mesmo. Eu podia assumir o seu lugar.

OK, eu não sabia do que eles estavam falando, mas, vindo do Gael não podia ser coisa boa.

– Deixa o Eros em paz! – Apollo grunhiu. Bom, pelo menos ele tinha mudado mesmo de time.

– Quem é esse moleque?

– É meu irmão e você fique longe dele. – respondi colocando Apollo atrás de mim. Eu era a única pessoa que podia insultar meu irmão, que isso ficasse bem claro.

– É esse o plano, não se preocupe. – ele respondeu sem emoção – O único Stavros que nos interessa é você, Alexandra.

Eros tomou a minha frente em uma posição protetora. Os braços estavam semiabertos e eu podia sentir o calor emanando do corpo dele.

– Você não vai encostar nela, entendeu? – ele falou sério – Ela não tem nada a ver com o que quer que esteja acontecendo.

Gael riu.

– Tem muito mais do que você imagina. MUITO. E é por isso que preciso te devolver... uma coisinha. Assim você pode contar pra ela de uma vez. – ele apontou para o outro

lado da rua com as mãos, como se pedisse por companhia – Podemos?

Eros olhou para mim e eu enrosquei meus dedos na camiseta dele. Desculpa, mas ele não podia me largar naquele momento.

– Por favor. – pedi com a voz baixinha.

Eros se voltou para Gael e respirou fundo.

– Hoje à noite.

Seis

A Primeira Despedida

Não deixei Gael entrar em casa. Não que ele precisasse da minha autorização para tanto, mas me sentia mais reconfortada – e um pouco mais vingada também – se ele ficasse do lado de fora.

Como não estava em condições de executar tarefas complexas, muito menos de desgrudar os dedos da camisa de Eros, foi Dan quem precisou ir à cozinha buscar um copo de água para mim e Apollo.

Por sorte – muita sorte – minha mãe não estava em casa, ou eu não sabia quanto tempo ia conseguir ficar quieta, ou quanto tempo ela ia levar para descobrir que havia alguma coisa errada – o que normalmente levava milésimos de segundo.

Foi quando Dan voltou com os copos de água que me lembrei de uma coisa.

– Quem é Caliel?

Senti Eros enrijecer ao meu lado. Ele respirou fundo.

– Eu não sei explicar exatamente, Alex. Tudo que sei é que senti uma força, um impulso. Era como se tivesse alguém falando, mas sem palavras... E sabia que tinha alguma coisa errada com o Apollo. E foi isso.

Eu adorava como ele e Gael falavam coisas sem sentido, era realmente superelucidativo.

Mas e achei que aquela não era hora de questioná-lo. Na verdade, eu não queria falar absolutamente nada. Queria ficar simplesmente ali com Eros, sabendo que meu irmão estava bem.

– Eu reparei uma coisa. – falei de repente, antes de processar a informação no meu cérebro. – Os seus olhos estavam normais.

Eros se virou para mim.

– Acho que é porque não era você que estava em perigo. Era o seu irmão. Acho que só funciona com você.

Tentei não olhar para Dan, mas sabia que ele estava louco para puxar o caderno e anotar minuciosamente tudo que Eros falava para estudar e chegar a uma conclusão depois.

Obviamente ele não fez isso ou eu ia socá-lo impiedosamente.

Ele olhou para o relógio.

– Eu tenho treino às 14h, preciso ir.

Eu fiz sinal que tudo bem com a cabeça. Dan era tão disciplinado com treinos e academia quanto era com os estudos e, ao menos houvesse uma desculpa muito boa para que ele ficasse – o que não era o caso – ele iria embora.

– Qualquer coisa me liga, ok? – fiz sinal que sim outra vez e ele se aproximou de mim, me dando um beijo na testa. Senti a mão de Eros pressionar minha perna, onde ela estava apoiada, com mais força e sorri por dentro.

Se aquele era um princípio de ciúmes eu não sabia, me fazia sentir bem de qualquer forma.

Imensamente bem.

– Você quer que eu fique? – Laura perguntou com aquele ar malicioso, esperando que, obviamente, eu dissesse que não.

E não ia desapontá-la.

– Tudo bem, pode ir. O susto já passou, só preciso ficar em casa.

A cara de satisfação dela foi impagável. Tanto, que Laura mal me deu tchau e já estava acompanhando Dan para o lado de fora.

Óbvio, ela queria me deixar sozinha com Eros.

Esprei um pouco para ter certeza de que eles estavam longe e deitei a cabeça no ombro de Eros. Por um segundo, achei que Apollo fosse reclamar, mas nos lançou um olhar de “não estou achando graça nisso” e ficou quieto. Bom, já era um avanço.

Coloquei o copo d’água na mesa de centro da sala e me ajeitei em Eros, fazendo com que ele passasse o braço por mim para me apoiar. Tomei o cuidado de ter certeza que nossas peles não estavam se tocando e, pela primeira vez desde que havia acordado, relaxei.

– Eros?

Senti que ele me olhava, mas não levantei o rosto.

– Você sabe o que é ciúmes?

A resposta demorou para chegar e eu sabia o porquê. Eu estava sorrindo quando senti a mão dele deslizar pela minha perna e a palavra sair tremida.

– Não.

Ele estava mentindo.

Claro que estava e aquilo me fazia sentir melhor do que eu podia imaginar. Tudo o que eu queria era ficar ali com ele e fugir de toda aquela loucura.

Exatamente ao lado da minha loucura preferida.

• • •

Estava escuro. Eu não sabia o quanto, mas mesmo com os olhos ainda fechados podia sentir a falta de luz. E podia sentir a falta de mais alguma coisa também.

Descolei as pálpebras com pressa e com tanta força que minha visão ficou embaçada por alguns segundos, mas não me impediu de ver o que quase fez meu coração parar.

Eu estava sozinha.

Corri os olhos pela sala escura, não havia ninguém ali. Apollo, Sócrates, meu pai, minha mãe, ninguém. Pensei que talvez eles estivessem no quarto dormindo, mas havia uma pessoa que não fazia sentido estar faltando.

Eros.

Senti os passos trêmulos quando decidi correr até a cozinha e não encontrei ninguém. Abri as janelas da sala e coloquei a cabeça para fora na tentativa de enxergar os olhos brilhantes dele, mas eles não estavam ali.

Comecei a entrar em desespero.

Ele não podia ter desaparecido, mas por algum motivo meu coração parecia insistir que era exatamente aquilo que havia acontecido.

Mas não podia ser... podia?

Levei a mão ao peito involuntariamente e eu tinha certeza de que meu coração poderia estourar minhas costelas a qualquer momento.

Eu não sabia o que fazer. Perdida, subi as escadas aos tropeços, vendo meu último fio de esperança se transformar em pó quando entrei em meu quarto.

Nada.

Apenas uma janela aberta, o vento balançando a cortina em um ritmo que acompanhou a lágrima que cortava meu rosto.

– Eros!

A voz saiu rouca. Doeu. Machucou.

E doeu ainda mais quando não recebi uma resposta.

Corri com as pernas bambas para o parapeito e me debrucei ali em uma tentativa inútil de encontrá-lo em algum lugar lá fora.

Inútil, como eu tinha dito.

– Eros!

Nada outra vez, e sabia que seria assim. Afundei o rosto nas mãos e as lágrimas quentes não paravam de deixar meus olhos, os soluços secos arranhavam o peito.

– EROS!

– Alex?

A voz era distante, fraca...

– Alex? Alex!

Foi quando com um chacoalhão eu abri os olhos.

Eles estavam ali. Azuis. Elétricos. Assustados. Olhando para mim.

– Eros... – senti meus lábios sorrirem.

– O que foi que aconteceu? – ele perguntou ainda com os olhos arregalados, as feições preocupadas – Você ficou gritando meu nome, eu tentei te acordar...

Abri a boca na eminência de contar o que havia acontecido, e ouvi-lo dizer que ‘onde eu estava com a cabeça, aquilo nunca ia acontecer’, mas achei melhor ficar quieta.

– Um pesadelo... foi só.

A cara de preocupação deu lugar a um sorriso tímido marcado pelas covinhas e eu levantei a mão levando-a na direção de seu rosto, mas parei.

Aquilo era tortura. Ter de conviver com ele e não poder tocá-lo em momento algum, de forma nenhuma...

– Acho que eu vou tomar banho. – anunciei recolhendo a mão e tentando me desfazer dos pensamentos que começavam a tomar rumos inadequados para a situação – Que horas são?

Eros se virou para o relógio do aparelho de DVD.

– 18h. Você desmaiou.

– 18h?! – eu repeti incrédula. Mais um pouco e eu teria dormido o que eu normalmente dormia em uma noite. De repente me lembrei de uma coisa – Minha mãe chegou?

– Aham.

– E o meu pai?

– Também.

– E ele nos viu assim? – perguntei apontando para mim, para ele, e depois para o sofá. Eros fez que sim com a cabeça como se estivesse respondendo que gostava de borboletas ou coisa assim. Senti minha cabeça rolando. – E ele não falou nada?

– Não...

Ok, não sabia se aquele era um bom ou um mau sinal, mas não ia discutir, muito menos pensar naquilo.

– Então eu vou tomar banho... Você pode ficar à vontade. – acrescentei, mas sentia como se não precisasse dizer aquele tipo de coisa. Era como se ele sempre tivesse sido parte da família.

Eros acenou que sim com a cabeça e me levantei, indo na direção das escadas.

Eu ainda não conseguia esquecer o pesadelo, a cena que estava gravada na minha cabeça com uma precisão irritante. Tudo o que queria era poder esquecer aquilo, tirar minha cabeça fora se fosse preciso.

Mas não, claro que aquilo não era possível.

Entre no banheiro e fechei a porta atrás de mim. Talvez um banho me ajudasse a esquecer do sonho, talvez ele levasse embora a dor de cabeça que estava ameaçando começar.

Molhei as mãos na água gelada da torneira e passei no rosto e na nuca. Aquilo normalmente funcionava com dores de cabeça e eu estava me sentindo quente, mesmo. Senti o arrepio quando a água gelada encostou na minha nuca e o alívio foi quase instantâneo.

Comecei a tirar a roupa e fui deixando as coisas ali do lado enquanto abria o chuveiro e aquela foi uma péssima ideia. E foi porque provavelmente aquilo me ajudou a não ouvir o clique da porta que eu convenientemente havia esquecido aberta e só quando a voz chegou aos meus ouvidos é que meu coração disparou e eu quase escorreguei correndo para trás do box sem nem refletir sobre quem havia efetivamente chamado meu nome.

– EROS! – eu gritei entre os dentes com a cabeça para fora do box.

Meu coração estava batendo tão forte que eu nem sabia o que fazer. Os olhos dele estavam arregalados, estáticos. Uma toalha pendia de sua mão inerte esticada ao lado daquele corpo perfeito que ele tinha, mas que eu não podia parar para pensar naquele momento.

– Desculpa... eu...

– Será que você pode sair? – eu disse mais uma vez. Infelizmente, aquele era um caso de vida ou morte, para mim e para ele, caso o Sr. Ares decidisse dar uma passadinha no corredor.

– Eu vim trazer sua toalha e...

– ÓTIMO – eu o cortei – Agora pode deixar aí na pia, obrigada.

– Desculpa, Alex, eu não sabia...

– TUDO BEM, Eros. Tudo bem. Agora você pode ir, nós conversamos depois. – forcei um sorriso para não parecer tão brava, embora eu obviamente estivesse – Ok?

Sem dizer uma palavra e ainda com cara de espanto, Eros fez que sim com a cabeça frenética e mecanicamente, até se virar e fechar a porta a sua frente.

Senti as pernas bambearem. Por que, POR QUE, eu tinha que ter esquecido a porta aberta? E por que alguém havia mandado justo ele me trazer a toalha? Não que eu tivesse me importado, claro, mas contanto que, pelo menos não houvesse ninguém em casa.

Alexandra...

Ok, aquela também não era hora de pensar nessas coisas. Saí correndo do box e tranquei a porta para evitar acidentes futuros e olhei para a toalha sobre a pia.

Precisei rir.

Sim, eu ainda estava tremendo, sim, minhas pernas ainda estavam bambas, sim eu ainda estava morrendo de vergonha pelo Eros ter me visto naquela situação, mas eu precisava admitir que tinha sido engraçado.

Voltei para o box e liguei o chuveiro, ainda sorrindo.

– Desculpa.

Aquela foi a primeira coisa que ouvi quando abri a porta do banheiro, daquela vez devidamente vestida. Eros estava parecendo uma estátua sentando na minha cama com a cabeça baixa e as mãos entre as pernas.

Se eu ainda estivesse brava com ele, seria impossível continuar.

Eu sorri.

– Tudo bem, foi sem querer.

– Eu não sabia que você ia estar...

– Eu sei. – me aproximei e me sentei ao lado dele – Só tenta bater na porta da próxima vez, pode ser?

Ele sorriu. Com as covinhas. Com aquele ar de criança que é impossível não sorrir de volta, muito

menos de dar qualquer tipo de bronca.

– Uhum.

– Vamos jantar, você deve estar com fome.

Ele alargou o sorriso.

– Um pouco.

Não, ele devia estar com muita fome. Eu me levantei e fiz sinal para que ele me seguisse. Nós descemos as escadas juntos e Sócrates veio nos agradecer. Eu quase tinha me esquecido da existência dele em casa. Quando Eros estava lá, ele parecia outro cachorro, não latia nem uma vez, ficava quietinho na sala e misteriosamente nos obedecia. E sempre, sempre, abanava o rabinho para o Eros.

Vai entender.

– Vocês estão bem? – minha mãe perguntou quando nós entramos na cozinha – Eu ouvi uns gritos...

Eu e Eros nos entreolhamos. Contar a verdade estava total em completamente fora de cogitação caso eu quisesse continuar viva.

– Aham. – respondi tentando soar convincente – Eu achei que... tivesse visto um bicho no banheiro, mas não era nada.

Dona Alice pareceu satisfeita e eu também.

– Pode sentar, Eros. – ela falou apontando para a cadeira, toda feliz, fato que ainda me incomodava ligeiramente.

Ele sorriu timidamente e se sentou.

Sinceramente, acho que nunca tinha visto alguém comer tanto na minha vida. Parecia que ele não comia há uns três dias o que, obviamente, não era verdade.

Nós não conversamos muito, o que achei uma ótima ideia levando-se em consideração a cara que o senhor Ares tinha resolvido adotar durante a coisa toda. Cara que, aliás, não conseguia entender, mas não ia discutir.

– Quer assistir filme lá em cima? – perguntei para Eros quando nós terminamos e decidi que não ia olhar para a cara do meu pai.

– Filme? – ele repetiu, perdido.

Homens.

– É. – confirmei – O Apollo está jogando videogame na sala, achei que a gente podia ir pro quarto ver filme.

Meu pai ameaçou abrir a boca para falar qualquer coisa, mas minha mãe o parou colocando a mão sobre a dele. Ainda bem que pelo menos uma das partes era sensata naquela família.

– Você tem as chaves, lembra? – ela falou para o meu pai, em um tom baixo, mas firme.

Meu pai respirou fundo e nos lançou um olhar assassino, mas, obviamente, dona Alice tinha vencido aquela.

Sorri para minha mãe e ela deu uma piscadinha que me deixou um pouco desconfortável, mas pelo menos eu estava liberada. Levantei da mesa e fiz sinal para que Eros me seguisse.

Subimos a escada em silêncio e fechei a porta atrás de nós quando Eros passou por mim.

– Tinha alguma coisa errada com seu pai? – Eros perguntou sentando-se na minha cama, a expressão murcha, os olhos tristes. – Eu fiz alguma coisa errada?

– Não! – respondi logo em seguida, correndo para me sentar ao lado dele. – Não, claro que não.

Muito bom senhor Ares, muito bom.

– Eu acho que ele não gosta de mim. Eu não sei, tem alguma coisa errada.

– Não há nada errado. – eu o cortei com urgência. Bom, talvez com meu pai houvesse, mas com o Eros com certeza não. Ok, talvez também houvesse alguma coisa errada com ele, mas aquele não era o ponto. – Você... você é perfeito, Eros.

O rosto dele se virou na direção do meu. Os olhos azuis, ainda tristes, eram tão intensos que uma

pessoa cruzasse com eles se veria obrigada a desviar o olhar.

Mas não eu.

Eu conseguia ver as pupilas negras dilatando, tentando acompanhar o movimento que as minhas deviam estar fazendo sem que eu me desse conta daquilo. Era quase como se eu conseguisse ouvir o que ele estava pensando e eu não sabia explicar porquê. Quase como se ele estivesse pensando exatamente... o mesmo que eu.

A sensação era terrível. Angustiante. A vontade de poder tocá-lo e o fato de nós simplesmente não podermos fazer nada... e daquela troca de olhares parecer ser capaz de transmitir tudo, sem uma única palavra.

Será que então teria de ser daquele jeito? Por quê? O que é que havia de tão errado comigo? Ou com ele?

Decidi que talvez fosse melhor parar de pensar naquilo ou as coisas só ficariam ainda mais frustrantes. Peguei o controle da tevê no criado mudo e mudei os canais, me encostando na cabeceira da cama. Eros levantou o rosto e acompanhou meu movimento com os olhos.

Eu sorri.

Puxei o lençol que ficava debaixo do meu cobertor e me enrolei nele. Daquela vez foi Eros quem sorriu, entendendo o que eu queria dizer com aquilo.

Devagar, ele veio engatinhando sobre a cama na minha direção e eu podia sentir todas as células do meu corpo gritando para que eu pulasse em seu pescoço naquele momento – fato que eu preferi ignorar para meu próprio bem.

Eros se enfiou debaixo do cobertor comigo e me abraçou pelo lençol. Todas as células que antes estavam em frenesi se acalmaram. O calor dele era aconchegante, a sensação de paz indescritível.

Deitei minha cabeça em seu peito e consegui ouvir o coração batendo forte, acompanhado pelo ritmo da respiração pesada que fazia seu peito subir e descer lentamente.

– Eu gosto de ficar do seu lado. – ele falou subindo e descendo a mão pelo meu braço e eu sorri sem me mexer. – Às vezes tenho a sensação que é por isso que eu estou aqui. Por causa de você.

Deus, como aquilo era difícil. Ouvi-lo dizer aquelas coisas e não poder fazer absolutamente nada.

Continuei a mudar os canais até que parei em um filme sem prestar muita atenção nele, efetivamente. Até que uma coisa me fez parar.

Aparentemente, o personagem principal era um anjo que havia abdicado sua imortalidade por uma mortal. Porque ele havia se apaixonado por ela.

Comecei a me sentir desconfortável e me ajeitei na cama, prestando atenção no que estava acontecendo ali. Eros também parou de falar e eu levantei o rosto para ver que seus olhos estavam fixos na tevê, completamente imóveis. Ouvi o coração dele acelerar e os músculos enrijecerem.

– Você está bem? – perguntei desapoianando a cabeça de seu peito e me endireitando na cama.

Ele piscou uma vez e respirou fundo, depois me apertou mais contra ele.

– Estou.

Embora eu gostasse daquilo e obviamente não fosse reclamar, sabia que ele estava mentindo, só não conseguia entender o porquê. Claro, eu tinha algumas ideias malucas na minha cabeça, ainda mais com aquele filme passando na tevê, mas nenhuma delas fazia sentido o suficiente para ser levada a sério.

– Você acha que é assim? – perguntei sem desviar o olhar da tevê – Quer dizer, que existem anjos e que eles podem se apaixonar? Que eles podem... escolher cair?

Pensar naquilo era absurdo. Era meu atestado de insanidade e eu estava esperando que Eros verbalizasse aquilo para mim a qualquer momento, acrescentando onde eu havia batido tão forte com a cabeça.

Mas havia evidências... quer dizer, ele era todo esquisito e misterioso... Os olhos azuis elétricos que acendiam do nada, a perda de memória, a inocência, a insistência dele em salvar pessoas, as dores nas

costas, as faixas vermelhas ali que podiam muito bem sustentar duas... não.

– Acho. – ele respondeu a pergunta que eu mal me lembrava de ter feito, em um tom de voz que eu não consegui decifrar.

– Eros, você... – comecei, mas desisti na metade – nada, esquece.

Era ridículo e eu não ia fazer aquela pergunta. Simplesmente não ia me passar por idiota – não mais do que eu era em condições normais.

Eros também não insistiu então preferi continuar quieta. Foi quando uma voz insuportavelmente familiar furou meus ouvidos.

– Mas que cena mais comovente. Posso tirar uma foto?

A minha vontade era de mandar Gael para o quinto dos infernos naquele momento – lugar do qual eu não me surpreenderia nem um pouco se ele tivesse saído.

– Posso saber o que você está fazendo na minha janela? – perguntei horrorizada, percebendo que de alguma forma ele estava pendurado ali, apenas com a cabeça para dentro.

– Esperando você me convidar para entrar.

Eu sorri com desdém. Mas claro.

– Nem em um milhão de anos. – respondi com raiva – Não sei como você chegou aí e isso não me importa, mas aqui você não entra.

– Tecnicamente eu não preciso da sua autorização para entrar, Alexandra. Eu só estava tentando ser educado.

– Perdeu o seu tempo.

– Ei, ei, ei... – Eros intercedeu – Eu combinei de conversar com o Gael, lembra? – sim, infelizmente eu me lembrava – Então acho que tudo bem se ele quiser entrar.

– Não quero entrar, já falei que só estava sendo educado. – Gael retrucou sem tirar os olhos de mim – O Gabriel já está me cobrando, você vem comigo. – ele fez sinal com a cabeça para fora, daquela vez com os olhos em Eros.

– Vem pra onde? – perguntei colocando minha mão sobre a perna de Eros, como se aquilo fosse capaz de impedi-lo de se levantar, se assim ele quisesse.

– Não é da sua conta. – Gael respondeu com ar de impaciência, como se aquilo fosse uma coisa óbvia.

– Tudo bem, eu vou voltar. – Eros tentou me acalmar, virando o rosto na minha direção. – Eu prometo.

Desviei os olhos dele e tentei abaixar a cabeça, mas uma mão enrolada no lençol segurou meu queixo. Com o canto dos olhos, vi Gael revirar os deles e decidi olhar para Eros, que era a melhor coisa que eu podia fazer naquele momento.

As íris azul elétrico fitavam as minhas com tanta intensidade que eu não sabia o que fazer – ou melhor, sabia, mas aquilo estava fora de cogitação.

Ou era o que eu pensava.

O que quer que tivesse feito Eros ter aquela ideia ridícula merecia ser queimado em praça pública. Devagar, ele foi aproximando o rosto do meu e eu permaneci imóvel. Ele não era idiota o bastante para fazer aquilo, não podia ser.

– Eros, eu acho que...

Mas não consegui terminar a frase.

Meus lábios foram prensados contra um outro par de lábios e o mundo desapareceu a minha volta. Se a sensação de tocá-lo causava ondas elétricas, o toque dos lábios fez essa onda triplicar, quadruplicar de intensidade.

Era quente, era protetor, era macio e não passou daquilo. Meus olhos mal tiveram tempo de se fechar e logo Eros já estava separado de mim outra vez, com as costas da mão pressionada contra os

lábios, os olhos azuis marejando de dor.

– Idiota! – foi a primeira coisa que eu consegui gritar sem pensar, embora eu provavelmente fosse dizer a mesma coisa se tivesse tido tempo para tanto.

– Desculpa. – ele murmurou ainda com os lábios escondidos.

– A questão não é isso, Eros, a questão é que... não quero que você se machuque por minha causa!

Gael riu. Por um segundo eu tinha me esquecido de que o infeliz ainda estava ali.

– Acho que é meio tarde para você pensar nisso, Alexandra, agora vamos.

Eros lançou um último olhar a mim e se levantou, indo se juntar a Gael.

– Juro que não entendo – Gael continuou – O porquê de tanto sacrifício.

• • •

Sinceramente, eu não sabia dizer quanto tempo havia se passado desde que Eros havia saído de casa e preferia não olhar no relógio para não entrar em desespero. O filme já havia acabado – com um final que não me agradou muito, só para constar – e deixei a tevê em um canal de clipes de música porque não dá pra ter tanta noção de tempo neles.

Foi mais ou menos por aí que acabei caindo no sono sem perceber, sem nem sonhar.

E foi logo depois que eu acordei com um barulho vindo da janela. Eu não sabia o que era, mas senti meu coração acelerar e minhas mãos suarem. Sabia que havia alguma coisa errada, só não tinha me dado conta daquilo ainda. Até que o rosto de Eros apareceu na janela.

Senti meu estômago revirar e levantei tão rápido da cama que nem consegui processar como havia chegado ao batente da janela tão rápido, e aquilo também não me importava.

Soluços. Lágrimas.

Senti meu coração chorar e lágrimas se formaram nos meus olhos quando vi que elas também cortavam o rosto perfeito de Eros.

– O que foi? – perguntei em desespero, querendo e não podendo tocá-lo, sentindo a voz arranhar minha garganta. Não havia palavras. Só soluços. – Eros!

Ele estava inconsolável, e eu não podia fazer absolutamente nada.

– Entra! – eu disse, um último esforço de tentar fazer alguma coisa.

Foi quando ele segurou minha mão. Meu primeiro impulso foi o de puxá-la, mas ele não esboçou reação de dor. Meu corpo estremeceu com a corrente que me invadiu e eu tentei puxar minha mão outra vez, mas Eros não deixou.

– Não. – ele murmurou engolindo o choro entre os soluços, sem olhar para mim.

– O que aconteceu?

As lágrimas rolavam pelo meu rosto também, minhas mãos tremiam sem parar. Desesperada, levei minha mão livre ao seu rosto e ele levantou os olhos, azuis, brilhando daquele jeito esquisito.

– Desculpa! – foi o que ele conseguiu falar entre o choro, apertando mais minha mão com a dele.

– Desculpa pelo quê?!

– Eu não queria... – ele continuou, ignorando minha pergunta, desistindo de me encarar – Se eu soubesse... Desculpa, Alex. Desculpa.

Sem dizer mais nenhuma palavra, ele soltou a mão da minha e desapareceu na escuridão.

Sete

Despertar

A primeira coisa que eu senti foi o frio.

Não, não era uma sensação nova. Era simplesmente uma sensação distante. Algo que não sentia há muito tempo, algo que nem sabia dizer se havia chegado a pensar se sentiria outra vez, porque eu não era capaz.

A segunda foi a dor nos olhos.

Eu não me lembrava onde estava. Havia luz demais vindo de algum lugar que eu não conseguia encontrar.

Depois veio a dor nos músculos. O menor movimento era como ser atropelado por um trem.

Trem..

Ouvi um barulho familiar, que fez sentido com aquela palavra.

As luzes. Os barulho dos trilhos.

Me obriguei a levantar as costas e precisei gritar de dor.

A voz saiu rouca, a garganta ardeu também.

O ar entrava e saía arranhando os pulmões. Levei a mão ao peito, não havia nada ali. E foi exatamente o vazio que me fez lembrar.

Levantei e procurei uma saída. Não havia nenhuma.

As paredes eram de metal, estavam enferrujadas em alguns lugares, por onde a luz do trem que havia acabado de passar entrava. Forcei a parede. O metal envervou.

Tomei um passo de distância e chutei a parede deformada. O ar fresco invadiu meus pulmões e as luzes fortes me cegaram por alguns segundos.

Eu não sabia onde estava. Havia cores demais, luzes demais, barulhos demais. Não me lembrava daquilo. Era diferente.

Mas eu tinha certeza de uma coisa.

Comecei a caminhar, mesmo com as pernas doendo com o impacto com o chão. Não havia ninguém por perto, não que eu conseguisse sentir.

Atravessei os trilhos na direção das luzes fortes, julgando que aquilo deveria ser uma cidade. Os barulhos aumentavam, as estrelas diminuía.

Percebi alguns olhares pousando sobre mim, mas não ousei retribuí-los. Quanto mais cabisbaixo eu ficasse, menos as pessoas se incomodariam com os meus olhos.

Porque sim, daquilo eu me lembrava.

Eu podia sentir que não estava no lugar certo. Nem perto do lugar certo, embora não soubesse o que certo significava naquele momento.

– Moço, o senhor está bem?

Me virei com um susto para me deparar com um garoto assustado. Ele vestia roupas engraçadas.

– Tocada. – foi a primeira coisa que saiu da minha garganta, mais parecendo um rosnado pela falta de prática com as palavras.

– O quê?

Meus olhos tremiam, correndo de um lado para o outro, sem jamais fixar os dele. Ele sabia que havia alguma coisa errada.

– Stavros. – eu murmurei um nome que eu não sabia de onde vinha, mas estava ali – Alexandra Stavros.

Oito

Gabriel ficou maluco

Gael

– Requiél! – gritei quando ele saiu destrambelhado pela rua, correndo sabia-se lá para onde.

– Me deixe em paz! – ele grunhiu e continuou a correr. Mas não, ele não ia escapar de mim. Ele podia até ser o queridinho da Colônia – ou de Gabriel –, mas eu era o mais rápido.

Sem muita dificuldade, e embora ele tivesse decidido correr demais para o meu gosto, eu o alcancei.

– Me solta! – ele gritou puxando o braço quando toquei seu ombro para pará-lo. – Eu não quero mais te ver na minha frente, Gael!

– A culpa não é minha! – retruquei. Se ele sabia gritar, eu também sabia – Só estou fazendo o que o Gabriel me mandou e você sabe disso!

– Gabriel, Gabriel... Você tem noção do que o Gabriel vai fazer comigo? – ele andava em círculos, frenético, as mãos na cabeça – Ou com a Alexandra?

O choro aumentou quando ele mencionou o nome dela. Eu revirei os olhos. Bem que eu tinha avisado que essa história não ia dar certo. Mas claro, quem o Gael era? Sempre o louco, sempre o emburrado, sempre o estraga-prazeres.

– Você não sabe o que vai acontecer, Requiél. Você é o amorzinho da Colônia, é capaz do Gabriel ficar com dó.

– Claro. – ele riu, nervoso – Acorda, Gael! É da Tocada que nós estamos falando! Todos os outros Guardiões...

Ele desmontou no chão e revirei os olhos outra vez. Essa era uma prática bastante comum quando eu estava com Requiél, só para constar.

– Não me obrigue a te levantar daí.

– Não vou fazer isso, não precisa se incomodar.

– Sério, Requiél. – cruzei os braços – Você precisa voltar para a Alexandra. Agora.

Ele levantou o rosto lavado pelas lágrimas, como se achasse que eu fosse me comover com aquilo.

– Você não vai me comover, levante daí agora. Você ainda é o Guardião dela, quer você goste disso ou não.

Requiél ficou quieto por alguns segundos, o que foi particularmente agradável porque ele já estava começando a me irritar.

– Às vezes – ele começou, agarrando a pedra do colar que pendia em seu pescoço – eu queria me livrar disso aqui.

Eu podia dizer que ele realmente estava falando sério, embora obviamente aquilo soasse como uma piada.

– Muito engraçado, como se você não soubesse o que significa se livrar “disso aí”.

– É o que vai acontecer de qualquer forma. – ele deu de ombros.

Ok, era hora de partir para o apelo psicológico.

– Olha só, eu não entendo muito disso, e não quero me intrometer, mas, se você gosta mesmo dessa mort... –

– Minha Protegida. – foi um grunhido.

– Sua Protegida, eu acho que você devia ficar ao lado dela agora. Não devia?

Ele me olhou com desprezo. Na verdade, uma tentativa de desprezo, porque ele nunca dominaria a técnica tão bem quanto eu.

– Você não sabe de nada, me deixe em paz. – foi a declaração dele.

– Não vou enquanto você não voltar para a Alexandra. Você só vai piorar as coisas agindo assim, Requiél.

– Olha, Gael, cansei de você. Não sei o porquê dessa obsessão toda e você não pode me obrigar a fazer nada. Eu preciso de um tempo.

– Requiél, você não...

Mas ele se levantou e abriu as asas, desaparecendo no céu escuro.

Claro, típico. Sempre fugindo dos problemas quando eles apareciam. Talvez Requiél estivesse passando tempo demais com os humanos, afinal.

No entanto, embora não me importasse inteiramente, a menina não podia ficar sozinha e, também embora a ideia não me agradasse, eu precisava ficar com ela enquanto Requiél decidisse bancar o rebelde sem causa.

Eu poderia ir voando ou poderia simplesmente correr e chegar lá em um minuto ou dois, mas preferi ir andando. Eu não estava com pressa de encontrar a Protegida do Requiél, porque tinha certeza de que ela não ia me deixar entrar e ia colocar a culpa do desaparecimento do “Eros” dela, obviamente, em mim.

Mas, infelizmente, cheguei à casa dela antes do que gostaria. Me esgueirei pelo muro de pedra sem fazer barulho e alcancei a janela, que estava fechada. Dei três batidinhas na madeira e mal completei a última quando quase caí com Alexandra abrindo a coisa freneticamente.

– Oi para você também. – eu falei sem emoção.

– Cai Fora. – ela grunhiu entre os dentes e tentou fechar a janela outra vez, mas eu não deixei – Tudo bem! Já que o senhor quer tanto ficar, o que é que você fez com o Eros?

Pois é, eu tinha certeza.

– Eu fiz o que me mandaram. Ele vai te contar tudo, não precisa fazer draminha.

Ela estreitou os olhos.

– Vá pro inferno.

Ela era engraçada, pelo menos, e eu precisei sorrir. De um jeito desdenhoso para manter a pose, mas ainda assim.

– Vai me deixar entrar dessa vez?

Alexandra voltou a chorar e revirou os olhos, depois se jogou na cama. Já que ela parecia que não ia esboçar qualquer reação de objeção, entrei e fechei a janela.

– Posso saber por que você não vai embora? – ela perguntou enxugando as lágrimas nas mãos.

Não que eu me comovesse, mas era desconfortável ver uma Protegida sem seu respectivo Guardião. Requiél estava com muitos problemas.

Eu me sentei no chão debaixo da janela.

– Porque não posso. Eu preciso ficar aqui.

Ela não olhou para mim, nem se mexeu na cama. Eu só ouvia os soluços quando ela falou de novo.

– Onde o Eros está?

Reprimi o impulso de corrigi-la respirando fundo.

– Eu não posso contar. – o que era verdade – E na verdade não sei exatamente. Mas ele está bem. – por enquanto, mas não ia contar isso a ela.

– Como você pode ter certeza? O que foi que aconteceu com ele? Por que... de repente pude encostar nele e não aconteceu nada?

Respirei fundo mais uma vez.

– Eu não posso contar, Alexandra. Só ele pode. Mas enquanto ele estiver fora eu preciso ficar por aqui.

Ela franziu as sobrancelhas.

– Não quero você de babá, Gael.

Eu ri com deboche.

– Nem eu, acredite.

– Ele vai voltar?

– Nem que eu o traga a força, não se preocupe.

Alexandra pareceu relaxar um pouco e se virou na cama, como se fosse dormir.

– Gael? – levantei os olhos – Você é um idiota. Eu te odeio.

– Bons sonhos para você também.

Achei que ela tentou esboçar um sorriso e fechou os olhos. Não demorou muito e percebi que Alexandra estava dormindo. As pessoas ficam mais leves quando dormem, mais aceitáveis. Mais vulneráveis, é uma coisa que dá pra sentir.

Eu poderia ficar ali. Na verdade, deveria ficar ali, mas achei que talvez fosse melhor dar uma passada na colônia e ver como as coisas estavam por lá. Eu me levantei e passei uma perna pela janela, quando lancei um último olhar à Alexandra.

Ela estava tremendo.

– É bom você me agradecer por isso algum dia, Alexandra – resmunguei, voltando para dentro do quarto para cobri-la – Porque já está passando dos limites.

Balancei a cabeça ao vê-la dormindo e arfei. Então tínhamos uma nova Tocada. De dezoito anos. Teimosa, chata e apaixonada pelo anjo mais adorado da Colônia inteira. Bom, quem quer que tenha dito que o céu não é um lugar divertido com certeza se esqueceu de dar uma passadinha por aqui.

Deixei o quarto de Alexandra pela janela e alcei voo.

A sensação era boa. O vento no rosto, as asas batendo sem pressa. A tranquilidade que me invadia quando alcançava os perímetros da Colônia... que não estava ali daquela vez. Aliás, não estava desde o incidente com o Requiél.

– Ezequiel, Israel. – acenei com a cabeça para os dois guardas corpulentos na entrada principal quando cheguei lá.

Eles acenaram de volta e liberaram a passagem, sérios.

E esse era o clima desde a pequena queda do Requiél: Guardas da Legião em todos os portões, Miguel fazendo plantões intermináveis e passando tempo demais com Gabriel, Mensageiros receosos, Guardiões querendo retornar para a Colônia, aprendizes desistindo do ofício.

Era o caos, no céu.

– Gael!

Eu me virei no susto, mas por sorte não era quem esperava – e nem queria – que fosse.

– Oi, Niel. – respondi forçando um sorriso para a garotinha que corria na minha direção. – Você não devia estar na aula?

A expressão no rosto dela murchou.

– Não teve. Ninguém mais quer virar Guardião, Gael.

– Mas você quer.

– E eu quero ser um Legionário! – uma outra voz berrou pelas minhas costas.

– Oi, Pharel. – falei sem emoção, sem nem me dar ao trabalho de fingir alguma reação. O garoto, um pouco mais velho que Niel, havia pintado o corpo como se estivesse usando uma armadura.

Impressionante.

Ou não.

– Não sei se vocês sabem, mas preciso ir. – falei sem tentar parecer rude, mas era uma tarefa complicada. Crianças, de qualquer espécie, não eram a minha vocação.

– Você veio procurar o Requiél? – Pharel perguntou quando eu comecei a andar. Moleque intrometido.

– Talvez. Você sabe onde ele está?

Pharel sorriu de lado. Aquele não era um bom sinal.

– Talvez... – ele me imitou.

– Como se eu precisasse da sua ajuda. – falei com os olhos estreitos e dei meia-volta.

– Não, espera! – ele gritou. Eu parei, sem paciência. – Ele está na Colina, com a Caliel.

Eu fiz uma reverência exagerada.

– Obrigado, Pharel. Adeus.

– Não posso descer para a Terra com você? – ele gritou enquanto eu caminhava na direção oposta a ele.

– Não.

– Por favor!

– Não.

– Só uma vez!

– Não.

– Mas a Legião...

– NÃO! – gritei e ele parou de falar de uma vez por todas. Sinceramente, devia haver algum tipo de regra para crianças na Colônia. Embora elas fossem crianças só na aparência física, eram tão irritantes como qualquer humano com aquela aparência, quando queriam.

Conforme eu andava, dava para ver nos olhares de todos o clima pesado. E o modo como me olhavam era particularmente incômodo, como se achassem que a qualquer momento eu iria dar um pulo e gritar que os Caídos estavam atacando.

Tive de sorrir de canto com o pensamento, seria engraçado. Mas não, seria errado e eu não podia me dar ao luxo de fazer gracinhas, ao menos que quisesse ganhar uma reuniãozinha extra com o Gabriel e não, eu não estava no clima, obrigado.

Continuei andando em meio às pessoas – ou anjos, como quiserem – que passavam por ali até que avistei a Colina.

A Colina era um lugar afastado e, como o nome sugere, era, incrivelmente, uma Colina. Até que era um lugar bem bonito e era o melhor ponto da Colônia para se observar os humanos lá embaixo.

Claro, eu devia ter adivinhado que o Requiél estaria ali.

Ponderei por um segundo e preferi não chegar muito perto, só o suficiente para ver que ele e Caliel estavam sentados, con153

versando. Ela segurava as mãos dele e ele continuava balançando a cabeça negativamente, sem parar.

É.

Ia ser bem difícil separar aqueles dois caso o pior acontecesse, e precisei sacudir a cabeça quando percebi que meus olhos estavam vidrados nela sem a minha permissão.

Foi quando ouvi alguém correndo na minha direção.

– Pharel, eu já...

– Estão te chamando. – ele falou sério, parecendo preocupado. As feições de criança não estavam

mais ali.

– Quem? – perguntei perdido, olhando para os lados em busca de alguma pista.

– Gabriel.

Não tive tempo de responder e só corri o suficiente para dar impulso com as asas e voar. Rápido, baixo, focado. Quando o assunto era Gabriel, qualquer outra coisa tinha de ficar para depois.

Tentei achar alguma coisa diferente no comportamento da Colônia ali por cima, mas nada além do anormal dos últimos dias. Os guardas não se mexiam nos portões, nenhum risco eminente até então.

Quando alcancei a Morada, nada parecia muito fora do comum e comecei a achar que Pharel talvez estivesse pregando uma peça em mim. Mas era muito bom, para ele, que eu estivesse errado.

Pousei com mais calma diante do portão e respondi a alguns acenos de cabeça tímidos. Apesar disso, eu parecia ser o único preocupado por ali – além de alguns olhares de esguelha para mim, já que passava ali praticamente todos os dias para falar com Gabriel sobre o Requiem, não achei nada muito diferente.

A não ser por uma coisa.

Bem diferente.

Diminuí o passo, desconfiado, quando avistei Legionários no final do hall. Legionários não entravam na Morada, e não era apenas um ou dois. Havia pelo menos uns quinze, todos em armaduras douradas e em formação, como se estivessem preparados para uma guerra.

Agora sim havia alguma coisa muito errada acontecendo.

Passei pelo corredor que eles formavam e me dirigi a Isael, na porta do salão principal.

– O que está acontecendo? – perguntei baixo, como se ninguém mais fosse capaz de me escutar.

Isael não falou nada. Ele acenou com a cabeça para a porta e a abriu para que eu passasse.

Precisei de alguns segundos para ter certeza de que estava no lugar certo e pisquei os olhos com força só para reforçar a convicção. Não houve mudança. Débil, olhei para os lados.

Como se não fosse o suficiente Gabriel estar ali, Miguel e Rafael estavam ao lado dele, ambos olhando para mim com uma expressão nada agradável no rosto quando entrei.

– É esse o Guardião? – Miguel perguntou me olhando de cima a baixo, com seu ar de superioridade característico.

Não, eu não era o Guardião que ele queria, mas gostaria de ser só para poder cuspir na cara dele e virar as costas.

– Não, Miguel. – Gabriel respondeu por mim – Esse é Gael, meu mensageiro. Ele está envolvido no caso da Tocada, e é por isso que ele está aqui.

O olhar de Miguel sobre mim não melhorou, nem a vontade de cuspir na cara dele.

– Ele já sabe do que aconteceu? – Miguel perguntou a Gabriel, mas não moveu os olhos de mim. Não desviei o olhar, eu não era esse tipo de cara, se é o que ele estava pensando.

– Não, mas é por isso que eu o chamei.

– E o Guardião? – Rafael perguntou em um tom imensamente mais agradável. – Ele não devia estar aqui também?

– Não achei prudente. – Gabriel respondeu calmo – Já soube que ele está com Caliel e por enquanto ele pode permanecer com ela. Não sabemos qual pode ser a reação dele quando souber o que aconteceu.

Ok, eu já estava ficando nervoso.

– O que aconteceu?

– Parece que temos um problema.

Claro. Genial. Impossível deduzir sozinho.

– Que problema, Gabriel? – repeti a pergunta, no limite da educação – Além da Tocada, é claro.

Ele respirou fundo.

– Em primeiro lugar, eu ordeno que você acompanhe a Alexandra, imediatamente, quando for

liberado. Entendido?

– Sim.

– Ótimo, você já vai entender o porquê. Em segundo, você não pode contar o que se passar aqui dentro para ninguém. Muito menos para o Requiél. Eu farei isso depois, pessoalmente.

O que significava que ele estava com sérios problemas e que a situação era mesmo grave.

– Certo.

Gabriel parecia preocupado e as feições dele também estavam estampadas nos outros dois rostos que nos observavam.

– Se vocês puderem me seguir. – Gabriel falou em seu tom sério, e ninguém ousou desobedecer.

No fundo da sala, com uma espécie de aceno de mãos, Gabriel fez surgir duas linhas prateadas do chão que subiram pela parede até se encontrarem no ponto mais alto, formando uma porta.

Eu ergui as sobrancelhas, surpreso. Realmente, não dava para se prever nada daquele lugar e de fato era melhor nem tentar. Gabriel desapareceu atrás da porta que havia acabado de se formar, com Rafael e Miguel em seu encalço e decidi que não seria uma boa ideia ficar para trás.

Eu nunca havia estado ali antes. Claro, a sala de Gabriel já me era bem familiar devido às visitas constantes, mas nunca sonharia com uma porta ali.

Atrás da porta em questão, havia um corredor escuro e estreito. Embora eu não conseguisse ver exatamente do que as paredes eram feitas, podia dizer que aquilo era bem diferente do resto da Morada.

Estávamos em silêncio. Até as respirações, pesadas e tensas, podiam ser ouvidas de um jeito perturbador. No final do corredor, Gabriel fez duas outras linhas prateadas surgirem e, com elas, uma nova porta. A que havia ficado para trás de nós se fechou.

Miguel e Rafael não se abalaram, não mexeram um músculo sequer e tentei fingir a mesma coisa – embora não fosse tão fácil assim.

Quando a porta terminou de se formar e se abriu, precisei estreitar os olhos por causa da luz insana que saía daquele lugar. Meu primeiro impulso foi o de perguntar o onde nós estávamos,

mas não quis quebrar o silêncio. Gabriel parou na entrada da sala e fez sinal para que nós entrássemos. Assim que todos passaram por ele, um por um, Gabriel selou a passagem às nossas costas com um aceno de mão.

Corri os olhos por aquele lugar. A sala era branca, completamente branca e circular. Vazia. Não havia nada ali além de uma imensa esfera transparente, feita de alguma coisa parecida com vidro, pairando no ar.

Tentei não parecer impressionado, porque aparentemente eu era o único que nunca havia estado ali naquele lugar. O silêncio era pesado. Era como se nós estivéssemos esperando o anúncio do apocalipse sair da boca de Gabriel quando ele começasse a falar.

– Bom, em primeiro lugar, como você nunca esteve aqui, Gael, vou explicar do que se trata. – Gabriel começou e fez um leve aceno com a cabeça – Essa esfera é que nós chamamos de, bom... Esfera.

Fiz um esforço para não revirar os olhos. Muito criativo.

– Uhum.

– E através dela nós podemos ver a localização de todos os Caídos no planeta Terra.

Ok, Caídos não eram um assunto muito agradável a ser tratado, muito menos na presença de Gabriel, Miguel e Rafael em um combo triplo.

Engoli a seco e deixei que ele continuasse.

– Você ainda não estava aqui na época da última Tocada e por isso talvez não saiba, mas um Caído, há cerca de setenta anos, ficou em transição.

Senti meu cérebro dar um nó.

– Quer dizer que...

– Quer dizer – ele me interrompeu – que esse caído ficou preso na Terra, exatamente.

– Mas... todo esse tempo?

Não fazia sentido. Simplesmente não fazia sentido que um Caído permanecesse em transição por tanto tempo e que ninguém tivesse feito nada a respeito.

– Os Caídos em transição permanecem em um estado de inanição, Gael. Quando a Tocada selou a passagem entre as dimensões, ele não pode retornar. Ao mesmo tempo, devido ao fim da Tocada, ele também não podia continuar na Terra.

– Ele... dorme?

Soou estúpido quando eu falei, mas a resposta me surpreendeu.

– É como se fosse isso. Ele não acorda, não muda. Não pode fazer nada e nós também não, já que a passagem, como eu disse, foi selada.

Eu podia dizer que Gabriel não estava gostando daquilo, nem da situação em si, nem de me contar o que estava acontecendo

– Então ele não é uma ameaça. – concluí.

Gabriel respirou fundo e olhou para a esfera.

– Não era.

Senti o ar ficar mais pesado – se é que aquilo era possível. Julguei que Rafael e Miguel já sabiam da situação, mas estavam esperando o veredicto sair dos lábios de Gabriel para efetivamente expressarem uma reação.

– Quer dizer que agora com a Alexandra...

Gabriel tocou a esfera com o indicador e ela acendeu. Uma imagem começou a se formar fraca, quase invisível. Um borrão que se movia lentamente em meio a outros borrões. Até que, aos poucos, consegui distinguir alguma coisa.

– Ele é o... – comecei com os olhos estreitos, confuso, e Gabriel acenou que sim com a cabeça antes que eu pudesse terminar – Onde?

– Jundiá – ele respondeu apreensivo e a imagem da figura aumentou na esfera. Os olhos, foi o que eu reparei. Amarelos e brilhantes. Aceso. Vazios como a expressão que ele carregava no rosto impassível – A quarenta minutos de São Paulo, Gael.

– Ele está atrás da Alexandra. – concluí o óbvio, mais para mim do que para que os outros ouvissem, na verdade. O que, obviamente, não funcionou.

– Você entende por que preciso de você com ela agora? – acenei que sim, mecanicamente. Eu não tinha certeza se conseguia raciocinar – E eu quero dizer com ela. Materializado. Uma escolta. – ele respirou fundo – Se esse caído encostar na Tocada...

– A passagem será reaberta para todos eles também. – eu terminei.

Sim, eu sabia daquilo. Já havia ouvido inúmeras histórias sobre como os Caídos haviam conseguido invadir a Terra, mas nunca achei que essas histórias fossem efetivamente verdade. Muito menos que um dia eu poderia presenciar alguma coisa assim.

– Já pedi para o Miguel organizar a Legião. – Gabriel continuou e Miguel acenou com a cabeça – Nós estamos preparados, mas não vamos atacar. Não podemos, enquanto o Caído continuar em transição.

Eu podia sentir que aquele não era um bom sinal.

– Isso quer dizer que...

– Quer dizer que você precisa proteger a Alexandra. Apenas

o Guardião da Tocada pode destruir esse Caído enquanto a passagem dele permanecer fechada.

Precisei de um segundo para processar a informação.

– Mas então o Requiél... só ele pode...

Gabriel esboçou um sorriso que me incomodou.

– Podia. Devido aos últimos acontecimentos, eu te declaro o novo Guardião de Alexandra Stavros.

Nove

Esses pensamentos não são meus

Senti meu coração ameaçar dar uma ligeira parada, devia haver algum engano. Um terrível engano. Que não tinha a menor graça, dezoito anos, um nome e uma língua compridos demais.

– Deve haver algum engano.

Gabriel sorriu de um jeito que eu não gostei.

– Não, é isso mesmo. – ele confirmou e senti um buraco se abrir no meu estômago. – Requiel precisa ser afastado. Por questões de segurança.

Tudo bem, mas eu sabia que não era só aquilo. Eu havia passado tempo demais com Gabriel – contra a minha vontade – para saber quando ele estava mentindo, e aquela era uma dessas vezes.

– O que vai acontecer com ele? – arrisquei.

Não percebi o tom da minha voz, mas a resposta de Gabriel me fez pensar que talvez eu tivesse ido longe demais.

– Isso não cabe a você, Gael. – ele respondeu sério. – Nós tomaremos as atitudes necessárias, você saberá quando eu achar prudente.

Achei que ele esperou que eu fosse me desculpar, mas não aconteceu. Não ia acontecer.

– Já estou dispensado? – perguntei ligeiramente impaciente. – Foram informações demais de uma vez, preciso lidar com tudo isso...

– Tem certeza – Miguel começou me olhando com desprezo, depois se virou para Gabriel – que esse moleque tem capacidade de proteger a Tocada? Eu posso ceder um dos meus Legionários, muito mais preparado e...

– Eu tenho certeza – Gabriel o cortou – absoluta que Alexandra estará em boas mãos.

Miguel cruzou os braços com a superioridade que ele achava que tinha.

– Achei que você tivesse dito isso da última vez.

Eu senti o sangue subir e sabia que não devia fazer aquilo, mas foi mais forte que eu. Não percebi quando investi contra Miguel, nem quando minhas mãos o alcançaram. Só dei por mim quando já estava sendo arremessado contra a parede da sala branca por ele.

Minha respiração estava ofegante, carregada de ódio. Quem ele era para falar daquele jeito? Ele não sabia, ele não entendia... Eu não gostava dele. E também não estava defendendo Gabriel. Sinceramente, eu só precisava de uma desculpa para atacá-lo e aquela me pareceu boa o suficiente.

Minhas costas doeram com impacto e eu não tive tempo de levantar. O máximo que consegui fazer foi abrir os olhos para ver Miguel voar na minha direção e prensar meu pescoço contra a parede com seu braço.

A respiração ficou difícil. Os olhos azuis furavam os meus. Ele era forte e treinado. Por milênios. Podia me matar ali se quisesse, eu sabia daquilo. Mas eu não ia me arrepender.

– MIGUEL! – a voz de Gabriel ecoou na sala, grave. – Solte-o!

Miguel não se mexeu. A pressão contra o meu pescoço não diminuiu.

– É uma ORDEM! – Gabriel bradou.

Eu podia sentir as faíscas que saíam dele. Miguel não gostava de mim e por algum motivo aquilo me fez bem. Eu sorri.

– Sorria mais uma vez desse jeito perto de mim – ele grunhiu entre os dentes – e vai ser a última vez.

Contra a vontade, Miguel puxou o braço liberando meu pescoço e permaneci sentado com a mão onde ele havia me apertado. Ia ficar uma marca ali, eu tinha certeza. Mas aquilo não importava.

– Gael, é melhor você ir agora. – Gabriel falou voltando ao seu tom calmo, mas sério – Alexandra precisa de você em tempo integral.

Eu acenei que sim com a cabeça e me levantei. Miguel não olhou para mim enquanto eu passava, o que foi bom ou eu não sei o que poderia ter feito. Ou sei e a visão era tentadora.

Mas não. Eu ainda teria minha chance.

As linhas prateadas surgiram do chão mais uma vez e a porta se formou, fechando-se logo atrás de mim quando passei. Ainda permaneci no corredor por alguns segundos, na esperança de ouvir alguma coisa, mas as paredes deviam ser à prova de som ou algo assim. Me virei então para a saída, indo parar na sala de Gabriel até que a outra porta também se fechou, sem deixar nenhum vestígio de que estivera ali.

Então eu estava na sala de Gabriel, sozinho. Pela primeira vez. Senti vontade de sentar naquela cadeira e vasculhar pelo lugar. Gavetas, prateleiras... Eu tinha certeza de que os segredos da Morada não terminavam na sala da Esfera, não mesmo.

Corri os dedos pelas estantes cheias de livros, meticulosamente organizados, imaginando o que se escondia ali. Foi quando a porta de frente se abriu.

– Gael?

Eu me virei, me deparando com a cabeça de Isael enfiada na fresta.

– Por acaso sou eu. – respondi caminhando na direção dele. – Aconteceu alguma coisa?

– Não, eu só ouvi um barulho, preferi verificar. O senhor já vai?

Acenei que sim com a cabeça, embora eu fosse adorar ficar ali mais um pouco. Isael manteve a porta aberta e fui forçado a sair. Ele acenou com a cabeça quando passei e a fechou assim que coloquei os pés no hall. Para minha total alegria, os legionários ainda estavam ali.

Uma escolta para Miguel.

Eu sorri. Talvez ele precisasse daquilo, mesmo.

Não demorei por ali. Não porque Gabriel houvesse me mandado correr para encontrar Alexandra, mas porque talvez eu não aguentasse mais aquele lugar. E sair da Morada foi provavelmente a melhor coisa que fiz naquele dia.

Infelizmente não tive tempo para usufruir do ar ali de fora porque precisava descer, e assim eu o fiz. A luz foi diminuindo conforme me aproximava da Terra, o que significava que ainda era noite. E aquilo era bom.

Era minha primeira vez na Terra como Guardião e, embora eu não fosse admitir aquilo para ninguém, – nem para mim mesmo na maior parte do tempo – eu estava com medo.

Muito medo.

Ainda mais com um Caído solto por aí, atrás do que agora era minha Protegida. E a mais nova Tocada.

Senti meu corpo protestar contra a palavra, mas o ignorei. Já era hora de esquecer tudo aquilo.

Pousei a alguns metros da casa de Alexandra e fui caminhando até lá. Todas as luzes estavam apagadas, o que me fez pensar que já era tarde da noite. Não que a hora do dia fizesse alguma diferença para mim naquele momento, mas pelo menos eu já poderia me materializar sem correr o risco de ser surpreendido por um grito de terror uma velhinha desavisada que alegava estar vendo o fantasma do falecido marido.

Acredite, acontecia com alguns.

E foi isso que fiz, me esgueirando pelo muro de pedra mais uma vez. Sem fazer barulho, escalei a árvore que pendia ao lado da janela dela e passei por ela, entrando no quarto de Alexandra sem fazer barulho.

Ela dormia, exatamente do mesmo jeito que eu a havia deixado quando saí.

Olhei no relógio digital sobre o criado-mudo, era pouco mais das três da manhã.

Fechei a janela às minhas costas e me sentei ali debaixo, sentindo meu coração bater forte. Estar materializado implicava em sentir esse tipo de reação com muito mais intensidade do que em condições normais, o que não era exatamente confortável.

Acompanhadas pelos batimentos acelerados, senti gotas de suor descerem pelas minhas têmporas e eu as limpei com a barra da manga de blusa. Eu não gostava muito daquela condição, me fazia me lembrar.

Eu sabia que o sono ia chegar logo, era inevitável. Pelo menos Alexandra estava dormindo, segura.

Por enquanto.

Mas era o que importava.

• • •

Alexandra

O celular não despertou e eu não me importei. Na verdade, até achei bom, porque assim teria uma desculpa para não levantar. Eu não queria levantar.

Não queria levantar e nem ver o rosto de ninguém que não fosse o de Eros. Não queria ter de explicar para minha mãe por que ele não estava mais ali, nem por que meu rosto estava enorme de tanto chorar e nem por que havia um homem em posição fetal deitado debaixo da minha janela.

O quê?

Precisei tapar minha própria boca para não soltar um berro, embora eu estivesse quase certa de que dava para ouvir meu coração martelando contra o peito a umas duas paredes de distância.

Por um segundo – por um esperançoso e efêmero segundo – eu acreditei que pudesse ser o Eros ali. Mas não precisei chegar muito perto para ver que não era. A pessoa ali era menor e bem mais miúda, com cabelos escuros e lisos e...

Eu arfei e revirei os olhos, não necessariamente nessa ordem.

Devagar, fui me aproximando, só para ter certeza. A luz estava baixa, eu poderia estar enganada – embora eu preferisse, só daquela vez, estar certa.

Bingo.

Cutuquei o infeliz com o pé.

– Gael! – eu disse baixinho entre os dentes. Nenhuma reação. – Gael!

Ele respirou fundo e abriu os olhos, assustado.

– O quê? O que aconteceu? Você está bem?

Eu estava bem, ele é que estava frenético.

– O que aconteceu? – repeti – O que aconteceu é que o meu... Eros – eu me corriji a tempo, ou quase – sumiu e de repente você apareceu deitado dentro do meu quarto. Olha, se o Sr. Ares vir isso, ele...

Mas eu não consegui terminar. Gael se colocou de pé com uma velocidade que eu não acompanhei e

no segundo seguinte estava com a mão pressionada contra meus lábios, me impedindo de falar.

– Fique quieta! – ele sussurrou – Não é bom que ninguém saiba que estou aqui.

Lentamente, ele foi tirando a mão da minha boca, como se esperasse que eu pudesse voltar a gritar a qualquer momento – coisa que eu poderia fazer só para irritá-lo, mas meu pai realmente não ia gostar de ver um estranho, ainda mais como ele, naquela hora, no meu quarto.

Eu me sentei na ponta da cama.

– Você ficou aí a noite inteira?

Ele bocejou e se sentou no chão novamente.

– Quase. – Gael respondeu parecendo preocupado. – Bom, fiquei o suficiente. Precisei resolver... algumas coisas.

– Você sabe do Eros? – perguntei antes que meu cérebro decidisse se queria ou não perguntar aquilo, como se as palavras estivessem presas na minha garganta, simplesmente esperando por uma oportunidade para serem jogadas para fora. – Ele está bem?

Gael fez uma expressão de impaciência e respirou fundo.

Problema dele se ele estava irritado, francamente. Não pedi para ele estar ali, eu queria o Eros de volta. Só o Eros.

– Ele está... seguro. – Gael respondeu parecendo preocupado, o que não me deixou exatamente feliz.

– Quando ele vai voltar?

Gael não me olhou nos olhos e eu soube que alguma coisa estava errada. Senti meu coração acelerar e corri para me abaixar na frente dele, sem ter certeza de mais nada.

– Gael, você... você disse que ia trazê-lo de volta.

– Eu sei o que disse.

Os olhos azuis ainda não me encaravam. Senti uma lágrima querer se formar nos meus.

– Olha pra mim. – pedi e ele não se mexeu. A expressão era fechada, como se ele estivesse pensando em alguma coisa extremamente dolorosa – Gael, por favor...

Àquela altura as lágrimas já haviam se cansado de se prenderem aos meus olhos e corriam livres pelo meu rosto.

Eu não gostava de Gael, não mesmo. Mas ainda assim, o infeliz estava sentado no meu quarto e precisava que ele falasse comigo.

Levei minha mão à perna esquerda dele, esperando que ele por favor não interpretasse nada errado daquilo e ele me olhou assustado.

Eu gostei daquilo. Foi como se pela primeira vez eu o tivesse surpreendido com alguma coisa. Sem saber muito bem o que fazer, ele recolheu a perna.

– Me fala onde ele está. – tentei mais uma vez.

Gael respirou fundo, quase como se quisesse falar tudo de uma vez, mas simplesmente não pudesse.

– Eu não quero te assustar.

Ótimo, porque dizer aquilo realmente não tinha acabado de me fazer entrar em pânico.

– Gael! Eu preciso saber o que está acontecendo com ele!

Ele arfou, impaciente.

– Ele está bem, ok? Ele só não pode voltar agora. E... – ele não pareceu feliz em ter de falar aquilo – preciso ficar com você enquanto isso.

– Qual parte do “não quero você de babá, Gael” você não entendeu? Porque eu posso desenhar se você quiser.

Gael estreitou os olhos azuis de um jeito que me deu medo.

– Isso não é uma brincadeira. – ele respondeu com os olhos ardendo – E eu não sou sua babá. Estou mais para um guarda-costas se você quer saber.

Franzi as sobrancelhas.

– Guarda-costas? Tem alguém querendo me matar por acaso?

Perguntei aquilo por brincadeira, mas a resposta deixou óbvio que não se tratava daquilo.

– Pior que isso.

Aquela me pegou de surpresa e engasguei quando tentei falar outra vez.

– Co-como assim pior que isso? O que pode ser pior do que alguém tentando me matar?

A resposta dele foi categórica.

– Alguém ameaçando o resto do planeta?

Tudo bem, aquilo já estava ficando ridículo. Eu já estava começando a me ver no meio de um filme de ficção científica de quinta, jogado no canto da prateleira de uma locadora qualquer.

– Não precisa exagerar também.

Gael riu com deboche.

– Exagerar? – ele arregalou os olhos – Eu adoraria estar exagerando, Alexandra, você não imagina o quanto.

– Então você vai fazer o favor de me explicar a situação?

Gael respirou fundo mais uma vez. Eu tinha certeza de que o estava deixando maluco, mas não ia parar enquanto ele não falasse alguma coisa.

– Tudo bem! – ele falou abrindo os braços, derrotado. – Digamos que, resumindo, o mundo inteiro pode estar sob ameaça por causa de você. E é por isso que preciso te proteger.

Do jeito que ele falou, pareceu uma piada. Muito engraçado, porque é claro que eu estava no clima de brincadeiras.

– Claro. – respondi e dei as costas para ele para ir arrumar minha cama.

– Eu sabia que você não ia acreditar. – Gael retrucou e tive a certeza de que ele estava dando de ombros – Tudo bem, eu também não quis acreditar no começo. E na verdade, é até bom que você não acredite, pode facilitar as coisas.

Eu balancei a cabeça. De jeito nenhum ele estava falando sério. Afinal de contas, o que eu era? Uma garota de dezoito anos que estudava biologia na faculdade e que morava com os pais em São Paulo. Nunca havia feito nada de especial, nem feito nada de errado – grave o suficiente que eu conseguisse me lembrar.

É, de jeito nenhum.

– Boa tentativa, Gael, mas eu teria inventado uma história melhor.

Não ouvi quando ele se levantou e só percebi que ele estava perto de mim quando a colcha que deveria cobrir a minha cama foi puxada das minhas mãos.

– História? – ele grunhiu com os olhos cintilando de um jeito ameaçador – Será que você não consegue ser nem um pouquinho inteligente, Alexandra? Só uma vez?

Eu não respondi. Embora obviamente eu quisesse dizer alguma coisa para me defender, a expressão no rosto dele era tão intensa que preferi ficar quieta.

– Você não acha estranho – ele continuou, ainda com os olhos cintilantes – nem um pouco estranho, você encontrar um homem do nada, caído, no meio da chuva, que perdeu a memória, disse que veio do céu, não pode encostar em você e que tem olhos que acendem? – ele colocou o polegar e o indicador na frente do rosto separados por um espaço mínimo – Nem um pouco, Alexandra?

Tudo bem, colocando daquele jeito... bom, parecia uma coisa absurda, mesmo.

– Aonde você quer chegar? – arrisquei, receosa.

Para qualquer outra pessoa a resposta certa seria “sanatório” e eu não me espantaria se ele efetivamente dissesse aquilo.

– Eu só quero que você pense – ele continuou, atirando a colcha de volta na cama – que, olhando por esse lado, não é tão absurdo assim o que eu falei.

Eu não respondi. Não queria discutir com ele e nem parecer mais maluca do que, eventualmente, eu

já estava parecendo.

Gael virou as costas e se jogou no chão outra vez.

– Tem o colchão do... – parei ao perceber que precisaria dizer o nome dele e decidi reformular a frase – Tem um colchão debaixo da cama, você não precisa ficar no chão gelado.

Ele só levantou o rosto.

– Não precisa se incomodar.

Dei de ombros e voltei a arrumar minha cama quando uma folha caiu do meio dos lençóis e eu senti um buraco se abrir em meu estômago. Como se eu já não tivesse problemas o suficiente.

– Aonde você vai? – Gael perguntou quando eu corri para as gavetas sem nenhum aviso prévio.

– Me trocar, preciso ir pra faculdade.

– C-como é? – ele gaguejou surpreso, rígido.

– Tenho prova, Gael. Acabei de me lembrar, preciso ir.

Prova que, com toda certeza absoluta eu iria muito mal, mas ele não precisava saber dos detalhes.

– Você não pode ficar saindo, Alexandra.

– Como é? – eu o imitei – Você ficou maluco? Quer me aprisionar agora, é isso? Posso comprar umas correntes e me mudar pro porão se você quiser.

Ele se levantou e passou as mãos pelos cabelos absurdamente escuros antes de arfar uma vez e as pousar na cintura.

– Você não vai facilitar as coisas pra mim desse jeito.

Fiz cara de desentendida.

– Alguma vez eu falei que ia?

• • •

SEXTA-FEIRA

SÁBADO

DOMINGO

• • •

– Você não vai sair de casa hoje?

Minhas sobranças se ergueram involuntariamente e precisei desviar os olhos do caderno para ter certeza de que o dono correspondia mesmo à voz.

– Não é você que me diz que é bom ficar em casa? Que me arrasta porta afora da sala assim que a aula acaba? Não diz que é mais fácil pra você? – Gael não respondeu – Então fique feliz.

Voltei a rabiscar frases soltas no caderno.

Ou nem tão soltas assim. Quando levantei a mão da folha percebi que eu havia conseguido encaixar o nome de Eros em todas elas de uma tal forma que se me mandassem fazer aquilo conscientemente eu duvidava que fosse conseguir.

Rasguei a folha da espiral e amassei em uma bolinha que deveria ir parar no lixo. Mas obviamente não parou.

– É lixo, Gael. – falei quando ele pegou a bolinha dos pés e começou a desembrulhá-la. Eu podia sentir os xingamentos vindo a qualquer momento.

Mas eles não vieram, o que na verdade foi bem pior.

– Você vai sair daqui.

– O quê? – gritei mais alto do que deveria, embora tivesse ouvido as palavras dele perfeitamente bem.

– Você me ouviu. – ele respondeu atirando a bolinha com perfeição no lixo – Não vai ficar aqui na sua casa se lamentando.

Soltei um gritinho de indignação.

– Como? Posso saber o que você tem a ver com isso, Gael? Minha vida, dá licença.

Ele riu daquele jeito debochado irritante e encostou a cabeça contra a parede, movendo só os olhos na minha direção – sim, ele parecia ter adotado o canto debaixo da janela como casinha ou coisa do tipo.

– O que eu tenho a ver? Mais do que você imagina, eu suponho. – ele se ajeitou mais e respirou fundo – O que você sente, me afeta. E esse drama todo já está me dando nos nervos.

Eu ergui uma sobrancelha e quase senti meus lábios esboçarem um sorriso.

– Como assim sente?

Pergunta inútil, eu sabia que ele não ia responder. Ele nunca havia respondido nada desde que havia invadido minha vida e não parecia ter planos de mudar de ideia

– Não importa. – exatamente, o que eu tinha dito? – Mas estou ficando maluco.

Dei de ombros.

– Que continue.

– Eu... – mas ele parou, como se subitamente estivesse prestando atenção em algum barulho. – Seu irmão está vindo.

Com um impulso, Gael se colocou de pé e passou para o lado de fora da janela, no momento exato em que Apollo – com sua mania irritante – abriu a porta sem bater.

– Acho que eu vou colocar um alarme na porta para saber quando você está vindo. – falei quando ele enfiou aquela cabeça loira pela fresta.

– Ahn?

– Nada. O que você quer?

– O papai pediu para te avisar que nós vamos ao shopping e perguntou se você quer ir.

Muito engraçado o senhor Ares estar amiguinho da minha pessoa depois de eu ter dito que o Eros precisou viajar com emergência. Como se ele me enganasse.

– Não quero. – lembrei de Gael me mandando sair e sorri por dentro – Vou ficar em casa.

Apollo encostou a porta, mas a abriu outra vez no segundo seguinte.

– Alex... quando o Eros volta?

Senti meu coração pular uma batida. Até... ele?

– Eu... eu não sei, Apollo. Ele não falou nada.

Embora eu soubesse daquilo, doeu ter de verbalizar. Era como se ali, no meu peito, as palavras ficassem mais seguras. Longe dali elas machucavam.

Meu irmão abaixou a cabeça.

– Bom, se você souber dele... diz que eu vou ficar com saudades.

Senti meu coração quebrar em dois. Tudo o que consegui fazer foi acenar que sim debilmente com a cabeça.

A porta se fechou e Gael voltou para dentro do quarto.

Aposto que a intenção dele era me dar uma bronca, mas ele parou no meio do processo.

– Você está me deixando sensível.

Ergui as sobrancelhas.

– Ahn?

– Eu estou a ponto de te oferecer um abraço e não estou achando a menor graça nisso.

– Você... quer me abraçar?

Ele levou o punho fechado à testa, respirando fundo.

– Não peça.

– Um abraço?

– Alexandra! – ele grunhiu e eu precisei rir. Infelizmente, o efeito foi imediato nele também – Nunca mais faça isso.

– Pedir um abraço? – eu fiz bico e tentei imitar a cara de um cachorro abandonado no meio da rua.

– Gah! – ele apontou para mim – Isso é abuso e autoridade!

Ri outra vez, aquilo era divertido. De um jeito totalmente psicótico, mas era divertido.

– Não vou te fazer passar pelo sacrifício, não se preocupe. – voltei a encarar o caderno – Não é seu abraço que eu quero, Gael.

Não parei para pensar se aquilo o machucaria ou não, as palavras simplesmente saíram sem o meu consentimento. Gael arfou e se apoiou no parapeito da janela, sem olhar para mim. Era para o céu que ele estava olhando e eu vi os raios do Sol de fim de tarde baterem nos cabelos escuros dele quando Gael abaixou a cabeça.

– Eu queria que você entendesse – ele começou ainda sem olhar para mim – que não foi uma escolha minha estar aqui e eu sei que não sou quem você quer. E nem quero ser. – ele acrescentou desnecessariamente – Mas você não está colaborando.

Foi a minha vez de abaixar a cabeça, talvez eu estivesse mesmo exagerando na rebeldia e dificultando as coisas para ele – quaisquer que fossem essas coisas.

– Desculpe.

Gael virou o rosto na minha direção.

– Isso significa que você vai sair voluntariamente de casa?

Aham, claro.

– Não.

Ele desencostou da janela e cruzou os braços, com ar de repreensão.

– Então eu vou ter de te obrigá-lo.

Não levei aquilo muito a sério, mas quando me vi ligando para Laura e Dan e chamando-os para sair, eu precisei acreditar nele.

Gael me esperou do lado de fora – obviamente – enquanto me trocava, e quando saí para encontrá-lo, senti meu queixo cair.

Ele estava incrível.

Na verdade, eu nunca sabia de onde ele tirava roupas novas todos os dias, mas ele tinha se superado daquela vez.

Gael vestia uma camisa social preta de mangas compridas dobradas até o cotovelo que eram da exata cor dos cabelos lisos que caíam bagunçados pelo rosto. A calça jeans era um azul gasto, onde ele estava com as mãos no bolso. E para completar, all-stars vermelhos nos pés.

Gael sorriu satisfeito.

– Eu sei que sou incrível, agora chega.

Sacudi a cabeça.

– Chega com o quê?

– Nada. Vamos.

Eu havia deixado um bilhete na geladeira caso meus pais voltassem antes de mim – o que não era o plano – e decidi começar a rezar para o caso do senhor Ares não voltar de bom humor.

Nós íamos a um barzinho. Não que eu gostasse, mas Gael ficou repetindo que era o melhor lugar

para que ele pudesse ficar “de olho em mim”, então preferi não discutir daquela vez.

Nós fomos andando, em silêncio. O barzinho não ficava longe de casa e passei o caminho todo tentando não pensar em como eu gostaria de estar com Eros ali. Claro que, obviamente, eu não estava sendo bem-sucedida e aquilo explicava as olhadas que Gael me lançava de vez em quando.

– Desculpe. – murmurei encolhendo os ombros – É mais forte que eu.

– Tudo bem, tudo bem... – ele respondeu balançando a cabeça. – Eu só não gosto da sensação, é como se ele estivesse na minha cabeça também. Não é confortável. – ele acrescentou.

– Talvez fosse melhor você compartilhar sentimentos com um homem.

Ele riu.

– Não faz diferença. – ele deu de ombros, ainda com as mãos enfiadas nos bolsos – Bom, não deveria fazer, pelo menos.

– Como assim? – franzi as sobrancelhas. – Sentimentos fazem toda a diferença do mundo.

– Você não entende, nós... – ele parou – bom, eu não fui treinado para ter sentimentos. Nenhum. Eu aprendi a não me importar. Atrapalha.

Senti alguma coisa estranha quando ele disse aquilo. Quase o relance de um pensamento que eu sabia que não era meu. Um rosto que eu não conhecia, embaçado, por uma fração de segundo.

– O que foi isso? – perguntei assustada, encarando-o furiosamente. Ninguém havia me dito que o tal pensamento havia saído dele, mas eu parecia saber daquilo mecanicamente.

Gael me olhou espantado e eu senti seu rosto enrubescer.

– Isso o quê?

– No que você acabou de pensar?

Ele engoliu a seco e ficou em silêncio, sem me encarar. Eu podia sentir a inquietação nele, como se o cérebro estivesse pulsando freneticamente para tentar entender o que estava acontecendo. Até que ele finalmente falou.

– Nada.

Soou triste. Soou frio. Por mais que ele tentasse não demonstrar, eu sabia que havia alguma coisa ali.

– Você pode contar se quiser.

Gael respirou fundo e me olhou. Faltou o brilho nos olhos azuis quando ele respondeu.

– Eu não quero.

Preferi não insistir. Achei que seria mais fácil para nós dois. Não consegui captar o pensamento outra vez e decidi esconder o meu. Ou tentar, pelo menos, mas Gael não me olhou torto outra vez e achei que talvez tivesse conseguido. Ou ele só estava tentando evitar outra conversa, era difícil de saber.

De qualquer forma, nós chegamos relativamente rápido ao bar, o que foi particularmente bom, porque aquela situação toda estava me incomodando de verdade.

Felizmente, Laura e Dan já estavam lá quando eu cheguei, e foi um alívio ver aqueles rostos quando coloquei o pé para dentro do lugar.

– Alex! – Laura berrou levantando o braço e acenando para mim freneticamente, claro. – Aqui!

Tentei fingir que não era comigo, apenas dei um leve aceno que sim com a cabeça e fiz sinal para Gael me seguir. Senti os olhares caírem sobre mim – e mais enfaticamente sobre Gael – quando nós passamos, até irmos para onde Laura e Dan efetivamente estavam, há umas sete ou oito mesas da entrada.

Bares não eram meus lugares preferidos na face da Terra, mas aquele até que era razoavelmente confortável. Eu podia me acostumar e fingir que estava bem com alguma força de vontade.

– Não achei que ele fosse vir junto. – Dan falou fazendo careta de pouco caso.

Francamente.

– É um prazer te ver também. – Gael retrucou.

Dan, obviamente, não gostava de Gael e muito menos da ideia de tê-lo me vigiando 24h por dia.

Não que ele soubesse da parte formal de vigilância, porque eu sabia que se soubesse ele mesmo se ofereceria para o lugar de Gael. E eu preferia o Gael correndo qualquer tipo de risco ao invés dele, obrigada.

– Bom, o Gael é meu amigo... – tentei contornar.

– Achei que você tivesse dito que não gostava dele.

Ótimo, Dan. Excelente. Talvez eu estivesse mudando de ideia sobre quem eu queria que corresse riscos ali.

– Você disse? – Gael perguntou surpreso.

Eu respirei fundo.

– Isso foi antes, Gael. – falei entre os dentes, esperando que ele entendesse o que aquilo significava e me sentei em um lugar vago. – Agora eu... Bom, eu gosto de você.

Era verdade. Bom, talvez mais ou menos. Eu não sabia se “gostar” era exatamente a palavra correta, mas quase simpatizava com ele, o que já era alguma coisa.

– Não liga pra ela, Gael, pode sentar aqui. – Laura falou apontando para a cadeira vaga ao lado dela e me esforcei para não revirar os olhos.

Mas Gael não teve tempo de se sentar. Quando virou na direção da porta para alcançar a cadeira, ele parou. Era como se seus músculos estivessem travados e, outra vez, por um segundo ou dois, eu vi o rosto que não pertencia ao meu pensamento em minha cabeça. Inconscientemente, virei o rosto para a porta que Gael encarava.

E ela entrou.

Gael não relaxou um segundo sequer e o pensamento ficou mais forte na minha cabeça. Movi apenas os olhos na direção dele, eu estava em choque demais para executar qualquer movimento. Eu queria saber se havia alguma coisa errada, mas o pensamento na minha cabeça dizia que não.

Voltei a olhar a mulher e o rosto no pensamento que não era meu gritou. Era ela. E assim que percebi isso, tudo desapareceu e eu estava apenas com meus próprios pensamentos dentro de mim outra vez.

Ela era ruiva e os cabelos caíam em cachos perfeitos até muito depois do ombro. A pele era branca, e os olhos insanamente azuis. Gael-Eros insanamente azuis. E ela era linda.

Olhei para os lados para ver se mais alguém estava tão boquiaberto quanto eu, mas ninguém parecia se importar com a presença dela ali. As pessoas sequer olhavam para ela. Olhei para Dan e Laura, estavam conversando normalmente.

– Você a conhece? – perguntei a Gael, embora eu ainda estivesse olhando para a mulher em questão.

– Ela não devia estar aqui. – Gael murmurou apreensivo em resposta e eu deduzi que sim, ele a conhecia.

A mulher se sentou em uma mesa vazia, sozinha. Esperei para ver se alguém se aproximava dela, mas todos pareciam alheios a sua presença.

– Você vai falar com ela? – arrisquei, falando baixo.

– Não. – Gael respondeu e desviou os olhos da mulher – Não tenho nada para falar com ela.

Ele se sentou de costas para a ruiva e ficou quieto. Infelizmente eu não tinha tantas escolhas assim porque minha cadeira ficava bem de frente para ela. E a mulher me encarava. Quase ininterruptamente. E de um jeito perturbador.

Aquilo me incomodava tanto que mal conseguia me concentrar na conversa da mesa que acontecia praticamente entre Dan e Laura, já que Gael também estava quieto encarando o copo vazio com uma determinação invejável.

Eu não queria falar, mas precisava conversar com Gael, então pensei em uma estratégia alternativa que era maluca, mas considerando os acontecimentos recentes, não era impossível. Mentalizei o rosto dele com força em minha cabeça, esperando que ele ficasse curioso para saber o que estava fazendo ali.

Ele levantou o rosto.

Eu quase caí para trás.

Brilhando. Os olhos de Gael estavam brilhando e ele deve ter percebido quando pensei nisso, porque arregalou os olhos assustado e se virou para a porta com violência.

E então ele estava lá. Helena. Com Jéssica, Thomas e Samuel a tira-colo.

Gael me olhou de volta, confuso. Eu também não estava entendendo nada. Foi quando a mulher ruiva se levantou e veio na nossa direção.

– Gael, você precisa levá-la para casa. – a expressão no rosto dela ficou urgente – Agora.

– Não me mande fazer nada. – ele grunhiu – Você não manda em mim e sabe que não devia estar aqui.

A mulher respirou fundo, mas não ameaçou sair de sua calma.

– Eu precisava vê-la. – ela me encarou. Senti meu coração acelerar. Por que ela queria me ver? Eu nunca a tinha visto na minha vida. – E o Apollo está bem, posso fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Senti um nó com aquele nome.

– Apollo quem? Meu irmão? Aconteceu alguma coisa com ele? Por favor, eu...

– Não – Gael me interrompeu – aconteceu nada com o seu irmão ou esse seria o último lugar em que ela estaria nesse momento.

– Mas...

– Cala a boca, Alexandra! – ele grunhiu e eu fiquei quieta – Olha, desculpe, mas sem perguntas agora. Nós precisamos ir.

Gael pegou meu pulso e me puxou pelo bar, sem trocar nenhuma outra palavra comigo. Helena acompanhou meus movimentos com os olhos e não falou nada.

– Aonde você vai? – Dan perguntou aos berros quando eu já estava passando pela porta e não tive tempo de responder.

– Me solta! – gritei assim que alcançamos o lado de fora, puxando meu braço das mãos dele.

Eu sabia que se quisesse Gael poderia ficar me segurando por tempo indeterminado, mas ele não ofereceu resistência quando eu quis me livrar.

– O que foi aquilo lá dentro? – perguntei brava, ainda com o coração descompassado. – Você não pode sair assim me arrastando dos lugares!

Ele riu, nervoso.

– Nós vamos mesmo discutir o que eu posso ou não fazer com você?

– Quem era aquela mulher? Por que ninguém mais parecia estar prestando atenção nela?

– Não importa.

Gael andava tão rápido que eu precisava correr para acompanhar seus passos pelas ruas escuras. Ele não falou mais nada – nem pensou. Ou se pensou, não deixou que eu captasse nada, embora eu não entendesse exatamente como aquela coisa toda funcionava.

Até que ele parou. Gael abriu os braços em posição de defesa e se colocou imediatamente à minha frente. Olhei para os lados, eu conhecia aquele lugar. Ele estava com a respiração pesada, olhando fixamente para a janela do meu quarto.

Estava aberta.

Senti um buraco no estômago.

– Eu não deixei a janela aberta. – e falei com a voz trêmula, me aproximando mais de Gael.

– Eu sei. Tem alguém lá dentro, eu posso sentir.

– Quem?

Gael fez sinal de “shhh” com o indicador sobre os lábios e ficou em silêncio, concentrado. Quase dava para ouvir o coração dele batendo com força contra o peito, frenético, as engrenagens girando no cérebro. Até que ele relaxou.

– O que foi? – perguntei apreensiva.

Eu odiava como ele nunca me contava absolutamente nada, meu coração estava martelando minhas costelas parecendo uma britadeira, caso ele não estivesse percebendo.

– Tudo bem, eu sei quem está lá. – a voz dele era calma outra vez – Eu devia adivinhar que ele estaria ali.

Olhei para os lados, perdida e impaciente com todo aquele suspense desnecessário.

– Quem?

Ele abaixou os braços e meu coração pulou uma batida, como se antecipasse as palavras que sairiam dos lábios de Gael.

– O seu Eros.

Dez

A caminho

Só quando o dia amanheceu consegui ter alguma ideia de onde estava. Enquanto andava acompanhado pelo barulho dos meus ossos se movendo, puxei um pedaço do jornal que cobria um homem deitado próximo a outro vagão e me localizei.

Jundiaí.

Tentei vasculhar em minha mente por aquele nome e ela pareceu achá-lo familiar. Eu não tinha certeza.

Olhei a data estampada no jornal. 2009.

Retorci os lábios de um jeito desconfortável notando o engano ali. Quem quer que fosse o palhaço, havia andado setenta anos com a data por algum motivo idiota.

Pensei em arremessar o jornal longe, mas assim que estiquei o braço uma foto me chamou a atenção. Propagandas, eu julguei, de máquinas estranhas. Automóveis.

Eu lembrava daquele nome, mas não daquele jeito.

Havia alguma coisa errada.

Senti um frio na espinha. Senti o nome pulsar em meu cérebro outra vez.

Tocada.

Mais forte.

Stavros.

Insuportável.

Alexandra.

Se minha garganta não estivesse seca demais eu teria gritado.

Ardia. Era quase uma chicotada, um impulso que me fazia andar ao encontro dela.

Trem, eu lembrei do trem. A dor me impulsionava para a estação que deveria estar próxima dali.

Avistei os trilhos, os segui com os olhos. Não dava para ver nada.

Continuei andando.

Cada passo era mais excruciante que o outro. E o frio.

O vento batia contra o meu peito nu me fazendo tremer. Mas eu não ia parar. Não podia parar, não podia.

Os pés doíam. Estavam descalços contra o chão gelado.

Eu não podia parar, a voz na minha cabeça dizia que não, quase me ameaçando silenciosamente com um novo frio na espinha caso eu decidisse desviar minha atenção daquele nome.

Não ousei diminuir o ritmo, nem por um segundo.

Eu queria que houvesse um jeito mais fácil, sabia que havia um jeito mais fácil e só o início daquele pensamento fez minhas costas reagirem.

Tocada, a voz gritou em minha cabeça outra vez.

Era ela, eu precisava dela antes.

Acelerei ainda mais o passo, ignorando as dores que subiam pelas minhas pernas. Talvez com o

tempo elas desaparecessem.

Levou um tempo, mas avistei a estação.

Estava diferente, como todo o resto. Mas eu sabia que era ali.

Senti as pessoas com roupas engraçadas me olhando e outra vez não retribuí o olhar.

– Você não pode entrar aqui sem camisa. – o guarda falou impedindo minha passagem.

– Eu preciso. – disse.

O rosto dele se deformou em uma careta.

– Preciso, preciso... olha aqui, amigo, é melhor você voltar pra sua casa ou a coisa pode ficar feia pro seu lado.

Levantei os olhos e o encarei. As batidas do coração ficaram quase audíveis, senti o medo correr pelas veias dele e sua mão ameaçou puxar a arma de sua cintura.

Retorci os lábios daquele jeito outra vez.

– Não.

A voz era minha, mas a ordem, não. Observei com o canto dos olhos a mão morena do guarda parar, os dedos esticados agora mais longe da cintura.

– Não. – ele repetiu bobamente.

O brilho dos olhos negros dele diminuiu, quase como se não houvesse foco ali.

– Eu preciso passar. – falei lentamente caso ele não fosse capaz de acompanhar as palavras com clareza, sem desfazer o contato visual.

O guarda fez um sinal débil que sim com a cabeça e deu espaço para que eu pudesse passar.

– Você não vai vir atrás de mim. – acrescentei. – Certo?

Ele acenou que sim com a cabeça outra vez. Idiota.

– Certo? – repeti com um grunhido esperando que ele entendesse que eu precisava de palavras.

– Certo.

– Ótimo.

Onze

Então eu era uma arma de destruição em massa

Senti meu sangue sumir. Senti meu coração pular uma batida. Senti meu corpo começar a tremer e as lágrimas começarem a rolar pelas minhas bochechas, tudo ao mesmo tempo.

E depois não senti mais nada.

– Nossa, quanto exagero... – Gael falou revirando os olhos – Quem vê pensa que ficou uns dez anos separada dele.

Mas eu não me importava com uma palavra que Gael dissesse. Na verdade, que tinha quase certeza de que não me importava com nada de que ninguém dissesse naquele momento. Dei um primeiro passo para ter certeza da que minha cintura ainda aguentava minhas pernas e incrivelmente deu certo, eu me mantive de pé.

Comecei a correr. Cada passada era um borrão acompanhado de uma batida do meu coração em câmera lenta. Insuportável e angustiantemente lenta.

Mal consegui girar as chaves na fechadura da porta quando a alcancei, de tanto que minhas mãos tremiam.

Corri aos tropeços pela sala, subindo as escadas destrambelhada, sem me preocupar se meus pais estariam ali ou não, e por sorte não estavam.

Alancei o corredor de cima quase tropeçando em Sócrates com a mania maravilhosa que ele tinha de aparecer no meio do caminho onde quer que eu fosse e corri para a porta do meu quarto, abrindo-a com força.

Então, parei. O coração acelerou e as lágrimas aumentaram quando vi aquele corpo enorme e sem camisa sentado na ponta da minha cama, de costas para mim. O corpo que eu seria capaz de reconhecer em qualquer lugar de olhos fechados e sem as mãos se eu precisasse.

– Eros...

Ele sabia que eu estava lá, mas só se virou quando chamei seu nome. O rosto infantil com os olhos azuis, os cabelos cacheados caindo pela testa e as covinhas quando ele sorriu de leve, quase ressentido, ao olhar para mim.

Não esperei permissão prévia quando ele se levantou, e simplesmente corri. Corri e praticamente me joguei em seus braços fortes, sem nem me preocupar se aquilo o machucaria ou não. Tudo o que queria era estar com ele outra vez. Era senti-lo outra vez de qualquer forma.

Senti seus braços me envolverem e ele não expressou dor. As faíscas percorreram toda a extensão do meu corpo, excitando cada célula como uma corrente de eletricidade. Nossa corrente de eletricidade.

Eu não queria falar nada. Não queria estragar aquele momento com palavras então simplesmente dei minha cabeça contra seu peito e fiquei ouvindo seu coração bater em sincronia com o meu, soluçando, apertando-o contra mim.

Uma de suas mãos subiu para os meus cabelos e ficou ali, afagando-os, até que ele apoiou o queixo sobre a minha cabeça.

– Você não sabe como senti sua falta. – Eros falou baixinho com a voz rouca e as lágrimas que

cortavam meu rosto aumentaram de intensidade. – Desculpe por... por tudo.

– Shhh... – sussurrei levantando o rosto e colocando o indicador sobre seus lábios grossos – Sem desculpas. Não agora.

Era verdade que eu queria socá-lo e exigir explicações minuciosas sobre onde ele havia se metido, mas não naquela hora. Naquele momento, eu tinha certas necessidades mais urgentes.

– O Gabriel te liberou tão rápido assim, foi?

– Gael, fora! – grunhi assim que ouvi aquela voz irritante entrar no quarto.

– Não posso ficar longe de você, Alexandra, achei que tivesse entendido isso. – ele parou por um segundo, avaliando a situação – Apesar de não ser uma má ideia nesse momento.

– Eu preciso conversar com ela. – Eros falou sem me soltar – Sozinho.

– Então você vai contar tudo?

– Ela precisa saber, vai ser melhor assim.

Preferi não falar nada. Gael respirou fundo, enfiou as mãos no bolso de trás da calça. Ele ia ceder.

– Tudo bem. – ele se rendeu – Mas eu vou ficar ali fora. – ele apontou para a janela – Não façam nada de... não façam nada.

Eu queria rir, mas não consegui. Gael nos lançou um último olhar de ódio controlado e saiu do quarto, nos deixando a sós.

Naquele momento eu caí em mim e olhei para Eros com as sobrancelhas cerradas.

– Por que. Você. Sumiu. Desse. Jeito? – disse intercalando cada palavra com um soco em seu peito. Não que fosse fazer alguma diferença para ele, mas me fazia sentir melhor.

– Alex, eu...

– Você tem noção de como eu fiquei? De como é aguentar o Gael vinte e quatro horas por dia?

– Alex...

– De como é ficar sem saber onde você está, ou se você está bem? Ou se...

Um par de lábios se pressionou contra os meus. Eu parei. Senti meu corpo reagir, todas as células sincronizadas com a corrente que explodiu pela minha pele, gritando que era daquilo que elas precisavam. Que sempre tinham precisado, embora eu não soubesse daquilo até então. Era dele.

Mas Eros me soltou.

– O que... você... mas... por quê?

Minhas palavras eram desconexas, meu cérebro estava comprometido demais até para controlar minhas cordas vocais com uma eficiência mínima.

– Foi o único jeito de fazer você ficar quieta. – Eros falou sorrindo com as covinhas, ainda com as mãos em meu rosto.

Continuei encarando-o, incrédula. Acho que eu ainda não acreditava que ele estava li, na minha frente, falando comigo, tocando em mim e minha cara não deve ter sido a mais feliz do mundo, porque ele perguntou:

– O que foi? Eu fiz alguma coisa errada?

– Fez. – respondi sem nem me dar conta daquilo. Eros piscou os olhos, confuso.

– Desculpe, eu... eu achei que você... achei que fosse tudo bem, eu...

– Você – eu o cortei. – parou.

– Ahn?

Eu sorri com a confusão dele e subi minhas mãos para seu pescoço, ficando na ponta dos pés para tentar alcançar seus lábios. Eros pareceu entender o que eu queria fazer e me puxou contra ele com mais força, substituindo a expressão confusa por um sorriso torto que fez meu coração tamborilar em um ritmo diferente. Que me fez buscar os lábios dele. Que os fez se encontrarem, do jeito certo daquela vez.

Apertei uma mecha de seus cachos entre meus dedos quando senti as faíscas começarem de novo. Mais intensas. Com mais desejo. Com mais urgência. Talvez Eros tivesse percebido também porque o

beijo ficou mais forte. Era como se nós estivéssemos dizendo um ao outro o quanto nós precisávamos aquilo. O quanto eu precisava dele e o quanto nós tínhamos esperado por aquele momento.

Desci a mão que não estava em seus cabelos pelos ombros largos, depois pelo peito forte, sem descolar meus lábios dos dele por um segundo que fosse. Nós tínhamos um ritmo próprio. Uma sincronia perfeita.

Meu coração batia com tanta força que achei que Eros podia senti-lo batendo contra si, mas não parei. Ainda com aquela mão livre, contornei o abdome, a cintura, até chegar às costas dele e sentir com os dedos ligeiramente trêmulos mais duas covinhas ali atrás. Ele se arrepiou. Eu sorri contra os lábios dele, sentindo a respiração ofegante de Eros contra meu rosto.

– O que foi? – ele murmurou também sem descolar os lábios dos meus, sem nem descolar o corpo do meu.

Precisei afastar o rosto para olhá-lo nos olhos. Azuis. Sorrindo.

Tirei um cacho que caía pela sua testa com uma das mãos e fiquei me olhando refletida ali, nos olhos dele.

– Promete que nunca mais vai sumir desse jeito?

Esperei que ele fosse responder que sim e me beijar outra vez, e que fossemos ser felizes para sempre, mas não aconteceu. Claro que não, estávamos no mundo assombrado da Alexandra, lembram?

O sorriso sumiu dos lábios e dos olhos, e ele deixou de me encarar.

– Eros... – levantei a mão para tocar seu rosto, mas ele segurou meu pulso.

– O meu nome não é Eros.

– Você... você se lembrou? Isso é ótimo!

– Alex... – ele me interrompeu com um rastro de dor na voz – Não é ótimo. – Ele soltou meu pulso e, com mão dele, colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha – Existem muitas coisas acontecendo, muitas. Coisas em que você está envolvida e nem sabe, coisas que eu não queria que tivessem acontecido.

Senti meu coração apertar. Ameacei começar a falar, mas ele foi mais rápido.

– Olha, não vou deixar nada acontecer com você. – os dedos dele continuavam em meu rosto, subindo e descendo, e ele aumentou a voz propositalmente. – Bom, o Gael não vai. E você vai ter de me prometer que vai fazer o que ele te pedir.

O quê? Aquilo já era abusar da minha boa vontade.

– Mas...

– Por mim, Alex. Por nós. Tem coisas que eu preciso resolver e ele vai ficar com você. – ele respirou fundo – Ele é o seu Guardião agora.

Franzi as sobrancelhas, confusa.

– Guardião?

Foi a vez dele de ficar confuso.

– Ele... ele não te explicou nada? – Balancei a cabeça negativamente e ele arfou. – Eu sei que vai parecer maluco, mas você precisa acreditar em mim.

Fui obrigada a rir.

– Eros, eu acho que sou capaz de acreditar em qualquer coisa a partir de agora.

Ele fez uma cara de desconfiado, as sobrancelhas franzidas.

– Eu sinceramente acho que não, mas... enfim. – Eros me puxou para a ponta da cama e se sentou ali, depois fez sinal para que me sentasse em seu colo.

Eu ergui as sobrancelhas, surpresa de que ele tivesse sequer pensado naquilo sozinho.

– Como é?

Eros revirou os olhos e eu só tive o tempo de processar que ele nunca tinha feito aquilo antes.

– Você acabou de me agarrar e está com frescura agora, é isso?

Meu queixo caiu. Onde quer que Eros tivesse passado aqueles dias, tinha feito muito mal a ele, sem contar que, caso a memória nova dele estivesse falhando, ele é quem tinha me agarrado antes de tudo, em primeiro lugar.

– Quem te ensinou a falar desse jeito? – eu perguntei apontando para ele, ainda ligeiramente chocada. Não que fosse ruim, só era... diferente.

Ele riu.

– Só conto se você sentar aqui. – ele retrucou fazendo cara de difícil, abrindo os braços – A escolha é sua. Eu fiquei tão horrível assim, foi?

Se eu estivesse mais perto, ele teria levado um soco para largar a mão de ser besta. Eros não conseguiria ficar horrível nem se se esforçasse muito, caso ele ainda não tivesse percebido isso.

– Sinceramente, não estou te reconhecendo. – falei caminhando na direção dele, até me sentar em suas pernas, ainda desconfortável. Eros me envolveu em seus braços fortes e beijou minha bochecha, depois sorriu com as covinhas e foi o fim total e completo do meu desconforto.

– Eu sempre fui assim. – ele respondeu encolhendo os ombros – Eu só não lembrava.

Tive de sorrir de volta e coloquei meus braços em volta do pescoço dele. Fiquei encarando-o por alguns segundos, tentando seguir as pupilas negras que flutuavam naquele mar azul.

– Então? – falei enfim, erguendo as sobrancelhas e Eros respirou fundo.

– Lembra daquele dia... – ele começou sem me encarar – que tinha um filme na tevê? Um filme sobre anjos e um deles acabou caindo e tudo mais?

O tom na voz dele era esquisito. Era como se ele estivesse dizendo alguma coisa embaraçosa e estivesse o fazendo porque era obrigado a tanto. Acenei que sim com a cabeça e Eros levantou os olhos na minha direção outra vez, um pouco vacilante.

– E se eu disser que aquilo pode ser verdade?

Senti um arrepio percorrer toda a extensão do meu corpo e meus músculos travaram. Aquilo era ridículo e eu queria poder verbalizar essa observação, mas parecia ser incapaz.

Abri a boca. As palavras simplesmente não saíram.

Eros levou uma das mãos ao meu rosto, subindo e descendo o polegar pelas minhas bochechas e voltou a falar antes que eu pudesse esboçar qualquer reação.

– E se eu disser que... que caí por causa de você?

Meu estômago deu um looping e meu cérebro se recusava terminantemente a fazer aquele tipo de ligação. Não... não. Alguém tinha devolvido problemas mentais a ele de brinde com a memória nova, só podia ser.

– É impossível. – falei sem me mover, eu não tinha a menor força para tanto. – É impossível, Eros, anjos não existem. Não... não desse jeito. Eles não caem, eles...

– Eu caí. – ele me interrompeu – Meu nome é Requiél e eu caí por sua causa, Alex. Por causa da minha Protegida.

Meu coração resolveu acelerar, esmigalhando minhas costelas. Eu não queria acreditar, porque sabia que era maluquice, sem contar que Requiél era um nome péssimo. Mas ao mesmo tempo... não era.

– Você... Você está querendo me dizer que é um anjo da guarda? – perguntei em tom sarcástico, mas não pude prever a resposta que me pegou de surpresa.

Ele sorriu.

– Guardião. Bom, eu era... Agora o Gael é.

A voz dele diminuiu, fraca e triste. Ressentida. Era quase convincente, mas eu não ia cair naquela.

– Não pode ser, isso é impossível.

– Impossível? – ele repetiu – Eu posso provar para você.

Percebi que aquela não era uma boa ideia quando Eros me colocou no chão e se levantou, indo na direção da janela. Ele se escorou no batente e olhou para um lado, depois para o outro, como se estivesse

avaliando o tamanho dela e depois deu uma espiada no céu escuro do lado de fora.

– Deve funcionar. – ele falou e se virou para mim – Vem aqui.

Eu hesitei. Não estava gostando daquilo nem um pouco.

– O que é que você vai fazer?

– Te jogar lá para baixo.

– O quê?

– Não vou. – ele riu – Mas vem, quero te mostrar uma coisa.

Permaneci parada, ele ia precisar mais do que aquilo para me fazer me mexer.

– O Gael está lá embaixo? – arrisquei.

Eros ergueu as sobrancelhas, incrédulo.

– Você confia mais nele do que em mim?

– Você está diferente, não é minha culpa. – me defendi encolhendo os ombros e ele bufou impaciente, abrindo os braços.

– Alex, sou eu mesmo. – corri os olhos pelo corpo impecável dele, cada curva e saliência perfeitamente desenhadas em seu peito, braços e abdome. As covinhas também estavam ali, os cachinhos e os mesmos olhos azuis. Ele estendeu a mão direita na minha direção, com uma voz que derreteria um iceberg em menos de um milissegundo – Me dê uma chance, confie em mim.

Senti meu coração amolecer e dei um passo incerto na direção dele.

– Por favor. – ele insistiu e obedeci.

Eros abriu um sorriso quando viu que eu havia cedido e beijou as costas da minha mão quando coloquei a minha sobre a dele, depois apontou para as próprias costas, se virando para mim e disse:

– Suba.

– O quê?

– Suba nas minhas costas, quero te mostrar uma coisa.

Não hesitei daquela vez, embora sim, eu preferisse estar bem segura no chão do meu quarto, obrigada, e foi quando percebi que as marcas vermelhas não estavam mais ali, as costas estavam simplesmente perfeitas – embora essa fossa uma observação redundante.

– Mostrar o quê? – arrisquei perguntar, apesar de saber que não ia gostar da resposta.

– Uma coisinha que os anjos fazem.

Engoli a seco, eu tinha certeza do que vinha por ali, mas me recusava terminantemente a acreditar, já que o meu bom senso era a única coisa que tinha me sobrado no meio daquela história toda.

– E o que é?

Àquela altura minhas pernas já estavam enroscadas com força na cintura dele e me arrependi da pergunta meio segundo depois.

– Voar.

Eros deu um impulso na janela e fechei os olhos, me agarrando forte no pescoço dele. Retardado, era isso que ele era. Retardado – ou não, porque isso seria um insulto à referida classe.

Apertei-me com mais força contra ele quando senti o vento bater em meu rosto e enterrei minha cara em seus ombros tão perfeitamente moldados como eu não pude deixar de reparar.

Ouvi ele rir.

– O que foi? – a voz dele era divertida, como se estivesse simplesmente andando de bicicleta – Pode abrir os olhos, você vai gostar.

– Não... – eu fiz bico, embora obviamente ele não fosse ver, mas eu não me importava.

– Confie em mim.

Droga, aquelas palavras sempre me quebravam. Engoli a seco, tentando me segurar nele com mais força – embora fosse praticamente impossível – e arrisquei descolar as pálpebras só por um instante.

E ele estava voando. Mesmo. Mesmo. E preciso enfatizar porque sair por aí voando nas costas por

um anjo não é uma coisa que acontece todos os dias na sua vida.

Senti meu corpo tremer quando processei a informação, mas Eros me acalmou.

– Eu não vou te deixar cair.

A voz dele era firme, eu confiava nele – até porque não tinha muitas outras opções a trezentos metros de altura.

Até que olhei para os lados.

Asas.

Um par de asas cor de pérola que refletiam o brilho da lua saía das costas dele, exatamente nos lugares onde antes haviam estado as faixas avermelhadas. Soltei uma das mãos dele e arrisquei levar os dedos até a base de uma delas, devagar, contornando a junção que ela fazia com a pele, até subi-los para as penas que se movimentavam junto com o vai e vem das asas.

– Você consegue sentir? – perguntei fascinada.

– Tudo.

– E era por isso...

– Por isso que as minhas costas doíam. – ele completou por mim. – Quando eu caí, eu perdi minhas asas. Perdi minha memória. É o que acontece. Anjos não devem cair, Alex. Eles podem, mas não devem. Não é uma coisa exatamente natural.

– Livre arbítrio. – concluí e ele concordou com a cabeça.

– Exatamente. E nunca, nunca, devem tocar um mortal.

Senti um nó na garganta se formar quando ele disse aquilo e uma culpa do tamanho de Júpiter caiu sobre mim. Ele deveria estar com problemas, e era minha culpa, claro.

– Desculpe.

Eros balançou a cabeça.

– Não, tudo bem. Quer dizer, agora já foi. Eu escolhi isso, não escolhi? – ele deu de ombros. – E não me arrependo, não por mim.

Eros colocou as mãos sobre a minha, fazendo carinho nela e eu coloquei meus lábios próximos ao ouvido dele.

– Eu gosto demais de você. – sussurrei com a voz cortada, tentando ignorar as lágrimas que eu sabia que estavam vindo outra vez.

Eros apertou minha mão.

– Eu também. E é por isso que não me arrependo.

Eu queria beijá-lo. Não, eu precisava beijá-lo. Precisava estar com ele, sendo dele. Ele era meu e aquela certeza só parecia crescer exponencialmente com cada palavra que Eros falava, com cada gesto que ele fazia.

Fiquei em silêncio por um tempo. Era bom estar ali, podendo senti-lo contra mim, mas ao mesmo tempo eu ainda estava desconfortável com o que ele havia acabado de dizer. E foi o desconforto que me fez falar.

– Eros? – ele murmurou um ‘hum’ em resposta para dizer que estava ouvindo – O que acontece se um anjo toca um humano?

Ele hesitou por um segundo e eu senti seu peito inflar com uma inspirada de ar mais forte.

– Bom, o humano se torna o que nós chamamos de “Tocado” ou “Tocada”.

Meu estômago protestou contra a palavra, querendo expulsar qualquer coisa que eventualmente estivesse ali dentro.

– Eu sou uma...

– Tocada, exatamente.

– Mas... – eu estava confusa, pra dizer o mínimo. – O que isso quer dizer?

Eros arfou e pegou minhas mãos.

– Muitas coisas. Coisas que... coisas que eu não queria que significassem, na verdade.

Superelucidativo, se ele falasse em Morse eu entenderia mais.

– Eros, me explique.

Senti meu coração acelerar como se antecipasse algo ruim.

– Eu não sou a melhor pessoa para te contar isso. Talvez fosse melhor você conversar com alguém que já esteve onde você está agora.

Pisquei os olhos, ainda confusa. Pelo visto eu ainda não ia sair daquela condição tão rápido assim.

– Quer dizer... Calma, isso já aconteceu antes?

– Mais vezes do que nós gostaríamos...

– Quantas vezes?

Eros encolheu os ombros e levou minha mão aos seus lábios para beijá-la e a corrente elétrica correu pelo meu corpo outra vez.

– Eu não sei, Alex. Não sei exatamente. Dezenas, centenas. – ele respirou fundo. – O coração é traiçoeiro, até mesmo para nós. Não temos como controlar.

Fiquei em silêncio tentando absorver a informação, até que me lembrei de algo que Gael tinha dito e com o qual eu não tinha concordado.

– O Gael disse... vocês são treinados para... não sentir nada?

Percebi o tom estranho em que a minha voz saiu. Era vazio, não fazia sentido. Era quase inconcebível que alguém fosse privado de qualquer tipo de sentimento, por pior que ele fosse.

– Nós somos. Bom, deveríamos ser. É mais seguro. Imagine se nós nos apegássemos demais aos nossos protegidos? Nós poderíamos mudar o curso das coisas. Ou se nós por algum motivo os odiássemos? – ele balançou a cabeça – É para a segurança dos humanos, Alex. E eu.. – ele engoliu a seco – Eu falhei e agora te coloquei em perigo. Você e planeta todo.

A voz dele estava fechada, como se estivesse segurando o choro para não demonstrar fraqueza na minha frente, o que era bom ou eu ia começar a chorar ali também. Eu soltei minhas mãos da dele e o abracei, depois beijei seu ombro e mantive meus lábios próximos ao seu ouvido.

– Não precisa ficar assim. – tentei acalmá-lo – Não foi sua culpa, sabe. Tenho certeza de que você sempre foi incrível.

Eros balançou a cabeça outra vez.

– Eu falhei. E, apesar de não me arrepender de estar com você, eu te coloquei em perigo. Eu estou sendo egoísta.

– Egoísta, perigo... mas o que é isso que você e o Gael tanto falam? Quer dizer, se vocês são – e foi esquisito demais dizer a palavra – anjos, o que é que pode acontecer?

Eros tomou ar.

– Não é tão simples assim, Alex. Sabe, nem todo anjo é bom.

Meu cérebro ficou desconfortável ao tentar aceitar aquela informação, entrando em conflito com as palavras. “Anjo” e “bom” eram coisas que deviam vir juntas na minha cabeça.

– Mas...

– Livre arbítrio. – ele me interrompeu – Teoricamente, nenhum anjo é melhor ou pior que nenhum humano. Mas nós escolhemos essa missão. Ninguém é obrigado a se tornar anjo, mas uma vez que essa escolha é feita, não é fácil. Abrir mão de sentimentos...

Tentei me encolher em suas costas, como se de alguma forma aquilo pudesse fazê-lo se sentir melhor.

– Desculpe.

– E do mesmo jeito que falhei nesse sentido – ele continuou, sem se distrair com o que eu falava – Outros podem falhar em outros. Ameaçar, agredir, dominar e até matar humanos. Claro que as punições são severas, mas isso não impede que deslizes aconteçam.

Claro, fazia sentido. Se nem mesmo pena de morte era capaz de deter assassinos na Terra, imaginei que para eles aquilo devia acontecer também – mas em uma proporção bem menor, eu esperava.

– E... qual é o tipo de punição?

– Exílio. Os anjos que quebram qualquer regra são banidos. – ele respondeu com uma pontada de dor na voz e meu coração disparou – Perdem esse status de anjo, perdem a memória e são exilados. São o que nós chamamos de Caídos.

Senti um frio na espinha quando o nome atingiu meus tímpanos.

– E o que eles... fazem?

Eros respirou fundo.

– Se rebelam na maior parte do tempo. Tentam voltar para a Terra, dominar e influenciar humanos, por prazer ou o que quer que eles sintam. Mas eles raramente conseguem – Eros acrescentou quando eu aumentei a pressão dos meus braços contra ele – Nós temos a Legião preparada. O problema... bom, o problema maior é quando surge uma Tocada.

Meu corpo tremeu e meus músculos congelaram como se tivessem sido congelados em nitrogênio líquido. Tentei não expressar o terror na minha voz quando dirigi a pergunta, embora obviamente eu não fosse obter sucesso.

– Mas por quê?

– Alex, você foi tocada por mim. Por um anjo.

– O Gael também tocou em mim. – eu me apressei a corrigi-lo na esperança de que aquilo amenizasse as coisas.

Ele balançou a cabeça.

– Eu toquei antes. Fui o primeiro. Você se lembra quando me encontrou? Quando nós nos tocamos a primeira vez?

Sim, eu me lembrava perfeitamente. Lembrava da corrente elétrica intensa, da dor que ele sentiu quando aquilo aconteceu. Do que eu chamava de nossas faíscas.

Bom, na verdade só eu chamava, mas ainda assim.

– Lembro. – me limitei a responder.

– Aquilo que você sentiu quando te toquei... eu era seu Guardiã, tinha perdido toda a memória... eu te transformei na Tocada naquele dia.

– Por isso... por isso doía quando eu encostava em você?

Ele fez que sim com a cabeça, mas não com tanta certeza assim.

– Era para evitar, eu creio. Anjos e humanos... – a voz dele sumiu por um instante – Anjos e humanos não foram feitos para se encontrar. Nunca.

Me apertei mais contra ele. Não importava se nós não fossemos feitos para ficar juntos, nós íamos permanecer daquele jeito e ponto. Eu gostava demais dele para deixá-lo ir ou... qualquer outra coisa que eu não queria nem pensar.

– Por que o Gael pode encostar em mim, então? Por que eu posso encostar em você agora?

– Porque ele sabe o que está acontecendo. Ele está materializado conscientemente e eu também. Antes eu não me lembrava de nada, não tinha controle sobre o meu estado

– Materializado? – repeti – Vocês... ficam invisíveis?

Eros tentou rir, mas infelizmente não foi muito convincente e ele ia ter de fazer melhor que isso. Eu sabia que ele estava preocupado com alguma coisa.

– Não é óbvio? – fechei a cara, como ele queria que eu adivinhasse. – É o que nós chamamos de estado elementar, nós ficamos assim a maior parte do tempo. E sabe de uma coisa? Você é capaz de nos ver mesmo nesse estado.

– Co-como é? – e voz saiu até engasgada. – Tipo ver espíritos como naquele filme?

– Não! – ele riu um pouco mais convincente daquela vez – Nada de pessoas baleadas na cabeça, não

se preocupe. Você consegue ver a luz.

– Luz?

Ele balançou a cabeça gentilmente para dizer que sim e eu quis socá-lo. Ele poderia ter deixado pelo menos um pedaço do Eros bonzinho com todos a qualquer hora e qualquer lugar para trás.

– Tente. Você vai gostar de ver daqui de cima. É só querer.

Fiz uma careta. Não era tão fácil assim como deveria ser para ele, já que eu nunca tinha tentado aquilo antes e eu não tinha a menor ideia de como proceder. Tentei me ajeitar e pensar em alguma coisa do tipo quero ver os anjos.

E claro que não funcionou.

– Não funcionou, Eros.

– Com vontade, Alex. Eu sei que você faz as coisas com vontade quando quer.

Eu sabia que ele estava dando um sorrisinho de lado e fingi não entender o que ele quis dizer com aquilo ou ele ia levar os socos que tinham ficado só na vontade.

Daquela vez fechei os olhos. Já que tudo aquilo estava uma maluquice, não tinha problema insistir na ideia mais um pouco.

Respirei fundo e tentei materializar anjos na minha mente, o que não deu exatamente certo. Troquei as imagens por um pensamento forte. Eu queria vê-los. De repente, eu precisava vê-los. Senti a corrente elétrica percorrer toda a extensão do meu corpo e eu abri os olhos. Foi incrível.

A cidade, normalmente já iluminada, pulsava. O triplo, o quádruplo de luzes enchia a noite em pequenos pontos que se moviam. Meu coração acelerou. Eu sorri.

– Tudo isso?

– Tudo isso. – Eros respondeu antecipando minha pergunta.

Era simplesmente inacreditável. Cada casa, cada janela de apartamento... cada lugar onde havia uma vida, havia também um ponto de luz branca.

Ou quase.

– Por que nem todos têm uma luz consigo?

Eros pareceu pensar por um segundo.

– Alguns não possuem Guardiões, mas isso não importa agora. – ele deu uma guinada leve para baixo – Vamos descer.

Tentei me segurar com mais força quando ele mergulhou no céu e o vento, antes suave, bagunçou meus cabelos com força, deixando-os pior do que eles já eram por natureza. Fechei os olhos.

– Segura firme. – ele falou com um sorriso na voz e eu podia jurar que ele seria sufocado se ousasse aumentar a velocidade de tão forte que eu o apertava.

E foi exatamente o que ele fez e exatamente o que eu teria feito se ele não fosse impossivelmente forte.

Meu coração começou a pular e meu estômago sumiu, deixando em mim apenas um grito que eu fiz questão de soltar no ouvido dele.

– Não grite! – ele falou sem diminuir a velocidade. – Vão nos ouvir.

– Você devia ter pensado nisso antes, seu inconsequente! – eu grunhi e teria lhe dado um soco se aquilo não significasse soltar minhas mãos de seu pescoço.

Ouvi o barulho de sua risada e pouco tempo depois a intensidade do vento diminuiu. Senti meu corpo na vertical.

– Pode abrir os olhos, chegamos.

Devagar, descolei as pálpebras e percebi que estávamos no chão, em uma vielinha deserta. Desci das costas dele e precisei de alguns segundos para ter certeza de que conseguiria me sustentar de pé.

– Você está bem? – ele perguntou colocando a mão em meu ombro quando percebeu que eu ainda não conseguia falar. Acenei que sim com a cabeça, embora não fosse inteiramente verdade, mas ele não

precisava saber daquilo.

– São coisas demais para um dia só.

– Vem aqui. – Eros falou abrindo os braços e fazendo sinal para que eu me aproximasse. Eu não ousei desobedecer, longe de mim.

Não que eu tivesse feito aquilo porque ele havia me mandado, mas eu precisava estar ali. Precisava estar com ele, me sentindo segura. Pelo menos daquela vez.

Envovi meus braços em sua cintura e ele me abraçou de volta. As asas não estavam mais ali. Senti o calor do corpo dele contra o meu e os dedos correrem sem pressa pelos meus cabelos emaranhados.

– Eros... – chamei sem me mexer, sem nem levantar o rosto, e ouvi a voz ecoar em seu peito quando ele fez um “hum” sem mover os lábios. – Você não vai me deixar... vai?

Eu estava com o coração apertado desde que ele havia tocado no assunto “punição” daquele jeito. Afinal de contas, ele tinha quebrado as regras de alguma forma. Por minha causa, o que era superconveniente.

Ele apoiou o queixo em minha cabeça.

– Vai ficar tudo bem, eu prometo.

Daquela vez eu me afastei e Eros não protestou.

– Eu não quero tudo bem, Eros. – eu tentei conter o desespero na voz, sem muito sucesso – Porque não vai ter tudo bem se você não estiver comigo.

A expressão no rosto dele foi de dor e eu sabia daquilo. O vinco mínimo que se formava na testa, as covinhas que se sulcavam quando ele contraía os lábios em preocupação. Demorou um segundo, mas ele me puxou de volta para si em um abraço apertado e eu comecei a chorar, porque eu sabia o que aquilo significava.

– Aconteça o que acontecer – Eros falou com a voz embargada, subindo e descendo as mãos pelas minhas costas – Você vai ficar bem.

Eu levantei o rosto, sentindo as lágrimas lentamente cortarem minhas bochechas.

– Mas eu não entendo... por que... por que eu sou tão importante que você precisa pagar por isso?

Vi ele abrir a boca para começar a falar, mas seus olhos ficaram fixos às minhas costas. Quando me virei, havia alguém parado na entrada da vielinha.

Alguém não, alguéms.

– Tudo bem aí? – a pessoa falou e eu consegui ver que ele usava um uniforme. Policial. Mas havia uma outra coisa também.

Ao lado dele, envolta por uma luz surreal, havia uma figura que eu julguei ser feminina, me olhando violentamente nos olhos.

Eros segurou meus ombros, encostando seu corpo contra as minhas costas – o que fez meus hormônios começarem a acordar abruptamente, mas, feliz e milagrosamente consegui controlá-los.

Não me mexi, por mais tentador que aquilo fosse.

– Tudo bem. – Eros respondeu para o policial, mas eu tinha certeza de que mantinha os olhos na mulher.

– Estou falando com a garota. – o homem retrucou seco, a mão firme na sobre a arma posicionada na cintura.

– Tu-tudo bem. – eu me apressei a responder, colocando minhas mãos sobre as de Eros, tentando engolir o choro ou o cara ia pensar que eu estava mentindo ou sei lá o quê. A mulher ainda me encarava, os olhos azuis perfurando os meus.

– Tem certeza?

– Tenho, ele... ele é meu amigo. Nós só estamos conversando.

O homem não fez uma cara muito satisfeita, mas sua postura relaxou e foi o suficiente. Ele nos lançou um último olhar e apontou para Eros.

– Você, coloque uma camisa.

E depois foi embora, levando a mulher consigo.

Em choque, permaneci inerte por alguns segundos, até que Eros quebrou o silêncio com um sussurro em meus ouvidos.

– Você está bem?

Eu queria poder mentir e dizer que sim, dizer que não havia nada de errado, imagine. Mas a mulher havia me assustado de verdade. O jeito como ela me olhava, a expressão de raiva – ou o que quer que fosse – que emanava dela indo parar direto em mim era de congelar o coração. Nunca imaginei que anjos pudessem ser assustadores daquele jeito.

– Eu estou com medo. Por que ela me olhou daquele jeito?

Eros me virou para si outra vez e levou as mãos ao meu rosto.

– Porque você é a Tocada.

– Mas eu não fiz nada.

Ele respirou fundo antes de começar a falar.

– Você... você é a chave, Alex. Quando eu te toquei, você abriu a passagem entre o mundo dos humanos e o mundo dos anjos. É por isso que o Gael pode se materializar agora, e eu também. – ele mordeu o lábio inferior – Se algum Caído encostar em você...

– A passagem será aberta para eles também. – completei automaticamente.

Eros confirmou com a cabeça.

– Por isso a maioria dos anjos vai te olhar desse jeito. Eles acham que você pode abrir a passagem para eles. Para os Caídos. E então a guerra pode começar outra vez.

– E se eu fizer isso? – perguntei me sentindo uma bomba atômica prestes a explodir.

Ele tentou sorrir.

– Não vai fazer. – seus dedos estavam brincando em meus cabelos – Nós não vamos deixar isso acontecer.

Eu queria acreditar nele, mas comecei a pensar em filmes e livros que havia lido. Será que eu teria de me sacrificar? Será que era impossível conviver com ele? Será que um de nós teria de desaparecer? E depois?

Eram perguntas demais pulando pelo meu cérebro, todas querendo uma resposta que eu não podia dar naquele momento.

Que eu não queria dar, porque seria doloroso demais.

Eros levantou meu rosto, parecendo entender minha expressão confusa. Aterrorizada.

– Não vou deixar nada acontecer com você. – ele prometeu com um sussurro baixo, o rosto tão perto do meu que eu podia sentir o ar deslocado pela respiração dele esquentar minhas bochechas.

Desejei com força que ele me fizesse esquecer, mesmo que por alguns segundos, de tudo aquilo.

E com outro beijo foi exatamente o que ele fez.

Doze

Começo

Senti a dor dilacerar minha espinha conforme o trem se aproximava de São Paulo. Eu sabia que estava perto, estava muito perto.

Permaneci encostado em um lugar dos vagões, observando a paisagem correr lá fora. Sozinho.

Qualquer pessoa que ousasse se sentar perto de mim era impelido a se retirar porque alguma coisa queria assim. Alguma coisa que sussurrava insistentemente aquele nome em meu ouvido. Em minhas veias.

Martelando, sem parar.

Martelando com tanta força que mal ouvi quando os barulhos do trem ficaram mais lentos, suaves... até que eles cessaram.

Eu não queria olhar para ninguém, não precisava olhar para ninguém.

Só precisava de uma pessoa. De um nome.

Que queimava em todas as células do meu corpo como uma chama cada vez mais ardente.

Eu sabia que estava me aproximando de Alexandra.

Ninguém me incomodou quando descii na estação movimentada, descalço e sem camisa. Doía.

Meus olhos corriam de uma pessoa a outra, tentando encontrar ali o fim da minha agonia. Mas não estava lá, não estava. Eu sabia que não estava.

Ande!

Era a voz, a voz dolorida que me impulsionava e que queria rasgar minha espinha em duas. Acelerei o passo, por mais insuportável que aquilo fosse.

Fui passando pelo grande salão, sozinho, por puro impulso.

Vez ou outra eu passava por algumas lojas estranhas dentro da estação, até que parei em uma vitrine. Não, eu não tinha visto nada ali que me chamasse a atenção, mas sim a mim mesmo. Meu reflexo.

Tentei me encontrar ali.

Subi as mãos aos cabelos castanhos, emaranhados, na altura do queixo. A barba grossa que começava a crescer pelas minhas bochechas, a calça suja e rasgada, os pés castigados e a pele seca.

E os olhos.

Sim, os olhos. Já não lembrava mais como eram antes. Tudo o que eu via era o amarelo ouro pulsando junto com o meu sangue.

Ande, Lutiel.

Aquele nome era familiar, sim, era sim.

Talvez fosse meu, eu não tinha certeza. Só sabia que precisava continuar andando.

Alcancei a saída da estação e percebi que já era quase noite.

Luzes demais, haviam luzes demais.

A voz me mandou encostar em um carro branco, e abaixei para ver o motorista.

Ele me olhou assustado e ameaçou arrancar com carro, mas meus olhos o pegaram primeiro.

– Posso entrar?

– Pode.

Me sentei no banco de trás e fechei a porta. Eu não conhecia aquilo, não sabia como funcionava.

– Preciso encontrar Alexandra Stavros.

Os olhos do motorista, refletidos no retrovisor, eram débeis. Idiotas.

Ele acenou que sim com a cabeça e girou a chave na ignição.

Eu não sabia como ele ia chegar lá, mas o homem arrancou com o carro, ainda com o rosto inexpressivo, como se tivesse absoluta certeza de onde estava indo.

Permaneci quieto, o trânsito daquela cidade era o caos.

E a voz em minha cabeça também. Martelando, gritando, se empolgando conforme o carro andava devagar.

Até que ele parou.

– Pronto.

E essa foi a única coisa que ele disse.

Eu saí e dei a volta, parando ao lado da janela dele.

– Agora você volta para a estação, certo?

– Certo.

– E não vai se lembrar que me levou, entendido?

– Sim.

– Ótimo.

O carro arrancou quando eu me afastei, e pude olhar à minha volta.

Era uma área residencial. Diferente de tudo com o que eu estava acostumado, mas eu tinha certeza que era ali. E sabia que estava perto, muito perto.

Era por ali, a voz me guiava. Se pudesse, tomaria meus passos.

Ela estava forte, quase feliz.

Até que eu parei.

Eu quase podia sentir o cheiro no ar, sabia que ela estava bem ali. A apenas umas centenas de metros, talvez. Nem isso.

Mas eu não podia, não naquela hora. A voz dizia que não.

Senti minhas células tremerem, elas precisavam dela.

Da Tocada.

A voz me mandou ficar quieto.

Apenas observei.

Estava longe, mas eu vi. Um deles... Um homem de asas brancas descer dos céus com a garota em suas costas, apressando-se a levá-la para dentro.

Era ela.

Perceberam, a voz sussurrou preocupada. Está para começar.

Treze

Uma estranha no ninho

– O que foi que aconteceu?

Eu olhava de Eros para Gael, débil, esperando por alguma explicação pelo fato deles terem corrido comigo para dentro de casa e trancado todas as portas com uma velocidade assombrosa e inumana.

– O Caído. – os dois responderam em uníssono quando me deixaram ficar em pé com as minhas próprias pernas outra vez.

– O quê? – eu perguntei sentindo meu coração acelerar e as pernas bambearem feito duas varas verdes.

– O quê? – Gael indagou logo depois de mim, se dirigindo a Eros. Os olhos dele brilhavam fortes, mais fortes do que nunca. – Como você sabe que era um Caído, eu sou o Guardião da Alexandra agora.

– Eu sinto, Gael. Você não tem exclusividade aqui.

– Mas deveria!

– Ei, ei, ei! – interrompi – Sem brigas, vocês dois! Pelo amor de Deus, me expliquem o que está acontecendo. – os dois ameaçaram abrir a boca para começar a falar – Gael.

Gael pareceu satisfeito com a minha escolha e Eros fechou a cara. Desculpe, mas acho que meu novo Guardião era a pessoa mais apropriada para me dar explicações naquele momento.

– Eu senti uma presença. – ele começou – Lá fora, bem perto daqui. Muito forte. Eu nunca estive perto de um Caído antes, mas eu tenho certeza.

Senti o sangue sumir outra vez.

– Ele... ele me encontrou.

– Eu não vou deixar nada acontecer com você. – Eros tentou me acalmar, me puxando para si em um abraço que eu não me atrevi a recusar.

Vi Gael revirar os olhos, mas não me incomodei. Ele que saísse dali se não gostasse, porque eu não ia deixar de estar com Eros por causa dele.

– Eu vou levar a Alex para a Colônia.

Achei que Gael fosse entrar em colapso nervoso com a declaração de Eros ali mesmo.

– Você ficou maluco? – ele respondeu levando as mãos aos cabelos escuros – Você tem noção do que está falando, Requiel? Acho que não.

– Ela precisa ir. Quero que ela conheça uma pessoa.

Gael pousou as mãos na cintura com um suspiro alto e começou a rir de um jeito meio maníaco que me deu medo.

– Claro. Todo mundo vai adorar a presença da Tocada na Colônia, ideia realmente genial. Vai ser ainda mais genial se o Miguel estiver lá.

– Não vou levá-la aos campos de treinamento, não seja idiota.

Permaneci calada, esperando que eles se lembrassem da minha singela e imperceptível presença entre os dois.

Claro que não aconteceu.

– E você acha que ele não vai ficar sabendo? Deixa de ser ingênuo, Requiél.

– Ele não pode fazer nada, é contra as regras.

Gael parou por um instante, um sorriso torto em seus lábios finos.

– Olha só quem está falando de regras agora.

Eros aumentou a força com que me segurava e as batidas do coração dele contra o meu ficaram mais pesadas.

– OK! – intercedi mais uma vez, me soltando de Eros e me colocando entre os dois. – Eu estou aqui. É de mim que vocês estão falando, então, por favor, falem a minha língua e me deixem decidir.

Esperei apreensiva por um segundo, a respiração presa, esperando que eles me mandassem calar a boca, mas, felizmente, eles eram mais civilizados do que aparentavam na maior parte do tempo.

Foi Gael quem falou, depois de um longo suspiro.

– Colônia é onde nós vivemos. O mundo dos anjos. O Requi... Eros quer te levar lá e eu não sei porquê. – ele terminou cruzando os braços, emburrado.

Eros se virou para mim.

– Alex, você se lembra de quando eu te falei que existiram outras Tocadas? – acenei que sim com a cabeça e Gael enrijeceu. Por uma fração de segundo eu vi aquele pensamento que não era meu cruzar minha mente – Uma delas vive na Colônia hoje.

– Você não vai fazer isso...

– Quietos, Gael! – grunhi. Eu queria ouvir. Se havia alguém que já havia passado pelo que eu estava passando, eu queria conhecê-la. E se Gael fosse ficar bravo com aquilo era só um bônus extra que deixava a coisa toda mais convidativa – Continue.

– Bom, na verdade esse não é o caminho mais comum para uma Tocada, mas é uma opção. E eu quero que você converse com ela e que entenda que há opções e que cada escolha tem uma consequência. É minha culpa que você esteja onde está agora, então quero que você tenha o maior número de informação possível. Se eu puder tornar tudo isso um pouquinho mais fácil, então é isso que eu vou fazer.

– Isso é ridículo. – era Gael – Ela vai ser hostilizada na Colônia, você sabe como eles são.

– Gael, sou eu que tenho que decidir. – eu o interrompi mais uma vez, só para variar. – Eu quero saber. Eu preciso saber. Eu quero ser parte da solução também, não só o problema. Pelo menos uma vez na minha vida.

Ele revirou os olhos, impaciente. Eu conhecia aquele olhar de frustração e sabia que ele estava prestes a ceder, embora deixasse bem claro que não estava gostando nem um pouco daquilo.

– Se é o que você quer. Mas não diga que eu não avisei.

Vitória.

– Então quando nós vamos? – perguntei sorridente, sentindo o coração bater forte em meu peito.

– De madrugada. – Eros respondeu esticando os olhos para a janela – Seus pais estão chegando, venho te buscar mais tarde.

Eu fiz que tudo bem e o encarei por tempo suficiente para que ele entendesse o que eu queria. Sorrindo, ele se aproximou de mim e segurou meu queixo, pressionando os lábios contra os meus sob os resmungos de Gael.

• • •

– Alex? – era um sussurro distante. Eu me virei na cama e puxei a coberta até a cabeça. – Alex, sou eu.

Não, eu não reconhecia a voz, só queria voltar a dormir. Eu estava cansada demais e sabia que não

era segunda-feira ainda. Mas senti as mãos quentes que correram pelo meu rosto, deixando um rastro de faíscas pela minha bochecha, e depois o choque que explodiu quando os lábios úmidos pousaram em minha testa. Então eu me lembrei.

Com um susto, eu descolei as pálpebras, mas não pude ver nada. Estiquei o braço para o interruptor e a luz forte machucou meus olhos por alguns segundos. E ele estava ali.

– Pronta? – Eros perguntou com um sorriso meio forçado em seus lábios e eu acenei que sim.

– Que horas são? – eu perguntei perdida, os olhos ainda ardendo de sono.

– Duas e meia da manhã. – Gael respondeu mal-humorado e eu dei um pulo no lugar. Me assustar devia ser o novo hobby vitalício da vida dele.

– Não estava falando com você. – retruquei tentando acalmar o coração e me volvei para Eros. – Só vou me trocar.

– Não precisa. – ele falou meio impaciente, tentando me segurar no lugar, mas eu já estava de pé pegando uma camiseta e um par de calças jeans no armário – Ninguém vai reparar, Alex.

Eu parei no lugar e fiz uma cara feia para ele, depois abri a porta do quarto com rispidez.

– Bom saber disso, Eros.

E saí do quarto, fechando a porta com raiva e ouvindo um “mas o que foi que eu falei?” vindo lá de dentro.

Homens, anjos. Qualquer coisa do sexo masculino era insuportavelmente igual, não importava muito a espécie. Eros e o Gael eram só mais uma prova disso.

Atravessei o corredor ainda sem acreditar na falta de sensibilidade de Eros e não reparei que a luz do banheiro estava acesa quando abri a porta e dei de cara com Apollo fazendo xixi lá dentro.

– AAHHHH! – ele deu um grito e cobriu seu... bom, subiu as calças e correu na minha direção para me bater – Bata na porta, Alexandra!

Eu joguei minha roupa na pia e preendi seu braço, torcendo-o em suas costas e puxando-o para mim, tapando a boca da criatura com a mão livre.

– Fica quieto seu idiota retardado, a mamãe e o papai vão acordar. – eu disse entre os dentes e ele parou de se debater – Vai ficar quieto?

– Uhum.

Fui liberando seus lábios devagar, só para ter certeza de que ele não ia mesmo começar a berrar quando estivesse solto. Com a boca livre, o rosto vermelho em um misto de ódio e vergonha, ele voltou a falar como a pessoa civilizada que ele fingia ser na frente de algumas pessoas.

– Aonde é que você vai?

– Não é da sua conta, agora me dá licença.

– Não! Eu estava aqui primeiro, você não pode me expulsar. – ele cruzou os braços – Eu nem terminei ainda.

Respirei fundo para não começar a discutir com ele.

– Você devia ter trancado a porta então, animal.

– Algum problema aí?

– EROS! – Apollo gritou e correu na direção na porta antes que eu tivesse tempo de processar o dono da voz, abraçando-o com tanta força que se Eros fosse um pouco menor teria caído no chão.

Ótimo, era só o que me faltava.

– Meu Deus, entrem os dois! – eu disse e os puxei para dentro, e já estava quase fechando a porta quando alguém enfiou um braço na fresta me impedindo de efetivamente fechá-la.

– Gael?

– Sou seu Guardiã, quero saber o que está acontecendo.

Bom, não havia muito o que eu pudesse fazer, então deixei que ele entrasse e tranquei a porta atrás de nós.

Lindo, quatro pessoas tendo uma reuniõzinha particular dentro do banheiro no meio da madrugada.

– Eu só queria me trocar. – resmunguei apontando para as roupas na pia. Será que nem isso mais eu conseguiria fazer sem ter que passar por experiências de quase morte?

– Aonde você vai? – Apollo insistiu, ainda agarrado em Eros – Quero ir junto.

– HaHa. – eu ironizei – Nem em um milhão de anos, Apollo, eu vou sozinha. Você vai voltar para a cama agora.

– Não quero!

– Olha, estou perdendo a paciência com esse moleque. – Gael falou com a mão na cintura, olhando impaciente para mim, como se eu fosse culpada por Apollo ou algo assim.

– Problema seu. – retruquei, depois me volvei para Apollo – Agora sério, cama. Eu precisa sair com o Eros.

– O que é que vocês vão fazer?

Sinceramente, meu cérebro explodiu maravilhosamente com inúmeras possibilidades interessantíssimas, mas o olhar de terror e reprovação com que Gael me olhou me fez parar imediatamente. Maldita conexão direta.

– Vou encontrar uma amiga do Eros, Apollo. – eu me limitei a dizer.

– Por que não posso ir junto?

Ótimo, ele não ia ceder tão fácil assim. Tentei pensar em alguma desculpa que fizesse sentido, mas Eros foi mais rápido que eu. Com calma, ele se ajoelhou ao lado de Apollo, ficando da altura dele.

– Olha, Apollo, e se eu te contar um segredo?

Apollo apertou os olhos, desconfiado. Ele era muito mais esperto do que aparentava ser quando queria.

– Que segredo?

– E se eu te contar que, na verdade, eu sou um anjo e que eu vou levar sua irmã para dar um passeio no meu mundo e...

– Você é pancado da cabeça.

Tentei segurar o riso, mas foi em vão. Era isso que dava tentar engabelar Apollo com histórias absurdas, mesmo que naquele caso a história absurda fosse a mais pura verdade.

Gael começou a gargalhar e até Eros se rendeu. Mas no meio da risada, ele continuou.

– Ah, é? Então o que você acha disso?

Eu não tinha visto como tinha acontecido antes, mas daquela vez foi perfeito. Milhares de minúsculos pontos de luz branca

se formaram nas costas de Eros, parecendo atraídas por ele como um ímã, moldando o formato das asas que em segundos estavam ali. Materializadas. Cor de pérola, enchendo o banheiro.

Apollo estava boquiaberto.

Gael também, mas por outro motivo.

– Você não pode fazer isso! – ele grunhiu desesperado e correu até Eros, pegando suas asas e tentando dobrá-las de volta em suas costas. Claro que não deu certo. – Põe pra dentro agora!

– Ele é uma criança, Gael, não tem problema.

– Ele já passou dos sete anos, não pode ver, é contra as regras!

Eros riu.

– Um, ele já viu. Dois, eu já quebrei as regras mesmo e três, você está me machucando. Não sou um Letronix.

Gael recolheu as mãos, um pouco constrangido.

– Guarda isso.

Eros revirou os olhos e nos segundos seguintes suas asas foram se desintegrando nos mesmos pontos de luz branca, que foram ficando cada vez mais fracos, até desaparecerem completamente.

– Uau. – Apollo balbuciou vidrado, sem nem piscar – Como eu consigo uma dessas?

– Morrendo, moleque. – Gael retrucou sem paciência – Fácil de providenciar se você quiser.

– Gael!

– Ele que perguntou, só estava respondendo. – Gael se defendeu encolhendo os ombros e abrindo os braços, como quem diz que não tem culpa.

Até que ele parou por um segundo.

– Tem alguém vindo aí.

Meu sangue gelou, o coração disparou. Eu teria uma morte lenta e dolorosa se o Sr. Ares decidisse dar uma passadinha no banheiro e me pagasse com Eros e Gael ali dentro.

Comecei a entrar em desespero.

Alguém bateu três vezes na porta.

– Alexandra? É você que está aí?

– É o meu pai! – sussurrei quase em súplica, roendo as unhas e girando em círculos – É o meu pai, e agora?

– A gente se esconde. – Apollo apontou para a banheira atrás do box e precisei admitir que talvez aquela fosse a minha única chance de permanecer com a minha integridade física intacta.

– Alex!

Tapando a boca para evitar o som da respiração ofegante, eu apontei para eles e para a banheira, esperando que por favor eles não fizessem barulho. Puxei Apollo para trás da porta.

– Alexandra, se você não abrir eu...

Click.

– Oi, pai. – abri a porta bocejando, fingindo que estava morrendo de sono e que não entendia o que ele estava fazendo ali gritando meu nome em plenas duas e meia da manhã, francamente.

– O que foram esses barulhos que eu ouvi?

– Barulhos? – repeti fingindo surpresa, sentindo um filete de suor persistente escorrer lentamente pela minha testa – Não ouvi barulho nenhum, pai, você devia estar sonhando.

Meu pai esticou os olhos pela fresta que eu havia aberto, como se quisesse inspecionar o banheiro, e Apollo, que estava ali atrás, levou as mãos à boca para tapar a respiração.

Foram os cinco segundos mais longos da minha vida.

– Vá dormir. – foi a declaração final dele, insatisfeito e desconfiado, mas me deixou fechar a porta mesmo assim.

E então eu escorri para o chão escorada nela, mole depois do rush de adrenalina.

Apollo começou a rir que nem idiota, talvez ele estivesse tendo uma queda de adrenalina também. Ou não, podia ser só a idiotice normal de sempre, era difícil descobrir.

– Deu certo. – balbuciei ainda mole quando Eros e Gael saíram de dentro do box, rindo. Aquilo não era um bom sinal – Do que é que vocês estão rindo?

Eles se entreolharam por um instante e então eu entendi.

Como eu era idiota.

– Por que vocês não em lembraram que podiam ficar invisíveis?!

– Eles podem? – os olhos de Apollo brilhavam como se ele tivesse sido levado para o mundo mágico dos brinquedos ou algo assim. – Posso ver?

– Não! – respondi brava, depois me coloquei de pé com um pouco de dificuldade e me virei para Eros – Vamos de uma vez antes que eu desista.

Ele cruzou os braços.

– Você vai de pijama então, como eu tinha falado?

Estreitei os olhos.

– Cala a boca.

Abri a porta do banheiro com cautela e dei uma espiada para os lados, só para ter certeza de que meu pai estava mesmo dentro do quarto dele. Na ponta dos pés, atravessei o corredor até meu quarto, com Eros, Gael e Apollo logo atrás de mim. Depois que todos entraram, eu tranquei a porta.

– Você volte para o seu quarto, Apollo. – falei séria, sentando na cama e puxando-o pelo braço até mim – E não conte absolutamente nada para a mamãe ou para o papai.

Ele cruzou os braços.

– Claro que não, eles vão achar que eu pirei. – respirei aliviada – Mas eu quero ir junto.

Abri a boca para brigar com ele mais uma vez, mas Eros se sentou ao meu lado e apoiou a mão em seu ombro.

– Você não pode, Apollo. Só sua irmã pode. – ele trocou um olhar rápido comigo, daqueles que faziam meu coração parar por um segundo ou dois – Ela é especial.

Apollo estreitou os olhos, obviamente não acreditando naquilo. Porque, claro, eu não era especial. Nem nunca tinha sido e eu tinha certeza de que meu irmão achava que Eros estava blefando. Infelizmente não daquela vez.

– Vão de uma vez, eu coloco o moleque na cama. – Gael falou com sua paciência característica.

– Não vou para a cama!

– Vai sim, eu garanto.

Eu sorri para Gael, sabendo que ele conseguiria colocar Apollo na cama usando apenas o dedo mindinho e pulando em pé só se quisesse.

Me levantei e puxei Eros pela mão até a janela, depois apoiei os braços em seu peito e fiquei na ponta dos pés para alcançar seus lábios em um beijo rápido. Vi Apollo fingir que enfiava o dedo na garganta como se fosse vomitar de um jeito bem exagerado, mas preferi ignorá-lo para o seu próprio bem.

– Você não vai me deixar cair? – perguntei só por precaução, subindo em suas costas.

– Se eu fosse, eu não ia te contar, Alex.

Mostrei a língua, embora ele não estivesse vendo, e me segurei firme em seu pescoço quando ele se lançou pela janela, mergulhando no céu da madrugada. Ainda consegui dar uma última olhada para trás, para ver Apollo apoiado no parapeito da janela, nos olhando com um sorriso abobalhado no rosto.

– Ele não consegue mesmo entrar no seu mundo? – perguntei conforme Eros ia subindo pelo céu.

– Sozinho, não. Até os sete anos ele poderia, com um Guardiã. Agora ele só consegue se você o levar.

– Eu?

– Abertura da passagem entre os mundos, já te expliquei isso. Mas se eu contasse isso a ele, ele ia querer vir junto de qualquer forma.

Eu ri. O antigo Eros nunca pensaria em uma coisa daquelas, tão maldosa e articulada. Ou nem tanto assim, mas se tratando do antigo Eros, era quase um crime de estado.

– Quem te viu, que te vê, senhor Requiel.

Ele balançou a cabeça.

– Pra você é Eros. E é melhor segurar firme.

Com uma guinada, ele dobrou, triplicou a velocidade, e eu realmente precisei me segurar com força ou ia escorregar pelas suas costas. Não que aquela não fosse uma ideia tentadora, mas como estávamos sabia-se lá a quantos metros de altura, talvez não fosse a coisa mais inteligente a se fazer.

Preferi só segurar firme mesmo, de olhos fechados, mas fiz questão de anotar a ideia mentalmente.

Então Eros me mandou abri-los.

– Já?

– Ainda não chegamos, mas você não pode perder isso.

Abri os olhos ligeiramente desconfiada, devagar, até me deparar com um céu diferente. Cores

explodiam pelo ar, como se fosse um nascer do sol conforme subíamos mais. Não havia mais nuvens, apenas luz, cada vez mais clara. Uma aurora no meio do infinito, sem saber onde estava o sol.

Simplesmente fantástico.

– É tão claro aqui.

– Nós não temos noite. – Eros respondeu começando a diminuir a velocidade – Nós não precisamos dormir na Colônia, não há porque ter noite.

Pensei naquilo por um segundo, devia ser esquisito. Devia ser fácil perder a noção do tempo, se é que eles tinham alguma coisa assim por lá. Será que o tempo era o mesmo? Ou era como nos sonhos, cada minuto imensamente dilatado?

Não consegui pensar mais.

De repente, tudo estava claro demais e eu sabia que nós havíamos chegado. Meu coração começou a bater com força e uma sensação esquisita tomou conta do meu corpo. Uma sensação de que eu não pertencia àquele lugar, como se fosse uma intrusa, uma estranha.

Eros apontou para frente.

– A entrada é ali.

Havia uma porta dourada, imensa. Ela refletia uma grande parte da luz daquele lugar, machucava os olhos. Eros parecia não se importar com aquilo.

Na verdade, a porta era bem do jeito que os desenhos animados retratam a porta do céu ou coisa parecida.

– Muito original. – sussurrei em tom de provocação.

Ele riu.

– Da onde você acha que vem as ideias da Terra, hein?

Não consegui para refletir sobre aquilo porque logo nós já estávamos perto demais da entrada, e pude ver dois anjos montando guarda ali. Ambos estavam cobertos por armaduras douradas.

A placa de metal que cobria o peito deles tinha as marcas do abdômen sulcadas, provavelmente escondendo abdomes tão definidos quanto a própria armadura, e alguns adornos em formas de espiral. No antebraço, mais placas, cobrindo até as juntas dos dedos com as mãos.

As pernas não eram cobertas, eles usavam um tipo de proteção na cintura que lembrava uma saia, até o meio das coxas. Nos pés, sandálias em estilo gladiador amarradas até quase o joelho.

Na verdade, eles lembravam muito gladiadores.

Nenhum dos dois usava capacetes e, na bainha da cintura, eles seguravam uma espada que eu não consegui ver direito. As asas enormes, até maiores que as de Eros, estavam à mostra.

– Achei que vocês usavam arcos e flechas. – eu provoquei brincando.

Eros riu.

– Os arqueiros usam. Aliás, – ele virou o rosto para mim com uma piscadinha – não subestime minhas habilidades com um arco na mão.

Eu abri a boca, surpresa.

– Como é? Você sabe lutar?

– Não lutar... Mas sim, recebi algum treinamento. Arco e flecha era a minha arma preferida.

Sorri por dentro, até que combinava com ele. Arco e flecha, Eros, Cupido... Quase o visualizei como um daqueles

desenhinhos em cartões para o dia dos namorados e precisei reprimir a risada.

– Sinceramente, acho uma espada muito mais masculino.

Ele estreitou os olhos e pousou em um chão firme, recolhendo as asas assim que tocou o solo. Eu desci e ele pegou minha mão, me conduzindo até a porta.

– Isso é porque você ainda não me viu em ação.

O sorriso presunçoso se formou em seus lábios e meu cérebro explodiu em possibilidades outra vez,

mas daquela vez não havia nenhum Gael para me censurar e aproveitei até a pressão na minha mão aumentar e eu ser forçada a encontrar minha consciência de novo contra a minha vontade.

Eros não disse nada quando nos aproximamos dos guardas, mas o olhar nos olhos azuis deles não eram amigáveis. O da esquerda tinha os cabelos lisos e castanhos até a altura do ombro, e o outro tinha a cabeça raspada e uma barba rala no rosto. O do cabelo comprido balbuciou qualquer coisa para o careca, que concordou meio relutante e liberou a passagem.

Eles tocaram a porta maciça simultaneamente e ela se abriu.

Se abriu não, se desintegrou. No lugar onde ela estava, depois do toque das mãos deles, apareceu uma espécie de túnel por onde nós pudemos passar.

E o que havia atrás daquela porta era simplesmente incrível. Não sei quanto tempo fiquei boquiaberta conforme Eros me puxava mais para dentro da Colônia, mas meu queixo permaneceu caído até eu perceber que precisava fechar a boca.

O céu era de um azul insano, que ficava mais anil conforme se aproximava do chão do horizonte. Era quase uma ilusão de ótica, porque de alguma forma eu sabia que era impossível chegar até lá. A grama era verdinha, muito mais verde do que eu já tinha visto e muito bem aparada. Macia de pisar.

– Como os humanos não veem isso sobre a cabeça deles? – perguntei em um misto de maravilha e espanto.

– Dimensões diferentes. – Eros respondeu como se eu tivesse perguntado quanto era dois mais dois. – A maioria de vocês não faz ideia do que os cerca.

Tentei pensar naquilo, mas não consegui. O lugar era simplesmente incrível demais para que eu perdesse tempo pensando em qualquer outra coisa.

Pessoas – ou anjos – andavam de um lado para o outro, a grande maioria vestidos de branco. Alguns voavam com suas asas enormes, alguns usavam as mesmas armaduras que os guardas das portas e criavam posições como de aeronaves no céu.

E longe, muito longe no horizonte anil, havia uma única construção.

Senti um puxão forte.

– Ai! – disse tentando me soltar de Eros, mas obviamente ele era muito mais forte que eu e aquilo não deu certo – Por que você está me puxando assim?

Ele não me olhou, mas eu podia sentir a dor nos olhos dele só pelo tom da voz que cortou sua garganta.

– Estão te olhando torto e não gosto disso. Quanto mais rápido chegarmos lá, mais rápido nós vamos embora. Se isso não fosse tão importante eu não teria te trazido.

Foi só quando ele terminou que parei para efetivamente reparar nos rostos que olhavam de esguelha.

Em primeiro lugar, todos eram absurdamente lindos. Brancos, morenos, negros, homens, mulheres, todos eram inumanamente belos e carregavam os mesmos olhos azuis de Eros. Mas não era só isso. Os mesmo olhos azuis me encaravam de um jeito diferente. Com desconfiança. Com hostilidade. Com raiva ou repúdio, eu não conseguia me decidir.

Era quase como se eu tivesse alguma doença extremamente contagiosa ou fosse um monstro ou algo assim.

Com medo, eu me agarrei na cintura de Eros e ele beijou meus cabelos, passando os braços pelas minhas costas.

– Não vão fazer nada com você.

Eu sabia daquilo, mas ainda assim não conseguia relaxar. Ninguém nunca tinha me olhado daquele jeito – a não ser a Helena, talvez – e eu não conseguia tirar os olhares da minha cabeça, eram intensos demais.

– Requiem!

Era uma voz de criança e nós nos viramos. Alguns anjos pararam para ver o que estava acontecendo, mas retomaram os passos em seguida. Aparentemente, eles queriam ficar o mais longe possível de mim.

Não que eu fosse contra a ideia.

– Pharel, nós estamos com um pouco de pressa.

O garotinho tinha a pele dourada e os cabelos curtos acaju, como se estivessem queimados do sol, dando um contraste assustador com os olhos azuis que me encaravam. Mas aqueles não eram hostis. Eram curiosos. Curiosos como os de uma criança de sete ou oito anos que ele deveria ter quando via alguma coisa nova, mas a profundidade que eles tinham era assustadora.

– Ela é a Tocada? – o menino perguntou maravilhado apontando para mim.

Por um segundo achei que o lugar inteiro tinha parado de respirar para ouvir a resposta de Eros, mas os anjos continuaram a andar normalmente e eu agradeci mentalmente por aquilo.

– Sou eu sim. – respondi tentando forçar um sorriso para ele.

O rosto do menino se iluminou do mesmíssimo jeito do de Apollo ao ver as asas de Eros.

– Posso encostar em você?

Me senti um bicho em extinção no zoológico, mas fui obrigada a rir. Crianças e suas espontaneidades.

– Pharel! – Eros o reprimiu.

– Desculpa, moça. – o menino falou um pouco desapontado – É que eu não achei que você fosse de verdade.

– Pode me chamar de Alex. – estendi a mão – E eu também não achei que vocês fossem de verdade.

Pharel apertou minha mão, feliz, e pela primeira vez eu consegui relaxar. Não havia nenhum sinal de ódio ou desconfiança ali.

Até que ele se voltou para Eros.

– Gabriel sabia que você ia vir, ele quer falar com você na sala dele. – Pharel abaixou um pouco o rosto e diminuiu o tom da voz – Sobre o julgamento e tudo mais.

Meu coração disparou e eu me agarrei a Eros instintivamente, como se não fosse deixá-lo sair dali. Ele concordou com um longo suspiro.

– Eu já vou, assim que deixar a Alexandra com uma pessoa.

O garotinho acenou que tudo bem e fez uma reverência para mim.

– Foi um prazer conhecer você, Alex. Espero te ver de novo.

– Eu também. – respondi e, quando ele se virou para ir embora, eu olhei para Eros – Que julgamento?

Ele balançou a cabeça.

– Agora não, Alex, por favor. Depois te explico tudo.

Não insisti. Eu sabia que se ele não queria contar, então havia um motivo, por mais que eu não gostasse e fosse ficar martelando aquilo na cabeça mais tarde.

Nós caminhamos em silêncio e em um ritmo constante. Percebi quando começamos a nos afastar da concentração de anjos e o lugar foi ficando mais deserto. Olhei para trás e o prédio, aquele único, quase não estava mais visível.

Havia pedras agora, grandes pedras e um barulho familiar de água corrente.

– Um rio?

Eros fez que sim com a cabeça e apontou para alguém em uma das pedras. Estava um pouco longe, mas eu podia ver os cachos ruivos caindo perfeitamente pelos ombros dela.

Meu coração pulou uma batida.

Eu a conhecia.

A imagem ao longe e o rosto que eu tinha gravado em minha mente por causa de Gael se juntaram novamente. Era o encaixe perfeito.

Era ela.

– Ela é a...

– A última Tocada. – Eros completou por mim. – Ela estava esperando por você. Alex, essa é Caliel.

Catorze

Talvez fosse melhor não ter perguntado

Meu queixo caiu.

Instintivamente, meu cérebro tentava fazer as conexões entre as palavras “Tocada”, “Caliel” e “Gael”, mas simplesmente não era possível. Eu ainda estava em choque e não entendia onde tudo aquilo se encaixava.

Então era por isso que ela estava no bar aquele dia, por isso só eu tinha sido capaz de vê-la.

– Vamos. – Eros falou pegando minha mão e me guiando na direção dela. Ele lançou um olhar a mim e ergueu as sobrancelhas – Você parece surpresa.

– Eu estou. – respondi nervosa, sentindo meu coração começar a acelerar outra vez.

Ele sorriu.

– Não precisa, a Caliel é gente boa. Bem na dela, meio quieta... Mas no fundo é muito doce.

– Eu sei, não é por isso... Ei! – de repente eu percebi o que ele tinha falado – Posso saber por que toda essa admiração?

Eros começou a rir.

– Olha só quem está com ciúmes agora. Ela é minha amiga, Alex, só isso. Não seja neurótica. – fechei a cara. Eros me puxou para si e me abraçou, mordendo minha bochecha – Meu coração é só seu, boba. E quando você duvidar, lembre-se que eu caí só por sua causa.

Ok, ele estava sendo convincente. Mas ainda assim eu não gostava da ideia, nem do jeito como ele tinha falado dela.

Ciúmes sim, e daí? Eu precisava prezar pelo que era meu.

Nós nos aproximamos abraçados e Caliel abriu um sorriso quando nos viu.

– Vocês formam um bonito casal. – ela falou revezando os olhares entre mim e Eros com uma expressão triste e eu senti o rosto enrubescer – Espero que dê tudo certo para vocês.

Senti um nó na garganta e me apertei mais contra Eros. Não gostei do tom melancólico que ela tinha usado, era como se ela soubesse de alguma coisa que eu não sabia. Alguma coisa que não era boa.

– Você pode ficar aqui comigo? – pedi a Eros, fazendo bico. Ele pegou meu queixo com as mãos e me deu um beijo rápido.

– Não posso, Alex. Você lembra do que o Pharel disse, preciso ir falar com o Gabriel.

Sim, eu lembrava. E não gostava nem um pouco daquilo, só para constar.

– Você volta?

Ele acenou que sim.

– Volto, venho te buscar. Eu juro.

Afrouxei meus braços em volta dele, deixando minhas mãos em sua cintura. Eros pousou as dele em meu rosto e tirou uma mecha de cabelo da minha testa, depois foi aproximando o rosto do meu. Os olhos azuis dele pulsavam, mas havia um fio de apreensão neles. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Eros pressionou os lábios contra os meus com força.

Foi rápido, mas eu senti a urgência ali. Ele estava com medo, estava apreensivo. E as palavras

seguintes simplesmente abriram um rombo em meu peito.

– Eu te amo.

Eu travei.

Eu não sabia o que fazer e não sabia o que pensar. Meu cérebro travou, meus músculos amoleceram e eu emudeci. Não seria capaz de falar nem se a minha vida dependesse daquilo.

Ele apenas sorriu, triste.

Talvez ele esperasse que eu dissesse alguma coisa, ou que eu expressasse alguma reação, mas eu simplesmente não consegui. Idiota, era isso que eu era. Idiota.

Eros aproximou seu rosto do meu outra vez, mas seus lábios tocaram minha testa. Ele passou por mim deixando os dedos correrem pela pele do meu braço e as faíscas deixaram um rastro ali.

– Você tem sorte de ter o Eros, Alexandra.

De repente eu me lembrei que Caliel estava lá. Eu ainda estava perdida com o que Eros tinha falado, como se as palavras tivessem me arrastado para um outro mundo ou coisa do tipo.

– Desculpa. – foi o que eu consegui responder.

Ela sorriu e fez sinal para que eu me sentasse na pedra ao lado dela. Foi o que fiz e assim que dei o primeiro passo senti que estava com as pernas trêmulas.

Caliel segurou minhas mãos, mas eu não a encarei.

– O Requiél é um bom garoto. Queria ter tido a sua sorte.

Foi quando eu precisei encará-la.

– Como assim?

Ela tomou ar antes de começar.

– Eu sei porque ele te trouxe, ele conversou comigo naquela noite em que desapareceu. – senti o vazio no peito quando ela me fez lembrar daquilo – Ele estava desesperado, estava preocupado, confuso. Estava com medo do que podia acontecer com você. Muito mais preocupado com você do que com ele. O Requiél é especial.

– Eu sei. – arfei, me sentindo culpada. E nem tinha tido a capacidade de reagir ao “eu te amo” dele, muito bom, Alexandra. – Eu me preocupo com ele, também. Quero saber o que está acontecendo.

– Talvez se eu te contar o que aconteceu comigo, você entenda. – ela engoliu a seco uma vez depois tomou ar e soltou minhas mãos – Eu tinha vinte anos quando me tocaram. Meu nome era Camile.

“Na verdade, tudo começou quando eu fiquei noiva.” Os olhos dela se iluminaram com a palavra. “Ele se chamava Eric. Nós namoramos por um tempo, mas naquela época nós precisávamos nos casar logo. Coisas de família, tradição, honra, essas coisas.”

– Mas você gostava dele?

Ela sorriu.

– Muito. Na verdade... acho que só percebi o quanto gostava dele quando o perdi.

Meu coração ficou em standby.

– Como assim, o perdeu?

– Como eu disse, tudo começou quando eu fiquei noiva. Na mesma noite do noivado, meu Guardião caiu. Talvez ele estivesse com raiva, talvez ele gostasse muito de mim... Até hoje eu não tenho certeza.

Eu mal conseguia piscar. Mal conseguia acreditar que tinha encontrado alguém que também já havia passado por aquilo. Parecia impossível, um sonho.

– Como foi para você? Quer dizer, quando ele te tocou.

– Faíscas.

A resposta, tão familiar para mim, me fez sorrir.

– Pra mim também. – acrescentei – Mas machucava o Er... Requiél quando ele encostava em mim.

– Pode chamá-lo de Eros, eu gosto do nome. Acho que combina com ele. – acenei que sim com a cabeça, concordando, meio sem graça – Mas no caso de Jediel não foi assim. Ele não perdeu a memória

como Eros. Claro, a primeira vez foi mais forte, acho que ele sentiu alguma coisa. Mas depois foram só as faíscas, para nós dois.

– Como vocês se encontraram?

Caliel se ajeitou na pedra, ficando de frente para mim. Eu ainda não conseguia entender como ela podia ser tão absurdamente linda. Não me espantava nem um pouco que Jediel tivesse literalmente caído por ela – com o perdão do trocadilho.

– Como eu disse, foi na noite em que eu fiquei noiva. Depois da festa em minha casa, eu fui com Eric até o jardim me despedir e acompanhá-lo até que ele entrasse em seu carro. E assim que o carro saiu eu ouvi um barulho.

– Um trovão?

Ela sorriu.

– Exatamente. Sabe, eu fico me perguntando na realidade quantos trovões ouvidos na Terra não são anjos caindo.

– Mas... Vocês saberiam, não saberiam?

– Nós sabemos. Temos as equipes de resgate e cada anjo cai por um motivo diferente. A grande e esmagadora maioria é resgatada com sucesso antes de tocar um humano. Mas muitos não caem por sentimentos extremos.

Eu engoli a seco.

– Amor?

– E ódio. Quando dizem que amor e ódio são sentimentos irmãos, não é à toa. É muito difícil resgatar um errante quando ele tem um desses sentimentos cravados em si. É quase como um escudo, uma armadura. Fica difícil de se aproximar.

Senti a tristeza quando ela terminou a frase e comecei a imaginar o porquê.

– O Jediel...

– Eu achei que fosse amor. Achei, quando ele disse que tinha caído por mim. Eu fiquei fascinada, fiquei cega.

Um nó se formou em minha garganta, eu não tinha certeza se queria continuar ouvindo aquilo com o rumo toda que a coisa estava tomando. Caliel pareceu perceber minha hesitação.

– Mas você não se preocupe. Se Eros não te amasse de verdade, você não estaria aqui. Ele não estaria lá na sala de Gabriel por livre e espontânea vontade agora. Não teria dito que te amava do modo como ele falou.

Meu coração acelerou e eu senti o sangue esquentar minhas bochechas. Ainda me sentia idiota por não ter sido capaz de dizer nada para ele, nem de ao menos sorrir ou ter alguma reação diferente de zero.

– Eu queria ter dito alguma coisa.

Caliel sorriu e pegou minhas mãos outra vez.

– Tudo bem, ele sabe que você gosta dele. Às vezes nós não precisamos verbalizar sentimentos... – os olhos dela se desviaram para o rio – Embora eu devesse ter dito ao Eric que o amava.

Engoli a seco outra vez.

– O que aconteceu com vocês?

Caliel mordeu o lábio inferior antes de continuar e um vinco se formou em sua testa, como se estivesse se lembrando de algo extremamente doloroso.

– Eu me apaixonei por Jediel. Ou eu achava que estava apaixonada depois que o conheci. Ele era lindo e... bom, ele tinha caído por mim. – ela deu um longo suspiro – Eu terminei o noivado com Eric.

Daquela vez fui eu que segurei as mãos dela, afagando-as enquanto ela continuava. Era doloroso estar ali, ouvindo-a falar daquele jeito de uma coisa que nem precisava, em primeiro lugar.

– Você pode parar se quiser. – me apressei a dizer – Eu sei que deve ser difícil...

– Não, tudo bem. – Caliel me cortou – Já passou, nem devia me incomodar mais com isso. – ela

respirou fundo antes de continuar – Eu terminei com Eric e meus pais ficaram loucos. Eles queriam me expulsar de casa, mas eu não me importava, porque estava com Jediel. E achei que ele gostasse de mim.

“Eu sentia falta de Eric. Sentia falta da gaitinha prateada que ele tocava sempre que nós saímos juntos, do jeito como ele me olhava. E Jediel percebeu isso. Ele não gostou.

“E tudo só piorou quando descobriu o que aconteceria a ele por ter quebrado as regras. Jediel começou a brigar comigo, a me culpar por tudo. Tentou ir atrás de Eric, até. Então ele me contou minhas opções.”

Parei de piscar, senti até meus batimentos cardíacos diminuírem para que eu pudesse ouvir com atenção o que vinha a seguir.

– Não sei o quanto o Eros te contou, Alex, mas o contato entre anjos e humanos é proibido e inaceitável. Quando isso acontece, o equilíbrio entre os mundos é quebrado e então nós precisamos reverter a situação. Existem duas formas de fazer isso, mas tudo gira em torno de uma ideia só: O Tocado precisa desaparecer.

“A primeira forma é o anjo se tornar humano. É um processo doloroso para o anjo, por mais acostumado que ele esteja com a materialização. Sem anjo, não há mais o Tocado. Faz sentido?” Acenei que sim. “Mas é complicado... o anjo ainda se lembra da vida que tinha aqui, mas perde todo o contato. Fica muito mais vulnerável ao frio, ao calor, às dores e à fome. Alguns não conseguem se adaptar e morrem.”

Conforme as palavras de Caliel atingiam meus ouvidos eu transformava o anjo em que ela falava em Eros, vendo-o enlouquecer, sofrer, passar fome e frio. Comecei a sentir as lágrimas querendo se formar nos cantos dos meus olhos.

– Existem anjos humanos por aí? – quis saber, pasma.

A ideia era simplesmente maluca.

Caliel tentou forçar um sorriso tímido.

– Errantes – ela me corrigiu. – Muitos. Ainda assim, é bem pouco perto do número de anjos que decidem se mortalizar. Como eu disse, ficam muito vulneráveis às necessidades humanas.

Fiquei quieta tentando imaginar quantas pessoas com as quais eu cruzava na rua poderiam ser anjos mortalizados – os tais Errantes – e aquilo deu um nó na minha cabeça.

– Os que conseguem... – continuei – Vivem uma vida normal?

Aquilo era tão absurdamente surreal que não podia fazer sentido. Meus neurônios brigavam uns com os outros para provar que aquele pensamento era errado e inconcebível. Quer dizer, há alguns dias atrás eu nem acreditava em anjos daquele jeito e agora estava falando não só com uma, mas essa uma estava me dizendo que havia anjos que viravam humanos e tudo mais.

– Dentro do possível. – respondeu Caliel – Eles não têm Guadiões e os eventuais filhos são os que nós chamamos de Néfilins. Mestiços.

Meu queixo caiu. Primeiro, porque aquilo explicava as pessoas sem luz que eu tinha visto mais cedo, e segundo porque aquela história de mestiços e meiossanguês era abusar do meu bom senso.

– Achei que isso fosse uma lenda.

– Toda lenda tem um fundo de verdade. – ela respondeu com uma piscadinha e decidi que era melhor parar por ali com aquela história antes que eu entrasse em parafuso.

– E a outra forma do Tocado desaparecer? – perguntei esperando que a segunda alternativa me desse algum fio de esperança. Eu nunca, jamais, poderia conceber a ideia de Eros sofrendo por minha causa, não depois de tudo pelo que ele já tinha passado. Não era justo, eu não ia deixar acontecer.

– A outra é o humano se transformar em anjo.

Pisquei os olhos, as lágrimas caíram. Um nó se formou em minha garganta e se recusou a ir embora.

– Quer dizer morrer?

Ela sorriu de leve.

– Em condições normais sim, e também funcionaria. Mas para um Tocado não é necessário. Acredite no Eros quando ele diz que você é especial, porque você é. Você tem mais poder do que imagina, Alexandra, e você tem essa opção. Você pode se immortalizar se quiser.

Desviei os olhos do dela, tentando avaliar as possibilidades, mas ali era impossível. Eu precisava de tempo, precisava pensar.

Franzi a testa quando prestei mais atenção no que Caliel tinha dito.

– Como você sabe o que o Eros me disse?

– Eu ouvi. – ela alargou o sorriso – Se lembra do quase acidente com o seu irmão? – fiz que sim com a cabeça – Fui eu que alertei Eros para salvá-lo.

Daquela vez o sangue começou a pulsar forte em minhas veias. Então era ela que...

– Você... você é Guardiã do Apollo?

Caliel confirmou com um aceno de cabeça e eu achei que fosse desmaiar ali mesmo, meu cérebro rodava mais que um liquidificador em alta velocidade

– São informações demais para um dia só, Caliel, desculpe.

– Eu te entendo, não se preocupe. Você está bem?

– Aham. – murmurei mesmo sabendo que aquela não era inteiramente a verdade. Eu simplesmente precisava continuar a ouvir o que ela tinha para dizer. – Isso quer dizer que você escolheu se immortalizar? Por quê?

Ela arfou.

– Não sei explicar, acho que ainda estava fascinada demais por Jediel e achava que aquele seria o único modo de salvá-lo.

– Salvá-lo?

– Jediel caiu. Quando eu digo “caiu”, quero dizer que se tornou um Caído, e eu achei que sendo um anjo as chances de eu conseguir salvá-lo aumentariam. – ela balançou a cabeça em desapontamento – Pura ilusão.

Minhas mãos tremiam e eu só me dei conta daquilo quando soltei as de Caliel. Não podia ser, aquilo não podia acontecer com Eros. Eu não ia deixar acontecer e estava disposta a me tornar um anjo para salvá-lo se fosse preciso.

Mesmo que fosse da maneira mais difícil.

– Jediel ainda é... um Caído? – eu perguntei apreensiva.

– Acredito que sim, nunca mais o vi. Estou aqui desde então. Estudei para ser Guardiã e seu irmão é o meu mais novo protegido. Espero que eu esteja fazendo um bom trabalho.

Tive que sorrir. Em se tratando de Apollo, ela estava fazendo um trabalho impecável, porque ele simplesmente nunca parava quieto e tinha um dom nato para se meter em confusões de todos os tipos, cores e tamanhos.

– Eu confio em você. – falei ainda sorrindo – Mas você não deveria estar lá embaixo com ele?

– Não é necessário o tempo todo. Agora, por exemplo, ele está dormindo e eu posso ficar aqui. Mas eu fico ao lado dele sempre que é preciso, não se preocupe.

Eu não duvidava dela e tinha certeza de que não havia ninguém melhor para cuidar do meu irmão.

– Posso te ver quando você está ao lado dele?

Ela fez que sim com a cabeça.

– É só você querer.

Senti um conforto. Caliel, a única pessoa de que eu tinha notícias de ter passado pelo mesmo que eu, estava mais perto do que imaginava, e sabia que ela estaria lá se eu precisasse de ajuda.

– Mas... – então me lembrei da história dela, e havia um ponto faltando – O que aconteceu com o Eric?

Caliel respirou fundo, como se fosse começar a falar, mas virou o rosto na direção oposta a nós.

– Vai ter de ficar para uma outra hora.

Ela apontou para alguém no horizonte e reconheci imediatamente. Eros estava voltando.

Eu me levantei quando ele se aproximou e me joguei em seus braços, deixando as lágrimas que ainda estavam presas caírem pelo meu rosto de uma vez.

– Eu avisei que ia voltar, calma. – falou no meu ouvido me abraçando, mas o tom na voz dele me fez soltá-lo para ver o que estava acontecendo.

O rosto dele estava triste e eu sabia daquilo. Já tinha decorado as formas que seus olhos, testa, bochechas e lábios tomavam quando havia alguma coisa errada. Desci os olhos para a cintura dele, havia uma espada pendurada ali.

– O que é que aconteceu, pra quê essa espada?

– Não é para mim. – ele respondeu colocando a mão na bainha, ainda com os olhos tristes – É para o Gael. Ele vai precisar... o Caído, sabe.

Gelei com o que ele disse, mas aquela não era a minha maior preocupação naquele momento.

Ele era.

– E você, o que aconteceu?

– Eu vou ter que ficar aqui até segunda ordem, Alex. – Eros respondeu com um nó na voz e eu tinha certeza de que ele estava segurando o choro para bancar o macho alfa durão, vocação que ele não tinha – Eu estou em julgamento por ter tocado em você.

Senti minhas pernas ameaçarem ceder sob o meu peso e precisei me sentar.

– Mas... por quê? Quanto tempo isso vai demorar, o que vai acontecer?

– Eu ainda não sei, dias, semanas. Mas não posso voltar enquanto isso, ou as coisas podem piorar. – a voz dele minguou – Me desculpe.

Levantei e corri para abraçá-lo. Por que era tão difícil? Por que aquilo tinha que acontecer comigo? Por que ele tinha que ser meu anjo, por que não podia ser simplesmente um cara normal que eu esbarrara na rua? Ah, é, espera. É da Alexandra que nós estamos falando, que ingenuidade a minha.

Não percebi quando Caliel nos deixou a sós, mas quando afastei o rosto do peito de Eros e olhei para trás, ela não estava mais ali.

– Quero ficar aqui com você. – falei limpando as lágrimas na manga do pijama e ele me puxou para si outra vez.

– Você não pode, Alex. Eu queria muito que pudesse, mas você precisa voltar. O Gael vai te levar de volta. Aliás – ele virou o rosto e olhou para trás –, ali está ele.

Eu me virei também e me deparei com Gael andando em minha direção. Lembrei do rosto nos pensamentos dele. Talvez eu perguntasse a ele sobre ela qualquer dia daqueles.

– Pronta para voltar? – ele perguntou quando chegou até nós e fiz questão de responder que não – Mas essa não é uma opção válida no momento, Alexandra.

Eu dei um último abraço em Eros, mais forte, e me agarrei em seu pescoço para beijá-lo. Eu não sabia quanto tempo ficaria longe dele, nem mesmo se o veria de novo e aquilo doeu.

A possibilidade apertou meu coração quando nossos lábios se separaram e me olhei refletida nos olhos azuis dele. Não sabia como ia ser sem Eros, não conseguia mais me imaginar sem aquele oceano no qual eu havia me acostumado a mergulhar em tão pouco tempo.

Quando me soltei de Eros, meus olhos choravam os dele também. Ele desembainhou a espada e a estendeu para Gael, que a pegou e ficou a examinando com as mãos. A próxima a ir era eu.

– Cuide dela por mim. – Eros pediu tentando ignorar as lágrimas, mas o nó na garganta dele não deixou – E não deixe ela fazer nenhuma besteira.

– Não faço milagres, Requiél. – Gael respondeu fazendo sinal para que me aproximasse dele, empunhando a espada – espero que eu ainda saiba usar uma dessas.

Eros não respondeu, nem fez piadas e nem nenhum comentário. Ele apenas me olhou outra vez.

Uma última vez.

– Eu te amo. – ele disse mais uma vez e, mais uma vez, eu não consegui responder.

Quinze

Alguns golpes de direita

Não percebi quando dormi, não percebi quando voltei ao quarto, e nem quando Gael me colocou na cama. Só percebi quando o despertador do meu celular começou a tocar loucamente, me avisando que era segunda-feira.

Levantei com um pulo, na esperança de que aquilo fosse apenas mais um sonho maluco e olhei para os lados, procurando por Eros.

Ele não estava lá.

Ao invés dele, meu carma eterno deu o ar da graça.

– Você podia trocar a musiquinha do seu celular, é irritante.

Revirei os olhos e caí de volta na cama. Da próxima vez, faria questão de colocar o celular para tocar no ouvido dele, no volume mais alto possível.

Foi quando me lembrei de uma coisa e me sentei outra vez.

– Cadê a espada? – perguntei olhando para os lados, apertando os olhos para tentar enxergar alguma coisa com a pouca luz.

Se ela não estivesse ali, talvez ainda houvesse uma possibilidade de eu estar sonhando. Gael acabou com a minha ilusão.

– Está no meu pescoço.

Embora a visão fosse agradável, aquilo não fazia sentido.

– Ahn?

Gael se colocou de pé e abriu a cortina, fato que fez meus olhos arderem por causa da luz forte, mas ele pareceu não se incomodar. Com a mão esquerda ele tirou um colar do pescoço e foi aí que eu reparei que ele estava usando dois.

Dois colares exatamente iguais, com um pingente azul-céu redondo que era fascinante. Era quase como se tivesse alguma coisa se mexendo ali, alguma coisa viva. Eu nunca tinha reparado direito neles, mas me lembrava que Eros também tinha um depois de ter recuperado a memória.

Gael segurou a pedrinha na mão e a fechou entre os dedos, fechando os olhos. Vi feixes de luz branca escaparem pelos espaços de sua mão e a espada se materializou onde antes estava o pingente. Tentei olhar direito, mas não deu tempo.

– UOU.

Gael abriu um sorriso presunçoso com a minha surpresa e girou a espada na mão para se exhibir. De um jeito simplesmente incrível, rodando-a para trás e para frente, trocando a espada de mãos, jogando-a para cima e a pegando exatamente na mesma posição que a tinha jogado.

Precisei admitir que ele ganhou alguns pontos ali.

– É pra isso que servem esses colares? – perguntei ainda sem piscar, apontando para o pingente que ainda pendia em seu pescoço – Quer dizer, para guardar coisas?

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Não posso sair por ai empunhando uma espada.

– Eu sei, mas... você pode fazer isso com qualquer coisa?

Gael deu de ombros.

– É mais fácil com objetos do nosso mundo. Mas com um pouco de treino você pode fazer com o que quiser. Claro, não dá pra fazer com uma casa, por exemplo, mas com coisas pequenas é possível.

Aquilo era simplesmente incrível, e me fez pensar no que Eros carregava no pescoço com ele. E no que Gael carregava no outro pingente também.

– O que você tem no outro colar?

Ele fechou a cara e transformou a espada em pingente outra vez, colocando-o de volta no pescoço.

– Nada que te interesse.

Estreitei os olhos para ele, mas no fundo, quando fiz a pergunta, eu sabia que ele não ia contar. Ele nunca me contava nada além do estritamente necessário, mesmo.

– Posso fazer uma pergunta? – eu arrisquei.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Vá em frente, só não garanto que eu vá responder.

– Por que é que você precisa de uma espada?

Quer dizer, ele era um anjo, devia ter mais poderes do que acesso irrestrito e desnecessário ao meu subconsciente.

Gael fez cara de constatação óbvia.

– O único jeito de matar um anjo ou um caído é com uma arma forjada por anjos. Qualquer coisa do seu mundo é inútil contra nós.

Engoli a seco. Será que aquilo queria dizer que...

– Os Caídos podem forjar armas assim, também?

Ele deu um suspiro, parecendo pensativo.

– Sinceramente, eu não sei. O que eu sei é que eventualmente eles roubam nossas armas e ficam com elas... Mas não sei dizer se eles são capazes de construir as deles próprias. – Gael arfou, preocupado – De verdade, espero que não.

Eu também, concordei mentalmente, mas não tive coragem de dizer.

• • •

Dan quase cuspiu o açaí que estava tomando para rir quando contei que Eros e Gael eram anjos. Claro, eu devia ter desconfiado.

Fingindo uma cara de preocupado, ele colocou a palma da mão na minha testa e esperou um segundo.

– O que esse cara deu pra você beber?

Puxei a mão dele de mim e fechei a cara.

– Não deu nada e ele vai me matar se souber que contei isso para vocês. – refleti no que eu tinha dito por um instante – Se bem que ele já deve saber por causa da conexão direta.

Dan revirou os olhos.

– Não tem conexão direta nenhuma, Alex. Você está pirando, por favor, seja racional. Isso não existe.

Daniel e seu ceticismo irritante. Como eu queria que Gael aparecesse descendo do céu e transformasse o pingentinho em espada para dar na cabeça dele.

– Você diz isso porque não é com você. – retruquei dando mais um gole no meu suco de laranja. Laura apenas observava, ocupada demais com o espelhinho da carteira.

– Na verdade – ela se pronunciou – sempre achei o Eros e o Gael meio fora do normal, mesmo. Lindos e gostosos demais para serem humanos. – lancei um olhar mortal a ela – Com todo o respeito.

Dan revirou os olhos de novo.

– Pelo amor de Deus vocês duas. Se ele fosse um anjo como essa maluca aí está falando, ele não teria bebido quase dois litros de Coca-Cola e não teria ido ao banheiro dez minutos atrás e continuado lá até agora.

– Eles comem feito um boi, Dan! – me defendi – E ele nunca tinha tomado Coca-Cola antes, dê um desconto.

– Manda ele mostrar as asas, então. Ou a espadinha de São Jorge, vai lá.

Bufei irritada, não devia ter tentado contar o que havia acontecido a ele. Só à Laura.

– Ele não pode fazer isso em público, Daniel. Já te expliquei.

Ele deu um último gole no açai.

– Ótimo. Então não acredito.

E se levantou para ir embora, acertando o copo no lixo com a mira perfeita e irritante que ele tinha.

– Não liga não, ele está com ciúmes. – Laura falou terminando de acertar o lápis no olho e fechando o espelhinho – Ele não vai superar você com o Eros tão fácil assim.

Cruzei os braços e me encostei na cadeira. Não era minha culpa, era dele. Eu tinha uma certa queda por ele, mas nunca tinha dito nada. Infelizmente, eu não tinha uma bola de cristal para adivinhar. E não, eu não ia arriscar nossa amizade por cause disso.

Bom, não importava mais, agora.

– Homens. – foi tudo o que eu consegui responder e Laura concordou. O bom da Laura era que ela concordava com quase tudo, quase o tempo todo.

– Como eu estou? – ela perguntou pestanejando e fazendo bico.

Senti meu rosto se contrair em uma careta involuntária que jamais seria capaz de expressar todo o terror que eu estava sentindo.

– Pra quê isso? Miss Universo?

Ela mostrou a língua.

– Pro seu amiguinho, sua lambisgoia – ela jogou o espelhinho dentro da bolsa – Já que você pode ficar com um, também quero o outro.

Revirei os olhos mais uma vez.

– Laura, quantas vezes eu vou ter de falar que o Gael não é...

– Não sou o quê?

Pulei na cadeira.

– Pelo amor de Deus, Gael, não chegue de mansinho assim! – disse com a mão no peito tentando não parecer histérica na frente de todo mundo ali. – Ou você vai me matar.

Ele riu daquele jeito presunçoso e irritante, pegando a garrafa de Coca-Cola de cima da mesa e virando uns três dedos de uma vez.

– Não é você quem eu preciso matar. Não que eu não queira de vez em quando, mas arrancariam meu couro se fizesse isso. – ele examinou a garrafa pensativo, girando-a na frente do rosto. – Tem mais disso aqui?

– Se você pagar, sim.

Laura abriu a bolsa com pressa e puxou uma nota de cinco reais, estendendo-a para Gael.

– Aqui, pode ficar com o troco. – ela falou sorridente, piscando mais que o necessário. Eu só queria evaporar dali, francamente.

– Obrigado. – Gael respondeu puxando a nota e dando as costas para ela, sem nenhuma cerimônia.

Laura suspirou.

– Adoro homem cafajeste.

Bati com o copo na mesa, era o meu limite.

– Vou te afogar na piscina, Laura, juro. O Gael não é para o seu bico. Aliás, ele não é para o bico de ninguém.

Ela fez cara de desprezo.

– Você fala isso porque já tem o seu.

– Olha, eu já... Quer saber? – abri os braços, derrotada – Eu desisto, faça o que você quiser.

Laura abriu um sorriso maníaco e a careta de terror involuntário se formou no meu rosto outra vez. Assim que levantei os olhos, Gael estava vindo na nossa direção bebendo a Coca-Cola de dois litros no gargalo.

– Isso é muito bom. – ele falou quando parou para respirar e balancei a cabeça em desolação, me perguntando o que é que eu tinha feito para merecer aquilo. – Faz cócegas na língua.

Respirei fundo e puxei o celular da mochila. Já eram quase duas da tarde.

– O jogo do Dan vai começar, é melhor a gente ir.

Gael levantou a garrafa de refrigerante.

– Posso levar?

Eu dei de ombros.

– Como quiser.

Ele sorriu.

Mas era um sorriso diferente. Um sorriso ingênuo, verdadeiro. Daqueles que não escondem nada e não tem segundas intenções e eu me vi obrigada a sorrir de volta.

Foi quando ele percebeu o que tinha acabado de fazer e fechou a cara.

– Quê?

Balancei a cabeça, ainda sorrindo.

– Ainda vou descobrir seus segredos, Gael. – provoquei – Você não é tão durão quanto parece.

Ele levantou uma sobrancelha só, como se estivesse impressionado.

– Vá em frente, Sherlock Holmes. E boa sorte, porque você vai precisar.

Ouvi Laura se derreter em suspiro e precisei urgentemente ignorá-la. Não sei se Gael pensou o mesmo que eu, mas ele a ignorou total e completamente também.

– Vamos. – chamei começando a andar na direção do ginásio. – Ou o Daniel vai matar a gente.

Os dois não disseram nada e me seguiram: Gael, porque eu tinha certeza de que estava ocupando a boca com o gargalo da garrafa e Laura porque devia estar babando vendo-o fazer aquilo.

Deprimente. Mas foi melhor daquele jeito.

Nós cruzamos um pedaço do campus até o ginásio, que estava começando a encher. Era o primeiro jogo do campeonato e Dan era um dos melhores jogadores – claro. E ele tinha nos obrigado a ir assisti-lo ou nunca mais nos passaria cola.

Não tive escolhas.

Quando a multidão foi ficando mais densa eu segurei no pulso de Gael para ter certeza de que ele não ia se perder, mas ele pareceu não gostar muito da ideia

– Não vou me perder. – ele falou com aquele tom monótono, traduzindo meus pensamentos e alto e bom som.

Laura apressou-se a agarrar o outro braço dele.

– Nunca se sabe, Gael, nunca se sabe.

Pensei em mandá-la soltar, mas Gael merecia o grude de Laura por um tempo, talvez aquilo o mantivesse ocupado – junto com a Coca-Cola.

Nós nos esgueiramos entre as pessoas e encontramos um lugar na primeira fila, perto da quadra e fiz questão de deixar que os pombinhos se sentassem um ao lado do outro.

Me sentindo um pouquinho mais vingada, olhei para a quadra e o time estava se aquecendo na cesta.

Levantei o braço para acenar para Dan quando nossos olhos se encontraram, mas ele não correspondeu – pelo contrário, tentou fingir que não tinha me visto.

Então, com um movimento rápido, ele puxou o uniforme pela cabeça e o jogou no banco de reservas que ficava bem ao nosso lado.

Engoli a seco.

– Ele sabe como provocar. – Laura falou acompanhando-o com os olhos, mas sem soltar o braço de Gael.

Tive de concordar com ela, mas ele estava sendo idiota. Ele não precisava fazer aquilo, podia ter falado comigo antes do Eros. Podia falar agora se quisesse. Podia simplesmente conversar, como as pessoas normais e civilizadas fazem, ao invés de bancar a criança de dez anos de idade.

Cruzei os braços.

– Ele não vai conseguir nada agindo assim. – falei retoricamente, mas Laura me ouviu.

– Já está conseguindo, você não tira os olhos dele. – abri a boca para protestar, mas a fechei em seguida. – Admita que se não fosse o Eros cair na sua vida, você estaria com o Dan agora.

Senti os olhos de Gael caírem sobre mim de um jeito diferente e meu rosto esquentou. Não olhei para ele e nem disse nada. Simplesmente cruzei os braços e fitei o chão da quadra furiosamente. Aquela não era hora de pensar em quem eu escolheria ou não, aquele nem era o ponto, em primeiro lugar.

O árbitro apitou indicando o fim do aquecimento enquanto eu ainda estava em meu monólogo interno e Dan trotou até o banco para pegar a camisa do uniforme. Ele fez questão de abaixar bem devagar e de me encarar profundamente ao esticar o braço para puxar a regata.

Engoli a seco outra vez, ele enfiou a roupa e me deu as costas, voltando para o centro da quadra.

– Algo me diz que o Eros não vai gostar de saber dessa história... – Laura falou com o canto da boca.

– Ele não vai saber. – respondi mecanicamente, sem expressar nenhuma reação – Não agora, pelo menos.

Gael encolheu os ombros.

– Talvez ele saiba. – ele deu mais um gole no refrigerante e o árbitro apitou o início da partida. – Não sei, ele é meio esquisito. Ainda está meio ligado a você.

Não respondi e tentei me concentrar no jogo.

Impossível.

Dan parecia ter tirado o dia para me irritar e qualquer bola que caía nas mãos dele se transformava magicamente em um passe perfeito ou em uma cesta maravilhosa.

Exatamente do que eu precisava, claro.

Mas se ele achava que eu ia simplesmente virar as costas e ir embora, ele estava redondamente enganado.

– Acho que preciso ir ao banheiro de novo. – Gael terminou depois de terminar a garrafa de Coca-Cola. Também, nem se ele tivesse um tanque embutido escondido em algum lugar ele conseguiria aguentar com tanta Coca-Cola que tinha tomado.

– Eu posso te mostrar onde é. – Laura se ofereceu sorridente, mas eu a segurei com um olhar de reprovação. Ela voltou para o lugar – Ou não.

Apontei para o outro lado da quadra.

– É ali, mas vá pelos cantos. – avisei, antes que ele decidisse cruzar a quadra pelo meio do jogo.

Gael largou a garrafa vazia ali e se levantou, passando na frente das pessoas e recebendo alguns xingamentos no meio do caminho. Mas como ele era especialmente bom na arte de ignorar coisas e/ou pessoas, ele não se importou nem um pouco.

Só no tempo que Gael demorou para dar a volta e chegar ao banheiro, Dan marcou duas cestas e deu um passe perfeito para outra.

Muito engraçado.

Desviei os olhos da quadra porque já não aguentava mais, e tive a infeliz ideia de olhar para a entrada do ginásio.

– Ah, não. – foi tudo o que consegui falar quando percebi quem entrava e vinha vindo na minha direção. Era tudo o que eu merecia, mesmo.

Laura virou a cabeça instintivamente e revirou os olhos também.

– Estava tudo tão bom, por que ela tinha de aparecer? – Laura parou por um segundo – Espera um pouco, por que ela está sozinha?

Eu não tinha reparado naquilo até Laura mencionar, mas Helena estava mesmo sozinha. Uma coisa que nunca, absolutamente nunca acontecia ou aconteceria em toda a história da humanidade.

– Tem alguma coisa errada. – falei apreensiva quando percebi que ela vinha como um robô na minha direção. Tentei me esconder, ou passar despercebida, mas os olhos dela estavam fixos em mim de um jeito arrepiante.

Comecei a ficar realmente assustada e não tive tempo de fazer nada. Como um trator, ela chegou em mim e tudo o que senti foi um baque no meu rosto e o sangue começar a escorrer pelo meu nariz.

Fiquei zozna.

Quando tentei virar o rosto na direção dela outra vez, vi o punho levantado, pronto para me atingir em cheio de novo e me encolhi na tentativa de me proteger.

Mas o soco não veio.

Quando abri os olhos, Helena estava tentando correr pela arquibancada lotada, o jogo na quadra estava parado e Gael corria saindo do banheiro, tirando o pingente do pescoço.

– Não, Gael! – consegui gritar e meu rosto doeu com o esforço. Ele não podia tirar a espada ali, na frente das pessoas, por favor.

Vi ele rosar de raiva e colocar o colar de volta no pescoço, até chegar em mim.

– Você está bem? – ele perguntou apreensivo, olhando para meu nariz sangrando. – Posso?

Fiz que sim e ele levou a mão ao meu nariz. Gritei de dor e afastei a mão dele aos tapas para longe do meu rosto.

– Não quebrou, vamos. – ele falou agarrando meu braço e me puxando pela arquibancada. Ele só podia ser retardado além de tudo.

– Vamos aonde, Gael? Eu preciso de um hospital!

Ele riu.

– É exatamente o que ele quer, Alex. Que eu saia atrás da menina que te bateu e te deixe sozinha e vulnerável por aí. Não vai acontecer.

– Ele quem?

Gael me puxou tão forte para fora do ginásio que meus dedos começaram a adormecer por causa da falta de circulação.

– O Caído, foi ele que influenciou a menina. – as palavras saíam da boca dele como um jorro de veneno – Se eu a encontrar, talvez a faça falar.

Ele não me soltou e meu braço já estava começando a doer, minhas pernas mal acompanhavam os passos rápidos marcados pelos pingos de sangue do meu nariz.

– Onde eu fico nisso tudo? – eu perguntei me esforçando para não pensar na dor que latejava em todo meu rosto e me concentrando no chão sob os meus pés para não cair.

– Nas minhas costas. – ele respondeu dando um impulso no chão e me jogando em suas costas com uma mão só enquanto alçava voo.

Tentei verbalizar que ele era definitivamente um retardado, mas a voz não saiu e tudo o que eu fiz foi me segurar firme para não escorregar e me espatifar no chão.

– Não se preocupe, ninguém viu – ele se defendeu, provavelmente lendo meus pensamentos ou coisa

assim. – A rua estava deserta.

Bom, também mesmo se não estivesse já era tarde demais. Mas bem que eu queria que o Daniel tivesse visto só para deixar de ser idiota.

Eu me agarrei forte no pescoço do Gael e fechei os olhos. Tudo o que eu sentia era o vento forte adormecendo meu rosto e as mudanças bruscas de direção que ele fazia.

– Você está vendo? – perguntei apreensiva, a voz saindo daquele jeito engraçado por causa do nariz congestionado.

Gael não respondeu, ele estava concentrado. Por uns dez segundos ele ficou imóvel, constante, até que eu achei que fosse escorregar de suas costas com a velocidade que ele mergulhou.

Senti quando a mão dele abriu espaço entre as minhas para alcançar o pingente e eu sabia que ele estava materializando a espada. Eu sabia que ele tinha visto Helena.

Me forcei a abrir os olhos, estávamos muito baixo, quase alcançando a copa das árvores. Ali, no parque, logo abaixo de nós, Helena corria entre os troncos como eu nunca a havia visto correr antes.

– Vou precisar pousar e correr, é impossível com essas árvores.

Gelei. Não era uma boa ideia, não era uma boa ideia...

– Espera, mas o que vai acontecer comig...

Não tive tempo de terminar a pergunta.

Com um outro impulso, ele guinou na direção do chão e me tirou de suas costas, me pendurando pela mão.

– Você vai precisar correr. – ele avisou sem me soltar, me puxando pelas árvores quando meus pés tocaram no chão.

Meu nariz voltou a latejar, minha pressão ameaçou cair.

– Gael, eu...

Mas ele me soltou com um grunhido e correu monstruosamente, até se jogar contra um ponto que se movia à frente de nós enquanto eu tentava não cair aos tropeços pela grama. Me obriguei a caminhar até onde eles estavam, Gael rolava com Helena pela grama, a espada perolada empunhada em sua mão direita.

– Não! – ela gritou apertando os olhos quando ele finalmente se ajoelhou sobre ela.

– Abra os olhos, ONDE ESTÁ ELE? – Gael gritou com um rosnado, a espada a centímetros do pescoço de Helena.

– Eu não sei!

Ele sorriu do jeito maníaco.

– Resposta errada, querida. Vou te dar mais uma chance, ouça com bastante atenção. ONDE-ESTÁ-O-CAÍDO?

Helena começou a chorar, as pálpebras coladas, e Gael revirou os olhos.

– Eu não sei, eu já disse! – ela respondia.

Ele arfou.

– Odeio ter de fazer isso do jeito difícil, mas... – ele encostou a ponta da espada no pescoço dela – Você está sendo uma má garota, agora me responda, eu não estou com brincadeira!

Foi quando Helena parou de lutar. Seus braços amoleceram. O rosto dela ficou débil e vazio. O semblante de Gael mudou.

Ele ficou em choque, largou a espada ao lado do corpo de Helena e levou as mãos ao rosto dela.

– Acorda! – ele virava o rosto dela de um lado para o outro em suas mãos, desesperado – Essa não, essa não!

Tentei perguntar o que estava acontecendo, mas minha pressão estava baixa demais. Eu ia apagar a qualquer momento.

– Droga! – Gael gritou se colocando de pé, bufando de raiva. Helena não se mexia, inerte no chão –

Ela foi desinfluciada.

Ele andava de um lado para o outro, as mãos nos cabelos pretos não paravam. Tudo começou a escurecer e a rodar. A última coisa que vi antes de perder a consciência foi um Gael furioso empunhar a espada perolada e acertar uma pedra enorme que se dividiu em duas com um grunhido de raiva.

E tudo apagou.

Dezesseis

Entre pingentes e espadas

De repente eu estava acordando e, de alguma forma, percebi que estava em um quarto de hospital. Eu não tinha a menor ideia de como tinha ido parar ali, uma mania que já estava começando a ficar ligeiramente irritante.

Não abri os olhos imediatamente, preferi ter certeza de que estava consciente antes. Prestei atenção primeiro em meu nariz: não estava mais doendo, o que era bom. Tentei mexer as mãos e havia agulhas ali, o que não era tão bom assim.

Minha cabeça doía um pouco, decidi descolar as pálpebras.

O quarto era branco, mas a luz não machucava. Não vi ninguém de imediato e aquilo me assustou. Virei a cabeça para os lados e, claro, me arrependi meio segundo depois.

– Até que enfim você acordou. – Gael falou com uma voz monótona, só para variar. – Mais um pouco e ia jogar água gelada em você.

Revirei os olhos, porque sabia que ele seria mesmo capaz de fazer aquilo sem problema nenhum.

– Vá se ferrar.

Vi pelo canto do olho Gael se levantar e cruzar os braços.

– De nada por ter salvado sua vida.

Dei de ombros.

– Até onde eu sei, você não está fazendo mais que a sua obrigação.

Eu não queria discutir, mas também não queria mais olhar para a cara dele por tempo indeterminado. Caso Gael não tivesse percebido, eram coisas demais acontecendo de uma vez só na minha vida.

Ele arfou uma vez e se sentou ao meu lado na cama.

– Olha só, me desculpa. Olha pra mim, Alex. – contra a vontade eu virei meu olhar para ele – Isso. Agora olha, desculpa por ter te arrastado daquele jeito, ok? Também não queria que você tivesse me visto ameaçar sua amiga daquele jeito.

– Ela não é minha amiga. – me apressei a corrigi-lo.

– Oh... ahn, acho que isso melhora um pouco as coisas, mais ainda assim. Não foi muito gentil da minha parte.

– Ela está bem? – perguntei por impulso, mais por curiosidade do que por preocupação, mesmo.

– Ela está no quarto ao lado, ficou inconsciente. Mas ela está bem.

Me ajeitei na cama e engoli a seco pensando se queria mesmo fazer aquela pergunta. Decidi que não tinha nada a perder a não ser talvez o resto da minha sanidade mental.

– O que foi que aconteceu?

Gael olhou de um lado para o outro, como se quisesse ter certeza de que não havia ninguém ali – como se alguém fosse se dar ao trabalho de acreditar no que ele estava prestes a dizer, mas enfim.

– A garota foi influenciada. – Gael começou com a voz baixinha – Os Caídos podem influenciar as pessoas. Sabe, confundir os pensamentos, apagar memórias, fazer com que façam coisas. Foi isso o que

aconteceu com ela, tudo o que ele precisou foi do contato visual. Quando acordar ela não vai se lembrar de nada.

Não pisquei enquanto as palavras deixavam os lábios de Gael, era quase como se eu estivesse presa em um filme ou livro de ficção absurdo.

– Como os vampiros?

Não percebi como aquilo tinha soado estúpido até Gael reprimir uma risada e falhar miseravelmente na empreitada.

– Você anda assistindo tevê demais. – ele respondeu com aquele sorrisinho de lado que saía automaticamente com seu ar de presunção – Sou muito mais bonito que qualquer vampiro. – ergui uma sobrancelha com uma cara inexpressiva – Mas enfim, é mais ou menos aquilo.

– Você... você consegue fazer isso também?

De repente a ideia me assustou.

– Aham. Mas eu não posso, não se preocupe. – ele acrescentou quando viu minha cara de horror. – Só em ocasiões especiais.

– Meu irmão?

– Eu tentei. E como.

Tombei a cabeça para o lado, confusa.

– Não funcionou?

Ele fez uma cara de quem estava extremamente pensativo.

– Não. Não sei porquê, mas... Não aconteceu nada. – ele me lançou um olhar de interrogação. – Isso nunca me aconteceu antes.

Declaração infeliz, mas preferi deixar pra lá.

– Era isso que você estava tentando fazer com a Helena?

Gael confirmou com um aceno de cabeça.

– Talvez minha influência fosse mais forte que a do Caído, talvez eu conseguisse fazê-la falar. – ele mordeu o lábio inferior com força e fechou a mão em punho – Ele rompeu a ligação antes.

– Não foi sua culpa. – tentei acalmá-lo pegando suas mãos, mas ele as puxou das minhas, como sempre fazia quando eu tentava qualquer contato.

– Não importa, não deu certo. Ele vai voltar e dessa vez vai estar mais preparado. Um soco no seu nariz foi o jeito errado de se aproximar.

– Eu que o diga. – levei a mão ao meu nariz agora que ele havia mencionado e ainda estava dolorido, mas não havia nada sobre ele. Gael estava certo, não tinha quebrado afinal de contas. – Alguma vez você já me influenciou?

Gael riu da minha cara de desconfiança.

– Eu não ia te contar se tivesse, Alexandra. E não, o Eros nunca te influenciou. – ele acrescentou antes que eu pudesse verbalizar a pergunta – Ele é sem graça demais para fazer uma coisa dessas.

Estreitei os olhos, mas não revidei. Não valia a pena.

Foi quando ele se virou para a porta e lançou um olhar rápido a mim.

– Tem gente vindo. Eu não vou te deixar sozinha.

Abri a boca para protestar e dizer que ele estava sendo paranoico, mas a porta se abriu antes que eu tivesse a chance de fazer isso.

Por um segundo achei que fosse minha mãe, mas não.

– Dan? – eu perguntei surpresa, franzindo as sobrancelhas – O que é que você está fazendo aqui? E o jogo?

– Foi cancelado. – ele respondeu indo se sentar ao meu lado, onde antes estava Gael. Ele ainda usava o uniforme, ofegante, assustado – Você está bem?

Ele estava preocupado, era o antigo Daniel. Nada da criança de dez anos escondida fazendo

chantagem psicológica de quinta série.

Gael pigarreou propositalmente alto ao nosso lado e Dan lançou-lhe um olhar assassino mortal.

– Será que eu posso falar com ela a sós, ou a Super Nanny precisa ficar vinte e quatro horas colada na Alex?

Juro que vi Gael pulando no pescoço de Dan, mas ele pareceu captar meu pensamento de terror e se conteve com um suspiro longo e significativo que queria dizer que ele teria feito exatamente aquilo se eu não estivesse lá para impedir.

– Tudo bem se eu sair? – ele perguntou com os braços cruzados, sem trocar um olhar sequer com Dan. Acenei que sim antes que ele desistisse da ideia de anjo civilizado – Eu vou estar no corredor. Qualquer coisa, me chame.

Fiz que sim e ele saiu sério. Eu tinha certeza de que Gael estaria atrás da porta e a arrombaria sem cerimônia ao menor sinal por pensamento que eu desse.

Dan esperou estarmos sozinhos para continuar.

– Me desculpa? – ele perguntou segurando minha mão – Eu fui um idiota.

– Você acredita em mim?

Ele suspirou.

– Alex, você precisa entender que o que você está falando é impossível. – puxei minha mão das dele e revirei os olhos. Ele não ia mudar – Mas isso não importa eu vim aqui para saber se você está bem.

– Estou viva. – respondi seca.

– E o nariz? Quebrou?

– Não, Dan, está tudo bem.

Ele levou a mão ao meu queixo e virou meu rosto para que eu pudesse olhá-lo nos olhos.

– Não está tudo bem, Alex. Por que a Helena fez aquilo, cadê seu namorado esquisito quando você precisa dele? Por que esse cara fica pra cima e pra baixo com você?

– Eu já te expliquei, Daniel. – falei tirando a mão dele do meu queixo – Você que não quer acreditar, então eu não tenho mais nada pra contar.

Dan suspirou e levou as mãos à cabeça, depois ficou de pé.

– Não consigo acreditar, Alex. É impossível. Você tem que entender o quão maluco e sem sentido tudo isso soa!

Eu olhei bem nos olhos dele para que ele percebesse que eu estava falando muito sério.

– Às vezes a verdade é maluca e sem sentido, Dan. E é muito melhor que uma mentira que parece sensata.

Daniel se sentou de novo ao meu lado.

– Eu estou preocupado. Desde que aquele cara apareceu você mudou, bagunçou sua vida, você chora, se machuca. Tem alguma coisa errada, isso não é bom para você.

Daquela vez bufei impaciente. Era ele o cabeça dura que não queria acreditar no que estava bem diante dos olhos dele e não tinha a menor ideia do que era bom para mim ou não.

– Eu já te expliquei mil vezes, Daniel. Se você não quer acreditar, problema é seu. E se você já acabou, já pode ir embora.

Doeu dizer aquilo. Eu não queria machucá-lo, mas se ele não podia acreditar em mim, então não fazia sentido que ele estivesse ali. A última coisa de que eu precisava era de alguém me chamando de maluca, mais do que eu mesma já me chamava nas horas vagas.

Ele estreitou os olhos e eu percebi o nó em sua garganta quando ele começou a falar.

– Tá vendo? Você não percebe o que esses caras estão fazendo com você, Alexandra? Será que aquele Eros te deixou tão cega assim? – ele balançou a cabeça me lançando um olhar de reprovação e se levantou para ir até a porta – Só queria a antiga Alex de volta.

Pensei em retrucar, mas perdi a coragem.

Dan esticou a mão para alcançar a maçaneta, mas antes que pudesse encostar nela, a porta se abriu com violência e se fechou em seguida. Foi tudo muito rápido e quando consegui absorver o que tinha acontecido, Dan estava sendo prensado pelo pescoço contra a parede por Gael.

Tapei a boca com as mãos para abafar o grito, meu coração deu um pulo dentro do peito.

– Gael, solte-o! – falei em pânico, tentando não gritar para não chamar a atenção de ninguém no hospital.

Gael estava possesso, fora de si, como quando estava ameaçando Helena um pouco mais cedo. Seu braço prendia o pescoço de Dan contra a parede, ele tentava se debater, mas era inútil.

– Mas o que... – Dan gemeu com a voz fraca, os olhos esbugalhados encarando Gael.

– O quê? – Gael perguntou calmo, como se não estivesse fazendo esforço algum – Assustado com a minha força? Ou com os meus olhos brilhando? – ele prensou Dan com mais força e meus olhos encheram d’água.

– Gael, por favor! – pedi em pânico – O que é que está acontecendo?

– Ele está por aqui, Alex. – respondeu sem desgrudar os olhos de Dan – Tenho a impressão de que pode ser seu amiguinho aqui...

Gael ameaçou levar a mão livre ao pingente.

– Não! – gritei – Você não vai machucá-lo!

Dan revezava os olhos em pânico entre mim e Gael, milhões de expressões se misturando em seu rosto, mas ele não se decidiu por nenhuma delas.

– Que porcaria é você? – ele perguntou assustado, com esforço, segurando o braço de Gael com as duas mãos.

Foi quando a sombra de um par de asas apareceu no chão, ligada à sombra de Gael. Subi os olhos com urgência para as costas dele, mas não havia nada ali. Só a sombra.

Gael sorriu presunçoso.

– Um truque que eu aprendi na tevê, espero que ajude a elucidar sua mente. – ele soltou o pescoço de Dan, que caiu no chão com tudo, tossindo e apertando o próprio pescoço onde Gael o havia segurado – Agora vá embora, eu estou mandando.

Dan estreitou os olhos, confuso, mas se levantou e saiu com pressa do quarto, lançando um último olhar de reprovação a mim.

Achei que meu coração fosse sair pela boca.

– Você ficou maluco? – perguntei um pouco histérica, tentando me recompor – O que foi isso, pelo amor de Deus! O Daniel nunca mais vai olhar na minha cara, você tem noção?

Gael revirou os olhos, entediado.

– Eu te fiz um favor, Alexandra. Na verdade, dois. – ele reconsiderou – Primeiro, senti alguma coisa. O Caído está perto, mas não posso me dar ao luxo de te deixar aqui sem ninguém. E segundo, agora ele vai acreditar em você, ou pelo vai considerar a ideia. Você devia me amar por isso.

Daquela vez fui eu quem estreitou os olhos, ele era muito convencido. Devia haver algum tipo de regra que proibisse anjos de serem tão insuportáveis.

– Qual parte do “nem em um milhão de anos” você se recusa a entender?

Achei que Gael fosse fazer alguma piadinha sem graça, mas não. Ele ficou pensativo e se sentou na poltrona ao lado da minha cama. Era incrível como ele conseguia mudar de humor com rapidez, como se nada tivesse acontecido.

– Ele está te seguindo, não vai desistir. Por favor, tome cuidado com esse seu amigo, Alex. – ele respirou fundo – Ele é um alvo fácil.

– O Dan? – perguntei retoricamente – Por quê?

– Ele gosta de você. Fico sensível a sentimentos ao seu respeito e consigo sentir. – ele olhou para mim, não exatamente confortável com os tais sentimentos. – Me prometa que vai tomar cuidado.

Acenei que sim.

– Mas você vai estar comigo, não vai?

Gael tirou um pingente do pescoço e ficou passando-o de uma mão para outra, concentrado.

– Não hoje à noite. Eu vou sair atrás dele, Alex.

Meu coração pulou uma batida.

– Mas...

– Eu tenho tudo sob controle, você não vai estar sozinha.

Abri a boca para perguntar o que ele queria dizer com aquilo, mas um rosto lindo de cabelos ruivos e encaracolados apareceu na minha mente e eu entendi.

– Sua mãe vai chegar daqui a pouco – ele falou ainda concentrado no pingente e a imagem se dissolveu – Aposto que vai te encher de perguntas. Se eu fosse você, descansaria agora.

Obedeci e fechei os olhos. Eu sabia que noite seria longa, talvez fosse uma boa ideia tentar dormir naquela hora.

Tentei me desligar de tudo aquilo enquanto podia e foi quando uma música começou a tocar. Pensei em abrir os olhos, mas não precisei. Era bonita, mas triste. Um som fraco e suave de gaita.

Sorri por dentro ao entender o que Gael carregava no segundo pingente.

• • •

Devia ser umas nove da noite quando me deram alta e me deixaram voltar para casa. Como Gael tinha previsto, minha mãe me bombardeou com perguntas sem parar, me deixando com dor de cabeça. Até meu pai apareceu direto do trabalho para ir me ver no hospital – o que era uma coisa inédita.

– Aonde ele vai? – perguntei ao meu pai, olhando para Apollo ao ver que ele carregava uma mochila. Aquilo não era um bom sinal.

– Vou dormir na casa do Lucas. – Apollo respondeu feliz, se sentindo o adulto. Troquei um olhar preocupado e significativo com Gael. Aquilo significava que Caliel não estaria em casa?

Gael deu uma piscadinha com um olho só e girou um indicador sobre o outro, como sinal de “depois nós conversamos”.

Bom, não tinha muito o que eu pudesse fazer a respeito, então deixei por aquilo mesmo.

Gael não foi no carro conosco, ele disse que me encontraria em casa. Acho que ele não se sentia muito à vontade perto de pessoas e estar comigo já era mais que o suficiente, como ele fazia questão de me lembrar sempre que tinha uma oportunidade.

Nós paramos na casa de Lucas no meio do caminho e me debrucei na janela para acompanhar Apollo com os olhos. Acompanhar Caliel com os olhos.

Tudo o que fiz foi querer vê-la e ela estava ali. Linda, sorrindo, acompanhando Apollo para dentro da casa de Lucas, me lançando um último olhar que dizia “tudo bem”. O mesmo olhar de Eros: Calmo e seguro.

Ela desapareceu porta adentro com meu irmão e eu voltei a me encostar no assento do carro. Talvez eu não precisasse ter o mesmo destino que ela, talvez tudo ficasse bem.

Talvez.

Senti saudades de Eros, queria que ele estivesse ali. Queria poder abraçá-lo e dizer que eu estava com medo, porque eu sabia que ele diria que ia me proteger acima de tudo.

Não que Gael não fosse, mas...talvez para ele fosse só uma obrigação.

Quando chegamos em casa eu subi as escadas e fui para o meu quarto sem jantar e, assim que fechei a porta e acendi a luz, dei de cara com Gael sentado em minha cama.

Levei a mão ao peito e respirei fundo para não gritar.

– Quando você vai parar de me assustar desse jeito?

– Nunca. – ele respondeu sorrindo e fez sinal para que eu me aproximasse – Admita, você gosta das minhas surpresas.

Mantive a inexpressão, mas obedeci e me sentei na ponta da cama.

– Que horas você vai?

O rosto de Gael ficou sério.

– Madrugada. Vai ser mais fácil de sair com as pessoas dormindo e, além disso, ainda preciso te ensinar umas coisas.

Ergui as sobrancelhas, confusa.

– Que coisas?

Gael se colocou de pé com um pulo súbito e cruzou os braços com cara de preocupado.

– Se defender.

Ele não precisou explicar mais do que aquilo para que eu entendesse a que ele estava se referindo e começasse a fazer objeções. Ele devia estar bêbado de Coca-Cola.

– Ei, ei, ei, não começa! – respondi mecanicamente, com medo – A Caliel não vai me ajudar? Pra que preciso aprender a me defender? Não vai dar certo.

– Alexandra, alguma vez você já considerou que as coisas podem mesmo não dar certo? E daí puft, já era tudo.

Me encolhi e abracei minhas pernas. Na minha concepção perfeita de anjos, eles deviam ser capazes de resolver todos os problemas sem a minha interferência. O que é que eu podia fazer, afinal?

– Levante-se. – Gael pediu interrompendo meu monólogo interno – Quero testar uma coisa.

Relutei por um segundo e ele revirou os olhos, impaciente. Devagar, eu me coloquei de pé.

Gael colocou a mão no pescoço e puxou um dos pingentes, fitando-o em sua mão aberta por um instante, depois o estendeu para mim.

– Abra a mão, quero saber se você pode fazer isso.

– Não vou usar uma espada Gael, nem tente.

Definitivamente, alguém devia ter dado um choque nele ou coisa do tipo, eu mal conseguia manusear uma faca sem causar algum acidente grave, imagine uma espada.

Ele respirou fundo, os olhos azuis sérios de quem não está brincando perfuraram os meus. Estendi a mão sem vontade e ele pousou o pingente em minha palma, fechando meus dedos sobre ele.

– Se for verdade que você é tão importante assim, talvez você consiga.

Estreitei os olhos, ele estava duvidando de mim de novo.

– O que eu tenho que fazer?

Ele deu de ombros.

– Querer.

Respirei fundo e fechei os olhos. Meu coração tamborilava tão alto que eu conseguia ouvi-lo bater forte contra as minhas costelas. Minha mão tremia. Tentei me concentrar, eu queria a espada. A queria materializada em minhas mãos para calar a boca de Gael.

Me concentrei com força, apertei os olhos. Eu sentia o pingentinho molhado de suor prensado entre meus dedos, mas... era só aquilo.

Abri os olhos.

Nada.

Gael continuava inexpressivo, de braços cruzados, parado olhando para minha mão. Ele deu um suspiro.

– É, eu devia ter desconfiado. – ele estendeu a mão pedindo o pingente de volta, mas fiz que não. – Quer ficar com o brinquedinho? – ele deu de ombros – Tudo bem, pego a hora que você cansar.

Ele me deu as costas e eu fechei os olhos outra vez.

De repente, eu não queria a espada simplesmente. Eu precisava dela. Precisava com todas as minhas forças e não era por causa de Gael. Eu entendi que tinha que ser por mim.

Uma onda de calor correu por todo o meu corpo, acompanhada pelas faíscas que arrepiavam minha pele até a ponta dos meus dedos onde estava preso o pingente.

Estava.

Eu senti quando a forma arredondada sob os meus dedos mudou, procurando espaço pela palma da minha mão. Eu afrouxei a força e algo se materializou ali. Eu conseguia sentir a presença, mas não o peso. Não pesava.

Abri os olhos em estase, ofegante, e me deparei com a espada perolada de feio duplo e bainha dourada firme em minhas mãos, refletindo a luz do quarto.

Gael não expressou surpresa.

– Voilà.

Estreitei os olhos.

– Você sabia?

Gael estritou os ombros, erguendo as sobrancelhas.

– Por mais que odeie admitir isso, você é especial. – sim, dava para perceber como ele realmente odiava aquilo, não precisava ter explicitado – Claro que sabia que você era capaz, mas você precisava perceber isso sozinha. Se eu te contasse, não teria o mesmo efeito.

Não respondi. Fiquei olhando para a espada em minhas mãos. Não pesava, simplesmente não pesava. E era linda, incrível, como tudo que vinha da Colônia.

– Do que é feita? – perguntei ainda fitando o objeto que mais parecia um acessório de decoração do que efetivamente uma arma. A bainha dourada tinha detalhes em espiral que pareciam se mexer se você olhasse muito para eles.

– Eu não sei. – Gael respondeu parecendo um pouco pensativo – É um segredo muito bem guardado. Só os anjos que fazem nossas armas sabem como são feitas. Ninguém mais. – ele suspirou – Mas enfim, você precisa aprender umas coisas.

“Primeiro, a lâmina dessa espada pode cortar qualquer coisa. Inclusive você ao meio – ele estalou os dedos – assim.

Enrijeci com a espada na mão e arregalei os olhos. Gael riu, mas não a tomou das minhas mãos – fato que eu queria com todas as forças que ele tivesse feito antes que eu arrancasse a cabeça de alguém acidentalmente.

– Segundo. – ele continuou ignorando meu pânico. Eu estava quase começando a achar que ele gostava de me ver daquele jeito – Para matar um de nós com isso, você precisa enfiar a espada no coração.

Não deixei ele terminar de falar e joguei a espada sobre minha cama. Eu não queria mais nem encostar naquela coisa.

– Não vou conseguir fazer nada com isso, Gael. – falei com horror, olhando para a espada tão inocente sobre o meu colchão – Não vai dar certo.

Ele cruzou os braços.

– A ideia é que você não precise usar, mas nunca se sabe. Você vai ficar com ela e se alguma coisa acontecer, você já sabe o que fazer.

Errado. Eu não sabia.

Ou sabia, mas não conseguiria, o que na prática não faria diferença alguma.

– Mas e você?

Ele reprimiu uma careta.

– Vou passar na Morada e pegar outra. Gabriel não vai gostar quando eu contar que deixei uma aqui

com você, mas não importa. Sua segurança é mais importante.

Me sentei na cama ao lado da espada decidida a ignorá-la e engoli a seco.

– Obrigada. – murmurei levantando os olhos para ele – Queria que você não precisasse fazer isso, por favor tome cuidado.

Gael suspirou e se abaixou na minha frente, apoiando as mãos nas minhas pernas, fato que me fez enrijecer de choque. Se “Gael” estivesse no dicionário, com certeza seria o antônimo de “contato”.

– Eu sei o que pode parecer e admito que no começo eu não ia com a sua cara. – tentei não expressar reação com a declaração direta dele – Mas agora... agora eu me importo com você. Não sei quando foi que aconteceu, mas... não quero que você se machuque.

Vindo do Gael, sinceramente aquilo era o mesmo que um “eu te amo”.

– E a Caliel...

– Quando seu irmão dormir – ele me interrompeu, voltando a ficar de pé – ela vem. Você não vai ficar sozinha, Vou fazer de tudo para que isso termine hoje. – ele respirou fundo e balançou a cabeça – Muito bem, agora faça a espada voltar a ser um pingente.

Sem abrir a boca, eu obedeci.

Foi um pouco mais fácil daquela vez, mas ainda assim demorou mais do que devia. “Tem que ser uma coisa natural”, Gael ficava repetindo. “Como se fosse parte de você.”

Perdi as contas de quantas vezes ele me fez materializar e desmaterializar a espada até que estivesse convencido do que estava bom. Eu estava exausta.

– Na verdade ainda não está bom. – ele falou quando transformei a espada em pingente pela enésima vez. – Mas deve ser o suficiente, você nunca vai atingir a perfeição, mesmo.

Gael lançou um olhar rápido ao céu pela janela e se voltou para mim com uma expressão apreensiva.

– Bom, acho que eu já posso ir. A Caliel deve chegar a qualquer momento.

A voz dele era triste e, devagar, ele se aproximou de mim e fiquei dura feito pedra. A mão dele pousou sobre meu ombro meio vacilante e seu rosto se inclinou para me dar um beijo doce na bochecha.

Fiquei imóvel com o choque outra vez, nunca esperaria que ele fosse fazer uma coisa daquelas, nem em uma era inteira. Gael me observou com os olhos tristes por um segundo e afagou meu braço com um suspiro.

– Cuidado.

Foi só isso e ele se virou para a janela, cabisbaixo.

– Espera! – pedi e ele parou, olhando para trás. Eu andei na direção dele e o abracei sem permissão prévia. A princípio ele ficou sem reação, mas sorri quando senti que ele se rendeu e apertou os braços em volta de mim também. – E caso você queira saber... Ela te amava. Na verdade – ele se afastou de mim, me olhando assustado – eu acho que ela ainda te ama. E eu sei que você a ama também, ou não teria decidido se tornar um anjo.

Gael engoliu a seco e não falou nada. Senti o nó que se formou na garganta dele e as lágrimas que queriam cair, mas ele se virou e se lançou pela janela antes que aquilo pudesse acontecer.

Eu sorri. Talvez um dia eles se entendessem.

Fechei a janela, apaguei a luz e me deitei na cama com o pingentinho na mão. Eu não ia conseguir dormir, mas não queria sair do meu quarto porque eu sabia que seria o primeiro lugar onde Caliel me procuraria.

Fiquei passando o pingente de uma mão para a outra, imaginando o que Eros carregava no dele. Imaginando o que eu carregaria comigo se pudesse.

Foi quando alguma coisa acertou a janela.

Meu coração deu um pulo, eu também, e o pingente pareceu ficar com ciúmes, porque pulou junto e foi parar no chão.

– Droga! – grunhi saindo da cama e me ajoelhando para ver se ele tinha caído ali embaixo. Nada. Levantei e acendi a luz, me jogando no chão outra vez para tentar achar o pingente. Não estava ali.

O barulho na janela voltou. Eu não sabia o que fazer, meu coração mal me deixava pensar. A janela outra vez.

Eu engoli a seco e me coloquei de pé. Eu ouvia o sangue pulsar em meus ouvidos conforme eu avançava cada passo em direção à janela. Apoiei as mãos no parapeito, sentindo a respiração ofegante. Levantei o vidro.

– BU!

Quase caí para trás quando a cabeça de Daniel apareceu na minha frente vinda, simplesmente, do nada.

– O que é que você está fazendo aqui? – falei entre os dentes puxando-o para dentro antes que ele caísse ali de cima – Como você subiu?

– Árvore. – ele respondeu apontando para a janela e indo se sentar na minha cama sem cerimônia nenhuma. Tentei correr os olhos pelo chão em busca do pingente, mas era inútil.

– O que você está procurando? – ele perguntou interessado, tentando acompanhar a trajetória dos meus olhos pelo piso.

– Nada. – me apressei a responder, cruzando os braços – O que você está fazendo aqui? Nós já conversamos no hospital.

– Eu acredito.

Franzi as sobrancelhas.

– O que foi que você falou?

– Eu vim aqui para te dizer que acredito. Acredito que aquele seu amigo idiota seja um anjo, que seu namorado seja um anjo, enfim. Eu acredito, Alex.

Eu não estava acreditando. Não fazia sentido, Dan jamais invadiria minha casa de madrugada para me contar uma coisa daquelas. De fato, ele nem estaria acordado àquela hora com aula no dia seguinte. Nunca.

– E você está me dizendo isso porque...

Daniel se levantou, o olhar vazio. Aquilo estava esquisito e eu comecei a suar frio. Corri os olhos mais uma vez pelo perímetro do quarto à procura do pingente, até que eu o avistei, do outro lado, apoiado contra o guarda-roupa.

Comecei a andar na esperança de alcançá-lo, mas Daniel segurou meu braço quando eu tentei passar.

Senti minha respiração pesada deixar meus pulmões com violência, senti a força com que ele pressionava minha pele aumentar.

– Porque eu te amo.

Não tive tempo de reagir. No segundo seguinte, Daniel estava me puxando com força contra ele, pressionando seus lábios contra os meus.

Dezessete

Era morrer ou morrer

Eu não soube o que fazer e, mesmo que soubesse, não teria conseguido me desvencilhar dele. Daniel me segurava com força, do jeito errado, forçando o caminho para dentro dos meus lábios.

Eu queria gritar, mas não podia.

Queria correr, mas não conseguia.

Levei meus braços ao peito dele, tentando empurrá-lo, mas obviamente ele era muito mais forte que eu.

– Para! – consegui dizer com dificuldade, me afastando dele o máximo que eu podia.

Dan me olhou com cara de interrogação, os olhos vazios. Os mesmos olhos vazios de Helena.

Senti os suor começar a escorrer pelas minhas têmporas, as minhas mão gelaram quando eu compreendi o que estava acontecendo. Ficamos em silêncio absoluto, apenas o bater voraz do meu coração podia ser ouvido. Estreitei os olhos, quieta, concentrada nos dele. Talvez ele estivesse ali em algum lugar, talvez eu mesma fosse capaz de tirá-lo dali ou algo assim.

– Dan? – perguntei com a voz baixinha e gentil, eu não queria assustá-lo – Você consegue me ouvir?

– Amuleto.

Pisquei os olhos, confusa. Do que é que ele estava falando?

– O quê?

Mas ele não respondeu. Ao invés disso, virou o rosto mecanicamente para os lados, para o chão, procurando furiosamente alguma coisa que não estava ali.

Entendi.

Antes que ele pudesse localizar o pingentinho eu me adiantei e passei em silêncio por ele na ponta dos pés, esperando que ele não me notasse, sentindo o sangue rugir furiosamente em minhas veias.

Claro que não deu certo.

– Não se mexa! – Daniel rosnou e eu parei com o susto no meio do caminho – Ou ele vai te machucar.

Não precisei perguntar a quem ele estava se referindo, eu entendi perfeitamente o que estava acontecendo. Daniel continuava a vasculhar o chão como um robô á procura do pingente.

– Onde está? – ele perguntou de repente, sério.

– Eu... eu não sei.

Dan virou a cabeça com um sorriso esquisito e maníaco nos lábios e andou na minha direção. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, sua mão foi parar em meu pescoço, apertando minha garganta.

– Ele quer saber. – Dan falou calmamente, como se me sufocar fosse uma atividade perfeitamente normal e corriqueira – Ou vai te machucar.

Com a mesma indiferença com que agarrou meu pescoço, Daniel me soltou e me deu as costas, ajoelhando-se no chão para tentar encontrar o pingente outra vez.

Permaneci imóvel, a respiração pesada e difícil, massageando meu pescoço onde ele me apertara. Dan não olhou mais para mim, parecia um cachorro desesperado procurando por um osso.

– Ele vai te machucar... – ele repetiu se arrastando feito uma serpente no chão. Senti as lágrimas querendo sair outra vez, aquele não era o meu amigo. Não podia ser. Eu não podia deixar aquilo acontecer com ele, mesmo que... mesmo que eu precisasse entregar o pingente.

– Está ao lado do armário – eu falei de uma vez, apreensiva. Apontei. – Ali no canto.

Os olhos vazios de Daniel se voltaram para mim imediatamente, sedentos e cintilantes. Eu imaginava se conseguiria apagar aquela imagem da minha mente algum dia e nos dois segundos que tive para concluir, achei que não.

Como um animal, ele se jogou em minha cama com um pulo e correu até o armário, passando a mão por todos os lados, Tateando o chão até encontrar o pingentinho ali.

– Dan... – chamei, mas ele não se virou – Dan, por favor, você não pode fazer isso.

– Ele quer, Alex.

Obriguei minhas pernas a se mexerem na direção dele, eu não podia ficar parada observando-o se autodestruir de camarote VIP. Talvez... talvez eu conseguisse fazer alguma coisa.

– Dan, me dê o amuleto.

Ele fechou o pingente nas mãos assustado e o colocou atrás das costas.

– Ele quer, Alex. Eu preciso entregar o amuleto.

– Não precisa. – respondi com a voz gentil, esperando que ele acreditasse em mim só um pouquinho – Você pode dar para mim.

– NÃO POSSO! – ele grunhiu, ofegante – Só para ele, só para ele – Daniel parou, como se de repente tivesse ouvido alguma coisa – E você.

Arregalei os olhos, meu estômago rodopiou.

– Co-como assim?

– Ele quer você também. – ele respondeu mecânica e indiferentemente, depois pulou pela minha cama e abriu a janela que eu tinha fechado. – Você vem comigo.

Eu ri de nervoso, ele tinha ficado maluco.

– Claro que não!

Ele ficou quieto daquele jeito de novo, parecendo louco, e sorriu.

– Então eu preciso te levar à força, que pena.

Dei um passo para longe dele.

– Nem pense nisso, você não pode me levar! Dan, por favor!

Daniel respirou fundo e levou a mão fechada à testa. Parecia que ele lutava, que doía, que a vida dele dependia daquilo.

– Eu preciso.

Sem mais nenhuma palavra, ele andou até mim, enfiou o pingente no bolso e segurou meu braço com força. Uma parte de mim realmente queria deixar que ele me levasse e acabasse logo de uma vez com aquilo.

Ao menos que...

– Preciso ir ao banheiro, Dan.

Ele franziu as sobrancelhas, confuso. Talvez ele não estivesse programado para um diálogo diferente de “me entregue o amuleto agora e venha comigo ou ele vai te machucar”.

– É rápido – continuei – e depois disso eu vou com você, prometo. Você pode ficar na porta me esperando.

Senti meu corpo lutar contra as palavras, antecipando o que eu estava disposta a fazer. Tentei não demonstrar nervosismo, embora o suor insistisse em correr lentamente pelas minhas têmporas.

Dan ficou em off por alguns segundos, me olhando atentamente com aquela expressão vazia. Até que ele piscou os olhos algumas vezes e soltou meu braço.

– Fico na porta. Se fugir, ele vai te machucar.

Acenei que sim com a respiração trêmula. Eu sabia que ele estava falando sério, mas eu não tinha outra escolha, não conseguia pensar em outra alternativa.

Passei por Daniel no quarto, devagar, sinceramente esperando que ele mudasse de ideia e me arrastasse janela abaixo. Mas ele simplesmente me observou passar, sem mover um músculo sequer.

Foi só quando eu abri a porta do quarto que ele começou a andar atrás de mim, sem emitir mais nenhuma palavra.

Entre no banheiro e tranquei a porta atrás de mim. Não precisei mais segurar as lágrimas e, mesmo que precisasse, eu não ia conseguir. Então era daquele jeito que tudo ia acabar?

Fechei os olhos, rezando para que meus pais não aparecessem no corredor ou eu não sabia o que aquele Daniel influenciado e maluco poderia fazer com eles. E pedindo desculpas pelo que eles encontrariam na manhã seguinte.

Aos soluços – mas abafados – eu fui até o gabinete do espelho e vasculhei por um aparelho de barbear novo. Tremendo, eu tirei o aparelhinho da embalagem e depois a lâmina do aparelho.

Eu só esperava que fosse rápido, e que não doesse tanto assim. Não parecia doer tanto nos filmes.

Só esperava que Gael me perdoasse, que meus pais e meu irmão me perdoassem.

Que Eros entendesse.

Não consegui reprimir o soluço mais forte quando pensei nele, mas talvez aquele fosse o modo de salvá-lo. Talvez o único.

Por ele, eu podia fazer aquilo.

Por ele.

Segurei a lâmina entre meus dedos e estendi o pulso à minha frente. Tomei ar com força um última vez e encostei a lâmina na pele.

Mordi o lábio inferior, fechando os olhos e aumentei a pressão.

Doeu.

Eu deslizei a lâmina.

O sangue começou a escorrer.

– Não! – eu ouvi Dan gritar do lado de fora e no segundo seguinte a porta estava sendo alvo de chutes violentos, até que ele conseguiu abri-la.

Tentei fugir, mas foi em vão.

Dan me agarrou e segurou meu braço sangrando fora do meu próprio alcance, fazendo a lâmina escorregar dos meus dedos para o chão respingado de vermelho.

– Você não pode morrer, não agora. – ele parou, rígido como pedra – Pessoas vindo, temos que ir.

Mais uma vez eu tentei me soltar dele, mas era impossível. Daniel me puxou para fora do banheiro com força, me pegando no colo no meio do corredor e correndo até o meu quarto.

Os passos iam ficando mais próximos, um clique de porta abrindo cortou o ar. Entendi o que ele queria fazer e não gostei nem um pouco da ideia

– Você não vai... Mas antes que eu pudesse terminar, Dan alcançou a janela do meu quarto e me pendurou pelas mãos do lado de fora. Eu comecei a me debater, desesperada.

– Não me jogue! – pedi.

– Não fuja! – ele grunhiu e me soltou como um saco de batatas.

Meu corpo desmontou quando eu atingi o chão e senti um estalo no meu tornozelo. A dor começou a me consumir e eu já nem sabia mais se vinha do corte do pulso ou do tornozelo que eu tinha acabado de torcer ou quebrar.

Provavelmente os dois, da maneira mais dolorosa possível.

Mal tive tempo de respirar até que Daniel estivesse ao meu lado, me puxando para ficar de pé e me carregando no colo outra vez.

Bom, pelo menos ele não parecia ter se machucado com a queda da janela.

– Acho que eu quebrei o tornozelo. – falei com um gemido de dor enquanto ele corria comigo pelas ruas escuras.

Dan não respondeu.

Eu era uma idiota e se toda a culpa do mundo decidisse cair sobre mim naquela hora ainda não seria o suficiente. Nem a capacidade de me matar direito eu tinha e agora eu tinha facilitado as coisas para ele. Gael ira me esfolar viva e Eros não ia me perdoar. Talvez eu merecesse aquilo como prêmio pela minha incompetência suprema.

Dan corria rápido, mecanicamente. Ele parecia um tanque de guerra, e não ia parar tão cedo.

Perdi a noção de onde estávamos, eu não conseguia identificar prédios nem placas por acusa da pouca luz e da dor que bagunçava meu cérebro. Até que um clarão cortou o céu e Daniel parou pela primeira vez.

De repente, ali, na nossa frente, eu vi Gael se materializar com os olhos brilhando, queimando de um jeito intenso, e uma espada perolada firme em sua mão, apontando para Dan.

– Onde está a Caliel? – ele perguntou a mim, entre os dentes, embora não tirasse os olhos incisivos de Daniel.

– Eu não sei... – respondi tentando esconder a dor. Eu não queria que Gael soubesse o que eu tinha tentado fazer mais cedo, ou pelo menos queria adiar a conversa o máximo possível.

– Como não sabe? – ele bufou bravo – Ela devia estar aqui com você!

Daquela vez eu não respondi, apenas acenei que não com a cabeça. Gael estava furioso, era possível ver cada célula de seu corpo pulsando de raiva e frustração. Ele aproximou mais a espada de Daniel.

– Solte a Alexandra, moleque, ou eu vou ter de te persuadir a tanto, e você não vai gostar.

Daniel riu.

– Não.

Gael franziu as sobrancelhas, confuso.

– O que foi que você disse? Eu posso arrancar sua cabeça fora caso você não tenha percebido.

Dan deu de ombros e me largou no chão. Eu me arrastei para longe dele, o tornozelo machucado latejando. Daniel enfiou a mão no bolso e tirou o pingente dali, depois andou até mim e encostou a mão livre em meu braço.

Eu fechei os olhos e gritei de dor.

Pareciam que estavam me queimando viva, tudo ardia. Quando ele finalmente tirou as mãos de mim e a dor cessou, eu abri os olhos e me deparei com Daniel empunhando a espada.

– Então venha arrancar.

Gael hesitou, desconfiado, olhando para mim e sem saber exatamente o que fazer. Eu retribuí o olhar confuso, sem ter a menor ideia do que estava acontecendo ali.

– Você vai me contar onde o Caído está. – Gael ameaçou, sem muita confiança na voz. – Ou eu vou te matar, estou falando sério.

Dan riu e girou a espada nas mãos, como se aquilo fosse uma coisa extremamente fácil e entediante que ele sabia fazer desde os três anos de idade. Ele parou em posição de ataque com a arma na frente de seu rosto, nem um único rastro de medo ali.

– Que assim seja. – Daniel falou e correu na direção de Gael com a espada erguida sobre a cabeça.

– NÃO! – gritei em um misto de desespero e raiva.

Tentei me colocar de pé, mas o tornozelo não deixou. Eu não podia ficar ali, parada, deixando que os dois se matassem alegremente. A única pessoa que valeria alguma coisa morrendo, era eu.

Inútil, voltei a me deitar no chão. O sangue em meu pulso começou a coagular, mas a dor não diminuía. Tapei o corte com a outra mão, eu não queria mais ter de olhar para aquilo, era praticamente o atestado da minha inutilidade humana.

Foi quando eu movi os olhos para Gael e Dan, e me arrependi no mesmo instante ou talvez um pouco antes. Os dois se atacavam com as espadas, mas elas não emitiam som algum. Era uma luta muda, interrompida apenas pelos gemidos de força que eles faziam ao tentarem se atingir.

Dan parecia ter nascido com uma espada na mão. Os movimentos eram fluidos e suaves, como se a espada fosse uma extensão do corpo dele, não uma arma enorme que ele precisava carregar. Gael, apesar de inumanamente habilidoso, parecia estar tendo problemas para acompanhar os golpes rápidos que Dan, muito maior e mais forte que ele, lançava com precisão.

– Parem! – eu gritei, mas eles nem sequer me olharam. – Gael, você vai se machucar, vai machucar o Daniel!

Gael desviou para o lado de um golpe que acertaria seu abdômen em cheio e eu fechei os olhos com força para não precisar ver aquilo.

– Eu estou disposto a acabar com ele se for necessário, Alex.

– Não! – gritei outra vez, sentindo decidindo que talvez fosse melhor eu abrir os olhos.

Gael rosou de raiva e investiu contra Dan, que defendeu o golpe com a espada em diagonal no peito. Os dois ficaram cara a cara.

Os olhos de Gael pareciam dois faróis azuis acesos, encarando Daniel com tanta intensidade que, se pudesse, teria o incendiado vivo só com o olhar.

– Diga-me onde ele está e deixe o garoto em paz! – ele rugiu olhando Daniel fixamente nos olhos.

Dan continuava uma rocha, impossível, inabalável.

– A menina primeiro.

Gael riu com deboche, depois forçou a espada contra a espada de Daniel.

– Nunca.

Daniel retribuiu o empurrão.

– Então você vai ter de me matar. – ele respondeu empurrando Gael com mais força e para mais longe, voltando a adotar uma posição de ataque.

Gael trocou um olhar rápido comigo.

– O Caído não vai parar, Alex. – ele falou com calma e firmeza, sem mover os olhos de Daniel – Ele está usando o menino para te atingir. Ele não vai deixá-lo.

– Ele PRECISA! – eu gritei, limpando o rosto molhando – Ele não pode fazer isso, não pode matá-lo!

– Ele já está fazendo. E vai fazer o garoto lutar até morrer, eu não tenho escolha!

Foi naquele momento que outro clarão cortou o céu e por um segundo nós três paramos. Foi o tempo de Daniel perceber que Gael havia se distraído e investir com força contra ele.

Gael não foi rápido o suficiente.

– GAEL! – eu gritei em desespero quando vi o sangue vermelho escorrer pelo braço dele enquanto tentava se defender da segunda investida.

– A Tocada! – Dan grunhiu com raiva quando Gael conseguiu desviar do golpe seguinte e voltar a ficar ereto contra ele outra vez – Preciso levar a garota!

Tentei abrir a boca para protestar, mas uma mão pousou sobre meu ombro e eu virei meu rosto imediatamente.

– Caliel?

Ela sorriu. Eu engoli o choro e me joguei nos braços dela.

– Onde você estava?

Ela afagou meus cabelos e eu sabia que estava olhando para Gael atrás de mim.

– Não consegui sair por causa do seu irmão, ele demorou para pegar no sono, me desculpa.

– Caliel, você precisa ajudar o Dan! Ele está influenciado, ele...

Ela colocou o indicador sobre os meus lábios.

– Eu preciso cuidar de você.

– Mas...

Virei meu rosto para os meninos. Eles continuavam o balé mudo e mortal, desviando um dos golpes dos outros que não os acertavam em cheio por milímetros. Gael não se deu ao trabalho de olhar para Caliel, era como se ela nem estivesse ali.

Enquanto eu os observava, Caliel pegou meu pulso cortado com cuidado e me lançou um olhar duro como nunca tinha feito antes. Abaixei os olhos, envergonhada.

Tudo bem, talvez tivesse sido mesmo uma ideia estúpida, mas o que eu podia fazer? Era o único modo que eu tinha encontrado de ser o mínimo útil naquela história toda onde eu sempre era a culpada. Queria que ela entendesse aquilo.

– Isso não foi muito esperto. – ela falou ainda séria, examinando o corte.

– Eu sei, eu sei – respondi impaciente, mais preocupada com a luta em si do que com a cara de reprovação de Caliel.

As broncas podiam ficar para depois.

Dan soltou um grito e eu me virei imediatamente, a tempo de ver a camisa clara que ele vestia ser tingida de vermelho.

– O que aconteceu? – perguntei tentando me soltar de Caliel, mas ela não deixou. – DAN!

Gael recuou alguns passos dele e respondeu sem olhar para mim.

– Foi só um corte, ele não vai morrer. Ainda.

Meu coração pulou com a palavra que ele tinha enfatizado, e eu tentei me mexer mais uma vez.

– Você precisa ficar quieta! – Caliel me repreendeu um tom mais alto e eu parei. – Ou eu não vou conseguir, faz muito tempo que eu curei alguém pela última vez.

Ergui as sobrancelhas, surpresa.

– Curei?

Mas ela não respondeu.

Caliel pegou meu pulso em suas mãos e cobriu o corte com seus dedos, fechando os olhos. Fiquei em silêncio, me atrevendo a respirar o mínimo possível, como se aquilo pudesse atrapalhá-la ou coisa assim. Considerando que era a mim que ela estava curando eu não me surpreenderia se aquilo efetivamente acontecesse.

Então eu senti meu pulso esquentar. Muito.

Abri a boca para expressar a dor quando uma luz branca, como a que antecedia a materialização de alguma coisa pelo amuleto, escapou por entre os dedos dela e a dor cessou.

Quando Caliel retirou a mão do meu pulso, tudo que havia ali era uma fina cicatriz esbranquiçada, quase imperceptível.

Olhei espantada para ela.

– Eu não sabia que você podia fazer isso.

Ela sorriu, pousando a mão sobre meu tornozelo que mais parecia uma berinjela.

– Fui das linhas de cura antes de ser Guardiã, por muito pouco tempo – minha pele começou a queimar com o aumento da temperatura. – Quis arriscar, pelo menos não ia piorar sua situação.

Não concordei exatamente com aquilo, mas deixei que ela continuasse.

Quando ela acabou eu olhei para meu tornozelo e ele estava humano outra vez. Mexi um pé para um lado e para o outro, para ter certeza. Perfeito.

Foi quando outro grito de Dan cortou o ar.

Quando me virei, seu braço sangrava tingindo outro pedaço da camiseta. Sem saber o que fazer, eu me virei para Caliel.

– Você consegue curá-lo?

Ela balançou a cabeça negativamente.

– Não enquanto ele estiver influenciado.

Engoli a seco.

– E se ele... – foi difícil até pensar naquilo. – E se ele morrer?

Caliel não olhou para mim ao responder. Ela tinha os olhos azuis, tristes, fixos em Gael e eu não quis interromper.

– Nada é capaz de reverter a morte, Alex. Absolutamente nada.

Outro grito e daquela vez o rasgo foi na perna.

Daniel estava cedendo. O Caído estava cedendo, propositalmente, e o infeliz não ia deixá-lo parar de lutar.

– Renda-se! – Gael rosnou, tomando espaço. O braço branco se tingia de vermelho por causa do sangue escorrendo sem parar – Você não vai vencer, desista.

Daniel parecia nem se incomodar com os cortes em seu corpo, tudo que ele havia feito era gritar quando eles aconteciam. Nada além disso, como se a dor cessasse imediata e magicamente após o golpe.

– Quem falou que eu quero vencer? – Daniel desafiou sem recuar. – Eu quero a menina.

Vi a raiva abrir espaço nos olhos de Gael outra vez.

– Então vai ficar querendo. – ele falou baixinho entre os dentes, como se estivesse dando permissão a si mesmo para atacá-lo.

E foi o que ele fez.

– NÃO! – gritei quando Gael começou a se impulsionar na direção de Daniel e ele parou com um urro de raiva que me fez estremecer.

– O que foi agora? – ele grunhiu impaciente, ofegante. – Sou eu ou ele, Alexandra. O Caído vai fazê-lo lutar até você ceder ou até ele morrer, o que vier primeiro.

Fechei os olhos por um segundo e engoli o choro. Gael não ia gostar nada daquilo, mas eu não tinha outra alternativa. Eu não podia deixar que ele matasse o Dan, aquilo simplesmente não ia acontecer se eu pudesse evitar. E talvez eu pudesse.

Engoli a seco e tomei fôlego antes de abrir a boca.

– Eu vou com ele.

Dezoito

Difícil decidir entre sacrifício ou idiotice

Gael

O moleque parou e eu também. Alexandra só podia estar ficando maluca se achava que ia deixá-la fazer uma coisa daquelas sem reclamar.

– Você ficou maluca? – eu verbalizei vendo o menino abrir um sorriso vazio com o canto do olho. – Eu não posso te deixar fazer isso, o Gabriel me mata!

Alexandra se colocou de pé e eu evitei olhar para Caliel. Era culpa dela tudo o que estava acontecendo, ponto final.

– É o único jeito, Gael. – Alexandra respondeu hesitante. No fundo, eu sabia que ela tinha medo do que poderia acontecer, tanto quanto eu. – Não posso deixar que ele mate o Dan.

Malditos sentimentos. Eram eles que estragavam tudo, que faziam as pessoas tomarem decisões idiotas como aquelas, mesmo que Alexandra não precisasse deles para tanto.

– Você sabe que eu posso te convencer a não fazer isso – arrisquei.

Ela me olhou com os olhos tristes.

– Mas não vai.

Não, eu não ia. Mas deveria, porque ela era uma imprestável com problemas mentais.

– Alexandra, por favor, pense no que você está fazendo. Você pode colocar o mundo inteiro em risco por causa... por causa dele.

Francamente, não valia a pena.

Ela engoliu a seco e lançou um olhar sério a mim. Dolorido.

– Ele é meu amigo, Gael. E pra mim, isso é importante. Se existe uma chance de salvá-lo, é isso que eu vou fazer – ela fez uma pausa. – Eu faria isso por você também.

– Não seja idiota, Alexandra! – eu gritei. – Você vai por tudo a perder, é arriscado demais!

Alexandra começou a andar calmamente na direção do menino, mas eu sabia que ela não estava tão calma quanto aparentava. Eu sentia, caso ela tivesse se esquecido.

– Livre arbítrio, Gael – ela respondeu com a voz embargada, oferecendo o braço para o garoto.

Idiota, idiota, idiota. Ela não tinha a mínima noção do que estava fazendo comigo e com o resto do planeta.

Eu abri os braços a ponto de explodir, derrotado. O infeliz do menino a puxou com força, obrigando-a a andar aos tropeços para longe de mim.

Eu olhei para Caliel.

– A culpa é sua! – acusei sem ousar chegar mais perto. – Você deveria estar lá com ela, eu estava ocupado!

– Eu tentei, Gael, mas...

– NÃO IMPORTA MAIS! – urrei. Meu coração batia violentamente, eu não conseguia nem controlar

minha respiração. – Agora ela já foi. E se alguma coisa acontecer – acrescente. – é na sua conta.

Não deixei Caliel responder, não queria nem ouvir a voz dela. No segundo seguinte eu estava dando impulso com os pés e alçando voo pela noite. Ela tinha estragado tudo, e se eu nunca mais a visse, seria cedo demais.

Balancei a cabeça enquanto voava, engolindo as lágrimas que eu não ia deixar cair. Era ilusão o que Alexandra tinha dito, e aquilo não ia mudar. Caliel não ia mudar.

Os guardas abriram o portão imediatamente quando eu cheguei, o que foi particularmente bom, porque seu só precisava falar com uma pessoa ali.

Entretanto, quando coloquei os pés para dentro da Colônia, alguém voou com tanta pressa ao meu encontro que eu levantei a espada em defesa até conseguir identificar quem era.

– Requiel?

Ele estava em estado de desolação total. Os olhos inchados e vermelhos, como se estivesse chorando sem parar há horas, as mãos trêmulas e a voz engasgada, rouca. Deprimente.

– Por que você deixou que ela fosse? – ele gemeu em desespero, segurando meus braços com força. – Por que você não fez nada, Gael? Eu confiei em você!

Eu o empurrei para longe, draminha era a última coisa de que eu precisava.

– Eu não podia fazer nada! Você acha que foi fácil pra mim também? Eu me importo com ela!

Requiel bufava, nervoso. Estava completamente fora de si.

– Se se importasse saberia que ela tentou se matar.

Arregalei os olhos. Aquela me pegou de surpresa.

– O que foi que você disse?

– Isso mesmo. Você não sentiu nada? Porque eu senti! – ele gritou. – Mas não podia fazer nada, e você? Você não fez!

Tentei encontrar em minha memória recente alguma sensação, algum sinal de Alexandra. Mas foi em vão, eu não conseguia me lembrar de nada. Deixei para lá, eu tinha outras coisas com as quais me preocupar.

Andei na direção dele, tentando ignorá-lo o máximo possível.

– Preciso ir.

Requiel bloqueou minha passagem com o corpo.

– Aonde você pensa que vai? – ele rosou com o corpo na frente do meu. – Você precisa descer e ficar com a Alexandra antes que seja tarde demais.

Eu o encarei respirando fundo. Sinceramente, eu não tinha tempo a perder para ficar discutindo com ele.

– Falar com o Gabriel. Precisamos de uma estratégia.

– Estratégia? – ele repetiu impaciente, levando as mãos aos cabelos. – Não há tempo para isso!

Bufei alto, ele estava começando a me irritar profundamente e eu não me responsabilizaria pelos meus atos.

– Saia da minha frente, Requiel – pedi no limite da educação pré-ignorância. – Sério.

Requiel respirou fundo e deu um passo para o lado, visivelmente contrariado. Mas é claro que ele não ia desistir tão fácil assim. Ele e Alexandra formavam um casal perfeito no quesito teimosia e vamos irritar o Gael até que ele exploda em fumaça verde.

– Eu vou com você.

Ah, claro.

– Não mesmo!

Comecei a andar sem olhar para trás, fingindo que ele nem estava mais ali. E teria dado certo se ele não tivesse decidido me seguir.

– Você não decide o que eu faço ou não, Gael. Não posso ficar aqui parado quando a garota que eu

amo está correndo perigo – ele fez uma pausa estratégica. – Aposto que você entende o que quero dizer.

Respirei bem fundo e tentei não fazer as ligações que ele queria que eu fizesse. Como já tinha dito, sentimentos só atrapalhavam as coisas e Requiél estava ali vivo – encrencado até o pescoço e prestes a ser exilado, mas assim vivo – para provar a minha teoria.

Segurei o pingente com meu pescoço com força e o puxei por cima da cabeça sem pensar muito naquilo. Olhei para ele por um segundo, só um segundo. Um segundo por setenta anos, pareceu justo para mim.

Tomei ar e o atirei longe.

– Não, eu não entendo.

Requiél não disse nada – embora tivesse acompanhado cada movimento com os olhos – e eu agradei mentalmente que ele tivesse tomado aquela decisão porque eu não queria conversar. Nem pensar, nem nada. Só andar para mim já era bom o suficiente.

E sendo assim, eu andei rápido pela Colônia, ignorando os olhares curiosos que caíam sobre mim. Porque claro, eles sabiam quem eu era e eu sabia que se perguntavam o que eu estava fazendo ali ao invés de estar com Alexandra. E eu também sabia que me matariam se eu dissesse que, naquele momento, ela estava sendo levada de bandeja ao encontro do Caído.

De fato, eu me mataria.

Cansei da falta de velocidade das minhas pernas quando andar deixou de ser suficiente e levantei voo baixo, transformando a espada em pingente outra vez. Requiél fez a mesma coisa, embora eu não precisasse olhar para trás para confirmar aquilo, simplesmente porque ele era irritantemente previsível.

– O que é que você pretende fazer me seguindo? – perguntei sem olhar para ele. – Acha que o Gabriel vai ficar com peninha de você?

Ouvi o bater de asas mais forte e ele emparelhou comigo.

– Não quero a piedade de ninguém, Gael – ele respondeu sério. – E não é da sua conta o que eu vou ou não fazer. Agora cale a boca e vamos logo de uma vez.

Requiél bateu as asas com força outra vez e me ultrapassou, literalmente voando em direção à morada. Aumentei a velocidade também e o acompanhei até lá.

Diferentemente da outra vez, o lugar estava relativamente normal, pelo menos do lado de fora. Apenas os anjos que efetivamente tinham algum tipo de tarefa na Morada estavam presentes – o que foi imensamente mais agradável.

Aterrissamos diante da porta e Requiél começou a praticamente marchar para dentro, parecendo um tanque de guerra. As pessoas também sabiam quem ele era, e pareciam assustadas ao vê-lo agindo daquele jeito. Imaginei se alguma delas tentou estabelecer conexão mental para saber o que estava acontecendo.

Zangado do jeito que estava, Requiél não ia conseguir se defender e aquilo não seria nada bom.

Conseguí alcançá-lo, mesmo que ele tivesse pernas mais compridas que as minhas e nós andamos emparelhados pelo saguão principal até a porta enorme que delimitava a sala de Gabriel.

Diminuí o passo conforme nos aproximávamos, mas Requiél não fez o mesmo. Abri a boca para pedir que parasse, mas ele simplesmente continuou com sua imitação de tanque de guerra e atropelou a porta, escancarando-a com toda a força que tinha.

Péssima ideia.

Como se não fosse o bastante Gabriel estar logo ali atrás dela, ele estava na agradável presença que ninguém menos que Miguel.

Meu estômago revirou de enjoo.

Os olhos de Gabriel e Miguel se voltaram para Requiél quando ele pisou na sala, mas não se ativeram nele por nem um segundo quando perceberam que eu estava ali.

A expressão de Miguel era de terror absoluto, como se tivesse visto algum anjo do seu pelotão

vestindo um vestidinho rosa e salto alto. A de Gabriel era de pura confusão.

– Gael, mas...

Ele revezava os olhos entre mim e Requiél, tentando entender o que estava acontecendo. Mas eu não podia contar ali, não com Miguel ouvindo tudo.

– Preciso falar com você, Gabriel, é urgente.

A expressão no rosto dele ficou mais preocupada e Miguel cruzou os braços, desconfiado. Tive que usar toda minha força de vontade para não mandá-lo calar a boca.

– Pode falar, moleque – ele respondeu por Gabriel, adotando uma pose autoritária. Idiota. – Não há o que esconder de mim.

Eu respirei bem fundo, porque não ia deixá-lo me tirar do sério naquela hora. Talvez em um outro momento eu adorasse uma conversinha particular com ele, mas ia ter de ficar para uma outra hora. Uma que não houvesse um moleque intrometido influenciado levando a Tocada para um maldito Caído covarde demais para pegar a menina ele mesmo.

– Infelizmente, Miguel, a conversa é com o Gabriel. Particular. Eu, Requiél e ele. – eu enfatizei.

Miguel estreitou os olhos azuis brilhando de raiva e veio se aproximando de mim lentamente. Eu o encarei, lembrando-se do nosso último encontro e meu pescoço ardeu em resposta, mas eu não recuei. Eu nunca recuaria na frente dele, não importava o que acontecesse.

– Não existem segredos aqui, garoto – ele respondeu colocando um sorriso sarcástico no rosto. – Gabriel não esconde nada de mim.

– Ótimo – retruquei imitando o mesmo sorriso para ver se ele gostava daquilo. – Então ele pode te contar depois, se quiser. Mas eu só falo com ele – suavizei o olhar e me virei para Gabriel. – Não temos muito tempo.

Gabriel nos olhava com uma apreensão tão grande que chegava a ser dolorosa. Tudo o que eu queria era que ele expulsasse Miguel dali de uma vez por todas para que nós pudéssemos conversar em paz.

– Por favor.

Gabriel engoliu a seco e arfou, sem muitas opções, e se dirigiu a Miguel.

– Me deixe falar com eles.

– O quê? – ele retrucou furioso. – Você ficou maluco, Gabriel? Você vai dar ouvido a esses dois?

Cruzei os braços e sorri presunçosamente de propósito. Ele provavelmente ia arranjar um jeito de me fazer pagar por aquilo, mas eu simplesmente não me importava naquela hora.

– Não posso discutir agora, Miguel – Gabriel respondeu com a voz firme. – Se eles precisam falar comigo a sós, então é assim que vai ser.

Miguel lançou um olhar de desprezo a ele e ameaçou se retirar da sala, mas se virou para mim e Requiél antes de fazer isso.

– Vocês são todos iguais – ele grunhiu nos fuzilando com o olhar. – Deviam ser todos exilados.

Senti o sangue subir, mas apenas respirei fundo. Eu não ia perder o controle na frente do Gabriel outra vez, não mesmo. Ao invés de revidar, eu simplesmente coloquei um sorriso nos lábios e apontei a saída com educação.

– Tenha um bom dia.

Miguel passou por mim lentamente e eu tinha certeza de que se ele pudesse me matar só o com olhar, era exatamente isso que teria feito sem nem pensar duas vezes.

Gabriel interrompeu meus pensamentos quando a porta se fechou.

– Você não devia provocá-lo desse jeito, Gael. Não vou estar toda hora ao seu lado para te defender ou impedir que ele faça alguma coisa e você sabe como o Miguel é.

Acenei que sim com a cabeça, concordando com ele, embora eu não tivesse planos de deixar Miguel em paz tão cedo assim.

– O que foi que aconteceu? – ele perguntou enfim, preocupado, e meu coração pulou uma batida. –

Achei que você estivesse atrás do Caído, por que voltou?

Tomei fôlego para começar a explicar e tentei pensar em como dizer aquilo de uma forma suave sem assinar minha sentença de morte.

Infelizmente, Requiél parecia ter outros planos e estragou tudo.

– A Alex está indo se encontrar com o Caído por causa do amigo dela que está influenciado, e ela não deixou que Gael o matasse, então precisamos fazer alguma coisa agora.

Ótimo.

Gabriel arregalou os olhos com uma cara de quem não estava entendendo nada e ao mesmo tempo não queria entender e moveu o olhar de Requiél para mim.

– Explique-se.

Lancei um olhar mortal a Requiél e depois me concentrei em Gabriel.

– Enquanto eu estava procurando o Caído de madrugada esse amigo da Alexandra invadiu a casa dela. Ele está influenciado e ela não me deixou fazer nada com ele, por mais disposto que eu estivesse a matá-lo.

Gabriel ficou em silêncio por apenas um segundo.

– Por que você a deixou sozinha?

Engoli a seco, sentindo o coração acelerar. Inquisição não, por favor.

– Caliel devia ter ficado com ela, foi esse o combinado. Não sei o que aconteceu, mas ela não apareceu.

Gabriel cruzou os braços.

– Por que eu não estava sabendo dessa parte?

– Porque não achei que fosse necessário – respondi apreensivo, totalmente fora do clima de questionários. – Era uma emergência, Gabriel.

– E agora você decidiu falar comigo?

Abri a boca mais uma vez para falar, mas Requiél não deixou.

– Eu tenho uma ideia – ele disse antes de mim e eu e Gabriel nos viramos abruptamente para ele. Requiél estava nervoso, as mãos fechadas em punhos não paravam. Ele tomou fôlego antes de continuar. – Quero me voluntariar a descer com Gael.

Se eu estivesse tomando Coca-Cola, teria cuspidido um copo ali mesmo. Ele só podia estar fora de si, pra dizer o mínimo.

– Você não pode, Requiél. – eu disse só para lembrá-lo daquele pequeno detalhe. – Você está em julgamento, não pode descer. Não vão te deixar descer.

Ele me ignorou e olhou para Gabriel.

– Se você permitir, eu posso.

– Não posso permitir isso, Requiél. Regras são regras, não posso quebrá-las.

Requiél respirou fundo, como se estivesse forçando-se a tomar uma decisão dolorosa.

– Mas eu posso. Ninguém precisa saber que você autorizou, Gabriel! Se eu descer, eu posso distrair o menino enquanto o Gael acaba com o Caído. Se ele for sozinho vai ser impossível.

A ideia dele tinha lógica, claro. Seria muito mais fácil se eu tivesse alguém comigo e por mais que não gostasse e não fosse admitir para ninguém, ele era um arqueiro de primeiro escalão. Mas não seria impossível como ele estava alegando, só um pouco mais difícil.

– Mas não vão te deixar descer – eu falei batendo naquela mesma tecla. – Todos os guardas sabem que você está em julgamento, não tem como – parei por um segundo, pensativo. – Ao menos que...

– Ao menos que os portões externos não sejam a única passagem para a Terra. – ele completou meu pensamento olhando para Gabriel.

Gabriel pareceu surpreso, nos olhando com um ar receoso, como se não esperasse aquela conclusão tão rápido.

– Há uma passagem na Morada, não há? – Requiell perguntou ansioso. – Tem de haver. Se você me deixar passar...

– Se eu te deixar passar – Gabriel o cortou. – você estará condenado.

Fiquei em silêncio. O ar ficou frio, pesado. Requiell não expressou nenhuma reação, embora eu o conhecesse bem demais para saber que ele estava a ponto de desabar em choro ou em uma explosão repentina de raiva.

– Você precisa entender as consequências, Requiell – Gabriel continuou. – Se você descer, será por sua conta e risco. Tudo o que eu posso fazer é te mostrar a passagem, assim que você atravessá-la contra as regras... é praticamente um suicídio.

Requiell balançou a cabeça, quase sorrindo.

– Suicídio não, Gabriel. Sacrifício.

Requiell era um idiota, ele não podia fazer aquilo. Eu podia dar conta da situação sozinho, sem ele se intrometer.

Malditos sentimentos outra vez.

Gabriel nos lançou um último olhar preocupado e nos deu as costas.

– Sigam-me.

Requiell abriu um sorriso, mas eu sabia que era de nervoso. Eu estava nervoso e nem um pouco confortável com o que ele estava disposto a fazer. Se não desse certo ele estava indo para os quintos dos infernos de graça e sem passagem de volta.

– E a Alexandra, Requiell? – eu falei baixinho atrás dele enquanto Gabriel nos guiava por sua sala. – Você vai abrir mão dela assim?

Ele não se virou para mim para responder.

– Eu estou salvando a vida dela, Gael. Eu sei que ela vai entender. E não acho que você seja a melhor pessoa para me falar do que eu posso ou não abrir mão.

O sangue subiu esquentado meu rosto e eu segurei seu braço.

– Possa saber o que você quer dizer com isso?

Os olhos dele eram sérios, incisivos. Eu nunca os tinha visto daquele jeito antes, eram quase intimidadores demais. Quase.

– Você sabe exatamente o que eu quero dizer. Só que eu estou abrindo mão de estar com ela por amor. Você, por covardia.

Requiell puxou o braço da minha mão e continuou andando. Eu fiquei ali, parado, em choque. Quem ele pensava que era para falar uma coisa daquelas? Ele não sabia um décimo do que tinha acontecido comigo para falar daquele jeito.

– Gael?

Era a voz de Gabriel e eu balancei a cabeça para sair do transe. Retomei os passos devagar, atrás de Requiell, até que nós paramos em frente à parede que tinha a passagem para a sala da Esfera.

Gabriel traçou as linhas prateadas na parede como da outra vez e a passagem se materializou ali. Mas não era a mesma, embora eu tivesse certeza absoluta de ter sido aberta no mesmo lugar. Gabriel notou a minha confusão.

– A Morada pode ser um labirinto para quem não conhece – ele disse fazendo sinal para que passássemos. – Cuidado com os degraus.

Requiell passou primeiro e eu pude ver que aquele era um corredor mais iluminado e bem menos hostil que o que levava à Esfera. Gabriel selou a passagem às nossas costas e tomou a liderança para nos mostrar o caminho.

– Faz muito tempo que eu não uso esse caminho e é só um dos muitos modos de se chegar até lá.

Nem eu nem Requiell respondemos. Nossas respirações eram pesadas, preocupadas. A escada em espiral era branca e parecia inacabável. As paredes, também brancas, deixavam tudo monocromático e

claustrofóbico, provavelmente de propósito. No caso de algum perdido aparecer por ali, o infeliz ia enlouquecer.

Nós descemos mais um bom lance de escadas até que a espiral se dividiu em duas, uma para cada lado. Miguel tomou a da esquerda.

Tentei me lembrar daquilo, talvez fosse útil algum dia.

– O que tem no final da outra escada? – eu arrisquei perguntar.

– Você teria que ter uma permissão especial para saber.

Não respondi e nem perguntei nada outra vez. Em silêncio, passamos por mais umas quatro ou cinco bifurcações, onde Gabriel tomou direções diferentes em cada uma delas. Bem que ele tinha dito, aquilo podia muito bem ser um labirinto.

Foi depois de uma dessas bifurcações que ele parou. Daquela vez havia uma porta convencional ali, alta e dourada, mas definitivamente uma porta e não uma simples parede como na sala da Esfera.

Gabriel empurrou a porta que não tinha maçaneta e ela se abriu. Ele fez sinal para que nós passássemos e daquela vez Requiél hesitou.

– Você ainda pode desistir – Gabriel falou colocando a mão em seu ombro. – Não é covardia nenhuma fazer isso.

Requiél voltou o rosto para trás e me encarou por um longo segundo com a expressão séria, depois respirou fundo e entrou na sala. Gabriel acenou para que eu o acompanhasse e foi o que eu fiz.

A sala ali era circular e branca como as escadarias. Havia uma estante transparente, parecendo de vidro, com centenas, milhares de gavetinhas repletas de amuletos.

Gabriel foi até o centro da sala, onde havia um círculo marcado no chão em baixo relevo. Ele se abaixou ao lado do círculo e o tocou com a ponta dos dedos.

O círculo explodiu em brilho e eu precisei fechar os olhos por um momento por causa da luz.

– Essa passagem é usada só em ocasiões especiais. – Gabriel começou a explicar e eu voltei a abrir os olhos para me deparar com uma estreita linha de luz ao redor do círculo. – Vocês não vão conseguir voltar por aqui do modo convencional.

Gabriel se levantou e caminhou até uma das intermináveis caixinhas transparentes, de onde ele tirou dois amuletos.

– Só com isso aqui – ele disse segurando as pedrinhas entre os dedos e mostrando para nós. Com um movimento rápido ele as fechou entre os dedos e no segundo seguinte seu corpo estava envolto pela mesma luz que irradiava do círculo no chão. – É uma espécie de campo de atração. Se estiverem nele e voarem na direção da Colônia, vocês acabarão aqui.

Gabriel fechou a mão outra vez e a luz sumiu, materializando-se no amuleto. Ele andou com as pedrinhas em nossa direção e as estendeu para nós. Eu peguei uma e coloquei no colar, Requiél fez o mesmo com a dele sem nem pensar duas vezes.

Assim que estávamos com nossos amuletos, Gabriel acenou para que nos aproximássemos do círculo. Olhei para Requiél, apreensivo, esperando que ele desistisse daquele ideia idiota, mas ele deu o primeiro passo.

Gabriel colocou as mãos nos ombros dele com uma olhar que eu não consegui decifrar se era de admiração ou pena. Talvez uma mistura dos dois.

– Você tem certeza do que está fazendo? – ele perguntou a Requiél com uma certa dor na voz. – Depois disso não há volta.

Requiél engoliu a seco e encarou o chão como se estivesse preso em seus próprios pensamentos. Mas os olhos dele não conseguiram segurar uma lágrima que quis cair.

– Eu prometi que tudo ficaria bem – ele disse se esforçando para que as lágrimas não cortassem suas palavras. – Prometi que a protegeria quando me comprometi a ser seu Guardião – ele levantou os olhos e encarou Gabriel. – é o que eu estou fazendo.

Gabriel concordou com um aceno de cabeça e afagou os ombros de Requiél com um olhar triste.

– Você é um bom garoto, Requiél. Queria que as coisas pudessem acabar de um outro jeito para você.

Requiél tomou ar antes de lhe dirigir as últimas palavras.

– Esse é só o começo – ele respondeu forçando um sorriso. – E pode me chamar de Eros.

Sem um único segundo de hesitação, Requiél se virou e desapareceu no círculo que brilhava no chão.

Dezenove

Brincando de impossível

Alexandra

– Não precisa me machucar! – ralhei com Daniel enquanto ele tentava me arrastar com pressa pela rua. Eu tinha dito que ia com ele, mas não tinha dito em momento algum que faria daquela uma tarefa fácil.

– Nós precisamos chegar logo – ele respondeu ignorando minhas objeções e me arrastando com mais força.

Os cortes que a espada de Gael tinha feito nele ainda sangravam, mas ele parecia não se importar nem um pouco, o que era realmente perturbador.

– Não está doendo? – arrisquei perguntar, preocupada, talvez esperando que o Daniel de verdade respondesse. Ele não disse nada, mas ficou me olhando.

Queria saber o quanto ali era influência ou o quanto dele continuava consciente. Ponderei por um segundo e decidi que provavelmente nada, eu ele não estaria fazendo aquilo.

– Aonde você está me levando?

– Pra ele.

Revirei os olhos, aquilo era óbvio. Mas talvez o Caído soubesse que Gael conseguia ter noção dos meus pensamentos e por isso não queria me contar aonde estávamos indo. De qualquer forma, tentei gravar as ruas onde passávamos mentalmente, e pensar nelas o máximo possível.

E torcer para que Gael estivesse chegando.

Daniel me puxava com violência, sempre se esgueirando pelos cantos mais escuros da calçada para se esconder do campo de visão de alguém que, eventualmente, pudesse estar passando na rua – coisa que eu duvidava que fosse acontecer, porque nós estávamos cada vez mais no meio do nada.

Pensei em gritar, mas seria em vão.

Pensei em correr, mas ele com certeza era muito mais rápido que eu e seria bem menos gentil depois disso.

– Estamos quase lá, quase lá...

Senti meu estômago revirar em repulsa. Era quase como se minhas células soubessem que precisavam sair dali, que aquilo era nocivo para mim de alguma forma.

Daniel virou em uma esquina escura, quase sem iluminação, e ali ele ficou mais relaxado. Estávamos perto, eu sentia aquilo mesmo que ele não tivesse dito nada. Não sei se foi a proximidade com o Caído que o deixou daquele jeito, mas a pressão no meu braço diminuiu.

Não pensei duas vezes.

Com um puxão, eu liberei meu braço da mão dele e corri em disparada pela rua na direção contrária. Ouvei um urro de raiva e depois um grunhido de dor, mas não parei de correr. O vento gelado cortava meu rosto e de repente os passos pesados atrás de mim ficaram mais altos.

Ele estava se aproximando, eu sabia daquilo. Eu não ia conseguir correr mais que ele, era verdade, mas talvez...

Olhei rápido para os lados, tentando encontrar um lugar onde eu pudesse me esconder. Concreto, casas vazias, muros pichados...

Até que a cerca de cinquenta metros de mim, no começo do outro quarteirão, eu avistei uma casa abandonada, velha, literalmente caindo aos pedaços onde o mato crescia bem alto.

Talvez eu tivesse alguma chance ali.

Aumentei a velocidade até onde minhas pernas permitiam, estimulada pelos passos rápidos e pesados de Dan que se aproximavam cada vez mais.

Quando alcancei a casa, a adrenalina rugia em meu sangue e eu pulei o muro baixo de ferro descascado e enferrujado de uma vez só. Os galhos e folhas secas estalaram quando caí do outro lado e comecei a abrir caminho entre a grama que já estava mais alta que eu.

– Você não pode se esconder! – ouvi Daniel gritar com raiva, muito mais perto de mim do que eu gostaria. – Eu vou te encontrar e ele vai te machucar.

Meu estômago revirou outra vez com uma pontada de dor, mas eu me recusei a parar. Meus pés enroscavam nas raízes, eu conseguia ouvir o barulho de ratos ali por perto. Ouvi o crack das folhas quando Daniel pulou o portão e meu coração explodiu contra o peito.

Senti a energia nos músculos e tudo o que eu consegui fazer foi correr. Corri até alcançar o fundo da casa e senti o chão firme sob meus pés. Piso. Escaneei rápido o lugar, procurando alguma entrada. Não havia nenhuma, mas as janelas estavam todas quebradas. Eu conseguiria me esgueirar por ali.

Alguns cacos de vidro insistiram em denunciar minha passagem quando invadi a casa, mas eu não tinha tempo para ser cuidadosa caso quisesse permanecer viva.

Com a respiração ofegante rasgando o ar gelado, eu olhei para os lados procurando por algum esconderijo. Parecia uma cozinha, com os azulejos quase todos quebrados e os armários desmontados. Talvez eu conseguisse me esconder ali.

Andei na direção de um deles, mas alguma coisa me fez parar. Todo meu corpo se arrepiou e eu virei a cabeça com violência na direção da porta.

Não pude acreditar no que vi ali.

Antes que meu cérebro pudesse processar a informação, meu coração já tinha certeza e as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto.

Me lancei na direção dele, o som das minhas passadas interrompido pelos meus soluços.

O corpo grande, os olhos azuis, os cachos dourados. Tudo estava ali na minha frente, com um sorriso triste no rosto rodeado pelas covinhas fundas, esperando por mim com os braços abertos.

Me joguei neles, sentindo as faíscas tão familiares tomarem conta do meu corpo. Eros me apertou com força, enterrando os dedos em meus cabelos e sussurrando no meu ouvido:

– Me desculpa.

Mas eu não queria desculpas, não naquela hora. Eu tirei meu rosto do peito dele e olhei para cima, ficando na ponta dos pés. A pouca iluminação do lado de fora que conseguia entrar por uma falha no telhado refletiu o azul dos olhos dele, urgentes, oscilando de uma lado para o outro para acompanhar minhas pupilas concentradas em seu rosto.

– Eu não ia me perdoar se alguma coisa acontecesse com você – ele falou passando o polegar pelas minhas bochechas, a voz fraca.

Não respondi com palavras. Ao invés disso, eu subi minhas mãos para o seu pescoço e ele abaixou o rosto para encostar os lábios grossos nos meus.

Foi como uma explosão.

Meu coração martelava com força enquanto eu matava minha sede na boca dele, executando a coreografia muda de nosso beijo que eu sabia de cor.

A corrente elétrica agora era parte de mim e eu queria que ela ficasse ali para sempre. Eros aumentou a força com que me segurava e uma mão desceu para as minhas costas, acompanhada por um gemido.

– Encontrei.

Era a voz de Daniel e eu me desgrudei de Eros imediatamente. Ele nos olhava de braços cruzados, com uma expressão de quem vai dar uma bronca por desobediência e colocar de castigo.

Eros tomou minha frente e estendeu o braço para me proteger.

– Vá para trás de mim.

Eu obedeci e me escondi atrás dele. Eros puxou um pingente do pescoço e, com as mesmas luzes que ele materializaria uma espada, ele materializou um arco.

Era simplesmente imenso e completamente dourado, com os mesmo detalhes em espiral que eu vira nas armaduras dos guardas na frente do portão da Colônia. Um fino fio perolado unia as duas extremidades mais estreitas do arco.

Então era aquilo que ele carregava no pingente.

– Eros, cuidado, ele tem uma espada – eu avisei enroscando meus dedos na camisa dele antes que tal observação se tornasse óbvia e fosse tarde demais.

– Não, ele só tem o amuleto. Só consegue materializar a espada usando sua energia, ele é humano – Eros fez uma flecha dourada aparecer em sua mão livre e a encaixou no arco, apontando-a para Daniel. – O que não vai acontecer.

– Eros, não! – pedi. Eu não tinha chegado até ali depois de tudo para que Dan fosse morto.

Daniel abriu um sorriso.

– Viu só, ela não quer que você me mate.

Eros puxou a flecha na corda perolada.

– O que ela quer ou não, não é da sua conta.

– Por favor! – voltei a pedir. – Ele é meu amigo, você não pode fazer isso com ele.

Eros respirou fundo, hesitante, mas a tensão na corda não diminuiu. Daniel deu um passo à frente e eu quis mandá-lo voltar imediatamente.

– Não se mexa – Eros avisou com a voz firme – Eu não me importo de atirar em você.

– Me passe a garota.

Rezei para que Eros estivesse blefando, embora eu o conhecesse bem o suficiente para saber que ele estava falando bem sério.

– Você vai sair e vai nos deixar em paz – Eros continuou. – É uma ordem.

Daniel sorriu com desdém e deu um passo à frente.

– Quem você pensa que é para falar comigo desse jeito?

Mal consegui gritar quando Eros soltou o cordão e a flecha voou certa na direção de Dan, atingindo em cheio sua perna.

– Dan! – eu gritei saindo de trás de Eros para ir até ele.

– Não encoste nele! – Eros gritou. – Ele pode drenar sua energia para materializar a espada.

Eu parei, sem saber o que fazer. As lágrimas voltaram a escorrer pelo meu rosto, Dan caiu sentando no chão, segurando a perna atingida que sangrava com gemidos de dor.

– Ele não vai morrer. – Eros falou transformando o amuleto em pingente outra vez, como se fizesse uma simples observação sobre o tempo. – Só não vai conseguir andar, a flecha atravessou a perna.

Engoli a seco, será que ele ia conseguir voltar a jogar? Ele gostava tanto... Eu me sentiria culpada pelo resto da vida e mais um pouco se alguma coisa acontecesse com ele.

– Ele não vai lembrar – Eros tentou me reconfortar, me abraçando mais uma vez. Pensei em perguntar como ele sabia o que eu estava pensando, mas deixei pra lá. – Precisamos encontrar o Gael.

Eu concordei com a cabeça e ele passou o braço forte pelos meus ombros, me apertando contra si.

Passei o meu pela cintura dele, enroscando os dedos frios em sua camisa.

Nós caminhamos até a cozinha e ele me passou pela janela quebrada para que eu não esbarrasse nos pedaços de vidro afiados que estavam ali.

– Ele não está longe daqui, mas é melhor nós irmos voando.

Eu acenei que sim e ele me deu um beijo longo antes de me colocar em suas costas enormes.

Com um impulso, ele bateu as asas e alçou voo na noite fria, tomando o caminho pelo qual Daniel me arrastara minutos antes. Eu me segurei firme nele, mas não estava com medo. Era simplesmente porque eu precisava dele, precisava sentir o calor do corpo dele contra o meu outra vez.

– Por que você desceu? – eu perguntei baixinho, quase no ouvido dele. – Achei que você estivesse em julgamento...

– Eu estou. Não importa. Não quero falar sobre isso, o que importa... – ele segurou minhas mãos – O que importa é que você está bem.

Não gostei daquilo, não mesmo. Eu conhecia aquele tom de voz e sabia que ele estava apreensivo, escondendo alguma coisa. Pensei em confrontá-lo com aquilo, mas Eros apontou para baixo.

– Naquela casa.

Senti a repulsa outra vez, achei que fosse vomitar ali.

– Você pode ficar do lado de fora, não precisa entrar. Acho que é até melhor.

– Não, não mesmo – eu respondi. – Eu vim até aqui, posso ser útil para distraí-lo ou coisa assim.

Eros arfou e eu sabia que era um sinal de desaprovação, mas eu estava decidida. Não muito contente, ele guinou para baixo e nós acabamos em uma ruína sem saída, praticamente deserta, em frente a uma casa bem grande a abandonada.

O enjoo aumentou.

– Você está bem? – ele perguntou quando eu me dobrei por causa da dor no estômago. Percebi que estava ficando com dor de cabeça também.

– Estou – eu menti com certa dificuldade extra por causa das dores, mas eu precisava ser convincente. – Vamos.

Eros me olhou com preocupação, mas continuou a andar. Eu não consegui.

– Vem cá – ele disse se aproximando e me pegando no colo. – Mas se você piorar, ou eu achar que não é uma boa ideia você ficar lá dentro, eu te trago para fora na mesma hora.

Concordei balançando a cabeça, eu não estava em condições de negociar nada, exatamente.

Nós nos aproximamos da porta e Eros deu um chute forte contra ela, fazendo-a se abrir e eu enterrei meu rosto eu seu peito para me proteger.

Ele entrou devagar, com cautela. Eu podia ouvir seu coração batendo forte contra o peito, mas eu sabia que não era medo por ele. Era por mim.

– No segundo andar! – a voz de Gael gritou ao longe e eu olhei para cima instintivamente. – Preciso de ajuda!

A segunda parte da frase saiu forçada, quase interrompida, como se ele estivesse no meio de uma luta. Mas não podia ser, o Caído...

Eros não pensou duas vezes e no segundo seguinte estava andando rápido em direção às escadas comigo no colo, subindo dois degraus de cada vez – algo que eu nunca seria capaz de fazer por razões óbvias. A escada era longa e a madeira rangia a cada passo, até que um degrau não aguentou

Quando estávamos lá em cima, quase no final da escada, prestes a pisar no corredor do segundo andar, o degrau em que Eros pisou cedeu com um crack alto e o peso do corpo dele fez com que os degraus em volta se quebrassem também, lançando-nos em um buraco escuro.

– Você se machucou? – ele perguntou preocupado no meio dos escombros e da poeira.

– Não, foi só o susto. Você amorteceu minha queda.

Por um milésimo de segundo eu pensei ter visto um rastro de sorriso em seus lábios cheios, mas não

tive tempo de ter certeza porque ele se colocou de pé comigo em seus braços e levantou voo ali mesmo, destruindo o resto dos degraus que permaneciam pendurados depois da queda.

Ele aterrissou no segundo andar e recolheu as asas, correndo pelo corredor à procura de Gael. A náusea ficou mais forte, eu apontei para frente.

– Ali.

Eros partiu comigo nos braços e eu reparei no filete de suor que escorria preguiçosamente pelo canto do rosto dele até o pescoço perfeitamente moldado. O quanto eu me lembraria dele depois de tudo? O quanto eu sentiria a falta dele?

Meu estômago revirou quando ele atravessou a porta que eu tinha apontado. Ali dentro, Gael empunhava a espada perolada, ofegante, lutando contra uma figura que também carregava uma espada exatamente como a de Gael.

Senti meu coração parar.

– Ele tem uma espada também, isso quer dizer...

Eros não respondeu, nem completou minha linha de raciocínio. A figura que lutava com Gael parou e se virou para mim. Senti um calafrio quando ele me encarou.

Os olhos.

Os olhos brilhavam, amarelos, como dois faróis acesos mirados diretamente em mim. Não tinha muita luz, mas eu consegui ver. Ele era pálido e muito magro, não usava camisa nem sapatos. As calças, esquisitas e velhas, estavam sujas e rasgadas. Se eu esbarrasse com ele na rua provavelmente acharia que era um mendigo ou coisa assim.

– Alexandra.

A voz dele era quase um rosnado, de tão hostil que soava. Meu coração acelerou e Eros me colocou no chão, passando os braços em volta de mim. Eu agarrei as mãos dele com as minhas.

– Ela não vai chegar perto de você – Eros disse desafiando o Caído com tanta certeza que eu tinha a impressão de que ele preferiria morrer ali mesmo do que deixar que aquilo acontecesse.

Gael se aproveitou da distração dele para atacá-lo, mas o homem se virou com uma velocidade assombrosa e conseguiu se defender usando a própria espada como escudo.

– Não sou como aquele moleque – ele falou jogando Gael para longe. – Você não vai conseguir me vencer, é melhor desistir enquanto pode.

Gael bufava. Dava para ver a frustração ofuscar os olhos dele com cada golpe que inútil que ele lançava contra o Caído.

– E se ele não conseguir? – eu perguntei baixinho a Eros. A última coisa que eu queria àquela altura era que Gael achasse que eu não o considerava capaz daquilo, mas eu realmente estava começando a ficar preocupada e precisava considerar a possibilidade.

Eros não tirava os olhos dos dois, apreensivo.

– Não vai dar certo aqui – ele disse olhando para os lados e para cima, como se procurasse por alguma coisa. – Ele precisa de uma vantagem.

Não entendi o que ele quis dizer com aquilo e comecei a olhar para os lados também, procurando pelo mesmo que ele, mas sem saber o quê.

– Mande o Gael voar.

– Como? – repeti tentando assimilar a informação.

– Eu sei que você tem um tipo de conexão com ele, peça que ele voe. O Gael tem vantagem no ar, ele é habilidoso.

Sem questionar o pedido, eu fechei os olhos e me concentrei.

Leve a luta para o ar, Gael, eu pensei com todas as minhas forças. O Eros disse que você é habilidoso.

Pela primeira vez eu senti uma onda explodir em meu cérebro e ser sugada dali por Gael. Era quase

doloroso, quase físico, como se um pedaço do meu cérebro estivesse sendo arrancado à força na direção dele.

Abri os olhos, um pouco zozna. Gael me olhava parado, assustado. Acenei que sim com a cabeça e ele respirou fundo, depois abriu as asas brancas levantando poeira do chão.

– Você só encosta na menina passando por mim – Gael provocou o Caído e, com um bater de asas suave, ele atravessou a janela grande do quarto, estilhaçando o vidro e centenas de pedacinhos.

O Caído rosnou de raiva e, do mesmo jeito que Gael fez, abriu as asas e lançou-se na noite atrás dele. Mas elas eram diferentes.

– Negras? – eu precisei confirmar com Eros depois que fomos deixados sozinhos no quarto.

Ele confirmou com um longo suspiro.

– É como a assinatura deles – ele explicou me puxando pela mão até a janela. – Os olhos amarelos e as asas negras.

Apertei a mão de Eros e parei de andar, forçando-o a se virar para mim.

– Quer dizer que...

Ele fez que sim com a cabeça sem me encarar, tentando voltar a andar. Eu o segurei outra vez, olhando-o nos olhos.

Azuis.

Tentei imaginar como eles ficariam amarelos, se ainda seria ele mesmo ali atrás. Talvez não fosse tão diferente, talvez fosse apenas uma questão de me acostumar a olhar as chamas ao invés do mar.

Puxei Eros para mim e segurei seu rosto perfeito em minhas mãos, obrigando-o a me encarar.

– Não importa o que aconteça – eu falei com o rosto tão perto do dele que sua respiração quente se misturava com a minha. Meus dedos corriam pelas suas bochechas, contornando as covinhas invisíveis que eu sabia que estavam escondidas ali. – Eu vou te amar de qualquer jeito.

Foi como se alguém tivesse tirado um peso imenso das minhas costas. Senti as lágrimas se formarem no canto dos meus olhos e vi as mesmas lágrimas se formarem nos de Eros também. Ele colocou as mãos em meu rosto e, com as bochechas lavadas de lágrimas, me beijou outra vez.

– Eu te amo tanto... – ele disse com a voz cortada pelos soluços e eu tentei dizer que sentia o mesmo, mas...

– Gael – eu balbuciei ao invés disso, atordoada com a chuva de pensamentos dele que invadia meu cérebro. – Ele... ele está pedindo sua ajuda, ele quer... – fechei os olhos tentando me concentrar. As imagens eram falhadas, meio desconexas, como se eu estivesse tentando me lembrar de um sonho nebuloso.

– Ele quer o que, Alex?

Apertei os olhos com força, quase juntando todos os pedaços à força em minha mente até que eles fizeram sentido.

Descolei as pálpebras com violência.

– Ele quer que você acerte o Caído, só por distração. Ele sabe que você não pode matá-lo, mas se ele estiver ferido, Gael acha que consegue.

No segundo em que acabei de falar, Eros já estava puxando o pingente do pescoço e transformando-o no mesmo arco que ele usara antes. A flecha se materializou em seguida em sua mão livre e ele se debruçou na janela, levantando a cabeça para tentar enxergar onde Gael estava.

Corri para a janela ao lado e, no céu escuro, foi quase impossível ver os movimentos precisos que ele e o Caído faziam no ar. Vi com o canto do olho Eros encaixar a flecha no arco e puxar a corda.

Engoli a seco.

– Tem certeza?

– Shhh.

Eros estreitou os olhos concentrado, colocando o arco na frente do rosto para acertar a mira.

Fiquei com medo.

Embora eu confiasse nele, eu tinha medo de que ele pudesse errar e acertar Gael sem querer, ele não estava usando nenhum tipo de escudo ou armadura.

Eros soltou a corda.

A flecha cortou o ar com um zunido baixo e eu preendi a respiração, tentando enxergá-la.

Nada.

Consegui localizar Gael e o Caído outra vez, eles continuavam lutando. Aparentemente, Eros tinha errado o alvo.

– Droga! – ele grunhiu dando um soco na parede ao lado da janela que quebrou o resto de gesso que havia ali.

Foi quando um grito congelou o ar.

Um grito de Gael.

Senti minha respiração sumir e meu coração quase estraçalhou minhas costelas quando vi o corpo dele rodopiar enquanto caía inerte em direção ao chão.

– O que aconteceu?! – eu gritei em desespero, impotente diante da situação toda. Era minha culpa, minha culpa. Se ao menos eu tivesse conseguido me matar, nada daquilo teria acontecido e o mundo teria se tornado um lugar muito mais feliz.

Andei trêmula até Eros, quase tropeçando nos próprios pés e ele passou as pernas por cima do parapeito, ficando de pé na janela.

– Ele foi atingida na asa, não vai mais conseguir voar – ele me explicou brevemente e então aumentou o tom de voz. – EI! A Tocada está aqui, não é ela que você quer?

Brilhante, Eros, realmente brilhante chamar a atenção daquele coisa para você.

O Caído, que descia atrás de Gael, parou a meio caminho do chão e o encarou. Senti um frio na espinha me queimar os ossos – por mais contraditório que pudesse parecer. Devagar, ele se aproximou, suas enormes asas negras batendo sem pressa alguma para mantê-lo nivelado no ar.

– O que foi que você disse? – ele perguntou quando já estava perto o suficiente para que não precisasse gritar para ser ouvido. Eros armou o arco outra vez, colocando-o na frente do rosto. O Caído riu. – Você está me ameaçando? Você viu o que eu fiz com aquele outro e ele podia me machucar. Eu sei que você não pode.

Eros tomou ar com força e puxou mais a flecha na corda. O Caído abriu um sorriso desdenhoso e abriu os braços.

– Vá em frente, então.

As sobrelhas de Eros se contorceram em uma careta de raiva e ele soltou a corda que impulsionou a flecha.

Daquela vez o zunido foi mais curto.

Daquela vez a flecha acertou um obstáculo.

Com um tiro perfeito, a flecha dourada se cravou fundo no peito do Caído. No coração.

O sorriso, antes pintado no rosto magro do homem, deu lugar a uma careta de dor que se estendeu por todo seu corpo. Ele levou as mãos trêmulas ao peito, tentando puxar a flecha dali, mas foi em vão.

– Não... pode...

Mas ele não foi capaz de continuar.

As asas negras pararam de bater, perdendo a batalha contra a gravidade.

Vinte

Um sobrenome familiar

Nem Eros parecia entender o que havia acabado de acontecer. Ele ainda segurava o arco enorme na frente do rosto, paralisado, os olhos fixos sem piscar, em choque total.

– Ele...?

Eros piscou os olhos e se virou para mim, trêmulo, abaixando o arco.

– Eu não sei, eu... não pode ser, não pode ser.

Trocamos um olhar tenso por um longo segundo, até que Eros tomou ar e balançou a cabeça, fazendo sinal para que eu me aproximasse dele. Eros transformou o arco de volta e pingente pendurando-o em seu pescoço e me pegou em seus braços, pulando a janela comigo para o lado de fora.

Assim que alcançamos o chão, a primeira coisa que eu fiz foi procurar por Gael. Meu coração acelerava a cada instante que passava sem que eu conseguisse avistá-lo.

– Gael! – eu gritei com um fio de desespero na voz, virando a cabeça para os lados em busca de algum sinal dele.

Ouvi um gemido.

– Aqui...

Fraco, doloroso, como se tivesse sido obrigado a sair dos pulmões dele à força. Mas era Gael, eu tinha certeza.

Corri atrás da voz, torcendo para que meu senso de direção não me enganasse daquela vez. Meus olhos oscilavam: esquerda, direita, cima, baixo.

Até que eu o vi.

Achei que meu coração fosse sair pela boca e meus olhos quiseram se encher d'água outra vez quando a visão da asa ferida os atingiu.

Antes branca, agora a asa esquerda pulsava em vermelho vivo, um líquido viscoso que a manchava de ponta a ponta, o sangue que não parava de escorrer.

Corri até lá e me joguei no chão ao lado dele, tentando pensar em alguma coisa que eu pudesse fazer para ajudar, embora obviamente eu fosse ser inútil ali. Gael apertava os olhos de dor, retorcia os lábios. Era quase insuportável de olhar. Muito mais doloroso do que se fosse um ser humano, acreditem.

– Eu vou ficar bem – Gael falou com a voz grossa baixinha, cortada pelos gemidos de dor. – Só preciso voltar para a Colônia.

– Eu posso chamar a Caliel, eu...

– Não! – ele me interrompeu ríspido e depois gemeu outra vez. – Não quero... ver a Caliel.

Quanta infantilidade. Aquela não era hora de bancar o durão, francamente.

– Gael, não acho que...

– Não! – ele gritou mais alto. – Já falei que não, não seja teimosa.

Estreitei os olhos. Porque claro que eu estava sendo a teimosa ali, quase morrendo com uma asa rasgada de ponta a ponta.

– Só preciso do Requiél – ele continuou e eu levei alguns segundos para assimilar o nome. Ele

parou por um instante, pensativo. – O que aconteceu com o Caído? Ele me acertou e depois...

– Eu o acertei.

Gael e eu viramos o rosto imediatamente. Eros vinha andando em nossa direção, devagar, concentrado, carregando uma flecha dourada em suas mãos.

O rosto de Gael ficou branco.

– Impossível.

Eros levantou os olhos para nós, confuso.

– Eu sei – ele concordou. – Não faço a menor ideia do que aconteceu e nem como ou porquê, mas... eu o matei.

Gael ficou em silêncio absoluto, até os gemidos cessaram magicamente. Eros continuava a encarar a fecha em silêncio, girando-a entre os dedos como se esperasse que ela lhe dissesse alguma coisa.

– Essa flecha? – eu apontei para a ela. Eros acenou que sim. – Como você sabe que ele não fugiu, o corpo está lá?

– Não – ele respondeu longe, pensativo, eu quase podia ver seu cérebro querendo juntar todas as peças do quebra-cabeça. – Mas eu vi quando ele virou luz.

Eu queria perguntar do que é que ele estava falando, mas preferi ficar quieta..

Gael estava absorto em seus pensamentos quando soltou mais um gemido de dor.

– Preciso ver o Rafael – ele se esforçou para falar e Eros jogou a flecha no chão, caminhando em nossa direção. – Acho que só ele vai dar conta disso.

Eros pegou Gael pelos braços. Colocando-o de pé com certa dificuldade. Ele apoiou Gael em uma árvore para que ele não voltasse a cair e foi até mim, o que não foi assim exatamente muito gentil com ele.

– Queria que tivesse sido diferente... – ele disse baixinho, colocando as duas mãos em meu rosto e acariciando minhas bochechas com o polegar. – Queria que tivesse dado certo.

Coloquei minhas mãos nos braços dele, correndo meus dedos por eles sem pressa.

– Ainda não acabou, Eros – falei engolindo a seco, olhando nos olhos dele. A garganta travou um soluço perdido. – Você é a melhor coisa que aconteceu para mim, não cheguei até aqui para te perder.

Ele abriu um sorriso que não atingia seus olhos.

– Infelizmente não é assim.

– Vai ser! – eu gritei. – Não vou te perder, não depois de tudo.

Eros não respondeu. Ele ficou me olhando profundamente, como se precisasse gravar cada detalhe do meu rosto o mais forte que pudesse antes que fosse tarde demais.

– Eu não vou me esquecer do você. – ele disse – Nunca.

Era uma promessa.

Eros aproximou o rosto do meu e me beijou.

Foi triste, dolorido. Eu sabia que era uma despedida e aquilo fez meu corpo tremer.

– Eu te amo. – eu falei em súplica com a voz trêmula, querendo que ele dissesse que ia ficar tudo bem.

Eros arfou e sorriu do jeito triste outra vez.

– Eu te amo mais.

Ele soltou meu rosto com delicadeza e deu meia-volta, lançando-me um último olhar antes de pegar Gael nos ombros e alçar voo até desaparecer na escuridão.

Caí ali mesmo e chorei.

Não consegui ficar muito tempo com Dan no hospital. Eu não podia, caso quisesse permanecer viva perante o senhor Ares Todo Poderoso. Encontrei Dan na casa abandonada, se contorcendo de dor e segurando a perna machucada. Ele não se lembrava de absolutamente nada.

Apesar de confuso, ele não fez perguntas. Ele apenas me olhou sério enquanto íamos na ambulância para o hospital. Quando os paramédicos perguntaram o que tinha acontecido, eu falei que não sabia. Dan não sabia de nada, então ele não poderia me desmentir, mesmo que estivesse na cara que eu estava mentindo. Muito mal, para variar.

O céu já estava começando a clarear quando eu cheguei em casa, sozinha, ignorando todos os extintos de uma pessoa normal que gritariam para que ela não andasse sozinha de madrugada pela rua.

Mas “eu” era um conceito muito subjetivo naquele momento. Era um conceito que parava de fazer sentido sem Eros.

Meu coração apertou quando me lembrei dele e ia ser daquele jeito para sempre. Por minha culpa.

Eu sabia que tinha sido muito rápido, mas... Também sabia que não ia conseguir sentir aquilo por mais ninguém. Ele era meu.

E eu dele.

Entre em casa em silêncio com a chave extra que ficava escondida do lado de fora e foi estranho quando cheguei ao meu quarto. Foi estranho não ter o Gael ali reclamando da cor das paredes, falando que eu roncava demais ou dizendo que meu quarto era de menina demais para ele e que se pudesse me faria apagar tudo com a língua e pintar a cara de Miguel na parede para que ele pudesse praticar tiro ao alvo.

Sorri ao me pegar pensando naquilo. Jamais me imaginaria sentindo saudades daquele brinde quebrado de Kinder Ovo, mas eu sentia. Estava só esperando ele pular de dentro do armário gritando “surpresa, te peguei!” ou coisa assim.

Foi só quando eu deitei na cama que notei alguma coisa errada. Estava tudo calmo demais. Como se... como se absolutamente nada tivesse acontecido. Eu não tinha reparado na porta do banheiro, mas... não, eu devia estar com sono.

Fechei os olhos.

Não durou mais que um segundo e eu precisei abri-los novamente.

Se não estivesse razoavelmente acostumada, eu teria dado um berro e acordado a vizinhança inteira, o que não seria nada comparado a acordar o meu pai no meio da noite por causa de um sujeito envolto em luz parado diante da minha cama.

Sinceramente, eu já estava começando a achar que merecia um lugar no Guinness como pessoa com maior quantidade de homens misteriosos e esquisitos se materializando em sua frente sem aviso prévio.

Senti meu coração na garganta, a respiração acelerou enquanto eu me encolhia na cama debaixo das cobertas.

– Não tenha medo – o homem de luz disse e uma voz melodia saiu de seus lábios, relaxando meu corpo instantaneamente. – Meu nome é Gabriel.

Meu estômago revirou e meu queixo caiu ao mesmo tempo. Não podia ser o Gabriel, podia? Ali, na minha casa?

A luz que o envolvia finalmente diminuiu e eu me vi obrigada a tatear a parede ao lado da minha cama para achar o interruptor.

Acendi a luz.

O homem na minha frente sorria. Ele tinha os cabelos castanhos-claros na altura dos ombros, levemente ondulados. Os olhos azuis elétricos eram ainda mais fortes que os de Eros ou Gael e o sorriso que ele carregava era calmo e reconfortante. Ele vestia uma calça de malha sem cor e uma camisa de manga comprida, também de malha, que tinha um tom claro de verde. Nada muito impressionante para o

senhor supremo dos anjos, mas quem era eu para falar alguma coisa.

– Eu sei que você está confusa – ele continuou, sem se mover um centímetro sequer. – e que passou por coisas demais nas últimas semanas.

Acenei que sim para concordar com ele, mas aquela nem era a minha preocupação.

– Como está o Eros?

Eu não esperava falar dele tão rápido, mas meu coração tinha outros planos. Gabriel se mexeu pela primeira vez, chegando mais perto, e eu pude ver que ele era mais velho que os anjos com os quais eu estava acostumada. Devia ter uns trinta anos ou coisa parecida – aparentemente falando – mas tinha uma expressão serena. Ainda assim, os olhos deles emanavam respeito, como se você fosse obrigado a obedecê-lo. Era uma mistura um tanto quanto inquietante, pra dizer o mínimo.

Gabriel andou até mim e se sentou na ponta da minha cama, parecendo bem pouco à vontade. Pensei em quantas casas humanas Gabriel devia ter pisado em sua infundável existência e cheguei à conclusão de que deviam ser muito poucas, porque ele não sabia direito o que fazer.

– É exatamente por causa dele que estou aqui.

Meu coração deu um salto duplo carpado.

– Não sei o quanto você sabe – ele continuou – sobre nossas regras, mas Eros está em julgamento por quebrar algumas delas e...

– Eu sei o que vai acontecer.

Eu me lembrava do Caído. Dos olhos amarelos, das asas negras, tentando encaixar aquilo tudo em Eros e sem ter muito sucesso até então.

– Eu sinto muito. – disse Gabriel e percebi que ele realmente sentia mesmo. – Sempre gostei muito dele, não queria que acabasse assim.

Não respondi. Gabriel deu um longo suspiro, como se estivesse pensando nele, com um olhar triste.

– Eu vou poder... vê-lo depois... depois de tudo?

O olhar triste se virou para mim e aquele não era um bom sinal.

– Eu receio que não. E mesmo que pudesse... ele terá a memória apagada, não creio que se lembrará de você.

Meu peito deu um nó e eu abaixei a cabeça. Meu nariz ardeu, mas eu segurei as lágrimas, tentando ser forte na frente de Gabriel pelo menos daquela vez.

– Eu vim porque ele me pediu. – ele continuou e eu levantei o rosto imediatamente. – Ele pediu permissão para que você pudesse assistir ao julgamento, se você quiser. Ele pediu para te ver uma última vez.

Desisti de segurar as lágrimas, Gabriel que pensasse o que quisesse, eu não estava nem aí. Mexi a cabeça várias vezes para dizer que sim, tudo o que eu queria era vê-lo outra vez, abraçá-lo outra vez, beijá-lo outra vez.

– Quando?

– Daqui sete noites. Seu Guardiã vai vir te buscar.

Meu coração deu um pulo outra vez.

– O Gael está bem?

Gabriel abriu um sorriso sereno e se colocou de pé.

– Rafael está cuidando dele. Vai ficar tudo bem, o ferimento foi sério, mas Rafael sabe o que faz.

Respirei aliviada e era bom que ele soubesse mesmo. Eu não ia me perdoar se alguma coisa acontecesse com ele por minha causa, por mais que ele merecesse essa coisa de vez em quando.

– Então nós te esperamos para o julgamento.

Concordei com outro aceno de cabeça e Gabriel se envolveu em luz, desaparecendo em seguida.

Nos dias que se passaram meus pais realmente agiram como se não houvesse existido nenhum Daniel possuído me arrastando pelos corredores, nenhuma tentativa de suicídio mal-sucedida no banheiro e nenhuma porta massacrada por chutes violentos. Apesar disso, tive a sensação do Sr. Ares estar me observando demais

em alguns momentos, como se me vigiasse enquanto eu não estava olhando ou coisa assim. Suspeito, mas ele não disse nada.

Dan saiu do hospital e voltou para a faculdade, mas ele andava de muletas por causa da ferida na perna.

Cada vez que eu via aquilo, meu coração era quebrado em dois e jogado ao jacaré albino faminto. Ele era meu melhor amigo e eu tinha feito aquilo com ele. Era injusto, ele não merecia ter passado pelo que passou, ele não tinha absolutamente nada a ver com as coisas malucas que haviam decidido acontecer comigo com tanta insistência nos últimos dias.

– O médico disse que eu vou ficar bem – ele respondia todas as vezes que eu pedia desculpa. – Não foi sua culpa, Alex.

Daquela parte eu discordava, mas tinha prometido a mim mesma que faria do tempo que ele ficasse de muletas o menos doloroso possível, então eu carregava a mochila dele todos os dias sem reclamar.

Era pouco, mas me fazia sentir um pouquinho melhor. Ainda mais depois do que ele tinha me dado no primeiro dia em que saiu do hospital.

Quando chegou na faculdade naquele dia, Dan abriu a mochila e puxou a flecha dourada dali de dentro.

– Os médicos perguntaram se eu queria guardar. É bonita, mas... – ele estendeu a flecha para mim. – Aposto que tem muito mais significado para você do que para mim.

Eu quase não podia acreditar. Era a flecha de Eros, que tinha pertencido a ele. Algo que eu podia guardar comigo, algo que o representaria para mim. Algo físico que me lembraria dele.

Pulei com tanta força no pescoço de Dan que quase o derrubei das muletas.

– Obrigada! – eu falei em seu ouvido, apertando-o com força. – Você não tem ideia do quanto isso significa para mim, Dan. É um pedacinho do Eros.

Ele sorriu com uma expressão triste.

– O importante é que você esteja feliz.

Eu concordei, mas sabia que seria impossível ficar feliz novamente sem o Eros. Não inteiramente. Não do jeito que eu queria.

Quando o sétimo dia chegou, eu não conseguia fazer nada. Até Laura e Dan perceberam que havia alguma coisa errada, mas sempre que perguntavam eu mentia e dizia que estava tudo bem. Envolvê-los nos meus problemas já tinha levado um deles para o hospital e era o suficiente para uma vida toda e um pouco mais também. Quanto menos eles soubessem, melhor.

Saí da faculdade voando e corri como uma louca desvairada para alcançar o ônibus que já estava virando a esquina do ponto, mas consegui.

Quando cheguei em casa, ouvi minha mãe na cozinha fazendo a janta e Apollo sorriu para mim quando passei por ele na sala. Senti um aperto no coração, ele sabia demais.

Sócrates subiu as escadas atrás de mim abanando o rabo e latindo loucamente – não necessariamente nessa ordem – e eu o carreguei no colo até o segundo andar, quando ele parou de latir de repente. Eu o coloquei no chão, meu coração voltou a acelerar feito uma britadeira.

Abri a porta do meu quarto.

Deixei a mochila escorregar dos meus ombros para o chão.

Sentado na minha cama, com os olhos azuis cintilantes e o sorriso presunçoso que só ele sabia fazer, Gael abriu os braços.

Eu sorri em resposta, sentindo meu coração ficar um pouquinho mais leve pela primeira vez em dias e corri para me jogar nos braços dele.

– Meu Deus, você é forte. – ele falou fazendo força para não ser jogado de costas na cama por mim. – Tudo bem, já pode me soltar agora.

Eu o soltei, mas precisei agarrá-lo novamente em menos de um segundo.

– Você não sabe como eu senti sua falta, seu infeliz! – disse esmagando-o outra vez e jogando-o de costas na cama de uma vez por todas. – Até guardei todos os xingamentos da semana toda só pra você.

Gael me rolou para o lado e se sentou, se virando para mim.

– Sempre soube que você me amava.

– Convencido.

– Mais do que nunca.

Eu ri e me sentei também. Foi bom rir, foi bom vê-lo. Foi bom como eu nunca podia ter imaginado.

– Como estão suas asas?

Gael levantou uma sobrancelha com um sorriso torto que teria provocado minha ira antigamente, e no segundo seguinte suas asas estavam expostas, branquinhas e perfeitas.

– Novinhas em folha – ele respondeu recolhendo-as outra vez. – O Rafael sabe o que faz. Por que é que você está me olhando desse jeito, foi só uma semana.

Eu sorri. Mal tinha percebido que estava o encarando.

– É bom ver você – eu respondi. – Sinto falta dos meus amigos.

Ele sorriu também, mas não foi um sorriso padrão Gael sou durão e nada me fez rir anão ser eu mesmo, nem perca seu tempo tentando, idiota. Foi um sorriso de verdade. Ele estava feliz também, embora não fosse admitir aquilo para ninguém – muito menos para mim, claro.

– Bom, ainda é cedo – ele falou se levantando da cama e indo na direção do canto debaixo da janela.

– Aí, não! – eu disse antes que ele chegasse lá e dei tapinhas na cama. Que mania de cachorro que ele tinha de se encolher ali embaixo. – Fica aqui comigo.

Gael cruzou os braços e me lançou um olhar de reprovação.

– Não sou seu ursinho de pelúcia particular.

Eu ri.

– Você seria um ótimo ursinho. – eu provoquei e ele fechou a cara. – Por favor. Estou me sentindo tão triste e sozinha e...

– Tudo bem. – ele se rendeu caminhando até mim e se sentou no colchão, apoiando as costas na cabeceira da cama. – Sem dramas.

Gael odiava dramas.

– Obrigada. – disse chegando mais perto dele, deixando a cabeça descansar em seu peito. – E obrigada por me salvar e por me levar lá hoje.

Enrosquei meus dedos na camisa dele e me ajeitei em seu corpo. Não era tão espaçoso nem tão musculoso quanto o de Eros, mas até que era confortável. Quer dizer, dava pra se acostumar com alguma força de vontade.

Gael é que não estava confortável. Ele estava rígido, parecendo uma estátua, com o braço que deveria estar sobre mim, levantado.

– Agora você me abraça e eu durmo. – falei fechando os olhos.

– Folgada. – ele retrucou, mas senti sua mão repousar sobre meu braço, ainda um pouquinho relutante.

– Sem graça.

– Vá dormir, Alexandra.

Eu sorri.

– Magricela. Boa noite, Gael. – eu acrescentei antes que ele quisesse retrucar outra vez e a sessão de xingamentos se tornasse inacabável.

E apaguei.

Não ouvi minha mãe me chamar para jantar, nem ninguém bater na porta nem nada e dei graças a Deus por isso. Acordei com Gael cutucando meu braço com a delicadeza característica da qual eu já estava sentindo falta e só por isso não o mandei ir catar coquinho e me deixar ir dormir mais um pouco.

– Dez e meia, Alex. – ele falou com uma voz sonolenta também. – É melhor nós irmos, o julgamento começa quando foi meia-noite aqui.

Fiz que tudo bem e cocei os olhos, sentando na cama. Gael respirou aliviado quando se viu livre de mim.

– Você precisa parar de ser antissocial. – eu disse me espreguiçando.

– Olha só quem fala.

Engraçadinho.

– Vamos de uma vez.

Gael me lançou um olhar de “eu ganhei” e ficou de pé de frente para a janela. Sim, eu tinha começado a distinguir cada olhar de superioridade que ele saía lançando despreocupadamente às pessoas na rua, com uma atenção especial a minha pessoa. Mas ele que ficasse esperto, porque ia ter volta.

Eu subi nas costas de Gael e me lembrei de um pequeno e insignificante detalhe.

– E se meus pais acordarem e vierem me procurar?

Gael colocou a cabeça para fora da janela.

– Vão mandar alguém influenciá-los e dizer que você foi dormir na casa de um amigo, não se preocupe.

Ergui as sobrancelhas.

– Quer dizer que no dia da luta...

– Gabriel fez isso em pessoa. – meu queixo foi parar no umbigo. – Mas não conte nada para ninguém, Miguel ficaria possesso.

Balbuciei um “uhum” sem pensar muito e Gael levantou voo. A noite estava irritantemente gelada e eu me encolhi nas costas dele para tentar reter um pouco de calor.

– Ninguém mandou não pegar blusa. – ele me provocou com um quê de sorriso na voz. Um sorriso padrão Gael sou durão e nada me fez rir a não ser eu mesmo, nem perca seu tempo tentando, idiota.

– Cala a boca.

Mas eu sorri. Eu não sabia quanto tempo meu bom humor todo ia durar, mas por enquanto eu estava bem, obrigada.

Meu desconforto durou pouco. Conforme Gael subia e o céu ia ficando mais claro, a temperatura foi subindo também – e eu estou falando da temperatura atmosférica, mesmo. Quando alcançamos a Colônia, a primeira coisa que eu reparei foi que os guardas não estavam mais na porta.

– Eles sabem que o Caído foi destruído – Gael me explicou. – Não entendo por que essa palhaçada com o Requiél. Foi ele que destruiu aquela coisa, devia ser o herói, não o bandido.

Não respondi, mas concordei mentalmente. Tudo bem, ele tinha tocado em mim e tudo mais, mas... ele tinha salvado o mundo também e aquilo devia contar para alguma coisa.

Gael passou pelos portões abertos e nós voamos baixo pela Colônia. Curiosamente, todos os anjos pareciam convergir para o mesmo lugar.

– Eles todos estão indo ao julgamento?

– Uhum. É um acontecimento e tanto quando algo assim acontece. Ainda mais com uma Tocada envolvida na coisa toda.

Meu estômago revirou. Todas aquelas pessoas estavam prestes a ver Eros ser julgado por minha causa. E eu estaria presente. Comecei a reconsiderar a ideia de ir vê-lo.

– Nem sonhe. – Gael me reprimiu e eu queria saber desde quando a conexão com o meu cérebro tinha ganhado banda larga. – Se você não aparecer o Requiel vai ficar acabado. Você é a única coisa que ele quer.

Eu engoli a seco.

– Você tem falado com ele?

– De vez em quando. Ele está sendo mantido na Morada, mas acho que mesmo que pudesse sair ele não ia fazer isso. – ele deu um longo suspiro. – E tudo o que ele fala é sobre você.

Senti um nó se formar na garganta e os olhos arderem. Como que queria que Eros soubesse que ele era tudo em que eu pensava também.

Fiquei quieta enquanto Gael nos levava até a Morada. Meu coração começou a acelerar com a proximidade, as pessoas lá embaixo ficavam me olhando com expressões não exatamente amigáveis conforme nós passávamos por elas.

– Apenas ignore. – Gael disse diminuindo a altitude quando a Morada ficou enorme no horizonte à nossa frente e eu presumi que ele devia fazer aquilo com uma certa frequência. Senti

um frio na barriga. Não pelas pessoas, mas pelo lugar em si. Pelo que aconteceria ali em poucas horas.

Gael pousou com uma suavidade perfeita e eu desci de suas costas. Tentei não olhar para os lados, todos os olhares convergiam para mim. Gael pegou minha mão e eu precisei olhar para baixo para ter certeza de que ele tinha mesmo feito aquilo.

– São todos idiotas, não ligue. – ele me puxou para dentro da Morada. – Eu estou do seu lado.

Apertei a mão de Gael com a minha depois de confirmar que sim, milagres aconteciam e a minha mão estava mesmo envolta pela dele. Ela suave. O prédio era imenso e parecia muito maior por dentro do que por fora. O átrio, circular, estava cheio e movimentado. Paredes branco-pérola infinitamente altas se uniam no teto côncavo. Havia inúmeras portas em todo o perímetro do círculo, e uma maior e muito mais imponente ao lado oposto da entrada.

As pessoas todas convergiam para uma entradinha à direita dessa porta, um tipo de corredor. Foi para lá que Gael me puxou.

– Alex!

Eu me virei com o susto e vi o garotinho da pele dourada e cabelos acaju correndo na minha direção com um sorriso no rosto.

Precisei sorrir de volta.

– Pharel. – lembrei do nome dele. O garotinho veio até mim e abraçou minha cintura com uma força impressionante para alguém do tamanho dele.

– Fiquei com saudades.

Eu corri os dedos pelos cabelos dele e abaixei o rosto para dar um beijo em sua cabeça.

Não consegui pensar no porquê eu fiz aquilo, exatamente, mas acho que ele me lembrava Apollo de alguma forma e eu acabei imaginando o que teria acontecido para que ele tivesse se tornado um anjo tão cedo. Parecia cruel.

– Eu vou com você. – Pharel falou soltando minha cintura e segurando minha outra mão. – As pessoas estão te olhando com uma cara esquisita, mas eu gosto de você.

Fui obrigada a sorrir outra vez.

Escoltada por Gael e Pharel, fui conduzida pelo corredor.

O tempo demorou infinito e mais um pouco que isso para passar. Minha cadeira e a de Gael ficavam na primeira fila, bem de frente para a cadeira onde eu sabia que Eros se sentaria e meu coração apertou quando pensei naquilo.

Eu ouvia os burburinhos que enchiam a sala oval enorme e lotada que não se parecia anda com um tribunal convencional, e podia sentir os olhares desconfiados sobre mim. Alguns anjos desviavam os olhos dos meus quando eles se encontravam, outros se recusavam, como se fosse uma espécie de desafio.

E de repente o silêncio foi absoluto.

Meu estômago revirou, Gabriel entrou na sala. Atrás dele, entraram mais dois. O primeiro anjo era loiro e tinha os cabelos cacheados como os de Eros, mas a expressão em seu rosto era muito mais dura. Muito mais fria e intimidadora, do tipo que você não espera encontrar em um anjo.

O segundo tinha longos cabelos escuros e o olhar mais calmo e sereno que eu já tinha visto na vida.

– Miguel e Rafael. – Gael murmurou para mim quando os três se sentaram nas enormes cadeiras à nossa frente, logo atrás da de Eros e fez sentido para mim que Miguel fosse o mal-encarado.

Gabriel correu os olhos pela sala incrivelmente lotada, parecendo desconfortável. Eu sabia, porque ele tinha me dito, que não queria que aquilo acabasse daquele jeito. Quando seus olhos encontraram os meus foi como se estivessem pedindo desculpas.

Então Gabriel respirou fundo e olhou para os guardas em frente à porta pela qual ele os outros dois anjos tinham entrado e fez um sinal com a cabeça. Meu coração deu um pulo astronômico e eu segurei as mãos de Gael instintivamente.

Eu sabia que eles trariam Eros.

Os guardas acenaram de volta e deixaram a sala e eu podia jurar que eles tinham feito o tempo parar de passar.

Eu mexia minhas pernas sem parar, suava frio enquanto Gael tentava me acalmar afagando minhas mãos. Eu sabia que ele sentia toda a angústia que me consumia naquele momento.

– Vai ficar tudo bem – ele murmurou baixinho.

– Não, não vai.

Não mesmo.

Então a porta se abriu outra vez.

Não aguentei e fiquei de pé. Gael tentou me fazer sentar de volta, mas eu não deixei. Nem um gorila conseguiria me fazer sentar naquele momento.

Eros entrou. Achei que meu coração fosse estourar meu peito. Ele andava cabisbaixo e eu sabia que estava com medo. O burburinho na sala aumentou e eu via os olhares pingarem dele para mim sem parar, nos acusando silenciosamente.

Eros levantou os olhos.

Olhou para mim.

Um rastro de sorriso cruzou seus lábios, sulcando as covinhas fundas em suas bochechas e tudo o que eu queria era poder correr até ele e abraçá-lo. Ameacei fazer isso e Gael me segurou.

– Agora não.

Devagar, voltei a me sentar na cadeira sem tirar os olhos de Eros, querendo gravar cada pedacinho dele na minha memória.

– Eu te amo – mexi os lábios sem emitir som algum. Eros apenas sorriu, sentando-se no lugar em que deveria ficar.

Assim que ele se sentou, o silêncio foi absoluto e pesado outra vez.

Gabriel não precisou levantar a voz nem um tom para ser ouvido.

– Estamos aqui hoje para julgar o anjo guardião Requiél, chegado aqui há cento e vinte anos com o

nome de Alexándros Stavros.

Eu gelei.

Não podia ser. Não por causa dos cento e vinte anos, mas por causa daquele sobrenome.

Virei o rosto imediatamente para Gael, esperando que ele me explicasse alguma coisa, mas seus olhos eram tão confusos quanto os meus.

– Stavros? – eu murmurei para ele, perplexa. Não podia ser.

– Eu não sabia, ok? – ele respondeu com um grunhido baixo. – Nunca imaginei a origem dele.

Voltei meus olhos para Eros, ele tinha os olhos fixos em mim. Alexándros Stavros? Aquilo só podia ser uma piada sem graça de mau gosto. Por que ele nunca tinha me contado antes? Ele tinha alguma relação com a família do meu pai?

Gabriel continuou a falar, mas eu não estava mais ouvindo. Tudo o que eu conseguia pensar era naquele nome, naquele sobrenome. Talvez fosse uma coincidência idiota do destino, mas... e se não fosse?

Não consegui mais me concentrar direito, meu cérebro lutava para tentar encontrar alguma conexão inexistente. Eu encarava Eros como se ele fosse me dar alguma explicação daquilo. Eu queria uma explicação sobre aquilo o mais rápido possível.

A voz de Gabriel era só um ruído ao fundo, um barulhinho que atrapalhava meu raciocínio até ele dizer a palavra que me fez tremer.

Condenado.

Naquele momento, nada mais importava, foi como se tivessem me puxado da tomada. Quem ele era ou deixava de ser não fazia diferença. Senti o sangue do meu corpo sumir, meu coração titubeou. Prendi a respiração.

– Condenado ao exílio. – Gabriel completou.

Eros não se mexeu. Sua expressão era de culpa e desculpa, e fez meu coração quebrar em milhões de pedaços minúsculos. Gabriel se levantou.

– Requiem, você tem direito a uma última concessão. Pode fazer um pedido.

O ar ficou pesado. Gabriel parecia extremamente desconfortável, como se estivesse fazendo alguma coisa que ele mesmo julgava errada. Pulei meus olhos para Miguel.

Ele sim ostentava um sorriso largo e satisfeito no rosto. Meu estômago revirou, como ele conseguia ser tão insensível? Ele não era um anjo?

– É o Miguel. – Gael sussurrou respondendo à minha pergunta mental, como se Miguel fosse autoexplicativo. –

Acho que no fundo ele não gosta de ninguém. Só respeita o Gabriel porque precisa.

Não respondi, mas anotei aquilo mentalmente para consultas posteriores.

Eros ficou de pé. Os olhos dele estavam totalmente presos nos meus, como se um fio invisível nos conectasse.

Ele não precisou verbalizar o que queria.

Antes que Gael pudesse tentar me segurar, eu me coloquei de pé e corri até Eros. Os burburinhos encheram a sala outra vez, mas não me importei. Nada além dele importava.

Eros abriu os braços fortes e me agarrei em sua cintura, como se de alguma forma pudesse fazê-lo ficar ali comigo, longe do exílio.

Ele me abraçou com força, me apertando contra seu peito e beijando meus cabelos. Enrosquei meus dedos em sua camisa, querendo me prender nele.

– Por favor... – pedi olhando para cima, os olhos perdendo a batalha contra as lágrimas outra vez. – Por favor, Eros...

Ele engoliu a seco, correndo os dedos pelos meus cabelos. Os olhos não brilhavam mais, não sorriam mais.

– Me perdoa.

Senti um soluço vindo e não o reprimi. As vozes à nossa volta aumentaram com comentários desagradáveis.

– Chega.

Era Miguel, mas eu o ignorei. Devagar, subi minhas mãos pelo peito de Eros, contornando com meus dedos cada curva daquele corpo que eu não poderia mais explorar, tentando decorar cada curva de cada músculo perfeito. Quando cheguei ao rosto, precisei limpar uma lágrima que caía ali.

– Eu vou te trazer de volta – prometi. – tem de haver um jeito.

Eros piscou os olhos e outras lágrimas caíram. Ele abaixou o rosto na direção do meu e eu achei que ele fosse me beijar, mas seus lábios pararam ao lado do meu ouvido com um sussurro quase impossível se ouvir.

– Pergunte ao seu pai.

Meu corpo travou. Meu pai? Mas o que é que ele tinha a ver com aquilo tudo?

Não consegui terminar minha linha de raciocínio. Eros pegou meu rosto em suas mãos grandes e pressionou os lábios grossos contra os meus. A reação do público foi imediata, com gritos de horror, nojo, surpresa, repulsa, indignação, tudo misturado em centenas de vozes desconhecidas.

– Eu disse chega! – Miguel bradou com sua voz autoritária, nervoso. Antes que eu tivesse tempo de me separar de Eros, uma mão pesada agarrou meu braço e me puxou para longe dele.

Eu gritei. Alguma coisa no toque daquela mão fez meu corpo tremer, queimar e congelar ao mesmo tempo. Virei o rosto com uma careta de dor para ver quem era o dono.

– Você passou dos limites, Stavros. – Miguel grunhiu largando meu braço com hostilidade. Os olhos cintilantes arregalados me olhavam com espanto, como se não esperassem aquela reação do meu corpo contra o dele – Volte para o seu lugar.

Retribuí a hostilidade com o olhar e tentei encontrar os olhos de Eros outra vez. Eles choravam em silêncio.

– Eu te amo! – falei alto, querendo que todos lá ouvissem e decidissem me matar se quisessem, porque não ia fazer mais diferença. – Pra sempre.

Miguel me lançou um olhar com raiva e apontou para que eu me sentasse na cadeira outra vez e eu sentei.

– Ande com isso de uma vez, Gabriel – ele disse seco, dando as costas para mim. – Antes que o circo continue.

Gael segurou minha perna quando eu ameacei levantar e me olhou com repreensão, fazendo que não com a cabeça.

Gabriel passou por Miguel e parou ao lado de Eros. Os olhos deles voltaram a chorar e me olhavam como se pedissem desculpas outra vez.

– Eu te amo mais.

Gael tocou seu ombro. Eros gritou. Meu coração gritou.

Uma onda de luz branca se formou em seus pés e a sala parou de respirar.

As asas. As asas de Eros saíram como se tivessem sido arrancas à força, enormes, brancas, rígidas. Ele fez força como se quisesse recolhê-las outra vez, mas nada aconteceu. Ele não conseguiu.

A luz que estava em seus pés começou a subir por suas pernas e Gabriel o soltou. Eros estava preso, parecendo colado naquela posição. A expressão nos olhos dele era de dor, o rosto se contraía violentamente como se estivesse sendo queimado vivo.

E foi quando a luz alcançou as asas que eu precisei levar as mãos à boca. Conforme subia, a luz ia tingindo a asa de preto, arrancado mais gritos de dor de Eros.

Me agarrei em Gael e ele me abraçou.

– Sabia que no fundo não era uma boa ideia você vir.

– Não, eu... – tentei responder entre os soluços. – Eu precisava vê-lo.

Me atrevi a olhar para Eros mais uma vez, querendo gravar o azul dos olhos dele na minha mente para sempre. Uma última vez.

Eros os fechou com força, e a luz passou pelo seu rosto, envolvendo-o e deixando um rastro de dor ali. Depois desapareceu. Eros ficou em silêncio, quieto. Ninguém mexia um músculo na sala.

Gael me segurou com mais força, e eu amarrei os soluços dentro de mim.

Eros abriu os olhos.

Amarelos.

Amarelos cor-de-chama, pulsando, me olhando com um misto de sentimentos que eu não conseguia mais identificar, não conseguia mais reconhecer. Com o coração quicando aos pedaços dentro do peito, eu olhei para Miguel.

Ele sorria.

Senti o sangue esquentar com tanta força que eu seria capaz de pular no pescoço ali mesmo e teria feito isso se Gael não tivesse me segurado outra vez.

– Acredite, que quero quebrar a cara dele tanto quanto você.

Gabriel voltou a se aproximar de Eros e eu podia jurar tê-lo ouvido murmurar em seu ouvido:

– Sinto muito.

Com um toque dos dedos de Gabriel, o corpo de Eros se envolveu em luz outra vez e desapareceu.

Epílogo

– Não vou te deixar fazer isso.

Devia ser a décima vez que Gael falava aquilo só na última hora.

– Você não tem que deixar, Gael. – eu insistia em responder. – Eu preciso. Tem de haver um jeito. E ele me disse para falar com meu pai.

Gael parou de fazer malabarismo com as minhas meias em bolinhas.

– O que é que seu pai tem a ver com isso tudo? Se ele soubesse de alguma coisa, Gabriel teria me contado.

Eu revirei os olhos. Francamente, quanta inocência.

– Ao menos que ele não soubesse. Ou que ele não quisesse que você soubesse.

– Por quê?

Me joguei na cama, tentando cruzar as informações.

– Eu sei lá... Porque ele sabia que você me contaria... Ou porque ele não queria que ninguém soubesse... Sabe como é, as informações podem acabar vazando e tudo mais.

Gael se sentou em seu canto debaixo da janela. Mais um pouco e eu penduraria uma plaquinha com o nome dele ali.

– Mas então teria que ser uma coisa muito importante. Um segredo de alto escalão ou algo assim.

Eu me sentei outra vez.

– E se for?

Gael fez cara de quem duvidava.

– É do seu pai que nós estamos falando. Ele é uma pessoa qualquer, Alex.

– Ele odiou o Eros no primeiro segundo em que o viu. – eu o lembrei.

– Claro – ele respondeu com obviedade. – Ele era um garoto se aproximando de você. Pais tem ciúmes.

Eu respirei fundo, não era bem assim. Parecia que tinha alguma coisa a mais ali.

– Mas não desse jeito – retruquei. – Ele me olhava como se soubesse de alguma coisa a mais, como se Eros pudesse me fazer algum mal, eu sei lá.

Gael ficou pensativo por alguns segundos, provavelmente avaliando o quão psicótica eu estava soando.

– Muito bem, então supondo – ele começou com cautela – que seu pai esteja metido na coisa toda... – ele parou com cara de confusão. – Que coisa toda é essa?

– Eu não sei! – rosnei impaciente. Minha cabeça já estava começando a doer de tanto pensar. – Mas é o que nós precisamos descobrir.

– E eu posso saber como?

Eu tomei ar e me levantei, abrindo a porta do quarto e fazendo sinal para que Gael me acompanhasse. Ele fez uma careta de horror, mas me seguiu pelo corredor escuro. Não acendi nenhuma

luz, atravessei a casa toda calçando apenas meias para não fazer barulho.

O silêncio era tão grande que se um fio de cabelo caísse no chão, eu tinha plena certeza de que seria capaz de escutar.

Desci as escadas sem encostar no corrimão, com medo de que eles rangessem e fui até o escritório do meu pai. Embora eu pudesse ir até lá na manhã seguinte, eu sabia que não conseguiria dormir e talvez eu estivesse ficando dependente de perigo depois de ser perseguida incansavelmente por ele.

Enfim, nós chegamos ao escritório e eu abri a porta torcendo com todas as forças para que ela não fizesse barulho e felizmente ela me obedeceu. Chamei Gael para dentro e a fechei atrás de nós.

Acendi a luz e corri os olhos pelo cômodo. Estante com livros, o computador, pastas, cadernos empilhados, um quadro ou outro na parede.

Gael começou a andar sério na direção de uma estante, os olhos fixos em alguma coisa ali. Acompanhei seus passos e tentei enxergar o que ele tanto olhava.

Precisei rir.

– A estátua de anjo, Gael? – perguntei rindo, só para ter certeza. – É só uma estátua velha da família do meu pai e...

Mas Gael virou a estátua de ponta-cabeça e apontou uma fissura ali antes que eu pudesse continuar com as piadinhas.

– Fundo falso. – ele disse apertando a base da estátua com o polegar, abrindo uma abertura redonda nela. – As pessoas usavam estátuas para guardar coisas antigamente.

Meu coração pulou, o sangue corria rápido em minhas veias com um ritmo frenético. Como eu nunca tinha visto aquilo antes?

– Bom, se você não souber o que está procurando... – ele falou com um sorriso no rosto, virando a estátua com o buraco contra sua mão. Um pingentinho azul caiu em sua palma. – Você nunca vai encontrar.

Meu queixo caiu.

– Isso é um...

– Amuleto. Por que seu pai guarda um amuleto escondido?

Meu Deus, eu já estava ficando impaciente.

– Não sei, Gael! – rugi. – Apenas transforme esse negócio, anda!

Gael colocou a estátua de volta na estante e fechou a pedrinha entre os dedos. Prendi a respiração quando a luz branca envolveu sua mão e depois se apagou.

Devagar, Gael abriu os dedos, em silêncio, revelando o que parecia um colar dourado enrolado em sua mão. Ele pegou o colar e o segurou em frente a seus olhos, lendo alguma coisa em uma plaquinha pendurada ali.

Gael ficou branco.

– Você precisa ver isso.

Meu coração voltou a explodir na medida em que eu me aproximava dele. Eu engoli em seco, incapaz de dizer qualquer coisa e Gael me estendeu o colar com a plaquinha.

Era grego, mas eu tinha convivido tempo suficiente com meu pai para saber o que estava escrito ali.

Olhei incrédula para Gael, tentando não perder o controle das minhas pernas. Ali, entalhado em baixo relevo, um nome escrito em grego brilhava contra a luz.

Ares Stavros.

Sumário

[Capa](#)

[Titulo](#)

[Prologo](#)

[Trazido pela Tempestade](#)

[Faixas Entre Nos](#)

[Algumas Ideias Interessantes](#)

[Os mesmos olhos em rostos diferentes](#)

[Meu novo Pesadelo](#)

[A Primeira Despedida](#)

[Despertar](#)

[Gabriel ficou maluco](#)

[Esses pensamentos nao sao meus](#)

[A caminho](#)

[Entao eu era uma arma de destruicao em massa](#)

[Comeco](#)

[Uma estranha no ninho](#)

[Talvez fosse melhor nao ter perguntado](#)

[Alguns golpes de direita](#)

[Entre pingentes e espadas](#)

[Era morrer ou morrer](#)

[Dificil decidir entre sacrificio ou idiotice](#)

[Brincando de impossivel](#)

[Um sobrenome familiar](#)

[Epilogo](#)



JULIANA GIACOBELLI

E SE UM
TOQUE MUDASSE
SEU DESTINO?

Tocada

Lexia